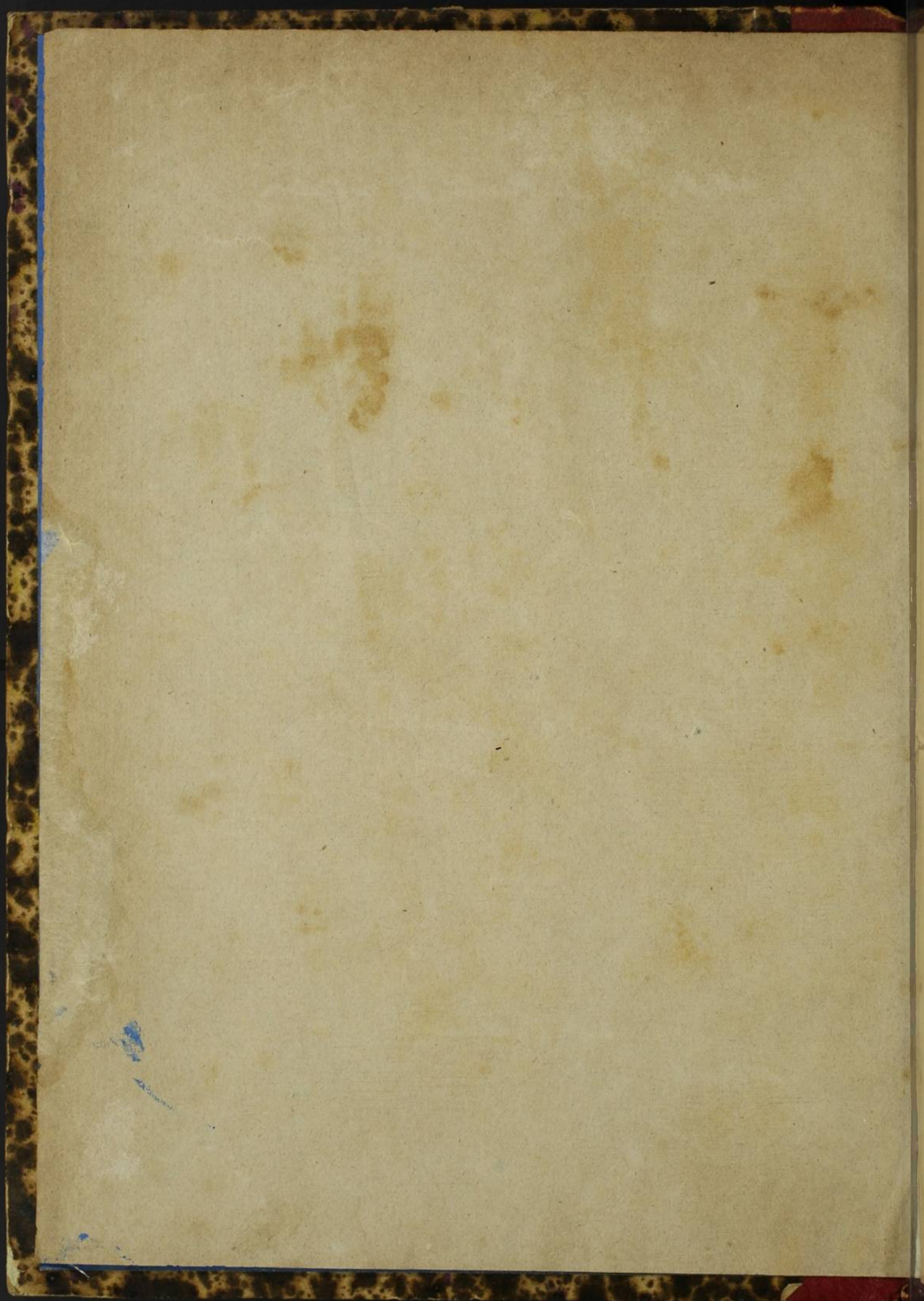


Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



BIBLIOTHECA DA GAZETA DE NOTICIAS

Bibliotheca da Gazeta de Noticias

MOTTA COQUEIRO

Motta

Coqueiro
OU

A PENA DE MORTE

a pena

da morte
POR

JOSÉ DO PATROCÍNIO

J. P.

Jose do Patrocínio



RIO DE JANEIRO

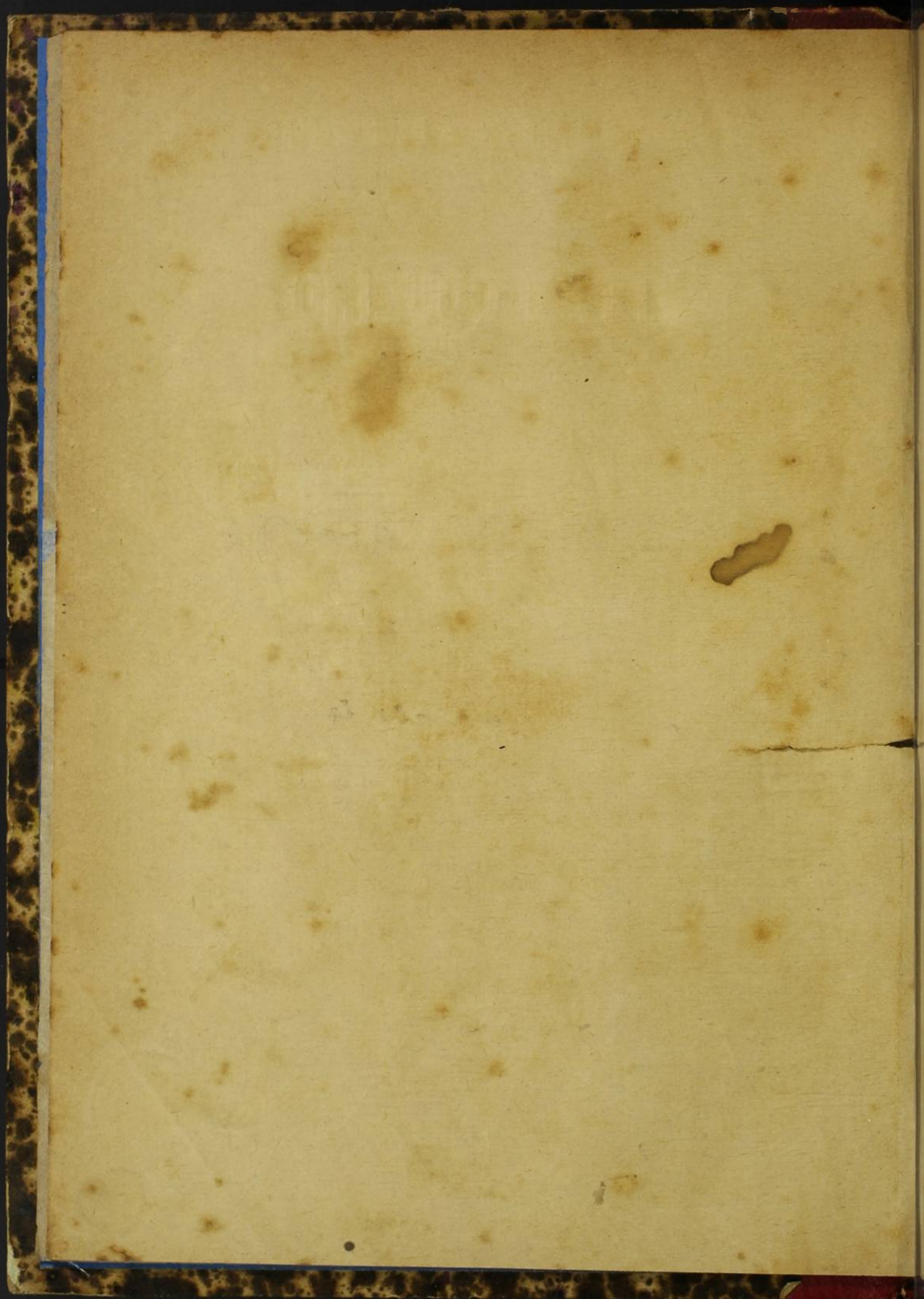
TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE NOTICIAS

72

RUA SETE DE SETEMBRO

72

1877



MOTTA COQUEIRO

OU

A PENA DE MORTE

I

A FORÇA

Macahé, pequena cidade do litoral da provincia do Rio de Janeiro, não conhece a vida activa e estrepitosa das grandes cidades populosas.

Olhando ao longe o oceano que vem, ás vezes acovardado e murmurando apenas, ás vezes espumando e bramindo, estender-se ou arremessar-se na praia d'onde ella surge, o aspecto da cidade e o do oceano contrastam singularmente.

E' que enfrentam o movimento das vagas, quasi sempre brusco e violento, e a mais tranquilla quietação; o ruido que por horas de tempestade assoberba-se, avoluma-se e prorompe em escarceus medonhos, e o silencio que de continuo reina nas ruas e praças pouco transitadas.

Para ligar a vida da cidade e a do oceano só ha os navios ancorados, que

ficam silenciosos, oscilando ao tom das ondas, de maneira que os seus extensos mastros como que fingem pontes move-dicas interpostas a ambos.

No dia 26 de agosto de 1855 dir-se-hia que uma inesperada mudança se havia effectuado, trocando-se repentinamente os papeis entre si.

Ao passo que as vagas erguiam os collos azulados a roseiar-lhes a orla branquicenta no colorido de uma serena madrugada, a cidade já acordada enchia-se dos sussurros proprios de uma reunião popular.

De toda a parte affluíam cavalleiros e carros de bois, conduzindo familias, que prasto apeiavam e seguiam em direcção ao mesmo logar.

Irisavam as ruas as roupas variegadas e vivas dos moradores do interior, e os transeuntes apenas cortejavam-se, sem

que nenhum d'elles reparasse que o outro, quebrando os estylos da boa camaradagem e sociabilidade sertanija, não fizesse uma longa parada para informar-se por miúdo da saúde e negocios do seu conhecido.

Essa actividade insolita denunciava que toda aquella gente reuniu-se para assistir a alguma scena extraordinaria, algum d'esses acontecimentos memoraveis que se gravam indelevelmente na memoria dos povos, desinteressada archivista dos factos que mais tarde terão de ser julgados pela imparcialidade da historia.

Os pontos mais concorridos eram a praça municipal e a rua que, atravessando-a, vai terminar na praça do Rocio.

No primeiro largo a população affluia, estacionava, engrossava-se agora e para logo rareava, escoando-se para sul e norte pela rua seccante.

Contrapondo-se á tamanha actividade, á serenidade expansiva das physiognomias, onde havia o reflexo de um sentimento honesto, o sino da Matriz começava a dobrar por morto.

Esse facto, que destoa dos sentimentos religiosos das populações do interior, ficaria, porém, cabalmente explicado para aquelles que se acercassem dos grupos, que estadiavam pelas praças citadas e a rua, que na parte norte passava pela cadeia da cidade.

— Homem ! eu se vim aqui não foi para regosijar me com a morte do infeliz ; tenho certeza de que elle entrou n'isso como Pilatos no Credo.

— O Sr. está fallando sério, Sr. Martins ?

— Se estou, era até capaz de jurar que elle não mandou matar.

— Ora isto é que é vontade de teimar. Todas as testemunhas foram concordes em dizer que foi elle.

— Então, Sr. Luiz de Souza, se eu fôr dizer aqui ao Sr. Cerqueira, e este a outro, e a outro que o senhor mandou

matar uma familia, isto, por si só, é uma prova contra o senhor ?

— Valha-me Deus, isto não vem a pello. O Motta Coqueiro não está n'este caso ; era um homem tido e havido por máu em todo o Macabú ; malquisto com seus vizinhos serios e só cercado de homens iguaes ao Faustino, um fugido das galés, e o Florentino, o tal Flôr, bem conhecido por perverso.

— Os senhores dizem só, mas não apontam os males que elle fez. O proprio Francisco Benedicto foi por elle acolhido em sua casa, quando, tendo sido corrido pelo Dr. Manhães, não tinha onde cahir morto. ✕ ✕

— Agora é que o senhor disse tudo ; para o desgraçado cahir morto, era preciso mesmo ir aggregar-se para a casa do faccinora, que não só lhe desmoralisou uma filha, mas ainda lhe queria roubar as bemfeitorias do sitio.

— E o que me diz o Sr. Martins acerca da mulher de Motta Coqueiro ? interrompeu um novo interlocutor.

Eu sou da opinião do Sr. Luiz de Souza ; para mim, Motta Coqueiro era capaz de fazer ainda mais, principalmente porque era açulado pela mulher, a qual dizia que, para despicar o seu marido, venderia até o seu cordão de ouro.

— Por Deus ou pelos diabos ; os senhores fallam só e não me deixam fallar. Com os diabos, Motta Coqueiro já foi condemnado ; dentro de uma hora ha de ser pendurado pelo carrasco ; que eu diga que sim, que os Srs. digam que não, nada lhe aproveita ; mas a verdade antes de tudo. Eu não fallo por mim. O Conceição é homem a tóa ?

— Eu vou com elle até o inferno.

— Pelo menos nunca ouvi dizer que elle não fosse um homem sério.

— Pois o Conceição diz que Motta Coqueiro é innocente no assassinato da familia de Francisco Benedicto.

— Ora essa !...

— E então porque não foi ser testemunha da defesa, se elle sabia do facto?

— Não foi, e fez muito bem; eram capazes de dizer que elle tambem era um dos co-reus, porque o Conceição, como sabem, estava na casa de Motta Coqueiro na noite em que se deu o crime.

— Ponhamos as accusas nos seus logares, Sr. Martins, interrompeu Luiz de Souza. Ninguem diz que o Coqueiro foi o matador, o que se diz é que elle foi mandante, e não havia de dar as ordens á vista de Conceição. Já vê que este nada pode saber com certeza.

— Sr. Luiz de Souza, eu não quero brigar com você, e por isso o melhor é cortar questões. O Sr. fica com a sua opinião e eu fico com a minha, o tempo dirá qual de nós tinha razão. Eu digo que é falso, é falso, é falso; o Coqueiro não mandou fazer taes mortes; esse desgraçado morre innocente.

Pela conversação a que acabamos de assistir é facil saber que achamos-nos no dia em que a justiça publica, para desafrontar-se, cu melhor, desafrontar a indignação publica, ia levar ao cadafalso Manuel da Motta Coqueiro, que era geralmente accusado como mandante do assassinato execrando, que exterminou toda uma familia á excepção de uma moça, que não se achava no logar do crime.

A noticia luctuosa correu veloz por todo o Brazil, e todo o povo ergueu um brado de maldição contra os assassinos.

Pedia-se em altos brados, nas reuniões e na imprensa, uma punição famosa, que passasse de geração em geração, attestando que ao menos os contemporaneos, impotentes para reparar o crime, tinham sido inexoraveis n'um castigo tremendo.

O nome de Motta Coqueiro era proferido com horror e bem assim os dos seus cumplices, e as mães, ao verem os passar, ensinavam ás creancinhas a maldizel-os.

O governo provincial e as auctoridades locais uniram-se em solícito esforço para a captura dos réus, offerecendo especial-

mente ao que prendesse o mandante uma quantia — com que nunca sonharam os pobres moradores das mattas, por onde Coqueiro vagava refugiado;—dois contos de réis.

Entretanto do meio do odio geral que cercava mais estreitamente o nome de Motta Coqueiro alguns animos benevolos, concordes em amaldiçoar os criminosos, affastavam todavia o seu veredicto da cabeça do principal accusado.

Era d'esse numero o ardente Sr. Martins, que sempre protestando não aceitar discussões a respeito do assumpto geral da conversação, não podia entretanto resistir a não chegar-se aos grupos para lhes ouvir as opiniões.

Homem tão honrado e bondoso, quanto garrulo, o Sr. Martins n'aquella manhã discutiu com quasi toda a população de Macahé, e o maior numero das vezes concluiu repetindo a phrase final da sua conversação com Luiz de Souza: *E' falso, é falso; o desgraçado morre innocente.*

Desanimado e entristecido por não encontrar na compacta massa de povo uma pessoa só que concordasse comsigo, plenamente, na innocentação de Coqueiro, Martins atravessava rapidamente o becco do Caneca, quando foi detido por uma vigorosa mão.

— Com que o Sr. Martins veio tambem assistir ao enforcamento da *Fera de Macabi*?

Estas ultimas palavras foram, porém, proferidas com accento tão repassado de tristeza, que o Sr. Martins, sorrindo, abriu os braços e n'elles estreitou o seu interlocutor, exclamando:

— Até que, emfim, encontro um homem que pensa commigo!

E os peitos d'aquelles dois homens deixaram que perto batessem por longo espaço os corações, que palpitavam por um sentimento bem diverso do que animava á maioria da cidade.

Quando separaram-se ambos tinham os olhos rasos de lagrimas, e por um movi-

mento accorde correram o olhar em redor.

Aquelle olhar na sua timida expressão trahia o temor que ambos, mas principalmente o novo personagem, tinham de ser vistos por alguém; tão grande era a exaltação dos espiritos que atemorizava até a livre manifestação de sentimentos benevolos para com o sentenciado, sem logo incorrer em censura.

— Não é verdade, Sr. João Seberg? O Coqueiro morre innocente.

— E' verdade, meu amigo, e ainda agora mesmo acabo de conversar alli com a D. Maria; respondeu Seberg, apontando para uma casa que tinha a porta e as janellas fechadas.

— E a D. Maria é tambem do numero das que se arrebicaram para vêr a execussão.

— Não é, felizmente. Acaba de contar-me que as suas duas filhas lhe vieram pedir para virem, em companhia das vizinhas, vêr este novo assassinato. Negou-lhes a licença e até reprehendeu-as fortemente. Ainda agora quando o sino dobrou pela vez, que será penultima, antes de separarmos-nos para sempre do desgraçado, ella que estava conversando commigo, empallideceu, mandou que accendessem as velas do oratorio, e chamou as filhas para que ao ultimo dobre peçam a Deus que perdôe-nos a cegueira da nossa justiça.

Faz pena a pobre senhora; nem que fosse parenta d'elle. Só ouvindo-a; ella narra differentes obras caridosas feitas pelo infeliz Coqueiro, e só interrompe-se para chorar.

— Isto revolta mesmo a gente, Sr. Seberg: vêr morrer um amigo innocente e não ter força para salvá-lo.

— E elle que resistia sempre que se lhe queria dar meios para fugir ou... suicidar-se, o que era muito melhor do que ir parar ás mãos do carrasco.

— Desgraçado.

— E nem ao menos vêr na hora de morrer a esposa, e os filhos, que não se atreveram a estar aqui, temendo que os... enforcassem tambem.

— E' um escandalo!

— E' uma requintada infamia. Obstarão a defesa, difficultaram as provas, andaram com elle de Herodes para Pilatos, e afinal chamaram requintado desavergonhamento aquelle grito de desespero, com que elle acabou de responder ao ultimo interrogatorio.

Não viram nas barbas e nos cabellos que de todo embranquecerem, na macilenta côr de seu rosto, nas palpebras sempre entrecerradas, a expressão de um generoso coração, que, talvez conhecendo o culpado, não condemnava ninguém.

Adeus, Sr. Martins, rezemos por elle, e que Deus perdôe a quem o faz morrer.

Separaram-se, e o Sr. Seberg, com a cabeça baixa e vagaroso passo, tomou para a banda da praça Municipal. A sua longa barba grisalha cahia-lhe na sobre-casaca preta toda abotoada, o seu porte, o seu ar, como que se illuminavam com as scintillações da justiça.

N'aquella hora, esse homem severo, completamente vestido de preto, e com o semblante embaciado pela mais sincera tristeza, parecia o latente remorso de uma população inteira, que vinha assistir á tragedia judiciaria para mais tarde lavar a nodoa que manchava as victimas da lei.

Dæ repente Seberg estacou, como que detido por um braço de ferro.

O sino da Matriz dobrava e, na outra extremidade da praça, o povo que se apinhava, encontroando-se, bradava:

Lá vem elle; lá vem elle!

Os gritos que, avassallando o sussurrar perenne da multidão, como que chumbaram os pés de Seberg ao chão da praça, sobre-excitavam cada vez mais os espiritos.

Os varios grupos dispersos puzeram-se em desordenado movimento. Cada qual queria chegar primeiro ao ponto d'onde

os gritos partiram. Os mais moços corriam rapidamente, e as senhoras idosas, cambaleando aqui e acolá, e praguejando no puro estylo do beaterio, aproximavam-se como um bando de ganços espantados.

Os pais e mãis, no intuito de darem desde a infancia um exemplo á sua pro genie, levavam comsigo os filhos, e na velocidade de que precisavam dispôr, quasi que os arrastavam, ao som de ralhos impertinentes.

Toda essa gente apressava-se, corria, agglomerava-se, encontrava-se, e alguns mais imprudentes, querendo a todo o transe romper caminho no mais denso do ajuntamento, provocavam, da parte dos desalojados, violentos empurrões e phrases duras, a ponto de ser necessaria a intervenção da auctoridade para evitar conflictos.

Não foi um rebate falso o que se espalhára.

Já a campainha, tangida por um dos irmãos da Misericordia, badalejava lugubremente á porta da cadeia.

Pedia-se silencio e repetiam-se insistentes *psios* por toda a multidão.

— Ouçamos o pregoeiro! ouçamos o pregoeiro! bradava-se por toda a parte.

Esse novo fermento lançado á soffrega curiosidade de todos, fez com que alguns se destacassem, porque temendo não peder vêr d'ahi o spectaculo, queriam buscar em outro logar melhor ponto de observação.

O Sr. Luiz de Souza muito interessado em coadjuvar a justiça, quanto estivesse em suas forças, elegeu-se capitão dos retirantes e suando em bica, bufando e abanando-se com o chapéu, gritava a bons pulmões:

— Vamos para o Rocio, lá o bicho não nos escapará.

Dentro em pouco o Rocio recebia mais um numeroso contingente de espectadores, anciosos por verem o epilogo d'esse rosario de horrores, do qual durante tres annos esteve pendente a attenção publica.

A praça do Rocio, em que devia ter logar a execução, estava quasi litteralmente cheia, e, soturnamente sonora, transbordava esse zunido abafado que derrama o vento atravessando um tunnel.

Reinava ahi a alegria e o dia esplendido, todo luz e céu azul, aqui e acolá sapintado de nuvens alvadias, como que santificava esse regosijo, a não ser que na opulencia de brilho um poder occulto tentasse ver se era possivel que um raio ao menos penetrasse n'aquellas consciencias.

Abertos os guarda-soes e reunidos em grupos, os curiosos matavam o tempo commentando as peripecias do crime e do processo, louvando a maioria o bom andamento da justiça.

Um d'esses grupos chamava a attenção pelo ar de mysteriosa intimidade que o envolvia.

Tinha a palavra um moço alto, de compleição fraca, elegantemente vestido, e em tudo differente dos habitantes do logar.

— Se eu tivesse influencia, dizia elle, obstaria por hoje a execução do Coqueiro.

— Era violar a lei, doutor; o codigo ordena que a execução se effectue no dia immediato ao da intimação da sentença ao reu.

— Sim, senhor; mas se o réu estiver tão doente que nem se possa levantar, se o reu estiver moribundo?

— Mas eu vi o Coqueiro quando chegou da côrte e não me consta ainda hoje que elle esteja em tal estado.

— Pois esteve bem mal esta noite. Cedendo á vergonha ou ao desespero tentou suicidar-se, e para isso serviu-se de um pedaço de vidro com o qual fez um ferimento no pulso.

— E o que faziam os guardas?

— Não sei á uma fabula inventada pelos amigos?

— Não, senhor, fomos vêr o, eu e o Dr. Silva, e ambos ligamos-lhe as veias.

— Embora, doutor; elle pôde ser conduzido em uma padiola; e eu tenho cer-

teza de que não sahirei hoje d'aqui sem vel-o pendurado acolá.

Na direcção indicada pelo interlocutor estava levantada a machida sombria da justiça social.

A sua fealdade commovente, brutal encarnação dos sentimentos da população, pavoneiava-se, entretanto, com o epitheto honroso de instrumento da desaffronta publica.

Todos fitavam-a com sympathia, com estremezimento mesmo, e caía um buscava tomar posição apropriada a tê-la de frente.

Talvez pela imaginação exaltada do povo passassem as imagens das victimas immoladas á sanha faccinorosa dos seus matadores.

Diante da horrorosa construcção, a memoria popular avivava recordações de outros tempos, ouvidas em serões de familia aos pais já finados.

— Ainda hoje isto é bom. Contava-me meu pai, que ouviu ao meu avô, que, no tempo de D. João VI, primeiro o carrasco desmonhecava com um golpe as mãos do padecente e só depois é que elle era levado á forca.

— Era o que esse precisava; eu sigo a letra do evangelho; quem com ferro fere com ferro seja ferido.

O gracejo por sua vez vinha pagar tributo á reunião piedosa de tantos corações justiceiros, que n'aquelle momento se expandiam folgadoamente n'uma espontanea conformidade de sentimentos.

De vez em quando toda a massa popular ondulava, affluia para um ponto e refluvia depois.

Era uma voz que se levantava para apregoar que estavam rufando os tambores e que, portanto, em breve se desdobraria o painel anciosamente esperado.

Serenava o susurro; as mãos arqueavam-se em torno dos pavilhões das orelhas, e todos tomavam a attitude de quem escuta.

Tamanha anciedade denunciava bem que, em meio de toda essa gente, não havia quem reflectisse no que ha de iniquidade n'essa desaffronta do crime pelo crime.

A justiça, dynamizando a barbaridade, folga e jacta-se de dar aos descendentes dos offendidos uma reparação, mas não vê que não será multiplicando a orphanidade e o desamparo que ella chegará um dia a trancar as prisões.

A baba do sentenciado cai como indelevel mancha negra sobre todos os seus; e não póle haver maior torpeza do que condemnar a quem não mereceu a condemnação.

Os magistrados e os que mandam executar essas barbaras sentenças dormem tranquillamente na paz de uma consciencia honesta, porque entregam ás mãos do carrasco as pontas da corda ou o cabo do alfange.

A sociedade por sua vez applaude, na magistradura e em si mesma, a segurança dos lares e o amor da justiça, no dia em que das alturas da forca pende mais um cadaver.

E todavia pareco que ha menos torpeza em um homem matar outro, do que em reunirem se milhares para matar um só.

Não pensavam, porem, d'este modo os grupos que estacionavam no Rocio no dia em que se devia executar os accusados pelo assassinato da familia de Francisco Benedicto.

Ao contrario: havia quasi duas horas que do Rocio á cadeia andavam anciosos a espera de ver consummar se a execução.

Todas as janellas estavam cheias, e as mulheres, coradas pelo sol e excitadas pelo desejo de emoções, debruçavam-se nos peitoris espiando para o logar de onde devia vir o prestito.

Um incidente inesperado veio pôr bem patente a approvação publica ao decreto dos tribunaes.

Espalharam-se dois boatos ao mesmo tempo.

Propalou-se que a munificencia do poder moderador reservara-se para ir no alto do cadafalso tirar do pescoço dos padecentes o barão infamante, e assim restituil-os á vida, ao remorso e ao arrependimento.

Ninguem quiz dar credito apparentemente, mas, em consciencia, cada um sentiu se profundamente despeitado e denunciava o despeito repetindo entre um sorriso: não é possível!

D'ahi a pouco, porém, ajuntava-se um complemento ao boato, e a população alarrou se seriamente.

Divulgou-se que pessoas fidedignas tinham visto chegar á toda a brida um cavalleiro. Accrescentava-se que o recém-chegado era campista e desconhecido no lugar.

Podia bem ser mais um curioso, mas tambem podia ser o portador do perdão, visto que o segundo defensor de Motta Coqueiro era residente em Campos e promettera salvar o seu cliente a todo o custo. A noticia inspirou geral desagrado e ouvia-se em todos os grupos unisonamente dizer-se:

— Se fizerem isto, fica estabelecido que podemos de hoje em diante matar a quem nos aprouver, sem que possamos ser punidos. Quem perdôa Motta Coqueiro não pôde condemnar a mais ninguem.

Ainda os animos não tinham siquer contido o choque produzido pelo boato, e já um outro corria de ouvido em ouvido.

Este era ainda mais grave e mais proprio para irritar os justos instinctos dos curiosos.

Afirmava-se o primeiro boato, e caso elle se não realisasse, nem por isso o principal sentenciado deixaria de burlar a sentença.

O meio empregado era simples. A corda fôra embebida em agua-raz e portanto não poderia resistir ao peso do padecente.

Logo que ella arrebetasse, a bandeira da Misericordia seria collocada sob e

Coqueiro e os seus amigos impediriam a que a execução se renovasse.

— E' um attentado sem nome, exclamava colerico o Sr. Luiz de Souza. Mas emquanto eu fôr vivo, veremos se faz-se ou não se faz justiça.

A ultima palavra de Luiz de Souza era a que pairava em todos os labios, e a idea que motivava a satisfação do povo.

Não se riam, não se alegravam por deshumanidade; regorsijavam-se crendo que se effectuava uma justa vingança.

Luiz de Souza era a imagem da indignação profunda e dos desejos da multidão, a que acabava de reunir-se mais um espectador.

Era Seberg que, sem saber por que, dirigira-se para o lugar onde lhe estava reservado um golpe tremendo.

N'uma das continuas viravoltas que dava, Luiz de Souza esbarrrou com Seberg, e communicava-lhe o occorrido, quando uma circumstancia poz-lhe ponto á narração.

Os écos do clarim da força publica annunciavam o sahimento do prestito.

A tropa, que estava postada na frente da cadeia, manobrou e dividiu-se em dois pelotões, formando alas á porta da prisão; e alguns soldados de cavallaria, andando a passo lento, começaram a abrir um claro por entre os espectadores.

A' porta do mal seguro e abarracado edificio,—que desempenhava as funções de calatouço, com exhalações insalubres de enxovias sordidas e compartimentos abafados e sem luz,—um irmão da Misericordia movia compassadamente uma enorme campa, cujas badaladas tristes como que acordavam a commiserção nas almas dos circumstantes.

Semelhante a um bando de aves agcureiras, tendo pendentes dos hombros os seus balandras negros, a irmandade da misericordia assomou na porta da cadeia e distribuiu-se em parallelas ás alas dos soldados.

Alguns dos irmãos, segurando em uma das mãos uma vara de prata e na outra

uma saccola negra, lá se foram pelo povo dentro a esnolar para os suffragios do que ia morrer.

E aquelles mesmos homens que ainda ha pouco indignavam-se com a só idéa da possibilidade de um perdão, concorriam com o seu obulo para que a religião se incumbisse de redimir na eternidade a alma d'aquelle a quem attribuiam um crime, que justamente revoltava a todos os espirites bem formados.

Sublime contradicção entre o homem religioso e o cidadão: este consente que a cabeça de um irmão vá ter ás mãos do carrasco, aquelle dá sinceramente o seu obulo para que da ignominia social passe o supplicado ás felicidades sonhadas pela crença.

Tanto é verdade que, em consciencia, o povo não quer as penas irreparaveis!

Após a confraria appareceu a bandeira santa, outrora symbolo de esperanza, a que se dirigiam os olhares do condemnado, que ao vel-a, através da memoria afogueada pelas saudades da familia, dos amigos, do trabalho e da patria, contrapunha á imagem horrorosa do cadafalso o sonho consolador do perdão.

Mas a lei inexoravel condemnou desapiadadamente esta esperanza, de maneira que é hoje um aparato vão o painel em que a pallida Maria, n'um abraço estreitado ao cadaver de Jesus, consorcia-se com o filho adorado para a conquista da redempção humana.

A religião no seu painel mostra que possui para as supremas desgraças o supremo perdão; a sociedade com o seu carrasco, alimentado com a lama das enxovias, diz-nos que para as accusações formidaveis ella só conhece o castigo iniquo e irreparavel.

Seguia-se immediatamente ao painel um sacerdote tendo nas mãos uma grande cruz, na qual abriam-se os braços e confrangia-se o corpo livido de um Christo ensanguentado, cuja face voltava-se para o lado do padecente.

A poucos passos da cruz e lateralmente a ella, vinha o porteiro tendo nas mãos um papel, em que estava exarada a sentença lavrada pelo tribunal contra o reu.

Quando esta parte do pre tito passou o limiar da prisão, o enorme derramamento popular, que assemelhava-se a um lago estagnado, tamanho era o seu silencio e quietação — agitou-se inopinadamente, brotando n'um surdo murmurio.

O murmurio fez-se sussurro e o sussurro intenso rumor e ouviram-se gritos e choros de crianças.

E' que na porta do calabouço, vestido com a alva funeraria e acompanhado por um sacerdote, acabava de assomar o réu.

O seu nome era Manuel da Motta Coqueiro. Fôra, havia tres annos um homem abastado, influencia politica de um municipio, um dos convidados indispensaveis nas melhores reuniões; agora não era mais do que um padecente resignado mas tido por perigoso e por isso espionado e guardado sollicitamente pela força publica: emquanto que, olhado como um ente repulsivo, servia de pasto á curiosidade vingativa de uma sociedade inteira.

Com o andar vagaroso, porém firme, veio collocar-se no meio da clareira. Acompanhou-o o sacerdote, que em uma das mãos tinha um livro aberto e na outra um pequeno crucifixo.

Aos lados d'esses dois homens inermes viam-se o carrasco e oito soldados, com as baionetas caladas.

Pairava sobre este grupo a solemnidade da morte.

Alto, magro, com as faces, escaveiradas e ictericas, marcadas por uma grande mancha arroxeadada, as palpebras entrecerradas, completamente brancos os compridos cabellos, as sobrancheiras extremamente salientes e espontadas, e as barbas longas de sob as quaes pendia-lhe de volta do pescoço até á cinta, entorno da qual se enroscava, o barão infamante; Motta Coqueiro tinha mais a apparencia, de um martyr do que a de um scelerado.

Crusados sobre o peito os braços algemados, a cabeça inclinada, os olhos fitos no chão, immovel no meio d'aquella multidão agitada, que se collocava nas pontas dos pés para melhor fital-o; o seu porte solenne, a compostura evangelica do seu semblante fazia pensar ou na mais requintada hypocrisia, ou no mais inexplicavel des infortunios.

Ao lado d'esse rosto, cuja expressão fôra amortecida pela desventura, contraste enorme, apparecia o carão negro, estúpido e truculento do carrasco, surgindo de sob o gorro vermelho como um vomito fuliginoso da garganta de uma fornalha.

Fuzilava-lhe nas feições o garbo bestial do crime.

Com a mão esquerda collocada á ilharga e arqueado o braço semi-nú, espraivava pela mó de basbaques meio aterrorada, o olhar sanhudo, coado atravez de umas pupillas negras, borradas n'uma cornea injectada de sangue.

Pelas narinas carnudas e achatadas a sua boçal ignorancia aspirava com o ar o alento necessario aos seus instinctos de fera.

Após elles vinham o juiz municipal, revestido com a toga de magistrado, e o escrivão, trajado de preto.

Uma linha de praças fechava o prestito funerario.

O silencio, instantes quebrado, foi para logo restabelecido e d'entre elle só partia o soar agoureiro da campá, tangida em badaladas espaçadas, quando o porteiro começou a apregoar em voz alta a sentença pe a qual Manuel da Motta Coqueiro era condemnado á soffrer a pena capital, por ser mandante dos assassinatos de Francisco Benedicto, sua mulher e seis filhos.

Ao termo da leitura, soaram os tambores e as cornetas unisonas com o badalejar lugubre da campá, e o prestito desfilou.

Então á semelhança de uma floresta que é tomada de assalto por um tufão e ao passo que se retorçe e anceia, desfaz-se

em susurros e farfalhos prolongados, o povo movendo-se para acompanhar os personagens da medonha tragedia, enchia o espaço de um ruido confuso.

Era como ouvir-se ao longe o roncar de uma cachoeira.

Contidos por algum tempo pela commiserção, as exclamações, os commentarios, as pragas jorravam agora de todos os lados.

Alguns mais exaltados negavam-se á supplica que lhes era dirigida pelos caridosos irmãos da Misericórdia.

D'esse numero era uma velha, que tendo um dos braços passado ao redor da cintura de uma rapariguinha morena, de olhos esbugalhados e boquiaberta, via pessar o prestito, parada a um dos cantos da Praça Municipal.

A darmos credito aos muchôchos que provocava aos vizinhos, a feia da velha, era uma d'essas beatas impertinentes, que não se importam de incomodar aos mais com tanto que ellas não sejam ao de leve prejudicadas nos seus commodos.

Quando Coqueiro passava-lhe defronte, a velha enrugando ainda mais as enregilhadas pelancas, que outrora tinham si lo faces, taramelou para a companheira:

— Olha aquelle pedaço de malvado; vai alli que parece um santinho. Credo! que mal encarado.

— Oh! nhanhan, coitado, vai tão triste.

— Cala a bocca, tola, resmungou a velha, ao passo que apertava um pouco mais o pollegar e o indicador na cinta da pequena.— Ter dó d'elle, te arrenego, tinhoso; é pena que o malvado não tenha no pescoço tantas vidas quantas arrancou, para espirrarem-lhe todas nas unhas do carrasco. Deus lhe perdôe, mas está se vendo mesmo que foi elle.

— Uih! exclamaram n'outro grupo, que carrasco tão feio, meu Deus!

— Oito mortes, oito, entra velhos e crianças, a vida d'elle só não paga. Eu, cá no meu pensar, entendo que se devia

fazer o mesmo á familia d'elle, para que elle soubesse se era bom!

— Deus te perdõe, Deus te perdõe! escapava mais adiante ao anonymo popular.

E o prestito caminhava, parando, porém, a todas ás esquinas para dar logar á leitura da sentença.

De cada vez que o prestito parava ouvia se um como cicio partido dos labios dos sacerdotes e do condemnado.

Uma d'essas vezes, pode-se distinguir algumas das palavras segreladas pelo ministro de Deus:

— Confesse toda a verdade, irmão, purifique a sua consciencia na hora de comparecer perante Deus.

— Repito, meu padre; não mandei fazer taes assassinatos.

E duas lagrimas tardas e volumosas, d'essas que só os hypocritas confessos ou os desgraçados sabem chorar, escorregaram pelas faces cataverosas do padecente.

Ora envolvido no rufo rouco dos tambores, ora atravessado pelo badalejar da campa e pelo clangor das cornetas, o prestito seguiu vagarosamente pelas ruas mais concorridas da cidade, até parar em frente á igreja, onde o pregoeiro em alta voz leu ainda uma vez a sentença irrevogavel, que devia manchar na cabeça de um homem o nome de toda a sua familia.

Parte do prestito já estava dentro do templo; algumas das sentinellas, que custodiavam mais de perto o réu, já transpunham o limiar, quando um incidente inesperado veio pôr em alarma a todos os circumstantes.

Um homem desconhecido, com as faces macilentas, o olhar esgaseado, os vestidos em desordem, e entretanto, revelando pelo seu traje, pelo proprio desespero, ser um cavalheiro; rompera á força uma das alas de praças e viera collocar-se em meio do prestito.

Agarrado pelos soldados, debatia-se nas suas mãos, exclamando:

— Deixem-me fallar; deixem-me fallar!

Os pulsos vigorosos dos agentes puzeram-o fóra; mas elle, sem conter-se, proseguia, dizendo:

— Deixem-me fallar ao Sr. juiz. Deixem-me! Eu sei...

E' facil imaginar a confusão que n'esse instante reinou no interior do templo.

Os espectadores redemoinhavam, gesticulavam, apertavam-se em estreito circulo em torno do desconhecido.

Este, vencendo a onda popular poude de novo approximar-se da ala, e caminhava em direcção ao magistrado, quando parou repentinamente.

O sentenciado com os cabellos erriçados, a pelle pergaminhada do rosto e os labios contrahidos, meio erguidos os braços algemados, fitava no desconhecido um olhar profundo, em que se misturava a supplica e a reprehensão.

Todos pasmavam. O desconhecido, como se fosse instantaneamente petrificado, não deu mais um passo; a cabeça pendeu lhe como que humilhada, ao passo que as lagrimas corriam-lhe em fios.

O juiz ia talvez ouvir o desconhecido mas ao passar pelo sentenciado, este, dirigindo-se ao sacerdote, murmurou:

— Peça que o deixem ir. E' um homem de bem; e tima-me; queria talvez dizer-me nã hora da desgraça algumas palavras de consolo.

O prestito continuou a entrar no templo. Ninguém buscou interrogar aquelle homem que soluçava, encostado á porta principal da igreja. Respeitou-se lhe a dôr, porque ella mostrava ser bem profunda e filha de um sentimento generoso.

A tropa descançou as espingardas enchendo o recinto sagrado do barulho produzido pelo choque das coronhas no assualho.

O sentenciado ajoelhou-se, e os seus labios começaram a ciciar uma prece, e o sacerdote que desde o incidente empalidecera ainda mais, e tomára um ar ainda mais constricto, ajoelhou-se tambem.

Ao mesmo tempo o povo que enchia o recinto começou a separar-se abrindo fileiras. Era o desconhecido, que tropego e banhado em lágrimas, deixára a porta e caminhava em direcção a capella mór.

Chegado junto do altar curvou os joelhos e deixou pender a cabeça sobre os seus frios degráus.

Commovido por esta scena, o sacerdote, inclinando se para o padecente, disse lhe ; como se desejasse não ser ouvido por mais ninguém :

— Ha entre vós ambos um segredo sagrado ; eu não o quero perscrutar. Resta-me apenas absolver-vos, meu irmão, em nome de Deus.

— Oh ! obrigado, exclamou o sentenciado, que não pode mais conter as lágrimas, e fitou os olhos amortecidos na imagem silenciosa do Christo.

As seis luzes da banquetta do altar-mór, meio effuscadas pela claridade do templo, cobriam de tons sangrentos a lividez do Homem do Calvario.

Dir se-hia que se trocava um mysterioso olhar d'intelligencia entre os dois sentenciados, e que os seus corações conversavam na luctuosa intimidade de um inaudito sacrificio: tamanha era a expressão do semblante do réu e tão animadora a attitude do divino martyr.

Entre elles estava baqueada a coragem do desconhecido, completando a desolada trindade de um martyrio. inenarravel.

Cousa singular, d'esses soffrimentos o que parecia mais sereno era o do moribundo, que de vez em quando levantava os braços algemados para embeber o panno da alva nas lágrimas perennes.

A impressão produzida por este quadro sombrio parecia ter apiedado a multidão, que se mantinha em sincero recolhimento.

Algumas pessoas visivelmente commovidas diziam já :

— Ha uma voz que me diz que o Coqueiro não foi o auctor dos assassinatos.

A isto objectavam outros, mas a maneira pela qual o faziam ; as palavras de que se serviam eram muito mais comedidas.

Para o desventurado estava, porém, marcado o destino e apezar das innocentações de uns, das accusações de outros, dentro em pouco elle devia desaparecer do numero dos vivos.

Teriam decorrido dez minutos após a entrada do prestito, quando um prolongado tilintar de campainhas, vindo do lado da sacristia, annunciou que o sacrificio da missa ia principiar.

Logo depois o sacerdote, paramentado com uma casula negra, orlada e listrada de largos galões amarellos, aproximou-se do altar-mór, e, em seguida á genuflexão, exordiou em alta voz o sacrificio pelo *in troibo in altare Dei*.

Os sons enternecedores do orgão espalharam-se como um sopro de melancolia pelo ambito sagrado.

E o celebrante, acompanhado pelos altos *amens* e *et cum spiritu tuo* do sacristião e os soluços angustiosos do desconhecido, proseguiu resmoninhando o latim do missal.

A educação religiosa dos assistentes tinha n'este momento extinguido quaesquer outros pensamentos que não fossem os de respeito pelo acto, que se effectuava.

Havia, porém, um homem em quem a solemnidade singella do officio divino não produzia a menor impressão. Era o carasco, o monstro negro, que brincava distrahidamente com o seu barrete, revolvendo-o entre as mãos.

Estatua informe da escravidão, cujas falhas foram cheias com o asphalto do calabouço, argamassado com o sangue que os açoutes lhe tiraram do corpo, o desgraçado folgava talvez na sua brutalidade de féra.

Os brancos fizeram d'elle uma victima ; prohibiram-lhe que afliesse os sentimentos pela comprehensão exacta da familia, da religião e da patria ; devia ser-

lhe grato poder vingar-se de um dos seus oppressores.

Revolvendo nas mãos o gorro vermelho illudia porventura a impaciencia que lhe causava a demora da execução.

Negaças de tigre antes de dar o bote á presa.

O sacerdote acabava de resar o *prefacio*, e a campainha do ajudante acompanhava a invocação dos santos, quando a campa funeraria do irmão da Misericordia apregou a retirada do prestito.

O barulho dos que se levantavam para sahir perturbou o recolhimento devido ao acto da celebração, e grande parte do povo já estava de pé e de costas, quando a Ostia, levantada pelo celebrante, alvejou por cima do altar como uma estrella de amor, perdida na escuridão do odio.

Lá fóra rufaram as caixas os runs-runs contristadores, com que a justiça enlucta ainda mais a perspectiva do tumulto; depois o pregoeiro declamou ainda uma vez a sentença, e o prestito seguiu o seu caminho.

A serenidade que, desde a sahida da prisão não deixara de illuminar a phisionomia do condemnado, persistia inalterada, porém, a fraqueza do corpo desdizia a fortaleza do animo.

O desventurado quasi não andava, arrastava se; e algumas vezes o sacerdote teve de ir-lhe em auxilio, para que não dêsse em terra. Outras vezes o carrasco, impacientado pela morosidade do passo, impellia a victima, que nem siquer dava mostras de censural-o por isso.

Já os irmãos da Misericordia, no desempenho da sua caridosa missão, embarastavam pelo meio dos curiosos que estacionavam no Rocio, e os soldados abriam caminho para a entrada do prestito.

Motta Coqueiro, desfigurado e tremulo, ao ouvir os gritos que annunciava a sua chegada, com a voz entrecortada disse ao sacerdote:

— Aconselhe-lhes, meu padre, que não zombem de quem vai morrer.

— Perdoa-lhes, irmão, elles não sabem o que fazem.

Na embocadura do largo o pregoeiro cumpriu pela penultima vez o seu dever, e as caixas expandiram-se em rufos prolongados.

Pela cara angulosa do carrasco passou um vago estremecimento, semelhante aos fremitos electricos que percorrem os lombos dos tigres, e ao mesmo tempo tomou o aspecto metallico de uma camada de mercurio.

— Coragem, coragem, meu irmão; é chegado o transe derradeiro; exclamou o sacerdote para o sentenciado.

— Peça a Deus por nós, meu padre.

E caminhou, seguro no braço pela calosa e rude mão do carrasco.

A poucos passos levantavam-se os dois esteios negros que sustentavam a machina monstruosa da justiça humana.

Se a machina tivesse alma devia estar bem desvanecida de ver a curiosidade que despertava a sua brutalidade, e procurar attitules especiaes para relevar ainda mais os seus toscos e hediondos contornos.

A parte superior dos esteios era ligada por uma grossa trave, e abaixo, mediando pouco mais da maior altura de um homem, corria um tablado, terminando, de um lado, rente com a face dos esteios.

Do tablado até o chão corria uma escada de degraus estreitos e roliços. Tudo tosco, brutal, como o fim a que era destinado.

Para ahi conduziu o carrasco o homem aferretado pela condemnação publica.

Ja emfim desdobrar-se a ultima scena do assassinato legal, esse que, mais digno de reprovação do que os outros, é feito a sangue frio, premeditado nos commodos de uma cadeira de juiz de facto, de uma poltrona de desembargador, e confirmado pela irresponsabilidade do poder moderador.

Os juizes chegam ao tribunal com os estomagos cheios e os corações affogados

pelos carinhos da familia; riram ao almoço satisfeitos com a graciosidade dos brincos dos seus caçulas; riram á entrada do tribunal, alegrados pela jocosidade dos amigos; applaudiram os tropos ardentes da accusação e da defeza e enthusiasmaram-se com a arte revelada pelos juristas na elaboração do libello e do contra-libello, e depois retirados para a sala secreta, submettem os quesitos, não ao criterio formado pela sensata apreciação do entrecho do processo, mas aos preconceitos que em suas mentes de burguezes honestos foram arraigados pelos commentarios e legendas abortados da ignorancia popular, tão officiosa em cooperar para o mal do proximo, quanto remissa para fazer-lhe bem.

O sentenciado chegara junto ao patibulo.

Para juntar a ironia á malvadeza, uma bandeja com alguns pratos cheios de confeituras, um calice e uma garrafa de vinho generoso foram apresentados ao preso, como symbolo da solicitude social, e da maxima e indisivel piedade que vem cevar a victima antes de immolal-a.

O réu voltou nobremente o rosto á injuria assucarada dos seus matadores, e, ou fosse pela dor que esta affronta lhe causasse, ou fosse pelo terror inspirado pela visinhaça do patibulo, os joelhos vergaram-lhe, e teria baqueado se não fosse arrimado pelo sacerdote.

Não longe d'este grupo uma face negra de mulher banhava-se em pranto copioso. Era o protesto de uma raça contra o procedimento de um de seus membros, por que ao passo que a boa da preta chorava, o carrasco esvasiava um calice do vinho regeitado pelo condemnado, e apreciava-lhe o sabor dando estalinhos com a lingua.

Dispertado da prestação, revivido do desanimo pelos soluços da commiseração espontanea d'aquella mulher, o réu cobrou de novo forças, e voltou-se para a lacrimosa, dizendo-lhe:

— Chora, minha filha, porque eu morro innocente.

Para abafar a voz do condemnado as caixas marciaes rufaram prolongadamente, e fez-se signal ao carrasco para começar a sua missão.

O monstro apertou então ainda mais o braço do livido padecente; puxou-o para si em direcção á escada, e collocando-se depois por detraz d'elle, fel-o subir os degraus da forca.

Embaixo, os irmãos da Misericordia e os sacerdotes, reunidos em torno da cruz, puseram o seu estandarte em posição de cobrir o sentenciado, caso arrebentasse a corda.

Era uma vã esperanza: a corda fóra especialmente mandada por uma auctoridade elevada da provincia, e os abusos da propria confraria inutilisavam a sua intervenção a favor dos infelizes, votados á morte infamante.

O carrasco e o réu tinham chegado ao tablado. O pregoeiro leu pela ultima vez a integra da sentença que condemnava á morte e as multas da lei o réu Motta Coqueiro, mandante dos assassinatos de Francisco Benedicto da Silva, sua mulher, um filho de dezoito para dezenove annos, duas filhas maiores de quatorze, duas maiores de sete e uma de dois para tres annos, e finda a leitura, o magistrado ordenou ao carrasco o cumprimento de seu dever.

O negro instrumento da morte, depois de conchegar á cabeça encarapinhada o gorro vermelho, e experimentar com violentos puxões a segurança das algemas do preso, tomou-lhe o capuz, que lhe pendia nas costas e com elle cobriu-lhe o rosto.

Passou a desenroscar a corda da cintura do padecente e ajustar-lhe o baraço ao pescoço. Feito isto, conduziu o desventurado para uma pequena escada posta entre o tablado e a trave; assentou-o em um dos degraus, e foi prender a corda em dois ganchos de ferro pregados no alto do patibulo.

Escarranchando-se na trave, agil inclinou-se e segurando-se n'ella com um

braço, com o outro empurrou violentamente o padecente, tirando de improviso a escada de sob elle.

O sentenciado ficou suspenso pela corda, esperneando, agitando os braços amarrados e balouçando como enorme pendula.

Deixando então a primitiva posição, o carrasco, voltado para a multidão, segurou-se com as mãos robustas na trave e pendurou-se no ar.

Em um dos vai-vens dados pelo corpo do sentenciado, os pés do carrasco alcançaram os hombros d'aquelle.

Collado um pé sobre cada hombro, o monstro carregava sobre o moribundo e impellia o em largos balanços.

Durante toda esta scena que atterrorava os mais exaltados, o negro executor ria a sua feroza através de uns labios grossos e roixos.

Talvez sentisse n'esse momento a satisfação de Quasimodo quando bamba leava se no espaço, agarrado ás orelhas do sino grande da Notre Dame.

Esta scena durou o tempo immenso que duram sempre as scenas horroscas; minutos que parecem horas.

A um golpe dado na corda o cadaver do sentenciado bateu em cheio no tablado e o carrasco veio de um salto, collocar-se sobre elle, carregando-lhe com a mão sobre a boca.

Estava desaffrontada a sociedade. Rufaram os tambores, clangoraram as cornetas e o carrasco desceu para recolher-se de novo á fermentação silenciosa dos seus ruins instinctos.

A confraria desfilou precedida pela sua bandeira e fechada pela cruz, onde a cabeça descorada do Christo parecia ter-se inclinado ainda mais.

E' que, desfeitando-a, na historia da humanidade redimida negrejava mais uma iniquidade.

Uma hora depois, a praça do Rocio e as ruas principaes de Macahé estavam com-

pletamente vazias e a cidade recahia no seu silencio habitual.

No tablado do patibulo viam-se, porém, quatro homens vestidos de lucto, e com um sincero recolhimento collocavam dentro de um caixão mortuario o cadaver do justificado.

Eram os amigos de Motta Coqueiro que tinham obtido da justiça, para dar á uma cova, os restos que ella condemnaria á valla commum.

O desconhecido, que era um dos quatro que seguravam nas argolas do caixão, ao pousal-o na beira da cova, disse para Seberg, que chorava: — foi um homem de bem ás direitas; e se alguns erros commetteu, o ultimo acto de sua vida paga-os de sobra.

II

O SITIO EM MACABU

Um tapete de grama, desdobrado sobre uma larga area de terreno, viredecia de um lado uma vasta planicie e de outro uma pequena collina, alegrando a apparencia da localidade.

Aqui e alli erguiam-se do chão atapetado grandes moitas de arbustos, ou isoladas arvores corpulentas, copadas umas, nuas e esgalhadas outras, projectando sombras extensas ou sacudindo á viração longos flocos de musgo, postigas barbas brancas postas á velhice desses raros representantes das mattas virgens.

Na orla horizontal do grammal, o rio Macabú, comprimido entre as margens cobertas de vegetação esplendida, arrastava a sua pobreza de aguas, ora juncado das mortas folhas amarellas das figueiras, ora branqueado pela caduca floração dos ingazeiros.

O cimo da collina servia de base a uma casa avarandada, cujo caio era de distancia em distancia colorido por uns quadradinhos e rectangulos verdes, a que correspondiam outras tantas portas e janellas envidraçadas.

Cerca de duzentos passos d'esta casa chamada—a casa grande—estendia-se um laço estreito, coberto de sapê, de paredes apenas barreadas, atravessadas de espaço a espaço por umas portas baixas e janelas que teriam tres palmos de altura sobre dois de largo.

Era uma linha de senzalas, miseravel habitação dos escravos.

Entre as senzalas e a casa grande — duas casas — a do feitor e a do fabrico de farinha, ou bulandeira, e além d'estas, do outro lado da casa grande, uma especie de barracão coberto de telha, com o caio sujo e as paredes meio eburacadas, completavam o numero das edificações, se exceptarmos algumas palhoças collocadas mais para traz e que serviam para guardar os animaes domesticos.

Como grande mancha negra no matiz da collina, via-se o curral, cercado por uma curva de baixos paus-a-piques, nos quaes prenha-se uma pesada cancella.

A casa grande estava quasi sempre fechada, porque o seu dono, Manuel da Motta Coqueiro, residia em Campos e a maior parte do anno passava-a ahi, ou então na sua chacara da barra de Macabú.

A alegria dos logares habitados não era, pois, encontrada senão raramente n'este local, onde a primavera desfazia-se em florecencias esplendidas sem que houvesse quem a contemplasse.

Quando o vento indifferente, enredando-se na copa das arvores, transformadas em ramalhetes monstros pela seiva vernal, esfolhava-os desapiedadamente, a chuva de flores e folhas cahia sobre o gado, que fugindo á canicula, deitava-se-lhes á sombra, ruminando silenciosamente.

Quando o calor abrasava, colhidas as azas e occultas na frescura da folhagem, as cigarras e as nuvens de passarinhos chilravam e gazejavam por alli como se estivessem em logar completamente deserto. Tambem de visinhança de homem só dava signal uma espiral de fumaça que

se erguia por entre as negras telhas do casarão central.

Toda a vida e actividade estavam concentradas em outros pontos, e facil era ir ter, a elles tomando um caminho, que passava perto do curral, e seguindo por elle em direcção ao occidente.

A um quarto de hora de caminho estar-se-hia no meio de compridos aceiros, sombreados por enormes bananeiras que dividiam umas de outras as terras cultivadas.

Ouvir-se-hiam então os cantos monotonos e ver-se-hiam, com uma saia de riscado e alvas camisas de algodão, expostos ao sol os collos negros das escravas, e vestios de calças de zuarte, os negros semi-nús levando para diante o eito, estimulados pelos gritos machinaes de *arriba, arriba!* bradados pelo feitor, encostado ao cabo do seu rebenque.

Se no meio dos cafesaes e mandiocæs não fosse encontrada a *gente* do sitio, o *tan-tan, tan-tan* compassado dos machados no cerne das arvores seculares annunciaria a sua estada nas mattas circumvizinhas.

A's vezes o serviço era dirigido pelo senhor em pessoa; mas o aspecto da casa não se alterava, porque vindo só para o sitio, Motta Coqueiro apenas era visto em casa quando de manhã muito cedo dictava ordens ao seu feitor ou á noite ouvia d'elle a narração do serviço feito. Em face d'elles quedavam então os escravos alinhados e taciturnos.

Quatro annos antes da época em que nos achamos, primeiros mezes de 1852, outra era a vida no sitio.

O campo era quasi sempre percorrido por cavalleiros e homens a pé, os quaes dirigiam-se de preferencia para o velho barracão que descrevemos.

Por esse tempo, a pedido de um amigo, Motta Coqueiro recebeu como seu aggregado um d'esses pobres homens do sertão, que vivem da pequena lavoura e sem meios para ter um terreno proprio, cultivam o

alheio para usufruir-lhe as bemfeitorias. Francisco Benedicto, forte apesar da idade, que subia a mais de 40 annos, virase, havia alguns mezes, sem um tecto sob o qual abrigasse a numerosa familia, e recorrendo a Coqueiro por um seu amigo, obteve concessão para estabelecer-se em terras do sitio de Macabú, onde levantaria para si uma casa e cultivaria o terreno que lhe aproovesse, sem prejudicar o proprietario.

Foi, porém, temporariamente hospedado no barracão contiguo á casa grande até que terminasse os trabalhos preliminares do seu estabelecimento.

A belleza das tres filhas mais velhas de Francisco Benedicto, a intimidade por elle demasiadamente facilitada, fizeram logo da casa um ponto de reunião, principalmente dos ociosos da vizinhança.

Coincidiram com a chegada de Francisco Benedicto e os primeiros tempos da sua morada na casa de Coqueiro, as demoras d'este e sua familia no sitio.

Era causa d'essas demoras ter Coqueiro, que negociava em madeiras, resolvido explorar as mattas proprias para obter os preços elevados correspondentes á carestia do genero no mercado.

Para accelerar o trabalho era necessario que elle estivesse presente ao serviço dos escravos e empregados. Isto obrigava-o a demorar-se no sitio e a sua esposa, para não constrangel-o a ir visital-a a Campos, resolveu acompanhal-o.

Entre a familia do aggregado e a do proprietario travaram-se logo relações e Motta Coqueiro foi na primeira oportunidade escolhido para baptisar o caçula de Francisco Benedicto.

Cumpre, entretanto, notar que a senhora de Coqueiro manteve sempre uma certa reserva para com o compadre, que não obstante ser bom homem, muito respeitador e trabalhador, tinha o vicio da bebida.

Entre os vadios que passavam as semanas assentados ao balcão da venda pro-

xima, tocando viola e desfiando a vida alheia, o compadre assentava-se ás vezes, e para matar o tempo e cortar o calor esvasiava tantos copinhos de aguardente, que o resultado era voltar para casa descrevendo zig-zags.

Demais tinha relações com pessoas, que eram inimigos confessos de Motta Coqueiro, e que, segundo era fama, só não lhe bebiam o sangue porque não podiam.

Era d'este numero o André inspector, e o sublegado Oliveira, que se malquistaram com o compadre de Francisco Benedicto desde umas eleições que elle venceu em Carspebús.

Salvo esta queixa, reinava a mais inteira cordialidade entre as familias. As filhas e mulher do aggregado frequentavam a casa grande e nunca sabiam de lá sem que a senhora pevisse os lenços das pequeninas para amarrar uma trouxinha.

Por seu turno estas de vez em quando traziam uma cestinha cheia de ovos e acercando-se da dona da casa, depois de lhe beijarem a mão, diziam-lhe :

— Eu trouxe isto para a senhora.

A resposta era sempre, á chegada das canoas da cidade, um embrulho de cassa ou chita, ou uns lenços novos, enviados pela esposa de Coqueiro á casa de Francisco Benedicto.

Se a consorte de Coqueiro assim tratava a familia do seu hospede, aquelle por sua vez teve diversas occasiões de carregar as suas sobranceiras salientes, e tomar um tom de voz energico para responder aos que fallavam do seu compadre :

— O que eu sei é que tirado o defeito da bebida, é muito trabalhador e a sua familia é boa gente.

Todas as tardes ao voltar da roça ou da derrubada, Coqueiro parava junto da casa de Francisco Benedicto, e alli esperava muitas vezes até á noite, mandando ao moleque, seu pagem, desensilhar o cavallo, porque só iria mais tarde.

Havia tres individuos a quem tamanha familiaridade incommodava. Eram elles Manuel João, um mulatinho de vinte e poucos annos, bem apessoado e fallante, — um pernóstico, segundo o Vianna da venda; o Sebastião Pereira, robusto rapaz que morava perto das terras de Coqueiro, e muito conhecido pela pericia em tocar viola e cantar o desafio; e o Vianna da venda já meio maturo — como dizia o André inspector, e creio mesmo que ligado por laços matrimoniaes.

Caía um d'esses tres individuos suspirava muito em segredo por uma das morenas do Chico Benedicto — por pena das pobres raparigas.

O porte airoso de Chiquinha, a filha mais velha, o seu olhar meio escarninho, meio melancólico, o confranger dos labios para estalar um muchocho *penalisaram* muito a Sebastião.

O compassivo rapaz levava a sua sensibilidade a ponto de visitar sempre o Chico Benedicto.

A principio, ao lusco fusco, com a sua viola a tiracello, e montado n'um ossudo cavallo, a que todos chamavam — pangaré, e só elle chamava — *Suspiro*, era visto marchando para a casa, que lhe entristecia o coração.

Mas, devido mesmo ao continuado trabalho, aggravaram-se as mataduras do lombo do animal, e o Sebastião tomou o expediente de vir em uma carôa.

Um dia, ao chegar ao porto, Chiquinha estava lavando. O sol restitua-lhe de um anacardino intenso as faces graciosamente tumidas. Os cabellos negros como os fructos da barauna, reunidos em duas tranças, que cingiam a cabeça pequena, afcavam-se em duas paxtas, arqueadas por sobre as temporas.

Entre as suas mãos delicadas alvejava uma peça branca de roupa, sobre a qual a moça inclinava se, mettida dentro do rio. A posição curva, que tomara, deixava vêr pela altura do collo umas saliências

ponteagudas, que faziam lembrar a forma dos pecegos.

Demais a moça antes de entrar no rio, colhera os vestidos até os joelhos, e atara-o á cintura com um lenço, e para não molhal-os, apertou-os entre pernas, de maneira a formar com elles uma especie de calções apertados.

O remador que ajudava com remadas viris o deslisar espontaneo da canôa pela correntesa do rio, conteve a fragil embarcação parou de remar, e deixou que ella ficasse remanseando, enquanto elle envolvia n'um olhar ardente as formas sculpturales de Chiquinha.

Esta que disfarçadamente observava o canoeiro com um olhar contemplativo, deixou-se ficar curvada, ostentando a cintura fina, accentuada ainda mais pelos amplos contornos dos quadris.

A canôa, entregue a si mesma, poz-se a boiar a mercê da correntesa, e como se mão mysteriosa a guiasse, veio esbarrar n'um toco branco de lavagem, que negrejava junto a Chiquinha.

— Que máu poupeiro que vosmecê é, oh seu Sebastião; disse esta, eu não me embarcava com vosmecê, nem para o céu.

— Pois é pena, *sá* Chiquinha, porque eu iria com vosmecê até para o inferno.

— Era preciso que eu quizesse ir, respondeu Chiquinha, so rindo.

— Está visto; eu não queria nem esta canoa cheia de ouro se fosse contra a sua vontade.

— Deveras?...

— Se duvida, *sá* Chiquinha, é só experimentar.

Ao pronunciar a palavra Chiquinha tinha-se sentido perturbada e para não trahir-se levantou a alva peça que lavava para batela no banco, que tinha diante.

O seu braço foi, porém, delicadamente seguro pela mão de Sebastião, enquanto com a outra o moço tentava tirar-lhe a peça da pequenina mão.

— Não me segure, resmungou Chiquinha, fingindo-se amuada; me deixe.

— Não foi por mal, sá Chiquinha!... murmurava Sebastião, ao passo que deixava o braço da moça. E' que para bater a roupa é preciso força, e eu sou mais forte.

Chiquinha dando uma das francas risadas características dos filhos da roça, exclamou:

— Uhê! *seu* Sebastião subiu a serra, gente!

O rapaz animado pelo dito e a risada de Chiquinha desembarcou, segurando nas mãos a corda que amarrava o banco da prôa da canôa, e poz-se a perfurar o barro do porto com o cabo do remo, dizendo:

— Eu pensei que *você* tinha-se zangado commigo.

— Não me zanguei, não; foi só para *você* não se metter no que não sabe.

— Então eu não sei bater roupa?

— Qual sabe o que; isto não é viola.

— Pois fique sabendo que a gente quando quer sabe tudo, até amar.

— Óra, isto... tem muito que saber...

— E tem mesmo; como eu *você* não acha outro.

— Agora, como se faz na caixinha dos tres desejos, diga, *seu* Sebastião — a quem ama?

— A *você*!...

— Gentes! como *você* está adiantado! exclamou Chiquinha, depois de ter contrahido os labios corados n'um terno mu-chôcho.

Desde esse dia, Sebastião Pereira começou a sentir grande pena pela familia do Chico Benedicto, e a ter manifesta aversão pela familiaridade de Coqueiro junto d'esta familia.

A partir de uma noite em que, sobrado o seu ponche de baeta negra, forrado de flanela vermelha; posto no alto da cabeça o chapéu do Chile com largas fitas negras pendentes, o Vianna da venda, entrou na casa de Chico Benedicto, a sua alma de tendeiro começou a pesar ouro fio os generos da vendola e a recordação de sá Antonica.

A sala sem assoalho, com o chão acidentado por altos e baixos, ornada por uns bancos de pau, umas caixas e uma meza velha, em que assentava um oratório junto do qual espirravam dois candieiros de folha de Flandres; semelhante sala luzia na memória do homem com as scintillações de um paraíso de amor.

E' que ao entrar, fôra recebido por uma estrepitosa ovação, e ouviu á Antonica chamar os seus quasi quarenta annos — um mocetão bonito.

Não ha alma de tendeiro da roça, por menos vaidosa que seja, fortalecida para não penhorar-se com semelhantes saudações.

N'aquella noite o Vianna, naturalmente folgazão, levou as lampas aos mais pagodeiros; tinha mettido no mesmo chinello o Sebastião e Manuel João, que improvisavam estrophes com a fluencia do jorro de uma cascata, e com as mesmas quedas.

Achava-se ahi por ter merecido um convite de Francisco Benedicto para uma *brincadeira* de Santo Antonio.

O programma da festa era uma ladainha, e em seguida um *fado* com muitas raparigas, um leitão assado, dous garra-fões de aguardente, ou melhor — de boa *canna*, e um garrafão de vinho, o qual fôra dado de presente á Antonica, pelo compadre capitão, o Motta Coqueiro, que fôra passar a festa na cidade.

Na casa não havia *nicas*, era casa de pobre; e o Sr. Vianna estava alli como se estivesse na sua venda. Podia tambem levar quem lhe aprouvesse.

Cantada a ladainha, começou calorosamente o fado. A viola retinia febrilmente ferida pelos dedos apaixonados de Sebastião Pereira; rufavam entusiasticamente os adufes, e os pares rodavam, sapateavam, peneiravam, enchendo a sala de palmas e castanholas.

Uma das *rodas* era formada pelo Vianna e Antonica, Manuel João e Mariquinhas, a mais nova das tres filhas moças de Francisco Benedicto.

Era a roda em que se dançava melhor.

Maravilhava pela certeza dos meneios, pela precisa cadencia dos sapateados e pela assonancia das palmas, ás vezes batidas junto da bocca aberta, para repercutirem um som cavo, delicia dos dançurinos.

Excitava-a o entusiasmo do amor.

Invejosos da maeria das damas, os cavalheiros de outros grupos, pela maior parte em mangas de camisa, tentavam frequentes *furtos*, que eram habilmente repellidos pelos cautelosos pares.

Em vão, de um pulo, os invejosos realisavam os bem planejados assaltos; era-lhes frustrado o intento, porque encontravam a dama cobiçada bem amparada pela perna do par, inteiriçada e meio sumida entre as saias murmurasas da rissonha defendida.

Os assaltos mallogrados eram novo incentivo a fertilidade poetica dos cantores. Manuel João victorioso prendia a corrente do desafio, estropaes allosivas e dizia no seu ameno tenor :

— E' capricho ; hei de guarda-la
Qual na moita o passarinho,
C'o as lindas azas abertas,
Guarda os filhos no seu ninho.

Respondendo rapidamente á volta, o violeiro apaixonado, tornava no seu barytono selvagem :

— Eu tambem morro de zelos
Por uma joia querida ;
— Os sorrisos de Chiquinha,
Cadeias da minha vida.

Continuavam a trocar os prompts improvisos, alludido cada um a dama que o captivava.

— Quem tem joias preciosas
Não as deixa assim roubar ;
Meu thesouro é Mariquinhas,
Minha joia é seu olhar.

Mas eu conheço outros olhos
Que têm um brilho melhor ;
São negros, a gente os vendo
Fica perdido de amor.

El longo tempo persistiam os cantores rociando de ardentes galanteios os corações agradecidos das suas preferidas.

Descuidos contristadores deram, porém, occasiões a separarem-se os pares predilectos. Prompta era, entretanto, a junção, porque á retirada dos cavalheiros seguia-se uma frieza visivel nas damas; desappareciam os ademanes graciosos, os requebros francos e as zumbaias lascivas e elegantes.

Os intromettidos, despeitados pela subita mudança, presto retiravam-se e se algum mais *rusguento* levava a imprudencia até a fazer notar que percebera a má vontade das moças, ellas acudindo á censura com o seu melhor sorriso, respondiam com apparente ingenuidade :

— Credo! que luxo; não quer que a gente fique cançada.

Mas, em reaparecendo os *dois*, o canção extinguiu-se milagrosamente; a frieza transformava-se em fogo, e a roda gyrava com tanto garbo, com tanta alegria que algumas das visitas, cobrando pareas á maledicencia, resmungavam de mau humor :

— São muito faiscas estas moças.

Francisco Benedicto havia-se aproximado do violeiro, e o alegre Sebastião, casando os ais da *prima* aos soluços do *bordão*, levantou as despedidas.

Cessou o rufar do adufe, o soar das palmas, e os pares separaram-se.

Era a ceia que vinha sustar por algum tempo o folgado, e dar aso a expansões que, mal contidas, ameaçaram irromper inconvenientemente durante as alegres danças.

Todas as damas e cavalheiros retiraram-se, precedidos por Francisco Benedicto, que não muito em linha recta, alumiava-os com um dos candieiros que esclareciam a sala.

Só a travessa Antonica ficara, talvez maliciosamente, assentada a uma das caixas, a pretexto de que não queria ceiar, e sim descansar.

A solicitude de Vianna não podia resignar-se a mastigar o leitão da brincadeira, quando Antonica, *bonita como diabo*, conforme elle dizia, ficara lá na sala sozinha e quem sabe se amua-la consigo.

Assim pois, resolveu vir ter com ella acompanhado de um prato com a iguarias da mesa e um copo, o unico que havia, até meio de vinho.

Apresentou-lhe o prato e o copo; a moça não quiz servir-se, e pediu-lhe que a deixasse descançar.

— Oh! *sá Antonica*, eu fiz-lhe algum mal? interrogou Vianna, ou sou algum bicho que lhe metta medo?

— Não é, não; mas eu não quero ouvir a bocca do povo.

— Qual historia, *sá Antonica*, elles de mim não fallam, porque todos elles têm a barriga lá em casa.

— Já sei, já, *seu Vianna*; mas eu quero ficar sozinha aqui, ou então vou-me embora. Que aborrecimento, *home!*

— Está bom, eu vou, *sá Antonica*. Mesmo póle estar aqui alguém que vá contar a elle, e depois...

— Contar a quem, *seu Vianna*? não se dá esta? te arrenego!

— E olhe que não seria a primeira vida que elle mandaria tirar. Eu sou pobre e elle é capitão, é rico, é magnata.

— Olhe, *seu Vianna*, eu chamo papai para ouvir o que é que está ahí dizendo.

— Não precisa, não, *sá dona*; depois não se arrependa.

— E', vocês todos são assim mesmo; eu dancei com você, e agora fica mal comigo.

— Qual zangado! não estou; é que penso; eu sei lá, o Manuel João é quem diz que você gosta do capitão, e eu já estimo você tanto...

— E gosto, e agora? nunca me fez mal. Quem manda aquelle *coisa* espiar os outros? Não é o capitão quem nos dá casa?

Vozes partidas do interior gritavam:

— Oh! Vianna, onde está este diabo? Galgando a janella de um salto, o ten-

deiro agachou-se e coseu-se com a parede correndo, e só depois de alguns minutos, gritou de fóra:

— *Eh tá com o berrairo*; já vou, já vou.

As pessoas que entravam na sala, encontraram Antonica, sentada muito tranquillamente, e ninguem su pertu, siquer, a scena que antes se passara.

Recomeçando o fado, o Vianna mostrou-se por largo tempo menos expansivo; esquivava-se de dançar, dizendo-se fatigado, e só se achava bem junto dos garrafões, em companhia de Chico Benedicto.

Antonica tambem não figurava nas rodas senão espaçadamente e tinha o ar de quem queria chorar.

O Sebastião Pereira, que ao lado de Cuiquinha parecia ter-se alheado de tudo mais, não prestou a principio attenção ao mau estar dos dois nam rados, mas sendo obrigado a chamar alguém para substituir a sua *vila*, que precisava sahir, foi ter com Antonica, e as lagrimas represas da moça revelaram-lhe o segredo do seu afastamento e tristeza.

Dirigindo-se á Vianna, Sebastião atacou-o logo de frente, sem meias palavras:

— Você parece criança; lá está a Antonica a chorar, *seu Vianna*. O pai já está *prompto* e se vem a saber d'isto, temol-a tramada. Vá tirar a rapariga, e o mais corre por minha conta.

No dia seguinte ao retirar-se da casa de Francisco Benedicto, o ven tilhão levava a roupa e o coração igualmente machucados.

Combinando, porém, algumas palavras de Antonica, poudo abraçar-se a uma esperança, ao passo que dava de mão a uma teimosa somma debita la ao pai da moça.

O sacrificio de seus interesses e o de sua tranquillidade puseram muito naturalmente o tom do tendeiro na contingencia de condoer-se da sorte da familia de Chico Benedicto.

Mais apressado do que os seus dois companheiros de compuncção, andou Ma-

nuel João na conquista da sua sensibilidade pela familia de Mariquinhas.

A sua posição de feitor no sitio de Motta Coqueiro aplainou-lhe facilmente o caminho da familiaridade, de que elle serviu se para conquistar o coração benevolo da moça.

Nunca tinha tentado sequer revelar aos quinze annos de Mariquinhas o que lhe ia de ansiedade pelo seu coração, quasi sem esperanças.

Acreditava mesmo que seria uma leucura, elle, pobre feitor de roça, e demais disso homem de côr, ir afrontar os escrúpulos da familia, quando Mariquinhas era tão bonita que facil lhe era escolher um marido entre os robustos moços trabalhadores dos arredores.

Limitava-se a obsequiar generosamente, e facilitar a Francisco Benedito os meios ao seu alcance para melhorar as condições de vida no sitio.

Encostado ao seu rebanque, elle nem dava attenção ao serviço; perdera mesmo as asperezas do seu officio e deixava que os escravos trabalhassem quanto lhes aprazia.

Estes, sorprendendo as distrações e a tristeza do feitor, segredavam-se no eito:

— Seu Manuel está com *mandinga*; é culpa feita pela gente do aggregado.

Aos domingos, Manuel João, pondo a tiracollo o polvarinho e chumbeiro, pegava da espingarda e lá se ia mat o dentro, precedido pelo farejar de alguns cães de caça.

Quando voltava, trazendo grandes enfiadas, nas quaes misturavam-se a escura côr hydragyrida das azas das juritys, aos tons escarlates dos peitos dos tucanos; Manoel João parava sempre á porta dos fundos da casa de Mariquinhas e, depois de uma conversa, presenteava-a com a sua caçada.

Os presentes continuos eram o unico palpavel indicio da affeição do moço feitor, mas uma observação mais do tila

de cobriria sem grande trabalho quão intensa lavrava a paixão por aquelle espirito.

Quando acompanhava o seu amo, e via o parar á porta do velho hospede, ficava de máu humor, principalmente se com a familia vinha Mariquinhas, em cujas faces Motta Coqueiro batia brandamente com as pontas dos dedos, exclamando:

— Está já moça, e peor do que isso, bonita.

A jovialidade do amo, e o acolhimento grato que lhe fazia Mariquinhas, incineravam todos os sonhos de felicidade do feitor: tinha então diante de si um supposto rival, tanto mais digno de odio quanto era mais poderoso.

Em troca d'essas injustiças sem éco, a bella Mariquinhas esmerava-se em patentear a sua sympathia pelo ciumento. Era ella quem lhe trazia a chicara de café, nas noites em que elle vinha conversar-lhe o pai, e dispensava o do trabalho de fuzilar fogo ao isqueiro, apresentando-lhe um cavaco esbrazeado.

Nos dias de brincadeira, só estava verdadeiramente alegre quando o tinha por par; ao contrario mostrava-se aborrecida.

Mas a propria bondade de Mariquinhas era um incentivo á prevenção do seu amante. Aferia o perigo, que julgava-a correndo, pela sua propria bondade, e nas horas em que, no silencio de sua morada, revolvia os seus anheios e as suas duvidas, exclamava com voz colerica:

— Ella é um anjo e aquelle demonio pôde perdela.

Ha uma força mysteriosa e fatal, que insensivelmente attrahe e combina os esforços humanos: é a affinidade dos sentimentos e das opiniões.

Contra ella não são resistencia sé ia nem os isolamentos systematicos, nem os temores profundos, nem as virtudes immaculadas; uma hora soará em que, ruic-

do em terra as barreiras, ella se imporá invencivelmente.

Foi por essa força que as affeições timoratas dos tres secretos amantes das filhas de Francisco Benedicto expandiram-se um dia em plena luz, e formaram um sombrio triumvirato entre o violeiro, o feitor e o tendeiro.

Era domingo de tarde, e tres a quatro mezes já eram decorridos depois da brincadeira de Santo Antonio.

Em cumprimento ao dever que se havia imposto, Sebastião Pereira dirigia-se á casa de Chiquinha, mas quiz primeiro chegar á venda do Vianna.

Esta visita tinha por fim premunir-se de *contentamento e distracção* para o velho Francisco Benedicto, que não buscava resistir ao sabor do vinho e da aguardente.

Pouco depois da chegada de Sebastião, parava no porto uma canôa, e d'ella desembarcavam Manuel João, o irmão de Chiquinha e um preto.

— Olé, exclamou Sebastião ao ver Manuel João, você agora aqui é ouro sobre azul.

— Então vá já dizendo quem morreu por cá.

O violeiro abaixando a voz, e aproveitando se da distancia em que estavam os companheiros do feitor, segredou-lhe.

— E' cousa só entre nós tres.

— Está enten lido.

Manuel João interrompeu logo a conversação de Vianna com o Juca Benedicto, exclamando:

— Aviem-se, rapazes; faz-se tarde e é melhor ir de dia do que de noite. Vocês têm de remar rio acima.

Uma piscadella de olho poz de sobre-aviso o Vianna, que tratou de despachar com presteza os freguezes

Um quarto de hora depois estes despediam-se levando uma encomenda do violeiro, e o Manuel João, que simulara querer ir com elles, fingiu que cedia á

insistencia de Sebastião e Vianna, e disse aos que partiam:

— Vão, vão; estes demonios não me deixam agora, e o melhor é ficar um pouco por aqui.

Estavam só. Sebastião Pereira, depois de accender o cigarro, convidou os dois companheiros para debaixo de uma mangueira, e começou a fallar.

— Vocês me conheçam e eu lhes conheço. Aqui o Vianna está pelo beijo com a Antonica e o mestre Manuel João arrasta a aza á Mariquinhas.

— Não senhor, respondeu de chofre o feitor, é menos verdade.

— Deixemos-nos de partes, seu Manuel João, os outros não são cegos.

Manuel João não replicou, e o violeiro continuou.

— Eu cá, se a Chiquinha não fôr minha, não ha de ser de mais ninguem por mais pintado que seja.

Ao dizer estas palavras, a sua mão estava posta sobre a cintura e logo uma grande faca polida luzia fóra da bainha, e Sebastião exclamava, brandindo a faca.

— Varo seja Deus, seja o diabo.

— Você; não ignoram que o malvado do capitão tem maus fins com aquella gente; vamos, pois, acabar com isso. Se vocês ajudarem-me, elle não leva o bocado á bocca; ou eu não sou eu.

— E o que havemos de fazer? perguntou Vianna.

— Escutem: o Chico já ha de ter percebido que nós gostamos das filhas; vamos lá hoje; eu peço a Chiquinha e vocês, se houver vasa, fallam logo a elle de estucha.

— Mas nós não nos podemos casar já, rasmungaram Manuel João e Vianna.

— E quem f. i que disse que vocês casassem? Dizer não é fazer. Eu tambem agora não tenho geito; mas é um modo de atrapalhar o capitão. Cada um pucha a brasa para sua sardinha.

— Assim vá lá, disse Vianna.

— Pois, eu assim não quero: não ha de

enganar a moça; tudo menos isso, interveiu energicamente o feitor.

— Assim mesmo pedaço de tolo, não queiras; o Manuel João tem boa bocca, *seu* Vianna; os outros comem a carne e elle rói os ossos.

— Por Nossa Senhora das Dores, vocês estão zombando. Eu arranco a lingua áquelle cachorro, se elle se atrever; vá elle para as profundas do inferno. Escorro-o no caminho e manlo-o de ta para a melhor. E sabe o que mais, o que você quizer que eu faça é só dizer.

— Está dito; está fechado; a offensa de um é a offensa de todos: juremos!

— Juramos!

Ao anitecer estavam os tres na casa de Francisco Benedicto, que já dava frequentes risadas, graças á chegada do seu filho, e de umas garrafas que elle trouxera de parte do Sebastião.

Os visitantes foram recebidos somente pelo velho e sua mulher, porque as meninas, desde manhã estavam na casa do compadre.

Depois das primeiras conversas, Sebastião Pereira disse ao velho que vinha a uma cousa de interesse acerca da qual queria fallar-lhe, sen lo ouvido sómente pelos dous amigos.

— Pois venha de lá este golle; disse o velho que tinha nas mãos uma caneca; molhe-se a palavra primeiro.

Sebastião comeou por fazer ver que tinha o seu pedacinho de terra, que era bom falquejador, remador e trabalhador de enxada. Nunca tinha passado misérias e ao contrario quando mettia a mão no bolso tinha sempre o seu vintem. Se não era rico, tambem não lhe faltava a graça de Deus, e a moça que se casasse com elle não ficaria de máu partido.

— Ora, eu tenho amizade á *sá* Cuiquina, filha de vosmecê e fazia gosto em casar com ella, se vosmecê quizesse.

O velho, depois de arregalar muito os olhos, e coçar a cabeça, respondeu vagarosamente:

— Homem, eu sei lá, isto é com vocês creanças. A rapariga pode não se arrumar e quem fica mal sou eu, e... no fim de contas, *seu* Sebastião, eu estou aqui de fresco, e sem fazer escandalo, perdõe que lhe diga, eu não conheço bem você.

— Pois *tire indagações*, *seu* Chico; olhe não lhe hão de dizer que eu sou desordeiro, nem ladrão, nem que tenha feito mortes.

— Eu lhe digo já, *seu* Sebastião, pelo que você me parece, está feito, mas sempre quero ouvir o que me diz o... uma pessoa.

Aquelle *uma pessoa* proferido pelo velho causou um estremecimento nos tres; Manuel João principalmente quasi perdeu os sentidos.

O velho, porém, ora coçando a cabeça, ora esfregando as mãos desfez a meio a impressão desagradavel, murmurando:

— Com que *seu* Sebastião quer que a gente coma doce breve?

— Sim, senhor, *seu* Chico, se não tiver contra mim alguma receita de gente do bocca amargosa.

— Qual, não ha de ser tanto assim.

Um aceo de Sebastião levou o Vianna da venda a tarta nu lear para o Chico Benedicto:

— E que diria vosmecê, *seu* Chico, se eu viesse nas aguas de Sebastião?

— Sem escandalo, respondeu o velho com uma longa risada; dizia que a vista faz fé.

— Muito obrigalo, *seu* Chico, eu é com *sá* Antonica, se vosmecê fizer gosto.

— O.é, quer vêr que vocês todos tres querem me depeñar a casa?

E poz-se a rir muito, sendo imitado pelos tres, e em seguida levantou-se, encheu a caneca e apresentou-a aos triumviros rusticos.

— Vá este *codrrio* á boa harmonia. Eu nada decido; mas vá á saude.

Na sala immediata ouviram-se n'este instante risadas, cochichos, e o *ruf-ruf* de *saias* engommadas.

— Oh! meninas venham fallar aqui, exclamou o velho.

Ao mesmo tempo entraram na sala Mariquinhas e Antonica, enquanto o velho murmurava com bonhomia:

— Andem lá, suas matreiras, velhaquetas de uma figa; aonde está a que falta, fugiu?

— Não senhor, responderam as moças ao mesmo tempo que lhe beijavam a mão; vem ahi com *seu* capitão!

Um pigarro impertinente começou a impacientar Sebastião Pereira, e este inclinou se na janella para escarrar, porém logo voltando-se para dentro, disse:

— Mas eu não os vejo por aqui.

— E' que nós fomos á roça, respondeu Mariquinhas; elles ficaram mais atrazados colhendo limas, e nós com a familia de *seu* capitão viemos andando. Mas elles já devem estar ahi pela *baixada*.

— Qual o que, quando vierem, vieram, respondeu o velho. Está em muito boas mãos.

— Lá isso é, accrescentou Sebastião inteiramente despeitado e olhando para os seus companheiros.

— Aquelle compadre é um folgazão, riu o velho, que fazia uma libação á caneca; brinca com essas raparigas como se fossem todos crianças.

— E é bem de vêr, rosou Sebastião.

— Está vindo, Mariquinhas, aquelle malvado tem *dôr de canellas*; resmungou Antonica.

— Deus esteja n'esta casa, exclamou fóra a vez grossa de Motta Coqueiro; licença para d'is.

Chiquinha entrou apressada e foi beijar a mão paterna e em seguida cumprimentar os hospedes.

Estes de pé responderam á saudação da moça e a de Motta Coqueiro que, parado ao limiar, todo vestido de branco, arrimado com a mão esquerda a um polido *manguá*, e tendo na direita o chapéu do Chile, deixava ver o seu alto porte e a cabeça ao mesmo tempo sympatica e severa, ornada

de cabellos e barbas grisalhas, esbatidas em faces magras, porén coradas, uma d'ellas marcada por um signal roxeado e longo. Por debaixo das sobrançalhas salientes as palpebras meio carradas coavam-lhe um olhar penetrantemente bom e por entre os bigodes grisalhos riam-lhe os labios finos um sorriso desprezenciosamente austero.

Voltando-se depois para as irmãs, entre risonha e seria, disse-lhes Chiquinha:

— Vocês *fizeram da bóa*; vieram e deixaram nós sósinhos.

— Moleque, chamou Motta Coqueiro, entrega as limas das moças e leva as outras para casa.

E continuou logo sorrindo:

— Está entregue; agora vou cantar n'outra freguezia. Bóa noite, meus senhores.

Sahiu risonho e aparentemente satisfeito, mas quando estava um pouco distante da casa; repetia em voz baixa: aquelle compadre não tem um pingó de juizo.

Logo que se acharam sós, exclamou Chico Benedicto para as filhas:

— Eatão o que andam vosmecês fazendo, que me vem hoje dois pedidos de casamento aqui; isto é medo, *meninas*?

As moças nada disseram, e o velho proseguia:

— A velhaca da Chiquinha, quem diria que gosta do Sebastião, e a sonsinha da Antonica do *seu* Vianna?! Sua alma, sua palma Fico ainda com a Mariquinhas e as tres pequenas.

— Mas falta ainda a receita, seu Chico, resmoneou Sebastião.

— Não falta nada, gargalhou o velho que tinha esvasiado mais uma caneca. Sabem que mais? conversem pra ahi com a mulher e deixem-na ir a um negocio.

Os tres acompanharam o velho até a porta e ahi permaneceram por algum tempo.

Emquanto a boia da velha entrou para

trazer o café aos hospedes, os tres acercaram-se das moças e cada um começou a conversar com a sua predilecta.

Manuel João, com a voz tremula, dizia para Mariquinhas, que empallidecera desde que ouviu ao pai dizer o motivo da visita de Sebastião e Vianna:

— Só *sá* Mariquinhas é que ainda não tem noivo.

— Eu não posso obrigar ninguém a querer casar comigo, e eu mesma não quero.

— Talvez, *sá* Mariquinhas, haja quem queira e não possa.

— Boas; quem quer póle sempre.

— E se fosse um pobre feto, sem eira nem beira.

— Eu tambem não sou princeza, e, trabalhando nós dois, havíamos de viver.

— E se seu pai não quizesse; se ficasse zangado com vosmecê?

— Paciencia; mas eu queria sempre.

Esta ingenua revelação do amor puro de Mariquinhas, quasi enlouqueceu o desventurado feitor; sorria enquanto que as lagrimas lhe e corregavam pelas faces. Por sua vez Mariquinhas tinha os olhos pregados no chão e com as pontas do indicador e pollegar beliscava o vestido sobre os joelhos.

Não havia duvida, o feitor era amado, e isto era para elle a maior de todas as venturas.

— Ficou zangada comigo, pelo que eu fiz, *sá* Antonica? murmurava Vianna.

— Eu o que não quero depois é estralala; vocês voltam a cabeça da gente e depois... passe muito bem, porque os pobres não regulam.

— Não diga isto, *sá* Antonica; o diabo não é tão feio como se pinta.

— Não digo, não: está lembrado do que me disse na brincadeira de Santo Antonio? Case e depois com-ce com historias.

— N'aquella noite eu estava meio tonto, minha negra; aguas passadas não moem moinho.

— E'... quem ouve agora o *capêta*! Debruçados na janella, conversavam Sebastião e Chiquinha. O violeiro esforçava-se por convencer a moça de que devia ceder a um pedido que lhe fazia.

Tinha cousas que dizer-lhe mas não queria que o ouvissem.

— O' Chiquinha, dizia elle; que diabo de melo é este? eu não sou bico; e já peli você.

— Não é por isso; é que papai póde ficar zangado; você bem sabe o genio d'elle, em scismando está tudo perdido.

— Mas elle está la com o compadre e séca-o toda a noite. Você diz que vai dormir e sai pelos fundos da casa: eu estou no cajueiro da *baixada*.

— Veremos...

— Eu espero.

A velha conorta de Francisco Benedicto entrou trazendo duas chicaras de café, ao passo que Mariquinhas sahia da sala e para logo voltava com uma outra chicara, que offereceu a Manuel João.

— Meu pai foi cavalleiro, disse Sebastião; eu já me fazia na picada e assim aproveito.

— Tão cedo?...

— Nem tolo o dia é dia santo, e amanhã tenho serviço.

Sebastião despeiu-se e após meia hora de palestra os outros retiraram-se tambem.

Lisongeado com o pedido feito pelo violeiro e pelo tendeiro, dupla face da independencia sonhada para as filhas no rendimento de uma ven tola e na posse de um sitio, Francisco Benedicto quiz logo saber o acelhimento que este facto merecia do seu compadre Motta Coqueiro, que melhor conhecia os pretendentes.

Ojelno firmara-se no proposito de nada resolver, senão de accordo com o seu bem-feitor, fosse embora prejudicial, fosse mau grado seu, obrigado a dar de mão á risonha perspectiva de felicidade, que lhe dominava o cerebro aguardentado.

— E' minha obrigação, dizia elle; anparou-me e tem sido meu amigo apesar

das más linguas; não houve cão nem gato que não me mettesse o dente, e elle fez a todos ouvidos do mercador. Hoje, nas horas de Deus, tenho onle metter a cabeça, e com os diabos, se eu não ouvir o compadre não devo ouvir mais ninguem.

Taes eram as disposições do velho aggregado ao dar o classico — oh! de casa — á porta da sala de jantar da casa grande.

O bom humor de Motta Coqueiro, e os modos prazenteiros de sua esposa, receberam alegremente a visita em meio da familia reunida em torno da mesa de jantar.

Vieram primeiro a narrativa do passeio e os elogios á prosperidade das roças do aggregado, tudo isso meio exagerado pela amizade que a dona da casa delicava ás meninas do seu hospede, que lhe respondia agralecido:

— A gente vai fazendo o que póde, *sá* comadre; somos só dois a trabalhar: eu que já não presto para nada e o Juca, que ainda não se póde dizer que é um homem. Na plantação e na colheita é que as raparigas e a minha velha ajudam. Mas vai-se vivendo, conforme Deus é servido.

Uma creoula pousou na mesa, em frente a Francisco Beneicto, uma chicara de café. O velho despejou o café no pires, e ao levá-lo á bocca, demorou um pouco o braço no ar, dizendo para Coqueiro:

— Eu queria que *seu* compadre e *sá* comadre me dessem uma palavra á parte.

— As mulheres não podem ser padras, meu compadre, e não sabem tambem guardar segredo.

— Mas não tolas, *sá* comadre; a minha velha é das taes, que o que se lhe diz é como jogar n'um poço.

— Vamos ao caso, compadre; disse Motta Coqueiro, que se havia levantado e tomava o correlor que communicava a sala de jantar com a de visitas.

Chegados ahí e sentados, o velho referiu miu lamente a visita de Manuel João, Vianna e Sebastião Pereira, o pedido que

esses dois ultimos lhe fizeram e concluiu:

— Eu estou velho, não tenho nada de meu, não disse que sim, nem que não; fiquei assim; vosmecês o que acham?

O embaraço interceptou por algum tempo a resposta; mas afinal a senhora de Coqueiro rompeu o silencio para expender uma evasiva:

— Eu não posso dizer nada, meu compadre, o senhor sabe que não moramos aqui; eu estou sempre na cidade, e, quando venho para o sitio, não saio de casa; portanto nada posso dizer.

— *Sá* comadre tem razão de não querer fallar; respondeu o velho, mas *seu* compadre póde me dar um parecer.

— O melhor é você fazer o que entender, compadre, respondeu o interpellado.

— Não senhor, eu preciso de saber do parecer de *seu* compadre. Sou novato aqui; debaixo de Deus só devo a *seu* compadre a casa em que estou morando e as terras em que trabalho. Quem dá o pão, dá o castigo; quem me avisa meu amigo é.

— Ouça bem, compadre, o que eu lhe vou dizer: nem o Vianna, nem o Sebastião querem casar com as meninas. Eu não pretendia dizer palavra, porque não gosto de envolver-me n'estas coisas; mas enfim, não quero que você tenha razões de queixa, quando se arrepedar. Eu no seu caso o que faria era dizer-lhes que não me viessem em casa, e se as meninas teimassem em querel-os para maridos, só lhes abriria a porta no dia do casamento.

— Ora vejã só que biscas aquellas, disse o velho saculindo a cabeça; e me *prozaram* com uma venda, com um sitio...

— E' verdade que o Vianna tem uma venda, mas vive com uma mulher e parece até que é casado com ella. O Sebastião tem umas terras, mas não as cultiva e não gosta de trabalhar. A vida d'elles é *fudós* e namoros. Eis o que tenho a dizer; o compadre é livre, faça o que entender.

— O diabo é que eu vejo a cabeça das

raparigas meio viradas para elles..., um inferno; não ha nada peor do que ser pobre.

A ultima consideração do velho denunciava uma quebra do proposito com que entrara na casa de Coqueiro: a imagem do sitio e da venda suffocava-lhe a reflexão. Além d'isso tinha esvasiado alguns canecos de aguardente, e o arrastado da lingua e o cuspinhar continuo denunciavam uma anormalidade nas suas faculdades.

Motta Coqueiro, como se se tivesse arrependido, mostrava-se contrariado, e mais ainda do que elle a sua esposa, que aproveitou, para retirar-se, o ensejo que deu-lhe a longa pausa succedida ás ultimas palavras de Francisco Benedicto.

Logo que a senhora retirou-se, Motta Coqueiro reatou a conversa a respeito dos esponsaes das filhas do seu compadre, porém, procurando desvial-a e fixal-a em outro ponto, e tanto mais decididamente quanto mais o velho mostrava-se propenso a não attender o seu conselho.

— E sem que se dê por isso, compadre, vai quasi para dois annos que voce está aqui comnosco.

— E' verdade, meu compadre, e em tão boa hora o diga, ainda não tenho uma queixa de nenhum dos donos da casa.

— Muito obrigado. O que você devia, compadre, era cuidar de fazer a sua casa. A em que você mora, está velha, e muito longe do seu trabalho.

— E' verdade, meu compadre, mas as plantações, têm-me atrapalhado. Agora se esses dois rapazes quizerem ajudar-me, eu, o Juca e elles sempre somos quatro e a cousa vai depressa.

Não havia duvida; Francisco Benedicto já fallava dos seus genros, os dois rapazes, e contava com elles.

— Pois faz muito bem: aproveite os para alguma coisa, disse Motta Coqueiro, levantando se.

O velho comprehendeu que eram horas de retirar-se.

Emquanto esta scena se passava na sala da casa grande, tenlo por unicas testemunhas algumas cadeiras vacias, e uns apparadores de jacarandá. Lá fóra, no campo do sitio outra se desdobrava ao luar, no silencio e no ermo.

O triumvirato de amantes dissolvera-se por aquella noite, mas um d'elles apenas, o Vianna, retirara-se immediatamente para a sua morada.

Os outros podiam ser encontrados nas circumvizinhanças da casa do velho aggregado.

Sebastião Pereira, conforme tratara com Chiquinha, foi esperal a na *baixada*. Era um logar apropriado para uma entrevista; os amantes alli ficavam pela propria natureza recatados aos olhares curiosos.

Uma grande entrada quasi circular, coberta de grama, levantava-se do sopé ao cimo da collina. D'hi um enorme cajueiro vergava todos os seus galhos sobre a entrada, cobrindo-a com uma especie de cupula. Um banco de pau ornava o silencioso e pouco frequentado recinto.

Deixando a casa do velho, Sebastião Pereira tomou cautelosamente o caminho que conduzia á *baixada* e deitou-se no banco, cobrindo o rosto com o chapéu. A sua immobildade, o nenhum ruido da sua respiração repreza faria crer a qualquer sertanejo, que alli entrasse, não serem mentirosos os contos de almas penadas e phantasmas de que lhe fallavam desde a infancia.

Aos segundos succederam os minutos, e a estes os quartos de hora, tardos como afiguram-se a quem espera. Nenhum gesto de sofreguião foi, entretanto, feito pelo violeiro; nem ao menos puchou pelo isqueiro e o cigarro, inseparaveis companheiros dos homens do sertão. Continha-o a paciencia do mal, inalteravel nos seus planos.

Passada meia hora, um leve ruido de saias engommadas, produziu em Sebastião o effeito de um choque electrico; poz-se em pé de um salto e conchegando

o chapéu á cabeça, guinchou se como um gato, pela face do escondrijo.

Quando já as mãos do violero tocavam o cimo da collina, a voz de Chiquinha, tremula e fraca disse de manso :

— Não está aqui, meu Deus, não está.

— Psit : sibillou Sebastião ; e continuou com voz gutural : espera !

A moça sem dizer palavra caminhou para debaixo da copa do cajaeiro.

Quem a visse ahi parada, ao passo que ainda de dentro do escondrijo só haviam sahido os braços e a cabeça de Sebastião, que tinha o resto do corpo pendurado julgaria vêr a presa magnetizada e immovel diante da serpente enorme, que lhe vai dar o bote.

O violero conseguira sahir ; e caminhando apressado para Chiquinha, prendeu nos braços e beijou a face da moça que o repellia, dizendo quasi a chorar.

— Me deixe, me deixe ; não foi para isso que eu vim cá.

— Fallou certo, *sá dona* ; eu e que não lhe devia tratar bem.

— Porque ; eu lhe fiz mal ?

— Escute só ! — disse o brutal amante segurando e puchando pelo braço a amedrontada Chiquinha.

— Onde é que você quer que eu vá, *seu Sebastião* ? falle aqui mesmo.

— Não quero ; podem ver-nos de lá ; vamos para a *baixada*.

— Não quero ir ; mas ãi póde me procurar ; papai póde chegar ; as outras podem dizer ; não quero ; não posso demostrar-me ; me deixe.

De feito, a leviana rapariga para acceder ao convite de Sebastião, que desviou-a com os seus versos de desafio e os repinica les da viola, tinha dito á sua mãe que se ia deitar por estar muito cansada, e não podendo illudir ás suas irmãs, que foram comsigo para o quarto, dissera-lhes que ia sóra um *instantinho* fallar com o noivo.

Nada objectaram estas, cuja educação não se oppunha a que os noivos tivessem

as maiores familiaridades. Todavia estranharam que Sebastião tivesse deixado de conversar em casa, e recommendaram á irmã que voltasse logo.

As observações de Chiquinha não produziram nenhum effeito sobre Sebastião : elle continuava a segurá-la e a puxá-la para si. Forojando contra elle, e tentando com o b aço, que tinha livre, abrir o circulo que lhe fizera a mão do amante em volta do pulso, choramigava tristemente.

— Não vou, não vou !

Segurando-a pelos dois pulsos, Sebastião trouxe-a violentamente para junto de si, e depois impelliu-a de chofre.

A moça cahiu sentada na r lva acompanhada na queda por uma injuria.

— Pó le ir, pó le ir, *minha sapeca* ; eu já sei de tudo. Ainda hade estar cansada ; tem medo que eu lhe faça o mesmo que o sarrinho do capitão.

A moça levava a mão aos olhos, e soluçando deixara se ficar sentada.

— Pó le ir, continuou o desapiedado ; *elle* póde sentir falta e vir procurá-la, eu sou quem já se vai.

E foi se pendurando novamente na borda do escondrijo, e deixando-se escorregar pela grama.

Como se fosse victima de uma allucinação inopinada, a atemorizada Chiquinha deitou a correr pela encosta em direcção ao escondrijo, e ahi, soluçando, lançou-se nos braços do violero. Affluam-lhe as desculpas.

— E' mentira ; é mentira ; eu não. O moleque Carlos bem viu, nem *seu capitão* disse nada. Que falsidade, meu Deus !

— Pois então, porque você me fez ficar zangado ? Olha que eu sou capaz de esfaquear um diabo por sua causa ; seja seu pai, seja quem for. Que quer ? eu estimo tanto você ; raios me partam se assim não é ; parece feitiço.

Entontecida pela revelação calorosa da paixão do seu amante, e ao mesmo tempo traspassada de susto, Chiquinha não des-

viava a face dos labios, nem tentava fugir dos braços de Sebastião.

A sua voz fraca, como se tentasse não ser ouvida pela propria moça, murmurava machinalmente desculpas para acomodar o amante, em quanto este, dando azas á seducção, inundava-a de phrases namoradas.

A esta sobreexcitação, seguiu-se um profundo silencio; depois sahiram silenciosos, e caminharam para o casarão, em cuja porta trocaram-se adeuses em voz sumida.

III

CADA UM EM SEU POSTO

O suspeito Manuel João concebeu a respeito da demora de Chiquinha e do capitão na colheita das limas a mesma idéa, que atravessou a lubrica imaginação do violeiro e occasionou a entrevista na *baixada*.

Era seu dever tirar a limpo a verdade; impunha-lhe o juramento que, havia poucas horas, empenhara n'um pacto de solidariedade inquebrantavel, e, tanto como o juramento, o proprio conceito que levedava-lhe a paixão no mais azedo ciúme.

A desconfiança, esse feio ouriço que se nos revolve interiormente, espetando-nos nas suas myriadas de espinhos a alegria, a boa fé, a benevolencia e a tranquillidade, sangrava-o no mais intimo, no mais sagrado do seu affecto.

Na conspiração horripilante, mas sem éo, celere nos movimentos devastadores, mas silenciosos, o hediondo monstro moral, com as secreções purulentas como o vomito do phisico, manchava quanto o amor podia phantasiar mais estreme, e a dedicação requintar mais esplendido.

Onde estava um brocado superpunha um andrajo; onde clareava um phanal urdia uma emboscada, onde brilhava um raio de luar estendia um bulcão; e, em vendo vicejar uma flôr, lembrava cavil-

samente a das nymphéas que se nutrem das aguas putridas dos brejes.

Contrastado pela suspeita, o feitor via no lhano entregar-se de Mariquinhas, não uma prova da bondade d'aquelle coração ingenuo, mas a cilada indecorosa da mulher decabida, que planeja a reabilitação na profusão dos affagos.

Os preconceitos haviam o por varias vezes esmagado, porque pertencia á raça mixta, á raça a que traçam raias ao coração e aos affectos.

Mariquinhas devia partilhar a opinião geral e, portanto, a sua acquiescencia ao amor, que lhe votara, devia ter um moel ou muito generoso ou miseravelmente baixo.

A primeira ponta do dilemma não feria a imaginação tresvairada de Manuel João; malferia-o, porém, a segunda.

— E' bonita de mais para um homem de côr, dizia elle; e ficava a scismar.

Um observador perspicaz, ao ouvir estas palavras, comprehenderia immediatamente que na memoria de Manuel João desenhava-se na suavidade do seu amorenado a pedir uma paixão selvagem, indomita, a imagem de Mariquinhas.

Parava como em extasis, deixan'o adevinhar que no seu espirito coava-se o olhar macio da moça, filtrado atravez de uns cilios negros, sedosos; olhar de pouco brilho, despretencioso, animador — uma gotta de oleo contendo um raio de luz, a derramar-se em inundação diaphana sobre um rosto oval, de linhas harmonicas, transparecendo singeleza e sinceridade.

Mariquinhas era realmente bella; arqueavam-se-lhe sob as narinas finas os labios semelhantes-as azas do tige no sanguineo colorido, e orlavam-lhe a testa pequena bastos cabellos negros, descendo em ondas lustrosas a envolver-lhe dois terços da estatura mediana. Seu collo igualava a curva de um arco bem talhado, de que partissem a pequena distancia as extremidades ponteagudas de duas settas.

Quando nas horas de trabalho ella

com as mãos aristocraticas conchegava ao corpo a saia de chita, esta compressão e a justeza do corpinho faziam lembrar os contornos de uma estatua.

O moço feitor fascinara-se de logo pela sertaneja encantadora; e agora que o ciume assolava-lhe as faculdades, elle, para concluir que havia uma torpeza no desapego de Mariquinhas por si propria e pelos preconceitos sociaes, punha-se em paralelo com ella.

Reflectia se no seu despeito sem causa e via-se bem differente do harmonioso conjuncto da sua amante.

Seu rosto modelado pelo typo indigena tinha a côr do genipapo; seus olhos grandes, á flor das palpebras criadas de sobranças negras, lançavam olhares asperos, amplos e incisivos. Por sob o cheio buço ondejavam-lhe em horas de ternura uns sorrisos atoleimados, embora através de duas linhas de dentes claros. As suas mãos eram calosas de mais para ameigarem-se n'uma caricia, e o seu porte desenvolvido ostentava a musculatura rija e abundante do homem de trabalho.

O que tinha, pois, em si que podesse attrahir á mais linda das filhas d'aquelle sertão?

Podia bem ser que ella só visse n'elle um nome de esposo, para encobrir alguma fraqueza dos quinze annos, e a falta de piedade de um fazendeiro rico.

Seria, porém, baldado esse intento, porque saberia sorprehender o ardil, e desmascaral-o.

Ruminando sinistras conjeecturas chegou o feitor á sua casa, depois de ter pedido na *sensala* vizinha um tição, com o qual accendeu o candeeiro.

Chegou para junto da mesa um mocho e assentou-se, cruzando os braços sobre os quaes deitou a cabeça, na borda da mesa, e absorveu-se nos seus pensamentos.

Só se lhe ouvia de espaço a espaço, le-

vantando a cabeça e dando uma forte punhada, exclamar:

— Não pôde ser; aqui anda coisa, por força.

E recahia no silencio e na primitiva posição.

Com um tableirinho, em cuja taboa viam-se um bule de lata, uma chicara, e um prato com tapiocas; um molecote desempenado, de semblante alegre e meneios francos, assomou na porta do feitor, gritando:

Oh! *seu* Manuel João, está aqui a ceia.

Quando acabou de fallar, já o tableirinho estava sobre a mesa.

Manuel João levantou-se como quem acorda sobresaltado; mas em vez de assentar-se de novo á mesa, caminhou direito á porta, fechou-a á chave, e depois veio collocar-se ao pé do moleque.

— Oh! Carlos, disse elle; tu queres ganhar uns cobres?

— Se vosmecê me der, eu gosto bem.

— Estão aqui, disse o feitor, que tirara do bolso do paletot uma nota de dez tostões.

Carlos arregalou os olhos, e, tartamudeou sorrindo:

— Qual é a empreitada, *seu* Manuel João?

— Jura primeiro que não contas a ninguém o que vou te perguntar?

— Por Deus, disse o moleque, cruzando dois dedos e beijando-os.

— O amo, a ama, os meninos e as filhas do Chico Benedicto foram passear hoje de tarde....

— Sim, senhor, e eu tambem fui, por signal que apanhei áquellas limas que vosmecê viu...

— E' isto mesmo. O amo ficou com *sá* Chiquinha e os outros vieram andando, não é?

— E' sim, eu logo vi que havia de dar na vista.

— O que? elles onde ficaram?...

— Não houve nada, não senhor; mas é que é feio.

— Escuta bem, Carlos, não me enganes; falla a tua verdade.

— Não houve nada, não; *senhor e sá Chiquinha* ficaram sentados na pedra, e eu trepei na limeira. Se houvesse alguma cousa eu via tudo, que eu bem que estava *assumptando*.

— Nem um beijo.

— Qual o que, *seu Manuel João*; *senhor* já está velho; e elle não gosta de *sá Chiquinha*, não *senhor*, que ainda agora eu ouvi lá na mesa elle estar fallando com a senhora por causa do *Sebastião*.

— Então elle gosta de alguma?

— *E* de *sá Mariquinhas*, porque elle estava dizendo que é a mais socegada de todas, e de mais juizo.

A revelação do moleque correspondeu uma explosão colerica do feitor; estava furo de raiva, espumava:

— Pois olhe, elle que se divirta, aquelle velho sem vergonha; racho-o de meio a meio, faço-o voar na bocca de um bacamarte, o traste. Quem o vê; se ella tem juizo, ou não, que lhe importa? Não é filha d'elle...

— Mas não é por mal, *seu Manuel João*, é porque as outras são faiscas.

— E ella é a mais tola e por isso elle vai-se chegando para ella, mas Deus o livre, eu não sou de brincadeira...

— Póde ser!...

— Você me espie o sujeito, Carlos; qualquer cousa que você veja, venha ter comigo; deixe estar que não perde o tempo.

— Deixe por minha conta!

O moleque dirigiu-se á porta, abriu-a e sahiu; *Manuel João* sentou-se á mesa e começou a tomar café.

Carlos havia de estar chegando á casa grande, quando um outro interlocutor veio substituí-lo junto ao feitor.

Era uma creoula de dezeseis para dezeseite annos, exhalando sensualidade dos olhares maliciosos e atravez do crivo da camisa branca.

Desde que *Manuel João* empregara-se

como feitor no sitio de *Motta Coqueiro*, intimas relações foram travadas entre elles. Separados durante o dia em virtude de suas posições, ella—escrava do *eito* e elle—feitor, reuniam-se á noite na igualdade do amor, e cejavam juntos entre risos e caricias.

Ninguém suspeitava siquer esta aliança: a creoula morava na primeira senzala, e para entrar na casa do feitor bastava dar alguns passos.

O moleque que trazia a ceia para *Manuel João*, com o seu grito á porta do feitor, advertia a creoula de que eram horas de reunir-se ao seu amante. Ficava então á espreita e logo que este se retirava, fazia ella a sua entrada.

Quando o *senhor* não estava no sitio ainda mais facil tornava-se a reunião. A parceira incumbida de apromptar a comida mandava pela amante o taboleirinho da ceia do feitor.

Na noite em que nos achamos a rapariga poz-se á espreita do moleque, segundo o habito, e sorprendida da demora, veio pé ante pé encostar o ouvido á porta para ouvir, e de vez em quando espiava pela fechadura para ver o que se passava.

A principio foi-lhe impossivel formar um sentido com as poucas palavras soltas, que excediam o diapasão do dialogo á meia voz; mas persistindo na sentinella, ponde para o fim saber ao certo do que se tratava.

Contendo o primeiro impeto, a crioula manteve-se no seu posto até que o moleque sahiu. De um pulo, collocou-se o vão entre a sua senzala e a casa do feitor, para logo voltar á entrevista de todas as noites.

Ao entrar fechou a porta sobre si, e foi como de costume assentar-se no mesmo banco ao lado do feitor. Este, porém, recebeu a friamente, sem levar-lhe á bocca a chicara para dividir com ella o café que tomava.

— Que é isso, o que é que lhe fez a sua

Carolina? perguntou ternamente a dissimulada crioula.

— Estou doente hoje, respondeu secamente o feitor.

— Se é quebranto, eu sei rezar. Eu curo-o hoje e de hoje em diante vosmecê traga no pescoço uma figuinha para livrar de máu olhado.

— A doença que eu tenho você não cura, sorriu tristemente o feitor; é molestia para outro doutor.

— Então já não está aqui quem fallou.

Calaram-se ambos; Carolina poz-se a beber pela chicara de Manuel João, em quanto este picava sobre a mesa o fumo e ajustava uma palha de milho para fazer o cigarro.

Enquanto bebia, a crioula fitava de soslaio o seu amante, e o seu collo, negro como as penas do anum, arfava larga e tumidamente. Rompeu por fim o silencio:

— Sabe do que estou me lembrando, *seu Manuel*?

— Sim...

— Da primeira vez que vosmecê fallou commigo no aceiro, quando eu passava com o barril d'agua para a *gente*.

— E por que lembrou você isso?

— Vosmecê estava dabaixo das baneiras, tirando fogo do isqueiro; chamou-me e deu-me de presente um lenço branco. Quando isto foi, ainda não era nascido o caçula de *senhor*; e d'ahi para cá vosmecê tratou-me sempre bem; ficava alegre quando me via...

A crioula enxugou duas lagrimas que lhe deslisavam pelas faces, e Manuel João, prendendo-a com o braço pela cinta, exclamou:

— De que é que você está chorando, Carolina?

— Pois não é assim; eu não lhe sujei as suas barbas e vosmecê já não faz caso de mim.

Manuel João tinha-se inclinado para Carolina e os seus labios quasi roçavam os grossos labios da amante, quando se pôz de

pé, de um salto, como se uma occulta força o houvesse repellido.

— Não estou zangado, não; exclamou contrariado, mas hoje quero estar sozinho.

As lagrimas seccaram-se nos olhos de Carolina; e a dignidade da amante ergueu-se de pé e solemne diante do feitor.

— Escute bem, *seu Manuel João*; eu não lhe estimo nem por medo nem por ganancia. Quero-lhe bem, está ahi tudo. Desde que lhe estimei, ninguem se pode gabar de ter visto os dentes d'esta negra. Não pense, não, que eu deixan-lo vosmecê vou andar por ahi. Pode perguntar ao Juca Benedicto como é que eu lhe repondo; e não hei de mular, não, ainda que o *senhor* passe a feitoria para o pai d'elle.

— O que? o que é que você acabou de fallar?

— Digo que não hei de mudar, ainda que *seu Chico Benedicto* fique sendo feitor.

— Você está mentindo; o amo ainda não se mostrou zangado commigo: não pode despedir-me assim, sem mais nem menos.

— Todo o mundo já sabe que o *senhor* vai chamar *seu Chico*; pergunte, para vê se é mentira.

Dando este golpe certo no amante infiel, a crioula sahio victoriosa, apesar das rogativas de Manuel João.

— Anda, dizia ella, lá fóra; vê quem vale mais, se são as brancas ou as negras.

— Feitor! feitor! elle, o pai! exclamava de vez em quando Manuel João; não ha duvida, uma das filhas é o pago de tanta amizade.

Chegando á sua senzala a crioula conservou-se algum tempo sentada na grossa esteira do seu leito miseravel, sugando de seu cachimbo negro densas fumaças opaladas.

Um caco de barro vidrado, em cujo fundo espessava-se uma camada de escuro azeite de mamona, d'entre a qual partia, para a borda do caco, uma torcida de algodão embebida do oleo e accessa na extremidade, dava luz ao cubiculo.

Por unicos ornatos via-se ahi uma velha caixa de madeira, uma corda estendida n'um dos cantos do quarto, na qual penduravam-se as saias brancas engomadas e o vestido de cassa domingueiro.

Pouco acima da cabeceira do leito, pendia da parede um quadro envernizado, em cujo fundo o artista desenhou uma bella mulher, de semblante sem tristeza, mas tambem sem sorrisos, na calma ineffavel da pureza. Rosto encantador, cuja testa debruavam crespos cabellos negros que lhe desciam até os hombros; o corpo de perfeição irreprehensivel, vestia-o uma tunica amarrada em pregas caprichosas, e sotoposta a um manto azul salpicado de estrellas. Os pés pequenos pousavam sobre uma grande nuvem da alvura das camelias e amparada por hombros e cabeças de anjinhos alados. Todo o conjuncto emoldurava-se n'uma ellipse de nuvens brancas, afastadas por um clarão.

A religião tinha santificado este quadro, consentindo que se escrevesse sob elle: Nossa Senhora da Conceição.

D'ante d'essa mulher immaculada, Carolina como que não se atrevia a dar som aos seus pensamentos sombrios: evaporava-os silente nas baforras de fumo.

A semelhança dos pantanos que dissimulam a existencia da lama de suas bacias, mostrando a superficie azulata coberta de grandes ilhas fluctuantes, videntes e tecadas de flores; a desditosa recalrava no coração os odios vingadores, enquanto que nos olhos merejavam-lhe as lagrimas, essas tristonhas flôres em que desabrocha o soffrimento das almas delidadas.

De subito, porém, arrancou d'entredentes o cachimbo, pousou-o no chão junto da cama, levantou-se e abriu a velha caixa que lhe estava em frente.

De dentro de um grande escaninho tirou algumas peças de roupa. Eram umas toucas de lã, umas camisinhas para recém-nascidos e alguns pannos de algodãozinho.

Depois de desdobrar-os entre as mãos e tornal-os a dobrar, a preta veio collocar se diante do quadro da Virgem; e as lagrimas até então contiias rolaram lhe em fios para logo estancarem-se.

No rosto de Carolina a expressão pungente foi então substituida pela da mais sombria raiva. As roupas foram feitas em tiras, calcadas e cuspidas, e a negra amante do feitor, depois de assoprar o candieiro, sahiu apressadamente do seu domicilio sem conforto.

Cosida com a parede das senzalas seguiu até a quinta janellinha e, pondo o queixo sobre o peitoril, chamou com voz abafada:

— Oh! tia Balbina, oh! tia Balbina; faz favor de abrir.

Lá dentro soaram uns estalidos de palhas seccas comprimidas; a janellinha abriu se.

— Que é que você quer com tia Balbina, quando o gallo não tarda a cantar?

— E' por muita precisão, tia Balbina; deixe-me entrar.

E Carolina, apoiando-se no peitoril da janellinha, pulou por ella para dentro da senzala.

— Que é que foi; deixa accender o candieiro.

A luz encheu o quarto, e deixou ver a interlocutora de Carolina.

Era uma preta alta, corpulenta, de olhos máus, injectados de sangue, nariz grosso e beiços tumidas.

Atava-lhe a cabeça um lenço de chita vermelha com frisos brancos, e vestia a até a cintura uma camisa branca de algodão trançado, e d'ahi até os tornozellos salientes uma saia da mesma fazenda.

Era cabinia e chamava-se Balbina. Havia, pouco tempo que se achava no sitio entre os escravos de Motta Coqueiro, entretanto a sua auctoridade sobre elles era maior do que a de seu senhor.

Ouviam-a como a um oráculo e as suas ordens eram attendidas como se fossem decretos.

Affavel nas horas de bom humor, rindo umas risadas expansivas, todavia nenhum dos seus parceiros atravava-se a requestar-lhe a reluzente frescura da sua pelle de trinta e tantos annos.

O ascendente sobre os credulos e broncos escravos do sitio foi conquistado por Balbina pelo dom especial que ella tinha de conhecer as ervas efficazes no curativo de todas as molestias e ainda mais aquellas que tinham certas virtudes especiaes, taes como amansar os *senhores*, apatear os brancos, e *assentar* o juiz dos amantes voluveis.

Diziam que ella tinha nas suas mãos a vida e a morte de todos, e para dal-as bastava apenas um olhar ou um assopro.

No eito tinham a por vezes visto chegar-se jurto ás cobras adormecidas, ou enraivecidas, e enxotal-as. Os reptis fitavam-a, agitavam as linguas e as caudas, tomavam mesmo a attitude de dar o bote, mas de chofre acovardavam-se e corriam amedrontadas á voz da negra que lhes ordenava a retirada immediata.

Alguns timidos denunciaram a tia Balbina como feiticeira, e Motta Coqueiro, depois de descobrir em poder da preta os instrumentos proprios de tal arte, para prevenir os envenenamentos possiveis, fez castigar severamente a escrava.

O castigo germinou no coração de Balbina um odio encanecido, e ella desde então só fitava o senhor de travez.

Accesa a vela, a feiticeira insistiu na pergunta:

— O que é que você quer com a tia Balbina, quando o gallo não tarda a cantar.

Carolina começou a fallar:

— Vosmecê sabe que eu estou pejada, mas não sabe de quem é.

Balbina, abaixando a golla da camisa, deixou ver o seu collo carnudo, onde se desenhava grosseiramente um olho aberto:

— Balbina sabe tudo, exclamou a feiticeira; casa não tem parede, gente não

tem segredo, bicho não tem maldade para Balbina. Filho de você é de Manuel João; mas o pai não se importa mais com a mãe de seu filho.

O espanto avassallou a creoula, que se debalhou em lagrimas.

— Não chora, não, criança; mundo é assim mesmo. Balbina criou o filho dos brancos, Balbina foi boa para o menino. Quando o filho dos brancos estava doente, Balbina sentia como se fosse filho d'ella. Menino já está grande; os brancos jogam fó a Balbina; põem a escrava de outro dono no meio dos escravos dos brancos. Lingoa má corta em Balbina, brancos dão ouvido; Balbina é surrada, como negro ladrão. Balbina soffre calada, porque maior é Deus. Tem amisade ao filho dos brancos, que não é filho de Balbina. Podia *soprar* a casa grande; mandar a cobra coral tirar nos brancos o sangue que correu das cestas de Balbina, mas não quer; soffre calada.

— Mas eu não quero soffrer assim, tia Balbina; não quero dar meu peito ao filho de Manuel João, basta que eu veja elle casado com aquella *fuisca*.

— Bico! disse a feiticeira, levantando um dedo aos labios. Você está dizendo peccado. Escuta primeiro a voz do chocalho de Balbina.

A feiticeira abriu de novo a janella e espreitou para fóra, depois tornou a fechala cautelosamente. Tirou de um gancho de páu pendente do tecto por uma corda, uma cesta de taquara; pegou do candieiro e do braço de Carolina e dirigiu-se para a repartição interior da senzala.

Colleceu o candieiro n'uma especie de prateleira pregada á ombreira da porta do interior, e ordenou a Carolina que se conservasse de costas para ella.

Voltou então ao logar em que estiveram e abriu uma caixa de onde tirou uma trouxa coberta com uma baeta vermelha, e tornou para junto da creoula.

Desdobrou então sobre o chão a baeta, e espalhou sobre ellas umas figas negras,

uns rollos de enxofre, uns maços de cabellos lanosos, um pequeno boneco disforme de feições gateadas e toscas, e uns ossos amarellados.

De dentro da cesta tirou um embrulho de arruda secca e um chocalho feito do esphercite de um cuité, tendo por cabo uma haste de taquara.

Depois de ter queimado um galho de arruda, e vendado com um lenço os olhos de Carolina, a preta acocorou-se e poz-se a tanger o chocalho perto da orelha, dizendo:

— O chocalho falla que Carolina ha de dar tres patetas para elle e uma vela para Nossa Senhora das Dores, outra para S. Benedicto e outra para S. Miguel.

— Faça, sim senhor, tia Balbina.

A feiteira tangeu de novo o chocalho.

— O chocalho esta dizendo que o filho de Carolina tem de soffrer captiveiro do *máu senhor*. Brancos podem surrar, podem vender o filho da sua escrava, e a escrava ha de chorar e tomar ogurisa dos brancos. Antes o filho não nasça, se ha de passar tantos trabalhos; antes vá para os anjos no taboleiro com rosas e girasões. A cobra zangada cu morde a quem a zanga, ou morde o seu corpo d'ella. A mãe que tem de ficar sem o filho, que é seu sangue, é como a cobra zangada.

— Sim, sim, tia Balbina.

— Escuta ainda, criança, continuou a africana, tangendo sempre o chocalho; — a coral briga com o lagarto; a cobra faz rodilha e sacode a lingua de fogo; o lagarto pára, estica a cabeça chata e espera. A cobra dá o bote, o lagarto faz roda e chicoteia, e quando é mordido sabe no matto a herva contra adentada, que mata. *Zambi*, que está lá em cima, foi quem lhe eninou o remedio. Carolina foi mordida no coração, *Zambi* lhe ensina o remedio.

De manhã, em jejum, o caldo do limão corta, a cinza do burralho come.

— Sim, sim, tia Balbina.

— Mas é pelo *máu senhor*, que morre o filho de Carolina, que devia ser bonito

como seu pai, com seus cabellos cacheados e pelle de *capixaba*.

Carolina pôz-se a soluçar.

— A mãe chora porque tem bom coração, mas tem também *máu senhor*. Se é pelo feitor não tem que sentir. O Chico, pai da que tirou o socego de Carolina, entrou na casa dos brancos em tempo de lua nova. A semente que se planta n'esta lua, morre, a madeira que se corta, racha e apodrece. A lua apparece um bocadinho e entra logo, e tudo fi a escuro.

A camaradagem de Chico com a casa grande dura pouco; veio na lua nova. As filhas do aggregado gostam de gente de que o *macóla* tem queixa, e quando elle souber, briga com o aggregado.

— Já sabe, já, tia Balbina, exclamou Carolina, que tinha ouvido a conversa do moleque com o feitor.

— Melhor para Carolina e para nós todos. O *máu senhor* disse a Fidelis que Manuel João não puchava pela gente, e que o melhor era dar a feitoria ao Chico, de quem a gente resmungava. Mas a gente não terá tal feitor, porque elles já estão ruzgando. Fidelis ha de chamar seu senhor para mostrar o que o aggregado faz na roça dos brancos, e o Chico não será mais feitor, porque elle é soberbo.

Balbina viveu na casa grande de seu primeiro senhor, e sabe como são os brancos. O moleque Carlos vai contar ao senhor que vem toda a noite gente de fóra pcurar na casa do Chico, a mucama diz á senhora o que fazem as filhas, e tudo está acabado entre o aggregado e o *máu senhor*.

Carolina vai primeiro do que os dois, justo de seu senhor, dizer que tem um filho do feitor, e Manuel João perde a feitoria e a filha de Chico volta logo as costas para elle. Carolina conta também a Manuel João que o Chico anda pedindo a feitoria, ha briga entre os dois e Manuel João não volta mais a casa do pai da moça de que elle gosta. Balbina faz o resto.

— Está direito, tia Balbina; eu faço tudo.

Houve uma pausa, a feiteira levantou-

se e foi queimar outro galho de arruda. Depois revolveu a cesta e tirou de dentro d'ella uns busios e uma bolsa de panno toda cosida e pendente de um corião presas nas extremidades da bolsa, e collocou-a no pescoço de Carolina.

Acocorando-se de novo, secudiu na mão por tres vezes os busios, atirou os sobre a baeta, e agitou o chocalho ainda uma vez. Ergueu-se então, e pegando de um dos rôlos de enxofre chegou o á chamma do candieiro, enchendo d'esta fórma o recinto de um cheiro nauseabundo.

Depois lançou novamente os busios, e enrolou a baeta com os instrumentos cabalísticos, e desatou a venda dos olhos de Carolina, dizendo-lhe solemnemente :

— A cobra, quando vai lavar-se e beber agua no rio, lança o veneno na folha da herba que está mais perto. Póde morder agora que não tem veneno para matar. Carolina ouviu o segredo do chocalho, está nas mãos da criança perder tia Balbina. Como o carreiro bota a canga no pescoço da junta de boi, o *máu senhor* mandará pôr o tronco pesado nos pés da feiticeira. De madrugada na revista, o chicote tirará sangue das costas da má escrava, e Carolina ficará querida.

Mas a cobra, que perdeu o veneno, faz a rodilha junto do brejo; o sapo vem pulando e gritando e ella olhando o bicho pucha-o, pucha-o para a bocca e d'elle tira novo veneno. Carolina não póde dizer nada do que ouviu ao chocalho; será seu o mal da tia Balbina.

Depois de afirmar muitas vezes á feiticeira que guardaria o maior segredo, a creoula saltou de novo a janella e retirou-se para a sua senzala, onde, refocilada na perspectiva da vingança, adormeceu facilmente.

O candieiro continuou acceso na senzala de Balbina, e quem espiasse pela fresta da janella, e applicasse attentamente o ouvido vel-a-hia sentada, com o caximbo negro á bocca. De vez em quando

porém, ella tirava o caximbo e pronuciava estas palavras agoureiras.

— Hum, hum, os brancos? A negra creou o menino; era a mãe preta, e elles não deram nem um canto da casa grande para ella morar. Tomaram o menino das mãos da negra e metteram n'ellas a enxada. Depois o chicote fez feridas nas costas da feiticeira, e o menino nem olha mais para ella. A *ririó* machucada morde, a escrava desprezada mata.

O canto do gallo tão apregoado por Balbina fez-se ouvir afinal, e a preta que estremeceu ao ouvir o, deitando-se presto, apagou o candieiro.

Ao passo que nas senzalas das duas pretas e na casa do feitor o despeito, o ciúme, e o odio colligavam-se em ameaças rædonhas e planos temiveis; na casa grande desfizera-se já a passageira contrariedade motivada pela consulta do velho aggregatio.

Motta Coqueiro substituiu o máu humor pela piedade, e ao voltar á sala de jantar para o meio da familia, conversando a respeito dos esponsaes, reflectir á sua senhora:

— Quem sabe se eu não teria evitado os casamentos se houvesse dado ao compadre a feitoria do sitio?

— Qual o que, Sr. Motta, respondeu-lhe a senhora, o compadre está tão namorado como as filhas pelas cantigas de Sebastião, e além d'isso é necessario não esquecer o vicio da bebida.

— Foi o que impediu-me e hoje se eu lhe desse tal logar, os genros mudavam-me até o sitio com as casas e tudo.

— Agora é que é aturar o compadre; se elle sem motivo nenhum andava sempre *em grande gala*, quanto mais agora que tem razão para estar alegre.

— E' verdade; ha de ficar insupportavel; o que vale é que eu já lhe disse que tratasse de fazer a sua casa.

— E será bom fallar-lhe sempre; não deixal o dormir.

A conversa desviou-se d'este ponto

sendo substituída pelo das trivialidades domesticas, e algumas medidas urgentes, no entender da senhora.

Uma d'ellas sustentada com mais calor e afiro era a de apressar-se o córte da madeira. A razão occulta do entusiasmo da senhora na sustentação d'esta urgencia era a sua antipathia pela residencia no sitio, obrigatoria agora pelos interesses pecuniarios da casa, muito respeitadas pela senhora.

— Descance, affirmou-lhe Motta C queiro, dentro em quinze dias hei de começar a carrear a madeira, e com certeza dentro em um mez poderemos mudar-nos para a cidade.

— Deus o permitta; não pôde haver logar mais triste no mundo do que este sitio; parece um logar amaldiçoado. Por minha vontade, Motta, você desfazia-se d'estas terras.

— É o resultado era não encontrar facilmente outras com tão boas madeiras.

— É o que não falta por ahi.

Sempre que a conversa sobre tal assumpto chegava a este ponto, os esposos por uma inspiração do bom-senso passavam a occupar-se de outras materias, quando não a interrompiam de todo.

Na noite em que nos achamos a conversação teve o seu ponto final no da ultima phrase da senhora, e a familia, levantando-se da mesa, cada um de per si, foi para os seus aposentos.

D'ahi a pouco o somno fez silenciar toda a casa, excepto uma sala onde o moleque Carlos, deitado de costas sobre uma esteira, posto um dos braços sob a cabeça, com a bocca escancarada roncava forte e continuamente.

Cinco dias decoreram sem que nenhum successo importante viesse articular-se aos que deixamos narrar. A feiticeira e a creoula pareciam ter esquecido o plano de combate traçado em palavras cabalisticas. No oito e á noite ao voltar á casa não se trocavam senão as saudações usuaes, e isto mesmo friamente.

A astuta africana prevenia assim quaesquer suspeitas, que porventura podessem gerar-se no pensamento do feitor, que todo absorvido nos seus projectos de surprender os imaginados amores de Coqueiro e uma das filhas de Francisco Benedicto, talvez a Mariquinhas, nem siquer reparára, que a zelosa Carolina já não o visitava mais.

Durante todos esses dias Manuel João não se tinha encontrado com os seus companheiros e nem podia atinar com a empreza a que tinha ido o violeiro.

Tambem a sua preocupação especial era vigiar estreitamente os passos do amo e os das filhas de Francisco Benedicto.

Como o jacaré, no tempo do choco, vai collocar-se a alguma distancia, e de lá, olhos attentamente fixos, ouvidos sollicitamente prestados, todos os sentidos, emfim, aguçadamente applicados, vigia o ninho de onde ha de nascer-lhe a prole, e ao menor estremecimento, ao menor ruido acode prompto como um raio, feroz como uma panthera, decidido a atacar, e a morrer ou a matar; Manuel João, entregue á conflagração dos zelos e á guarda da sua amante, seguia os menores e mais insignificantes movimentos do seu amo e resolvido a punil-o desapiedadamente.

A's vezes, pelas estreitas picadas da matta virgem passava tranquillamente o fazendeiro, cortando com o facão de matto os galhos inclinados sobre o trilho. Dirigia-se ao logar onde os seus escravos e jornaleiros trabalhavam no falquejar da madeira e na derrubada das arvores seculares.

Os seus gestos machinaes, communs a todo o homem do sertão quando caminha, provavam que elle estava bem longe de desconfiar de uma emboscada e prevenir-se contra ella.

Entretanto, diversas vezes á beira da estrada, occulto por detraz dos trançados de cipós e das enredanças de unhas de gato, alguém, escondido, espreitava-o. Era o

feitor, que, de espingarda engatilhada, vacillava em disparar-lhe a arma.

O transeunte despercebido era defendido apenas por um resto de consciencia, que ainda sobrevivia limpida na alma rebolcada do feitor, e que lhe aconselhava verificar primeiro a existencia de causa justa para tamanha vingança.

A fria premeditação do feitor espojava-se então na hediondez dos instinctos sanguinarios, como o porco farto no lamacal do chiqueiro, e como no focinho alongado e negro do animal ficam a branquear as duas longas presas curvas, no rosto do assassino intencional ficavam sempre á mostra o despeito e o odio.

Automaticamente o emboscado deixava cahir cautelosamente o cão sobre o ouvido da espingarda e afastava-se por entre o matto.

Não era porém um arrependimento o que o decidia; a reincidencia provava que esta resolução era um simples adiamento da sua fixa decisão.

No sabbado da semana a que nos reportamos, uma triste contrariedade veio pôr em movimento toda a familia de Motta Coqueiro.

Pelas nove horas da manhã appareceu em casa, arquejando de cansaço e lavado em suor, o preto Fidelis, pedindo á toda pressa um lençol para improvisar com elle uma rêle, e assim conduzir Carolina que estava cahida no aceiro a estrebuxar com um ataque. Dava gritos como o uivar dos cães á noite, e o seu desejo era principalmente esganar-se e de-pedaçar a roupa. Esforçava-se para levantar-se e em seguida cahiria em cheio no chão, se difficilmente não a contivessem os parceiros, que tinham deixado o serviço para soccorrel-a. Depois de uma serie de movimentos bruscos, a doente ficou immovel, inteiriçada como um defunto, mas logo crispando lhe o rosto ininterruptas contracções, começou a prantear como se fôra uma criança, e renovou os phenomenos assustadores.

A narração dos symptomas, feita pela geringonça do preto, encheu de espanto a familia de Coqueiro, e este ordenou ao escravo que montasse a cavallo para que o soccorro chegasse mais prompto á enferma.

Passada cerca de uma hora de anciedade, entravam na casa grande tres pretos e o feitor, dois dos quaes traziam aos hombros a rede; os outros tinham vindo revesando.

Tirou-se de dentro da rede Carolina desfigurada, sem sentidos, inerte, um quasi cadaver. O seu rosto tinha perdido o reluzente brunido da saúde e substituíra o a feia côr dos pannos pretos mofados. O suor borbuhlava lhe inestancavel por entre a pelle da testa e das grossas narinas.

A dona da casa principiou logo a ministrar os mais serios cuidados, e os mais efficazes remedios caseiros que tinha á mão.

Andava para lá e para cá; aqui estendia um synapismo, alli pisava no almofariz umas sementes. Gritava por uma escrava para que trouxesse a agua quente para o escaalda-pés, e a outra que fechasse a janella para não entrar o ar. Era uma ãobadoura.

No meio da inopinada tarefa, a boa da senhora não perdera o tino administrativo de que era dotada; harmonisou logo os cuidados á enferma com os cuidados diarios da casa.

Disse a Manuel João que não voltasse para o serviço antes de almoçar, porque assim poupava-se o trabalho de arrumar o seu almoco entre o dos pretos.

A um dos escravos que vieram, o preto Domingos, ordenou que esperasse um pouco para levar o cesto do almoço da gente e despachou os outros para a roça.

Graças á tanta habilitade e sangue frio, os trabalhos domesticos retomaram todos a sua marcha habitual, e logo foi aviado o preto Domingos.

Agil e expedito, e ainda mais acossado pelo appetite, o africano chegou prompto-

mente á roça, e chamou os seus companheiros para a refeição.

Era um caracter nobre o do preto Domingos. A resignação tornava-lhe sympathico o rosto chato e feio. Amadureceram-lhe os annos e até certo ponto a própria severidade do seu senhor o instincto da obediencia. Tinha a fidelidade do cão, e a passividade da besta de sella. Investia contra os que atacavam a casa grande e os brances e resfolegava e recuava diante do abysmo de perversidade dos seus parceiros, que muitas vezes tinha-se-lhe aberto diante, attrahindo-o com suggestões iniquas.

Depois de tirado o eito, os escravos com as enxadas ao hombro dirigiram-se para o aceiro, onde sentaram-se, depòdo os instrumentos de trabalho.

Domingos distribuiu por elles as diversas cuias, onde uns pequenos quinhões de carne secca assada sob esahiam da alvura do pirão de farinha de mandioca.

Feito isto, o preto, honesto e discreto, afastou-se do grupo e foi sentar-se distante sobre um largo tóco á sombra de uma laranjeira.

O acaso fez com que no centro do grupo ficasse a tia Balbina, que modificara os trages em que vimol-a na sua senzala apenas em trazer hoje uma saia de zuarte.

Acompanhando com os olhos o preto que se retirava, a feiticeira, provocou a hilaridade dos parceiros, dizendo.

— Bem faz Domingos, foge dos maus escravos para não perder a carta de forraria.

— O nome d'elle está sempre na bocca da senhora; exclamou Fidelis, chasqueando.

Todos começaram a comer com o sadio appotite de homens de trabalho. Alguns juntavam á refeição da casa as iguarias que prepararam de vespera, e as offereciam fraternalmente aos outros.

— Quer um pedaço a'este gambá enso-pado, tia Balbina?

Perigrino, o parceiro que fez a pergunta acompanhou com os olhos a interrogação, e exclamou em seguimento a esta:

— Uhê, o que é que tia Balbina tem, gente?

Todos olharam para a feiticeira. Balbina, pousado o queixo na mão e apoiado o cotovello no joelho, olhava distrahida para o céu. A sua razão estava intacta diante de si.

Sabiam todos que semelhante posição correspondia sempre ás grandes dores ou preoccupações da cabinda, e por isso perguntaram em côro:

— O que é que tem, tia Balbina?

— Não é nada, creanças. Estou imaginando na minha vida.

— Qual; vosmecê tem alguma cousa.

— Para não fallar mentira, estava imaginando outra cousa. Carolina está muito doente...

— E' verdade, parece cousa posta; que molestia tão ruim! disse Fidelis.

— E' verdade, respondeu o côro.

— Carolina está para morrer porque está com um filho de Manuel João, que anda agora ás voltas com a filha do aggregado. A creoula tem sangue de cobra, ficou tinindo quanto soube. Depois lembrou que o filho ha de ser escravo; nasce para o chicote e para o eito. Não quer mais que o filho abra os olhos, coitada! Ella pó'e ir-se embora tambem, se Balbina não fôr salvar a creoula de seu senhor.

— Antes morra, se ha de ficar boa para soffrer.

— Que tem que ella soffra? Nós vamos soffrer, e ella é nossa parceira. O aggregado vai ser feitor; senhor disse, Fidelis ouviu. Homem máu, seu Chico, homem máu aquelle! Enche a bocca de negro captivo; hoje elle não é ainda feitor, mas diz:—vou fallar com o meu compadre para mandar metter o chicote no negro. A feitoria vai para seu Chico, ou Manuel João fica mais bravo para nós. De hoje em diante nenhum me passa d'aqui (a preta

assignalava com o dedo o pescoço); tão bom como tão bom. Fidelis podia bem livrar a gente; senhor falla com elle. Era dizer: Manuel João não está mais na roça uma hora inteira; Chico Benedito furta as roças de senhor. O *macóta* bufava, e a gente estava livre.

— Isto é que é fallar certo, exclamou Peregrino, um dos pretos do grupo.

— E' verdade.

— Eu sei lá; vocês depois dizem a senhor que Fidelis é que não gosta dos dois.

— Nós? ...

— Quem é que vai dizer ahi? interveiu tia Balbina; ceu está vendo nós; onde vai quem disser? O gallo quando canta é vida para o que faz bem e morte para o que faz mal; tia Balbina entende o canto do gallo. Onde vai Fidelis? Vai salvar os escravos do *macóta*; é bem para todos. Onde vai quem fallar contra Fidelis? Vai perder seus parceiros; é mal para todos. Balbina adivinha; o ceu vê; *Zambi* castiga.

— E está muito direito.

— Pois, diabos me levem! no primeiro geito eu arrumo a cama para os dois.

Teve toda a razão a dissimulada Balbina quando considerou gravissima a enfermidade de Carolina.

Attentando contra a vida do filho, conforme o expediente aconselhado pela feiticeira, poz em risco a propria vida.

Dir-se hia a revolta da natureza indignada contra a degeneração dos sentimentos da mulher, que deu de mão aos sonhos maternas, mundos roseos e brilhantes, onde branqueiam azas de archanjos atravez de irradiações de amor.

A innocencia condemnada parecia pehir á dôr as mais aguçadas púas para com ellas broqueiar asselvajadamente o organismo enfraquecido da creoula.

Não havia abançar-lhe o soffrimento: o dia inteiro passou o ella debatendo-se em ancias dolorosas bem semelhantes ás da agonia derradeira.

Os remedios, como se fossem uma injeção caustica, longe de acalmarem-lhe, exacerbavam-lhe as dôres.

Era o cadaver da vingança galvanizado por paecimentos horriveis, ou melhor, pela electricidade da dôr. Ora quedava inerte, quasi algida, com a respiração imperceptivel, inundada em suor viscoso; ora levantava-se sobre os punhos, com a cabeça pen-lente, o corpo descrevendo sobre o leito um angulo obtuso, e, arquejante, prorompia em gemidos aguios, pungentes.

Era o prenuncio do ataque assustador, medonho, com as contorsões da serpente, e as unhas do jaguar; com o ganido dos cães leprosos, e o ranger de dentes dos condemnados eternos.

Qual fosse a mo'estia ninguem estava habilitado a diagnosticar; inclinavam-se todos a uma idéa—o feitiço.

— Carolina amanheceu boa, diziam; alegre, como sempre antou, febres não eram, porque não teve os calafrios das se õas, andaço na localidade; não tinha nenhuma chaga; não era pleuriz porque não se queixava de dôr no peito; logo era feitiço.

Todos involuntariamente lembraram-se da tia Balbina, sem to-lavia attribuir-lhe maus intentos para com a creoula, que nunca foi por ella maltratada; mas ao contrario sempre quer da.

— Talvez a Balbina conheça, dizia a dona da casa; o melhor é mandal a vir, não é, Motta?

D'pois de reluctar, não só quanto ás geraes manifestações sobre a molestia, mas ainda quanto á vinda da Balbina, Motta Coqueiro cedeu afinal, e a feiticeira trançou-se sozinha no quarto com a doente.

Senta-la á borda do leito, esperou tranquillamente a occasião opportuna para fallar-lhe.

Ninguem que a visse ahi poderia suspeitar que a feiticeira contemplava a sua obra sombria de vingança; estava serena,

nada denunciava sequer um traço de remorso.

Quando lhe pareceu chegado o momento de fallar, começou:

— Carolina vai sahir d'aqui e vai contar a sua senhora porque é que a creoula está doente. Mas não diz que tomou remédio da tia Balbina; conta outra cousa.

A creoula fez com a cabeça um signal affirmativo.

— Carolina está soffrendo, mas o pai do seu filho ha de soffrer tambem. Tia Balbina ha de vingar a creoula.

A feitiçeira sahiu e revelou á senhora a molstia de Carolina: era um aborto.

Infelizmente este conhecimento nada aproveitou á tranquillidade da familia; malograram-se todas as esperanças de melhoras, e alta noite creram todos que a doente não amanheceria.

Resolveu-se então que se Carolina não morresse n'essa noite, logo pela manhã a senhora acompanharia para a cidade afim de serem prestados os socorros medicos á creoula.

Esta incipitada mudança do sitio seria entretanto definitiva. O corte da madeira estava quasi concluido e brevemente Motta Coqueiro podia deixar de residir ali. A senhora, portanto, não precisava mais de voltar para contrariar-se em residir em um logar, com o qual antipathisava.

No dia seguinte effectuou-se a mudança, e uma canôa, vigorosamente remada por braços robustos, voava em direcção a Campos.

A casa grande cahiu na mais sombria tristeza; dir-se-hi que a torturavam saudades amargas ao recordar-se dos dias em que repercutia sonora as alegrias da familia.

Alguem no entanto contrastava com esta tristeza; era Manuel João, que applaudia se por ter agora occasião de vigiar de perto os passos do seu amo.

Ficando só, Motta Coqueiro passava as poucas horas de lazer na casa do compadre, mas, com grande espanto de Ma-

nuel João, nunca penetrava no interior do casarão. Asseitava-se á porta ou conservava-se a cavallo emquanto entretinha-se a narrar cousas banaes e ao paladar dos cuvintes.

Um dia, porém, o feitor teve occasião de recordar-se do que lhe dissera Carolina no dia em que cortaram as relações.

— Compadre, disse Motta Coqueiro; eu vou começar amanhã o carregamento da madeira e precisava que você e seu filho ajulassem-me.

— Eu sei, compadre; mas, eu já estou velho e o Juca para que diabo serve?

— Então vocês não prestam nem para amarrar uma balsa? Saiba, comadre, a qualidade dos homens que tem.

A familia riu-se muito e Motta Coqueiro continuou:

— E eu que tive tenções de chamar este meu amigo para feitor; estava bem arranjado!

— Mas isto era outra coisa e se o compadre quizer...

— Veremos; por agora quero sómente que vocês se occupem de embalsar a madeira.

A larga faca de Manuel João luziu fóra da bainha; o despeito esbrazeiava-lhe as faculdades revoltas; não pensava, não discernia; o cerebro exhalava-lhe espessas labaredas de odio e de colera.

Surgindo d'entre uma espessa moita de peixiriqueiras, collocada perto da parede do casarão e que lhe servia de escondrijo, o feitor seguiu pé ante pé, e teria realisado os seus fins se não se desse uma circumstancia feliz.

Motta Coqueiro que se conservava a cavallo, em quanto conversava com o compadre, ao dizer-lhe as ultimas palavras, tinha se feito ao largo.

O feitor, para ataca-lo, devia investir de frente; mas era bastante covarde para não tentar semelhante commettimento.

Indignado contra si proprio e contra a fatalidade que sempre defendia o seu rival imaginario, o feitor tomou o caminho da venda do Vianna.

Ao chegar, o vendeiro que descobrira nas feições descompostas o tuultuar dos sentimentos do amigo, perguntou-lhe sobresaltado o que tinha havido no sitio.

— O diabo, um inferno, mil raios me partam; maldicta a hora em que eu entrei para semelhante casa!

— Mas o que foi, homem, desembuche!

— Quer saber, seu Vianna, eu estou aqui e estou na cadeia; não aturo desaforos; por onde anda o diabo do Sebastião?

— Espera um pouco; oh! com os diabos, você parece maluco; o Sebastião não ha de tardar por ahi; accommode-se...

O vendeiro, hypocrita como todo um mosteiro e astuto como cincoenta rapozas, percebeu logo que a situação do triumvirato era perigosa.

Desde o domingo em que pela ultima vez esteve na casa de Francisco Benedicto, reflectindo com madureza, resolveu impellir com todas as forças o violeiro e o feitor e conservar-se em uma distancia, que o preservasse de ser tido como cumplice em algum acto reprovado dos dois.

Sabia elle já a que fôra o violeiro quando os deixou no casarão; sabia mais que Sebastião ia todos os dias ao sitio e ali encontrava-se com Chiquinha, ora no porto, ora na *baixada*.

Conhecendo de perto o character de Motta Coqueiro nas suas asperezas e nas suas delicadezas, evitava o seu desagrado; era a isto levado por uma questão moral mas principalmente por nma questão economica.

Supina imprudencia seria irrital-o e indispol-o contra si, quando por outro lado o Chico Benedicto nada valia, nem apresentava difficuldades serias.

O vendeiro pensando em Antolica via simplesmente um breve afastamento; as circumstancias aplainariam as difficuldades, e o borradore as prateleiras da vendola dariam a ultima de mão ao problema.

As palavras de Manuel João impressionaram entretanto a alma do calculista, fria

como o chumbo oxidado dos pescs da sua balança enferrujada.

Tomando um copo e enchendo-o de vinho, Vianna caminhou para Manuel João, e pondo-lhe um braço sobre o hombro, emquanto com o outro apresentava-lhe o copo, resmungou:

— Então com que você quer nos deitar a perder, *seu* homem; isto não é por força que vai, é preciso geito. Vá lá o *codrrio* e depois vamos á falla.

— Beba você primeiro, seu Vianna.

— Não senhor; venha de lá.

Manuel João bebeu, e a convite do vendeiro sentou-se com elle no balcão.

— Então com que o cabrinha está com o diabo na pelle? quer pôr o mundo abaixo? interrogou Vianna, que tirava de sobre o pavilhão da orelha um cigarro e levava a elle o isqueiro.

— Você está com caçuada, *seu* Vianna, e eu hoje não estou para graça. Fellemos serio, o Sebastião vem aqui, ou não vem? si elle não vem, eu vou á casa d'elle.

— E' verdade que o demo está tardando, respondeu Vianna já impressionado; o melhor é irmos á casa do bicho. Espera, eu vou buscar os remos.

— Vamos mesmo, porque eu sou capaz de fazer uma asneira.

Passa los alguns minutos, Vianna fechava a porta da vendola e os dois com os remos ao hombro caminhavam em direcção ao porto.

Era a hora serena do crepusculo, hora em que as sombras invadem o céu e as consciencias, em que surgem as estrellas e os salteadores dos seus escondrijos; em que o firmamento começa a inundar-se de luar, e os viajantes a mergulharem-se no temor das emboscadas; em que a poesia desdobra-se em chimeras e o crime espraia-se em torpezas.

Manuel João entrara pela pequena canôa que estava no porto, e Vianna já a havia desamarrado de uma estaca, quando ouviram o prolongado oh! com

que os canoeiros annunciam a sua aproximação de alguma casa conhecida.

— Ouve; é elle, disseram os dois ao mesmo tempo.

Passado algum tempo toda a confusão que porventura podesse haver, desapareceu. A voz sonora e agradável do violeiro, repassada da suave melancolia das musicas sertanejas, ergueu estas estrophes predilectas:

Quando chega a primavera
Abre-se a arvore em flores;
Quando chega a mocidade
Veste-se o peito de amores.

Pois que amar é sorte nossa
Quero pagar meu quinhão;
Não dou ouro á minha bella
Mas lhe entrego um coração.

A prôa da canôa, bordada pelas ondas espumantes que abria e levantava no rio, appareceu na curva da corrente, e ouviu-se o estalido forte da pá do remo batendo em cheio na superficie das aguas.

— Olé, bradou o violeiro; o frade sahio hoje do seu convento, vem dar noticia do baptisado.

— Qual, respondeu o vendeiro; está bravo como um cão damnado.

Manuel João nada disse.

O canoeiro desembarcou, assoviando, e foi reunir-se aos dois.

— Então que novidades ha no becco, seu Manuel João; melhor cara tenha o dia de amanhã.

— Sabe que mais, Sebastião; você veja o que faz, respondeu o feitor; eu já não posso mais; eu estouro.

— Credo, isto agora é que não é do trato. Oh seu Vianna; este bicho está certo?

— Não é graça, não; aqui anda cousa; vamos ao caso, Manuel João.

O vendeiro via talvez pelos ares a sua vendola e queria o mais brevemente possível saber o que devia fazer.

Foi promptamente satisfeito, porque o feitor começou a narrar a conversa que ouvira aos dois compadres, e concluiu dizendo:

— Olhe, seu Sebastião, eu saio d'alli, mas vou para a cadeia, porque eu tiro a vida ao patife do capitão.

Os dois guardaram silencio durante a narração; quando o feitor concluiu, Sebastião tomou a palavra.

— Você não me faça tolice, seu Manuel João; que tem você com o Coqueiro? se elle faz roda á pequena; seja você fino. Eu cá não serei logrado; faça o que eu fiz.

— Mas o que é que você fez? deixe-se de rodeios....

O violeiro chegou-se para mais perto do feitor e segredou lhe algumas palavras; depois levantando a voz, disse sorrindo:

— Olha, o Vianna não se amefina tambem; mais dia, menos dia... Você anda por shi como um palerma. Veja que não vá morrer de fome se sahir da casa do Coqueiro.

Manuel João tinha os olhos em fogo, e as narinas infladas; parecia allucinado.

— Seu Vianna, interrogou elle com efforço depois de uma grande pausa, é verdade o que disse Sebastião? você é capaz?

— Ora, tire o cavallo da chuva, respondeu o vendeiro, você ou é um tolo ou é um bregeiro de conta. Olhem que santinho!

O desgraçado feitor nada respondeu; talvez tivesse vergonha das palavras que devia proferir.

Até então nada podia provar que elle adherisse ao segredo soprado aos seus ouvidos pelo violeiro, tinha até nos olhos uma onda de lagrimas, as derradeiras lagrimas puras que elle choraria em sua vida, se após ellas não viessem as do arrependimento.

Mas, ao retirar-se comprehendia-se que a sua colera tinha asserenado e que se elle não levava uma resolução, affagava ao menos uma esperança.

Quando Manuel João de tanciou-se, o vendeiro disse para o violeiro :

— Aquelle demonio é bem capaz de perder-nos.

— Não pense n'isto, respondeu Sebastião, aquillo é um covarde.

IV

A EXECUÇÃO DE UM PLANO

Ao voltar ao sitio o feitor foi recebido por uma reprehensão aspera de Motta Coqueiro.

E' que sahindo precipitadamente, esquecera de que dispunha de horas de trabalho, consagradas a uma séria obrigação—fazer a revista.

A' noitinha os pretos vindos da roça depuzeram na cozinha os feixes de lenha, e encostando os machados e as enxadas da parte de fóra, postaram-se em linha no terreiro.

Depois de esperar por largo tempo, a conselho de Fidelis, levantaram a saudação usual:—louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo.

Só então Motta Coqueiro appareceu na janella, e admirando-se de não vêr Manuel João, responderam-lhe que ainda não tinha chegado em casa.

— Elle não esteve assistindo ao serviço? perguntou Coqueiro.

— Já ha muito, respondeu Fidelis, que quando o senhor vem embora, *seu* Manuel João acompanha o senhor.

— Está bom; podem ir.

A delação era grave e a censura foi-lhe proporcional, mas nem assim alterou o bom humor em que ficou o feitor depois da consulta ao estucioso violeiro.

Sentado á soleira da porta, cousa que não fazia havia tempo, Manuel João poz-se a tocar viola, cantarolando quadras amorosas, até que veio interrompê-lo o moleque Carlos, que lhe trazia a ceia.

— Olé, exclamou o moleque, *seu* Manuel João está adivinhando passarinho verde.

— Mais respeito, *seu* vadio, nós não somos da mesma igualha.

— Já estou na moita, meu bratco, disse o moleque e já se fazia de volta, quando o feitor agarrando o por um braço inquiriu-lhe sobre novidades.

— Tudo velho, respondeu Carlos, hoje é que eu hei de ver cousa nova.

— Boa ou ruim?

— Eu quero ver para acreditar; tia Balbina diz que viu lá na *baixada*, quando foi procurar uma herba para Carolina....

Pelas palavras de Sebastião, ditas em segredo, e a ultima resposta do Vianna, o feitor suspeitou qual seria a visão da Balbina, e como não lhe conviesse que o segredo fosse aos ouvidos do amo, tratou de dissuadir o moleque.

— Balbina é uma tonta, disse elle, pode ser pêta e você perde o tempo.

— Qual pêta, *seu* Manuel, ella diz que viu uma das filhas de *seu* Chico entrar.

— E' que ella estava p'sseando.

— De noite? sósinha? Ai! que *seu* Manuel João é o meco, atinei!...

— Máu, máu! faça ponto na graça, e já lhe digo que estas cousas não são da sua conta.

— Mas foi *vosmecê* quem me mandou que espiasse...

— Mas é então o senhor? interrompeu o feitor sobre alto.

— Qual senhor, nem meio senhor; pobre do velho.

— Está bom, Carlos, você está se a liantando de mais; fica o dito por não dito.

Carlos na ta respon'eu, mas ao sahir passou a mão pela cara e depois agitou-a brantamente no ar, voltando-lhe a palma para a casa do feitor.

E' o signal de que se servem os receiros para dizer que vão tirar desforço da offensa que lhe foi feita.

Simple mimica da vingança, ella é muitas vezes o começo de uma complicada trança de ardis, cada qual o mais temivel, até chegar muitas vezes a um desenlace fatal.

Manuel João ficou visivelmente preocupado com as palavras do moleque; tinha certeza de que a comunicação d'este facto a Motta Coqueiro, que sabia da sua amizade com a familia do aggregado e podia dar-lhe a auctoria, seguiria como consequencia a perda da feitoria, já imminente.

Depois da ceia, começou a medir a passos lentos a sala, anseando de um para outro lado, e afinal sahiu cautelosamente.

Rodeiou as senzalas applicando-lhes o ouvido ás paredes, principalmente na em que residia Balbina.

Reinava completo silencio, ninguem podia velo nem interrogal-o, a não serem as myriadas de estrellas que tremeluziam no céu, e os vivos e rapidos meteoros que se despenhavam de vez em quando, mudas interjeições de luz, que talvez Deus enviava dos céus aos arcanos d'aquelle espirito.

Certo de que estava só, o feitor dirigiu-se para a *baixada*.

Quando estava perto, deitou se na relva e, rastejando, chegou até o cajueiro, pelo qual trepou ligeiro, tomando entre a ramagem uma posição onde não podia ser visto.

Aboletado no seu escondrij, não tardou muito que se visse obrigado a desaljar-se. Um vulto appareceu da parte opposta e para aproximar-se da *baixada* serviu-se do mesmo expediente posto em execução pelo feitor. Mas em vez de entrar no ponto da entrevista, o vulto arrastara-se até uma pequena moita proxima e conservara-se deitado.

— E' elle, pensou o feitor, e chamou á meia voz: oh! Sebastião, oh! Sebastião.

Longo de obter resposta, reparou que o vulto tentava esconder-se caia vez mais entre os arbustos.

— Que patife, rasmungou o feitor, até a mim quer enganar, fiavello!...

A' proporção que fallava, o feitor deixava-se escorregar pelo cajueiro, e, na firme convicção de que era o violleiro

que por gracejo buscava esconder-se, rastilhou em direcção á moita.

D'entre a moita o vulto surgiu arrastando-se imperceptivelmente e quando Manuel João chegou ao logar em que elle se achava, não o encontrou mais, nem pôde descobri-lo quer no escondrijo, quer ao longe no campo.

A natureza supersticiosa do feitor accordou-se então em sobresalto, porquanto entendia elle que era impossivel a quem estivesse occulto na moita de parecer ante seus olhos.

Demais o ar a pouco inodoro impregnava-se agora de um intenso cheiro de aruda, a planta predilecta do demonio.

Assoviando baixinho, para dissimular o susto, o feitor subiu a encosta da collina e tomou o caminho que costeava os fundos da casaria.

De espaço a espaço olhava para traz, impressionada com o som dos proprios passos, e por fim treçou o trilho pelo grammal, que lhe abafava o ruido do caminhar.

Só cobrou animo quando chegou ao casarão em que morava o Chico Benedicto.

Encostando-se á parede, tirou doisqueiro e poz se a ferir fogo, e, uma vez acceso o cigarro, foi apalpar a porta dos fundos e depois a de uma janella, que olhava para a banda da *baixada*.

Com grande espanto seu, sentiu que a janella cedia ao leve impulso que lhe imprimira, e abria-se com o fino guincho das dobradiças sem oleo.

O feitor estremeceu como se o percorresse um calafrio. O que não se póle dizer é se elle atem risara-se ou se reluctava contra algum desejo de subito incendiado.

A qualidade do officio que tinha no sitio impunha-lhe até como dever esse percurso nocturno em volta da casaria, e o amo que sahisse fóra e o encontrasse alli, não podia censural-o, antes teria motivo para elogios.

A janella aberta explicava-se facilmente; para isto bastava dizer a verdade, e o

resultado seria uma profusão de agradecimentos.

Mas nem por isso a posição do feitor era menos embaraçosa. O que havia de fazer? acordar a família? prender a janella por fóra?

A noticia, dada a Francisco Benedicto, seria motivo para uma explosão tremenda contra as filhas; subir ao peitoril para d'ahi puchar a porta da janella e prendel-a, era demasiado arriscado.

Se passasse alguém e encontrasse-o em tal posição, não attribuiria por certo a uma idéa nobre o que visse, e a diffamação corresponderia á expulsão do sitio.

O feitor recuou involuntariamente, mas como se obedecesse a uma força magica de atração veio novamente collocar-se junto á janella.

Ahi conservou-se a principio em uma immobildade de montanha, contendo a respiração, para depois exhala-a n'uma onda. Era a estatua da voluptuosidade profanando com o seu hálito o sanctuario do poder.

O cicio do resfolegar das moças, que dormiam no quarto, terramava-se no ambiente n'uma cadencia magica, e, se póde dizer — adhesiva.

A não avelludada e macia que se esmera n'uma caricia, o olhar meigo que se enlanguece n'uma supplica, ou se abandona n'um consentimento, o labio que se entrega morno de amor, são fontes de delirios indiviseis, de sonhos inenarraveis. O respirar da mulher amada, ouvido pelo amante, falla primeiro á imaginação, penetra-o suavemente de uma sensação que tem alguma cousa de angelica e ao mesmo tempo de infernal. Como um condensador electrico attrahe e repelle; é ao mesmo tempo um incentivo á affiteza e um anteparo á resolução. Faz pensar ao mesmo tempo na profanação e no cavalheirismo, e envolve o espirito em uma rede incommoda onde se misturam, matisados pelo mesmo colo-

rado. flos que nos guiarão ao crime, a outros que nos levam até a abnegação.

E' que se imagina que o hálito exhalado vem impregnação dos anseios do coração amado, das imagens que lhe povoam o cerebro, que desejamos se estreite para tudo mais que não seja o pensamento do nosso amor; e esse imaginar sobreexcita-nos o egoismo, que conta com o perigo e atreve-se por ella, ao mesmo tempo que a consciencia levanta-se tentando combatal-o e vencelo.

A pouco e pouco o feitor foi movendo-se, a principio tomou a posição de quem escuta, mas logo desejou mais do que ouvir. Collocou a cabeça sobre o peitoril e poz-se a olhar.

A tibia claridade da noite deixava apenas perceber a alvura dos lençoes adheridos ás curvas formadas pelos corpos das adormecidas, mas a phantasia, esse clarão indiscreto que inunha os mais reconditos arcanos, esta divisoou talvez mais, muito mais.

Gradativamente erguendo-se, o feitor chegou a collocar até meio corpo dentro da janella, e a firmar-se nos pulsos, para realizar o salto dentro do quarto, mas o estallar das articulações obrigou-o a descer sobresaltado, e a recuar de novo.

Arrastou-o, porém, a vertigem do crime, e resolutu voltou ao lugar de onde sahira.

Apoiando-se então afoitamente sobre os punhos e erguendo-se vagarosamente, sentou-se no peitoril. Então levantou geitosamente as pernas para passal-as pela janella. Mas a extrema cautela não poude prevenir um desastre; as pernas bateram na porta da janella e esta foi, guinchando, esbarrar na parede. O miçavel escalador conteve-se em meio do salto e atirou-se para fóra precipitadamente.

Uma palavra, um grito podia perdello aos olhos de Motta Coqueiro e este, se sabia relevar com brandura, sabia tambem punir com severidade.

Levantando-se de prompto, o feitor deitou a correr como se fôra perseguido.

Entretanto só o perseguia a consciencia da infamia que tentou levar a effeito.

Meio acordadas pelo barulho, as moças apenas revolveram-se nos leitos, voltaram-se e continuaram a dormir.

Na carreira que levava, o feitor costeou sem tropeço o casarão e a casa grande, mas, ao sahir do vão entre esta e a casa era que residia, foi obrigado a deter-se.

A luz que sahia de uma das senzalas cuja porta estava aberta, deixava ver um vulto de mulher.

O cansaço embargou por algum tempo a voz do corredor; demais, fallar era no mesmo instante dar logar a uma suspeita contra si, ca o alguém da familia de Chico Benedicto houvesse accordado ao barulho que fizera na escadada.

Por outro lado a auctoridade que exercia no sitio obrigava-o a fallar, sob pena de ver perdida a sua força moral.

Depois de descansar um pouco, Manuel João caminhou ainda arquejante até á porta da senzala, e dissimulando o espanto com uma admiração, flagidamente benevola, perguntou :

— O que é que você faz ahí, tia Balbina?

— A negra perdeu o somno, veio sentar na soleira da porta, para ver o céu de Deus.

— Mas porque é que você perdeu o somno? não trabalhou hoje, não é? amanhã ha de ser dobrada a doze.

— A negra veio cansada, sim, e foi para a sua cama dormir. Mas o canto da coruja veio com seu agui o tirar o somno de Balbina. A lembrança de Carolina, que foi quasi morta parar nss mãos do doutor, veio apertar o coração da negra. A pobre da creoula devia ter um filho bonito, e o filho vai morrer tambem. Balbina, que sabe, tam pena de mãe e de filho, e a negra chorou e não pode dormir.

— Está bom, tia Balbina; veja se vai dormir.

No timbre da voz de Manuel João trahia-se uma profunda angustia; era um soluço do remorso articulado no tom da bonhemia.

Balbina, porém, não apiedou-se do soffrimento que percebeu e replicou-lhe pela ferocidade de uma ironia cruel:

— Vosmecê pó le dormir, porque nada tem com a creoula, nem com o filho d'ella; Balbina, não; ella estima Carolina como se fosse sua mãe.

Manuel João calou-se e seguiu para a sua morada. Quando a luz do candieiro deixou verem-se-lhe as feições, havia n'ellas o cunho da extenuação e do soffrimento.

Os successos da noite enchiam-o de um panico supersticioso; vigiava-se como se julgasse seguido e não ousava apagar o candieiro.

N'um continuo vai vem, o desgraçado ora apertava a cabeça entre as mãos, ora segurava a larga faca polida, que lhe pendia da cintura, e brandia-a.

Alevinhava-se que aquelle espirito nutava entre o suicidio e o remorso.

N'um accessso de furia o feitor, com os olhos injectados de sangue, os labios e as mãos tremulas, segurou, entretanto, resolutamente da faca, que parecia fascinal-o.

Olhou para o tecto e em seguida levantou o braço tendo a ponta da faca voltada contra o peito; mas o instrumento assassino cahiu-lhe da mão e o desgraçado cahiu sobre um mocho, collocado junto á mesa e escendeu a cabeça entre os braços.

Entre o silencio gereram os pios agoureiros da coruja.

Sobre tamanha angustia a noite passou descuidosa, como a criança que brinca junto de um leito de moribundo. E' que a natureza é surda e cega para a pequenez humana: carregada de sombras ou inundada de luz, a vida do soberano des

seres creados não desvia uma linha a prescripta ordem da criação.

Para recompensar-nos ou punir nos só nos resta a serenidade do bem ou as torturas do mal que praticamos.

O céu ou o inferno edificamolos nós mesmos diariamente a jorros de honesto heroísmo ou a golpes de infame covardia: para o primeiro a consciencia, tranquillidade, a luz da paz e da virtude; para o segundo e passa-nos a memoria as trevas relampeantes do remorso.

Ao romper do dia ninguem poderia dizer quão amargurasas tinham sido as horas da noite para o contradictorio caracter do feitor.

Desperta-lo do torpor, que o avassallara, pelo barulho dos escravos, Manuel João acompanhou-os até o terreiro com apparente bom humor, levando o seu recalcar de soffrimentos ao ponto de sorrir benevolamente á repetição da censura, que na vespera lhe havia sido feita pelo amo.

Este ordenou-lhe que no mesmo instante dêsse providencias para começar o carreto das madeiras, a fim de serem embalsamadas por Francisco Benedicto, seu filho e outros empregados que mais tarde contractaria.

Ao concluir a ordem, Motta Coqueiro, misturando a asperesa á longanimidade, disse para o feitor:

— Mas veja bem, Sr. Manuel João, é preciso não perder tempo; não faça o momento.

— Um dia não são dias, respondeu-lhe Manuel João, e meu amo o verá.

Desde esta hora a gente do sitio poz-se em actividade e quanto o sol a pino elevava intensamente a temperatura do ambiente, os bois já não eram vistos, ruminando tranquillamente á sombra das arvores espessas; ao contrario, e com os musculos distendidos, as grandes e roxas linguas pendentes, as grossas ventas desmesuradamente abertas, caminhavam a passo lento e regulado, arrastando após

si immensas zorras, que sulcavam o campo ao pé de enormes toras falquejadas.

Na casa de Francisco Benedicto o dia correu através de comentarios acerca da janella aberta.

A maioria opinava por uma explicação muito natural dos espiritos educados na mais grosseira superstição.

— Isto, dizia a velha, ha de ser aviso de algum conhecido que morreu ou não tarda muito a morrer.

Chiquinha, porém, conservou-se impressional desde o amanhecer, e seu naturalmente risonha, não tivera uma expansão durante o dia.

— E' muito medrosa esta Chiquinha, diz am-lhe as irmãs, ficou com medo do tûtú.

Nem o gracejo, nem os carinhos das irmãs conseguiram dissipar a tristeza da meça que, no isolamento, chegava até as lagrimas.

N'uma das occasiões em que achava-se só, Chiquinha depois de absorver-se em prolongada meditação, ao enxugar as lagrimas que lhe borbulhavam, exclamou resolutamente:

— Não quero mais enganar os meus; vou acabar com isto.

No dia seguinte devia começar a executar-se o contracto feito entre Motta Coqueiro e seu compadre, para o embalsamento da madeira, e o fazendeiro foi portanto lembrial-o ao agregado.

— Amanhã não me falte, está ouvindo, compadre? eu tenho pressa do trabalho.

— O compadre está desejoso de matar saudades, mas olhe que não ha tanto tempo assim que ficou sem a comadre.

— E' isto, mas tambem outras razões, e eu quando tôr agora por Campos não taro cá tao cedo.

A familia de Francisco Benedicto, que assistia á conversa, interveiu então para mostrar-se penalizada com a nova. Antonica levou, porém, a demonstração de

pezar a tal exagero, que não passou despercebido a Motta Coqueiro.

Conhecedor dos seus aggregados e do commum dos receiros nas mesmas condições, Motta Coqueiro, reatando a conversa, dirigiu-a de modo que puzesse bem patente as suas intenções.

— Este trabalho que faz-me grande conta, disse elle, é tambem um adjutorio que o compadre tem para fazer a sua casa. Eu vou-me embora, e o compadre bem sabe o que são negros; em eu voltando as costas pintam a manta por aqui.

— Lembra muito bem, compadre, eu tenho de ir hoje ao Vianna e lá fallarei com elle sobre o negocio.

Depois do jantar Francisco Benedicto disse a sua mulher que ia á venda buscar provisões.

— Vamos agora para o serviço do compadre e elle é amo com quem não se brinca; começada a obra não ha arredar pé.

Pouco depois da sahida do pai, Antonica pediu a sua mãe que a deixasse ir até a casa grande fallar com a Izabel cozinheira, que lhe ficara de dar uma camisa, para fazer-lhe por ella uma gola de crivo.

— Eu quero vêr se mando vir pela canôa um vestido para o Anno Bom, e quero segurar estes cobres, mamã.

A velha mãe não oppoz obstaculo ao pedido da filha.

Motta Coqueiro estava sentado na sala de jantar da casa grande, quando Antonica passou tão apressada como se não desejasse ser vista.

— Então vae fugida, perguntou elle; parece um pé de vento.

— Vim fallar com a Izabel.

— Então não perca tempo; faz-se noite e por ahí andam lobis-homens.

— Que me importa, respondeu a moça; é cousa de que eu não tenho medo.

Antonica passou pelo fazendeiro e entrou pela primeira porta. Depois de algum tempo, quando talvez Motta Coqueiro já não pensasse n'ella, a moça appareceu

na porta do corredor; e disse com voz suavemente modulada:

— Izabel foi buscar uma camisa para servir de molde á que ella quer que eu faça.

Motta Coqueiro, que estremecera ao ouvir as palavras de Antonica, voltou-se entretanto, disfarçando a commoção, e exclamou com intimidade:

— Ah! você faz camisas para vender; eu hei de lhe mandar panno para você fazer me tambem uma de peito bordado.

— Ora, seu capitão tem muito queza faça, não precisa de uma matuta feia.

— Não pregue mentiras que é o que é feio.

— Estão eu não sou feia? E como é que ninguem gesta de mim?

— Ah! que você é uma grande mentirosa, Sra. Antonica. O seu pai já disse-me as cavallarias altas que lá vão por casa com o... o... Para que está ficando vermelha; levante os olhos, deixe o lenço socogado... Ah! sozinha.

Antonica experimentou, de feito, uma sensivel mudança quando Motta Coqueiro revelou-lhe que sabia de seus esponsaes com o vendeiro.

Com os olhos baixos, as faces em branzas, e as mãos a enrolarem as pontas do lenço, que lhe cingia o pescoço, a moça estremecia como se fóra presa de renitentes calafries.

Não querendo augmentar a perturbação de Antonica, o fazendeiro calou-se. Entre ellas estendeu-se o silencio electrico que precede ás grandes explosões do coração, como o relampago precede o fulminar do raio.

Juntava-se a este silencio a solidão e melancolia do crepusculo a cercarem esse encontro inesperado.

Como se copiasse o palpitar contido d'aquelles corações, um velho relógio de parede movia a pendula, batendo compassadamente.

Antonica foi a primeira a romper o

silencio, e, dando á voz a brandura da pelúcia, ponderou :

— Mas se o *seu* capitão quizer eu não me caso.

— Eu, filha? Eu nada tenho com isto.

— Nada?! perguntou ella admirada.

Mas a comprehensão de Motta Coqueiro não illuminou se apesar de ouvir esta dolorosa interrogação, em que a moça parecia haver encarnado a alma iateira.

N'esta simplissima palavra encerrava-se toda uma historia de padecimentos indescriptiveis, e expandia-se a confissão queixosa de um segredo, que ninguem já mais percebêra, guardado pela mais reflectida precaução, calculado hora á hora para coar-se com a victoria.

Entretanto uma desillusão amarga, fria e acerbamente reprehensiva vinha mallograr todo o trabalho de longo tempo, e esvaecer a esperança que morosamente fecundara-se, e, crescendo dia á dia, olhava como cer a a realidade.

Durante todo esse padecer o coração de Antonica, fugindo de exhibir-se á luz, só uma vez não pôde conter-se e deu fórma aos seus sentimentos.

Foi na noite festiva do Santo Antonio quando o violeiro pronunciou desattenciosamente o nome de Motta Coqueiro.

N'esta mesma occasião, porém, mascarou com a gratidão o seu amor, e teve d'ahi em diante força para não permitir nunca a mais leve franqueza a sua paixão, que para satisfazer-se não mediria consequencia, não obstante procurar esmagar-se de encontro a um casamento de conveniencia.

Para dissuadir-se e esquecer-se, aproveitava a ausencia de Motta Coqueiro, as quebras temporarias do magnetismo do seu olhar, para dar ouvidos e provocar os galanteios de outrem.

Assim era que tinha animado os desejos de Vienna, sahindo-lhe ao encontro com uma lisonja, e favoneando-lhe a esperança com um medido abandono.

Mas esta resolução inconsistente, e aéria desaparecia logo, e a moça recachia no tedio e na abstracção.

Era tão zelosa do seu ideal, que percebia ao longe a mais imperceptivel sombra que se dirigisse para elle: e só ella interpretou quanto havia de travoso na ironia do violeiro, apreciando a demora de Caiquinha e do capitão.

N'aquella alma tão trabalhada, e que de repente viu-se forçada a quebrar o sigillo que se impuzera, o despeito chegou até a allucinação.

A principio quedou immovel com a cabeça encostada á ombreira da porta, mas em seguida caminhou para Motta Coqueiro.

Santificava-lhe o desalinho das feições a solemidade da tristeza e recitava-lhe a desenvoltura da phrase a eloquencia da dôr.

— Então, disse ella, não se importa que eu me case com outro; não vê que eu não quero, que eu não serei feliz? Não tem nada para me dizer; nada? nada?

Motta Coqueiro levantou-se estupefacto; esta scena era tão inesperada que elle temeu que estivesse diante de uma louca, e só pôde dizer á Antonica:

— Pois se você tem tanta aversão a este casamento, não ceda, minha filha; deixe estar que eu fallarei com seu pai e hei de protegê-la.

Ao dizer as ultimas palavras um dos braços do fazendeiro tinha cingido a moça que soluçava.

Antonica deixou pender a cabeça sobre o peito de Motta Coqueiro, e levantando para elle os grandes olhos negros, murmurou:

— Sim, sim, não deixe; eu lhe juro, não gosto d'elle.

— Descance, filha, descance, seu pai não ha de obriga-la; você ha de casar com quem quizer.

— Se *seu* capitão soubesse, continuou Antonica, as dôres que eu tenho passado, como tenho escondido de todos o que eu

Soffro! Ninguém pôe desconfiar apenas. Eu tinha medo de lhe dizer; vosmecê me estima só como a uma criança, e não vê...

— O que é que eu não vejo, Antonica...

Como uma fêra, que, sendo desapiadadamente fustigada, avança contra o aggressor, mas é contida no impeto pelos ferros da jaula; assim enalvecida, Antonica levantando os punhos cerrados e rangendo os dentes, fitou os olhos esgazeados na face pallida de Coqueiro, que recuara instinctivamente.

A moça quiz fallar, mas não ponde; tentou avançar, e cahiu arquejante e livida.

Entre o susto e a piedade, o circumspecto fazendeiro tomou-a nos braços, e os labios pousaram na fronte descorada de Antonica.

Depois conduziu-a para um canapé que estava proximo, e deitou-a, pousando-lhe a fronte sobre os seus joelhos. Era um pai velando uma filha doente.

— Não tem culpa de que faz, murmurou Coqueiro, depois de contemplal-a longamente; é a inexperiencia que a impella.

— E' a ingratição que me mata, respondeu Antonica, e levantando-se de chofre, sahio sem lançar sequer um olhar ao seu honrado guardador.

Apenas Antonica sahio, uma voz vinda do corredor que desambocava na sala, perguntou humildemente:

— Senhor quer que acenda o candieiro.

— Deixa-me com mil demonios, patife; ninguém te chama cá, respondeu Coqueiro.

A extemporanea pergunta, que dizia claramente que alguém tinha preseociado pelo menos o final da scena, que procuramos descrever, era feita pelo malicioso Carlos.

O diabrete negro tinha visto Antonica entrar na casa grande e viu disfarçadamente collocar-se, a principio, n'uma saleta proxima á sala de jantar, e em seguida ponde escender-se por detraz da porta,

que separava esta ultima sala do corredor, e d'ahi espreitou quanto se passava.

A curiosidade guiara-lhe os passos e elle regosijou se interiormente, certo de que a narração do que vira lhe reconquistaria a familiaridade realosa do feitor.

— Moleque, gritou Coqueiro, depois de algum tempo de silencio.

O moleque com os braços crusados sobre o peito veio postar-se diante d'elle.

— Ouve bem, continuou o senhor, só vosmecê entrou aqui a esta hora; se uma palavra só, das que se disseram aqui, for sabida, eu manto-te surrar e atiro-te para a enxada: não serás mais meu pagem.

Carlos affastou-se si encioso.

Antonica entrou em casa fingindo-se extremamente contrariada com a escrava, a quem accusava de tal facto esperar por muito tempo e finalmente adiar para o dia seguinte a seloção do negocio.

O ardil produziu o desejado effeito, porque ninguém reproou na desfiguração que lhe causara a violencia das paixões eruptas durante a malfadada entrevista.

A fortuna, que ainda havia pouco lhe fôra tão adversa, protegia-a agora milagrosamente, proporei nando-lhe meios de escender o seu soffrimento.

Chiquinha, dizendo se indisposta, retirou-se para o quarto; Marquinhas fôra para o interior da casa preparar o trem para fazer o café para o seu pai, quando voltasse; o irmão era o companheiro obrigado do velho; e a religiosa mãe de Antonica, assentada a cochilar n'uma banquinha de costura, quitava se com a Virgem, de quem era devota, desfilando em o seu louvor o rosario de grandes contas negras.

Para poder dar curso ás lagrimas, que não se continham, a moça sentou-se a coser juato á velha mesa da sala.

Seriam oito horas da noite quando Francisco Benedicto, empurrando estouvada-

mente a porta, entrou em casa, gritando com voz arrastada :

— Oh com seiscentos: já dormem por aqui, suas malandras?

Antonica e Mariquinhas, deixando os seus trabalhos, vieram beijar a mão ao pai, e a velha resmungou lá no seu canto:

— Ave Maria, que modos estes, seu Chico.

— A agua é que já estava lá dentro resmoando de tanto fe ver; ronca como peão dormindo, accrescentou Mariquinhas.

— Bico, sua poeta: não seja respondona; eu quando fallo é porque sei; onde está Chiquinha?

— Está doente, papai.

— Diga-lhe que o Sebastião esteve comigo na venda e quer os enxovaes promptos para o Natal, senão vai tudo raso.

As moças affastaram se e Chico Benedicto foi atirar-se sobre um mocho como um corpo inerte.

O abuso das bebidas alcoholicas tinham-o posto no lastimoso estado de não poder perfilar se, e a lingua trôpega mal podia prestar-se á falla, que era justamente o sestro do aggregado, quando se embriagava.

— Oh! senhora, exclamou elle para sua lher, isto por aqui não me está cheirando bem. Ainda agora o Vianna pregou-me lá um sermão de quaresma por causa da Antonica, e disse-me que amanhã quer fechar o negocio; ou casa ou não casa!

A velha nada respondeu; continuava pavorosamente a rolar entre os dedos as contas do seu rosario.

— Oh! rapariga? bradou Francisco Benedicto, de xa lá esta costura e vem para o pé de mim.

Antonica obedeceu e collocou-se junto ao pai que, segurando-lhe das mãos, continuou:

— Olha bem para teu pai; amanhã ha de vir cá o Vianna, você não se ponha com piégas; trate-me bem ao rapaz, se

não ponho-te pela porta fóra, porque não estou para desaforos. Fica entendido; ponho te os quartos na rua. Póie ir...

Estas ultimas palavras foram acompanhadas por um safanão brutal e Antonica silenciosa voltou para a sua costura.

— O que foi? perguntou la dentro a boa Mariquinhas ao seu irmão.

— Ora o que havia de ser, historias do casamento. Papai fallou com o Sebastião e o Vianna, para ajudarem a fazer a casa e Sebastião disse que sim, com tanto que pelo Natal elle havia de estar com Chiquinha em seu poder, e o Vianna fez uma cama de Antonica.

— Veja só este papai; então Antonica é que ha de ir vêr seu Vianna lá na venda.

— Eu não sei, o que eu ouvi foi o Vianna dizer que papai já deve na venda vinte mil réis de mantimentos e que, se Antonica não tem de ser d'elle, quer o seu diaheiro, porque não está para trabalhar para o bispo.

— Esse desavergonhado; e tem uma carinha de santo; eu se fosse papai não queria mais que elle casasse com a mana.

— Ainda você não sabe tudo; elle disse que, se Antonica não quizer casar com elle, haja o que houver, elle ha de mandar citar papai e fazer penhora nas bemfeitorias; do céu venha o remedio.

Mariquinhas, depois de ter servido a seu irmão, foi á sala levar o café a seu pai, que continuava a reprehender severamente a misera Antonica.

Então pode confirmar a exactidão das palavras de seu irmão, porque ouviu a Francisco Benedicto esta phrase expressiva:

— E sabe o que mais, minha malaadra, lá está uma conta de vinte mil réis, que vocês comeram; eu não tenho dinheiro agora; o que vou receber do compadre é para a casa; senão quizer casar com o Vianna, você tem um remedio, pague-lhe os vinte mil réis.

— Vão para dentro, meninas! gritou a velha mãe, ao passo que tomava a chi-

ca a das mãos de Mariquinhas. — Você também lembre-se que tem de trabalhar amanhã, seu Chico, ou eu mando chamar o compadre.

Depois de rogar innumeradas pragas, e romper nas mais torpes obscenidades, Francisco Benedicto cambaleando para o seu quarto, e enfim a casa cahiu em absoluto silencio, á excepção do quarto em que dormiam as moças.

Ahi ouviam-se soluços abafados, mas parvenses; era a desditosa Antonica, que encostada ao braço da marquezia, pranteava inconsolavelmente.

De manhã, ao levantarem se, suas irmãs encontraram-a no mesmo lugar; dormindo o somno da extenuação.

Apozar do cuidado das moças para não recordarem-a, Antonica estava de pé dentro em pouco.

Cobria-lhe o rosto uma pallidez mortal, mas os seus olhos não tinha lagrimas, nem uma queixa sequer escapava-lhe dos labios.

Pelas dez horas da manhã só Antonica e sua mãe estavam em casa; o pai e os irmãos tinham sah do todos para o porto; Chiquinha e Mariquinhas para lavar a roupa, Francisco Benedicto e seu filho para a empreitada do embalsamento da madeira.

Antonica, que de vez em quando ia espiar á janella, viu no campo o sizudo fazendeiro, que vinha a cavallo, em direcção á casa. Após elle carria o moleque Carlos, e caminhavam a passe os escravos, tocando os bois ajoelhados.

Depois de amarrar o cavallo, do qual o senhor tinha apejado no terreiro, Carlos correu até o cesarão e communicou á Antonica que seu pai pedia para que lhe mandassem o almoço no porto.

Sob o sol ardente, a moça, com um cestinho á cabeça e um longo e fino caniço deitado sobre elle, atravessou o campo em direcção ao porto, onde assentado á sombra de uma enorme figueira brava esperavam-a o pai e os irmãos.

Com um sorriso ella reprehendeu as irmãs, lembrando lhes que bem podiam terido almoçar em casa, para não a obrigarem a trazer tanto peso.

A' propeção que fallava, Antonica assentava sobre a gramma os pratos que tirava do cestinho, e final, segurando no caniço, poz-se a desenrolar-lhe a linha e a experimentar-lhe a estrova e o anzol.

— Eu como já almocei, disse Antonica, vou pescar um bocadinho.

— Eu logo vi que você fallava de barrega cheia, interveiu o irmão.

A moça foi assentar se á margem do rio em frente a um lugar onde as aguas negras e morosas remançavam, abindo em rodomoinho silenciosos sorvedeiros.

Estava a pouca distancia dos seus, que em grupo riam e conversavam, ora menoscabando, ora elogiando a refeição e o apparelho.

— Como estão bem lavados os pratos!

— E as facas como estão amolladas; parecem navalhas.

— Este quitute foi temperado por Antonica.

— Vocês assim espantam-me os peixes, gritou Antonica.

— E' gosto, observou Mariquinhas, não façam barulho que eu quero assar no dedo a pescaria.

— Pois, sim senhores; de criada vai o Vianna bem arrenjado; é papa fina.

Esta consideração, formulada por Francisco Benedicto, foi recebida com uma longa risada dos filhos, que assim demonstravam approvar o gracejo paterno.

Quem estivesse ao pé de Antonica, veria, porém, que ella bem longe de acompanhar o acolhimento jovial ao gracejo, impressionara se dolorosamente com elle.

Não sorriu mais os seus tardos sorrisos e a pallidez como que se lhe augmentou nas faces.

Os olhos amortecidos e avermelhados prenderam-se-lhe como que fascinados na superficie da corrente, e, apesar das

amigáveis provocações que lhe eram dirigidas, nada respondia.

A linha, cujo anzol boiava a flôr das aguas, deixava evidente que Antonica não prestava a minima attenção á pesca. Outro cuidado a impressionava, e este broutou-lhe no soluçado de um canto:

— Moço fidalgo da côrte
Se encantou de D. Branca;
A moça foge aos amores,
O seu pranto não se estanca.

Já tem véu, já tem grinalda,
Tem sapatos de setim,
Da côr que tem a nebrina
E as azas do cherubim.

Chega o dia do noivado
Branca triste inclina a fronte,
Mas pede para mirar-se
No claro espelho da fonte.

Ouve o canto da Mãe d'agua
D'entre os labios de coral,
E na harpa de fios de ouro
Sobre concha de crystal:

— « Vem a mim, filha querida
Vem findar as tuas dores;
Eu tenho ricos palacios
Para guardar teus amores.

Em casa todos procuram:
D. Branca onde estará?
O noivo já no seu carro
Na porta de casa está

Pobre pai, os teus rigores
Vão mudar-se em fun das meguas,
Da tua filha só resta
O véu branco sobre as águas.—

Ao fim da ultima estrophe, Antonica, toda inclinada para o rio, olhou tristemente o ceu e deixou-se precipitar na corrente.

Ao som do haque nas aguas um grito de desespero respondeu no grupo:

— Soccorro, soccorro! gritaram todos.
Francisco Benedicto e seu filho, rapidos como um tufão, atravessaram a pequena distancia que mediava entre o rio e o lugar em que se achavam, e precipitaram-se ao mesmo tempo, ao passo que as moças no auge da afflicção gritavam a pleos pulmões:

— Soccorro! Soccorro!

Ao mesmo tempo viram á tona os dois nadadores e a pallida Antonica, que se debatia quasi suffocada.

Francisco Benedicto, porém, já não tinha forças para resistir a correnteza e foi desviado pelo redomoinho das aguas, e só o seu filho pôde aproximar-se de Antonica, no momento em que ella submergia se de novo.

O corajoso rapaz mergulhou no mesmo ponto, e, quando subiu á flôr do rio, trazia segura pelo corpinho do vestido a moça já sem sentidos.

A afflicção cresceu nos espectadores; a pouca idade do mocinho não lhe fornecia a força necessaria para levar a cabo a empreza; era um joguete da correnteza prestes a ser esmagado por ella, que lucra, ria assim mais uma victima.

O velho pai, agarrado ao galho de um ingazeiro via, entre as torturas da impotencia, esta dupla ameaça feita pela morte ao seu coração angustiado.

Mas de repente uma esperanza consoladora luziu em todos os espiritos; a violencia das aguas caleram diante da robustez de um na lador decidido.

Era Motta Coqueiro.

Ouvido os gritos de soccorro, e vendo o grupo correr em direcção ao porto, o prestativo fazendeiro sentiu atravessar-lhe o espirito a lembrança das palavras de Antonica: — é a ingratião que me mata — e a levinnou logo o que se passava.

Montando no possante alazão em que sempre andava, e cravando-lhe desapiada-

damente os acicates, Motta Coqueiro pôde em alguns minutos arriscar a sua vida para salvar a moça.

Na lou direito a ella e segurando-a com um dos braços, com o outro remou á mercê das aguas até poder agarrar-se a um dos galhos da vegetação da margem.

Dentro em alguns minutos Motta Coqueiro deitava sobre a gramma o corpo immovel de Antonica.

A viveza encantadora de seu rosto fôra substituida pelo mortecôr de uma longa syncope; a luz suave e seductora dos seus olhos fôra trocada no brilho estagnado, proprio dos olhos dos cadaveres, e além de tudo isso os braços, quando eram levantados, cahiam com o abandono da inercia.

— Está mortal está mortal! minha irmã! minha filha! pobre moça! exclamavam todos chorando.

Só o fazendeiro não havia até então perdido o sangue frio entre a mó de parentes, escravos e aggregados que cercavam Antonica.

Ajoelhando se junto d'ella, poz-lhe a mão sobre o coração, e sentiu que elle ainda batia.

Então como se fosse presa de uma loucura instantanea, tomou nos braços o corpo molhado da moça, apertou-o contra si, e cobriu-lhe de beijos a face livida.

A visinhança do tumulto santificava esta explosão indomita do coração e longe de provocar estranheza serviu apenas para aviventar uma esperanza.

— Ella vive ainda, não é verdade, compadre; minha filha não morreu.

— Vive, sim, para nós, para o seu amor, para a sua felicidade: respondeu Motta Coqueiro, que não tinha mudado de posição.

Depois, como se accordasse de um sonho, levantou-se e gritou para os escravos e os circumstantes:

— Estamos aqui todos pasmados; vamos, levemol-a para casa; Deus a salvará.

Durante mais de uma hora de anciedade e trabalho, ninguem, a excepção de Motta Coqueiro, alimentou a mais fugitiva esperanza de ver salva a moça.

Todos abanavam a cabeça, exprimindo assim a certeza que tinham de que eram baldados os esforços feitos pelo fazendeiro, que sobre-excitado aconselhava e tomava ao mesmo tempo multiplos expedientes.

Antonica jazia desacordada na immobibilidade das estatuas, e apenas com um leve respirar correspondia á robustez da esperanza do seu incançavel salvador.

A proporção que desanimavam de todo, as pessoas da familia retiravam-se para ir mais longe derramar as lagrimas, que Motta Coqueiro não queria ver correr.

Havia já largo espaço que, a sós, o fazendeiro velava junto á cabeceira de Antonica, quando esta pela primeira vez, depois da frustada tentativa de suicidio, abriu as palpebras rexeadas.

Tudo quanto ha de mais infantil e mais amoroso, de mais santo e louco passou pelo espirito e encarnou-se no olhar e nos gestos de Motta Coqueiro.

— Veja se dorme, se descansa, murmurou elle; não deve fallar, não deve fazer nenhum movimento. Oh! que susto que nos pregou!

O olhar de Antonica, mixto de espanto e de pudor, continuou fixo a envolver o seu solcito velador, enquanto que no canto do labio pairou-lhe na ironia de um sorriso toda a amargura da sua situação.

— Porque não me deixou morrer, per que não teve animo ao menos para passar em paz sobre a minha cova.

— Mas, minha filha, repare que esta exaltação lhe faz mal; descance, is o ha de passar; você verá, ha de passar.

As palpebras de Antonica cerraram se de novo e pelos seus cantos as lagrimas começaram a deslisar.

Um incidente veio impedir, talvez, que uma involuntaria quebra de resolução maculasse o papel digno que Motta Coqueiro desempenhava junto da moça.

Francisco Benedicto, de pé na porta do quarto em que esta scena se passava, disse á meia voz:

— Oh! compadre, não será bom acordal-a e dizer que está ahí o Vianna; talvez...

Cedendo á coramocção que lhe causaram estas palavras o fazendeiro, repetiu alto:

— Talvez...

— N'este caso eu vou chamar o rapaz. O compadre se o visse; está lá fóra a chorar e a praguejar.

Logo que Francisco Benedicto retirou-se o sorriso ironico de Antonica reapareceu-lhe nos labios e as palpebras de cerraram se-lhe para lançar um olhar penetrante ao já sereno o Coqueiro.

— Quero mostrar que não sou ingrata, *seu* capitão, murmurou ella, hei de tratar muito bem ao meu noivo.

— E para ter mais franqueza, eu retire-me, respondeu Coqueiro, levantando-se e dirigindo-se á porta.

Depois que o fazendeiro sahio, Antonica, que se assentára no leito; envolveu n'um sorriso um grito do coração:

— Vai; não és tão indifferente como finges.

— E' cá, vanha por cá, dizia lá fóra Francisco Benedicto, não façamos barulho.

A estas exclamações accrescentou logo uma pergunta e uma observação:

— Acordou a sempre, compadre? São sempre assim, n.e.mo morrendo... Oh! meu Deus foi um milagre.

A ultima exclamação foi feita á porta do quarto, e era motivada pela posição de Antonica.

Caprichoso no desempenho do seu papel o vendeiro entrou precipitadamente emitindo phrases em alluvião:

— O que foi isto, *sá* Antonica? que diacho de causa! quasi que foi para a cova; vajah que brincad-ira.

— Ora o que foi? um banho, respondeu Antonica.

Toda a familia veio para o quarto a

chamado de Francisco Benedicto, que não podia conter-se de alegria.

Choveram comentarios do perigo e manifestações de regozijo.

— Só você podia cural-a, *seu* Vianna; abaixo de Deus, o compadre valeu-nos muito, mas não é o noivo.

A vaidade lisojeada do vendeiro operou alguns requintes do estylo da modestia forçada, a divindade universal que tem altares desde o sertão até os mais civilizados centros, e afinal cahiu inenida do esforço no mais parvo mutismo.

Tendo dado franqueza ás expansões, Motta Coqueiro assomou á porta no momento em que Antonica, para desafiar os enconjurios de sua mãe, dizia:

— Era bem bom que o banho fosse até o fim.

— Já não ha perigo, disse o fazendeiro; agora parte para o meu trabalho.

Um coro de agradecimentos rompeu de toda a familia; só Antonica fez excepção, e dirigindo-se ao fazendeiro, verteu todo o seu despeito n'uma pergunta:

— O que seria melhor para uma pessoa, *seu* capitão, morrer ou querer morrer por alguma que não mereca?

— Conforme, respondeu elle; se a pessoa fôr moça, o melhor é casar-se com quem mereça.

A conversa continuou animada junto do leito de Antonica, mas já não collaborava nos ditos de alegria e espirito a voz da doente.

Concentrando se a pouco e pouco, e respondendo ao acaso, Antonica terminou por dizer que se sentia peior, e peior que fallassem mais baixo.

Alguns minutos depois deitou-se queixando-se de dores na cabeça e calafrios.

— Parece que tenho febre, di se ella, e pediu ás pessoas que estavam no quarto para que se retirassam.

Ficou apenas no aposento a velha mãe de Antonica, que para l go teve de pedir auxilio, porque a moça começou a convulsionar, como se fóra morrer.

Esta recahida inopinada aggravou-se assombrosamente e de novo a familia julgou perdida irremediavelmente a enferma.

Ataques violentos obrigavam aos melhores cuidados e a quasi continuo excesso de força para impedir que durante elles a doente não se maguaasse ainda mais, ou fosse victima de algum dos seus bruscos movimentos.

N'este honroso empenho, durante dous dias e duas noites, velou a familia de Francisco Benedicto á cabeceira de Antonica, mas o canção diminuiu por fim a boa vontade e dedicação.

Estavam todos extenuados.

Dous offerecimentos espontaneos apresaram-se em pedir á familia o encargo dos quartos á enferma, Motta Coqueiro mandou uma de suas escravas, e Manuel João offereceu-se para velar com ella.

Por hora adiutada da noite um accesso violento obrigou os bons serviços de Manuel João e da escrava, e além d'alles appareceu no quarto a bendosa Mariquinhas.

Apezar do barulho, que foi feito pelas vascas da doente, ninguem mais acordou, o que provava quão pesado era o somno dormido pela familia.

Passado o accesso, a escrava foi sentar-se a um canto do quarto, Mariquinhas sentou-se para os pés do leito e Manuel João a cabeceira.

A escrava não velou por muito tempo; em breve ouvia-se o seu franco resonar.

Estavam, pois, sós Mariquinhas e o feitor.

Os seus olhares embebiam-se reciprocamente na mais expressiva ternura, trocando as phrases que o respeito á enferma impediam de pronunciar-se.

Pelos labios de Mariquinhas serpejavam esses sorrisos indefiníveis da mulher que se crê amada, quando vê-se contemplada pelo seu amante; sorriso feito de um tom de vaidade sobre esplendido colorido de

gratidão e que é o melhor coroamento do amor.

Para se deixar fitar mais a vontade, em toda a franqueza e seducção dos seus encantos, a moça collocou o braço no da marquezia e na concha da mão pequenina deitou a face morena.

Contrastando com a immobildade do busto, Mariquinhas balançava distrahi-damente uma das pernas, com um movimento compassado e languido.

Talvez para mais encantar o contemplativo feitor, a moça de quando em quando cerrava as palpebras nacaradas, para suspender as depois no raio humido e amplo do seu olhar avelludado.

— Porque não vai dormir, só Mariquinhas; eu e a rapariga bastamos para qualquer coisa.

— Eu estou bem aqui, respondeu Mariquinhas.

Fizeram ambos silencio em seguida, porque a doente revolvera-se no leito.

Foi este um pretexto para que Manuel João se levantasse e logo inclinado sobre a face de Mariquinhas, com os labios quasi a roçarem-lhe o delicado pavilhão das orelhas; lhe segredasse:

— Vá dormir, sim? olha que me está fazendo mal.

Quanta felicidade não devia ter derramado n'alma ingenua da amante de quinze annos esta solicitude respeitosa e acariciante.

— Está bom, respondeu Mariquinhas; eu vou aqui para a sala, se precisar de alguma coisa, chame.

Mais de um longo quarto de hora tinha-se já escoado após a sahida da fascinadora amante do feitor, quando este depois de observar de perto o rosto de Antonica, levantou-se com precaução.

Com menos ruido não de lisa a lagrima de resina pela cortex do pecegueiro.

A passos lentos caminhou até junto da escrava adormecida e chamou-a por tres vezes; a preta não deu o miuino signal de ter acordado.

Manuel João caminhou então para a sala com a mesma cautella.

Ditando um braço sobre a mesa e a cabeça sobre elle, Mariquinhas resonava brandamente através dos labios virgíneos o somno do canção e da confiança.

O lençinho branco, que ella diariamente trazia ao pescoço, havia-se desatado, e o corpinho, formando pela posição contrafeita da moça uma abertura concava, deixava ver o collo moreno. Assim as petalas da rosa superpõem-se de modo que não só deixam entrever-se mutuamente, mas franqueam ainda a vista a dourada região dos estames.

Um tosco e mal limpo candieiro bruxoleava ao lado de Mariquinhas, como se tentasse apagar-se para não dar lugar a que um olhar profano se atrevesse a deversar tamanhas perfeições.

Pé ante pé o feitor aproximou-se e parou junto da adormecida. Contemplou-a com avidéz; correu-lhe de leve a mão desde o alto da cabeça até a meio de uma das tranças, que acompanhava o arfar do collo immaculado, e finalmente ajoelhando-se, roçou nos labios entreabertos da moça um beijo, que alava-se no terror.

O somno de Mariquinhas era profundo como sem ser (s da fadiga; a profanação ponde continuar.

Ao primeiro beijo, seguiu outro e ainda outro, até que menos pela grosseria do attentado do que pela susceptibilidade do pulso, a moça despertou sobresaltada.

Ao ver de joelhos o seu amante, ella que não podia adivinhar a torpeza de que elle era capaz, não teve uma queixa á vibrar-lhe, mas antes uma carícia para perdal-o.

— Eu não sabia que era santa, está fazendo oração? Olhe o oratorio está aqui, eu abro-o.

O crime espojou-se diante de tão graciosa im, unidade; e a semelhança de um forçado que, evadido-se da prisão, encontra diante dos seus instinctos máus, não a mão pesada do carcereiro, mas um

dia limpião como o ether, um céu sereno e uma tranquilla floresta suspirando a bafagem sarfalheira de um vento sem rancores, e ecoando o gazeado mavioso de milhares de passarinhos; e então riacs planos sombrios de novas empresas; o feitor encontrando, ao retrahir-se da sua baixeza o olhar velutino de Mariquinhas e a suavidade da sua palavra, riu interiormente a uma esperança lasciva.

— Não falle alto, que podem ouvir. Deixe que ao menos hoje eu esteja junto de você; é tão difficil isto.

— Deveras? pois você não vem sempre aqui.

— Mas nunca tive uma vasa de dizer-lhe que lhe estimo muito, muito, como a ninguém n'este mundo.

— Pois agora já disse; o que quer mais?

— Quero que você diga que tambem paga-me essa amizade com a mesma força; que é capaz de fazer tudo por ella, sem medo, nem de Deus, nem do mundo.

— Ail ail você está a dizer peccados, vá fazer o quarto e deixe-se de partes.

— Não brinque, *sá* Mariquinhas; eu não saio hoje d'aqui sem saber se devo viver ou morrer. Eu não vim cá por *sá* Antonica; eu vim para certificar-me de que você me estima. Quero que jure-me, que repita uma, cem vezes: eu só serei tua, só tua...

Estas palavras seguiu-as o feitor com os movimentos precipitados da paixão, e quando pedia a moça que jurasse já a tinha cingido e beijava-a apesar do esforço que ella fazia para libertar-se do assaio.

— Deixe-me, deixe-me, exclamou Mariquinhas, você está abusando, eu chamo a rapariga.

Dita á meia voz, mas com o accento imponente do pudor e da dignidade, a phrase de Mariquinhas repelliu para longe o feitor, não amedrontado, mas allucinado.

O seu plano de seducção mallogrou-se, era mister levár a cabo o segundo: o da violencia.

Levou a mão á cinta; estava desarmado; voltou então para junto de Mariquinhas e travando-lhe do punho, disse-lhe com um accento que a fez tremer.

— Uma palavra mais, e eu que te estimo como um doido, arranco-te a lingua como um malvado. Olha que já ha noites que eu penso n'isto; entorquem-me depois, mas eu hei de chamar-te minha hoje, já... Uma palavra mais e... esta casa tem armas e no meu pulso ha força.

— Para que ha de ser máu p'ra mim; murmurou Mariquinhas, que esperava abrandal o pela humildade.

Foi porém um novo incitamento. De chofre Manuel João apertou sobre os labios de Mariquinhas a sua mão vigorosa, enquanto com o braço, que lhe pasára a cinta e um esforço brutal, fazia vergar-lhe o corpo delicado.

O candieiro, talvez pela agitação do ar durante a lucta, deixou de illuminar a sala.

V.

UM CUMPRIMENTO DE PALAVRA

A molestia de Antonica deu logara mais uma intimidade perigosa na sua familia.

Na qualidade de mesinheira foi chamada a tia Balbina para debellar o mal que asombrosamente devastava o organismo da moça.

A feiticeira tinha para insinuar-se a maciez da dissimulação e, apesar das asperas do seu exterior, o trato, refusadamente humilde, era agradável como o contacto de pello da louta.

Esperando pacientemente a oportunidade para arriscar uma palavra, penetrando até o fundo das consciencias com o seu olhar que possuia a calma perspicacia da vingança, Balbina era dotada de uma especie de talisman fatidico que atrahia para si todos os espiritos, que selhe acercavam.

Dois factos chamaram promptamente a attenção da cabinda, que andava sempre

á cata de elementos para com elles fortalecer a teia em que buscava enredar os seus senhores: foram a tristeza de Chiquinha e um visível apatetamento que obscurecia as faculdades de Mariquinhas.

Chiquinha chegou-se um dia á Balbina e queixou-se-lhe de que passava os dias oppressa por uma tristeza inextinguivel ora povoada de sobresaltos, ora de visões encantadoras e carinhosas.

— Não sei o que tenho, tia Balbina, parece que estou sempre sonhando....

— Além d'isso, continuou Chiquinha, tudo me aborrece e tudo me preocupa; não tenho vontade de comer e se alguma força faço sobre mim caio n'um enjôo, que só se acaba por vomitos. Vou emmagrecendo a olhos vistos.

Os symptomas dados por Chiquinha eram claros de mais para a arte da feiticeira e assim podia esta fallar com toda a segurança.

Mas o poder de Balbina era o mysterio e a dubiedade de sentido das suas palavras, que lhe deixava sempre aberta uma sahila. Preferia o labyrintho á linha recta.

Segundo os seus habitos Balbina respondeu á queixosa:

— O coração da gente bate as vezes com força; os olhos não vêem, o corpo não fuge. A' hora da lua o matta-pasto de flôr amarella fecha, como os captivos seus olhos cançados, as folhas que são o relogio do escravo. Mas o coração não deixa de bater, não quer se trancar dentro do peito; que voar como o vagalume.

De manhã, quando o sol nasce, a folha é que se abre então, e o coração é que muitas vezes fica fechado. Balbina não pôde prohibir que o grillo verde rôa a folha que se abriu ao sol, nem que a tristeza more no coração que se abriu aos raios da lua.

— Mas quem é que lhe disse que meu coração se abriu na hora da lua? perguntou-lhe a moça admirada.

— Carolina gemia; a alma de Balbina

ficou triste como o carneiro que vai morrer, e a cabinda sahia para pedir ás hervas de Deus o sorégo da creoula. Na baixada cresce a herva de S. João com o seu cheiro bom e com a sua penugem de pombo novo. A cabinda queria trazer a herva para remedio da doente. No meio da colheita Balbina se assustou, porque viu um vulto branco como a boneca da paina...

— E quem era este vulto? interrogou a voz tremula de Chiquinha.

— A negra não é quem póde dizer á filha dos brancos, respondeu Balbina lançando á moça um olhar, que a fez envermelhece. A negra viu o vulto branco, mas não pôde saber quem era o outro, que tomou pelo caminho da baixada.

— Mas diga, tia Balbina, diga o que é que eu tenho; diga pelo amor de Deus.

— Balbina só póde fallar dentro do ouvido de sã Chiquinha; escute.

A preta começou então a segredar, e a proporção que ella fallava, Chiquinha empallidecia.

Quando Balbina terminou, as lagrimas corriam em borbotões pela face da moça, que só teve forças para exclamar.

— Oh! meu pai do céu, salvai-me por que eu estou perdida.

— O pai do céu é bom; se a filha dos brancos disfarçar, se não ficar sempre triste, póde esconder dos olhos de seu pai, até que possa apparecer com seu marido. Sa Chiquinha não ha de ser infeliz como Carolina, que foi quasi a morrer parar nas mãos do doutor, porque o pai desprezou o filho da creoula.

Chiquinha começou desde esta hora a esperar o dia em que devia ter uma fatal certeza, e Balbina continuou na sua tarefa gratuita de tudo observar.

Antonica tinha entrado em convalescença e já passava horas inteiras a conversar com sua mãe e irmãs.

Atravez do azulo inherente á enfermidade já escapavam-lhe do coração para os labios uus fugitivos sorrisos.

Ainda uma extrema fraqueza impedia-a de levantar-se sósinha, e todavia os serviços de Balbina foram dispensados pela familia do aggregado.

Ponderando que as moças não deviam affastar se por muito tempo de Antonica para conversarem com ella e adjudal-a a mover-se, Motta Coqueiro quiz que Balbina continuasse no casarão, e a preta foi incumbida da lavagem da roupa, e dos trabalhos da cozinha.

Francisco Benedicto e seu filho voltaram ao trabalho do embalsamento, ao qual reuiu se mais um novo empregado, Faustino Silva.

Homem de grã nota nos arredores, Faustino guardava entretanto o apuro do respeito diante do capitão Motta Coqueiro, a quem dava mostras da maior consideração.

Filho do logar esteve por longos annos fóra d'elle por ter sido condemnado a 20 annos de galés, por um assassinato.

Madrugava-lhe ainda a mocidade quando commetteu esse crime, e a convivencia de scelerados, combinada com a propria indole, converteu-lhe o coração n'uma pedra lascada e arestosa, cujo contacto feria, ou ao menos escarava.

Robusto e varonil, com quarenta annos de semi-ociosidade e de vida gargalhada na ignominia da grilheta, e depois nos requiebro dos fados, Faustino era um d'esses productos communs da ignorancia, que tanto abundam pelos sertões.

Lia-se-lhe no rosto trigueiro, cercado por uma grossa barba negra, nos olhos mal encarados, a torpeza de sua alma, e todos que o conheciam terminavam as suas apreciações ácerca do novo trabalhador, dizendo: — aquillo sempre é homem que mata os outros por dinheiro.

Tal era Faustino, segundo dizia o povo, que muitas vezes, que o maior numero das vezes, exagera os defeitos do individuo.

Um irmão de Faustino, o Bento Silva,

contava a seu respeito uma passagem romanesca.

Uma noite, á hora da revista, em uma das fortalezas do Rio de Janeiro, touchou-se a rebate pela fuga de um dos condemnados.

Poz-se tudo em actividade para effectuar-se a sua captura immediata, mas todo o esforço mallogrou-se.

Os escaeres expedidos seguiram todos na direcção da terra, da parte que ficava mais proxima á fortaleza, mas o preso mais atilado seguiu em direcção opposta. Nalou ao largo da bahia.

Só pela maltrugada conseguiu pôr pé fora das onças, mas estava salvo. Ninguém o perseguiu, e elle pôde embarcar como marinheiro a bordo de uma escuna, que partia para Macahe.

Ahi despediu-se do navio, e internou-se para Macabú, seu torrão natal, onde levava a vida de trabalhador.

Entre Faustino e Francisco Benedicto manteve-se a reserva que na sempre entre individuos, que reciprocamente se conhecem.

Nenhum d'elles gosava de boa fama, porém cada um considerava-se melhor do que o outro, e tinha escrupulos na familiaridade.

Francisco Benedicto nunca, por deferencia ao menos, convidou o seu companheiro para ir á sua casa, facto que offendendo profundamente o desalmado Faustino, fazia com que elle dissesse quando fallava-se no aggregado:

— Aquillo é um cachaca; um dia eu parto-lhe os ossos e mais ao magarefe do filho. Vai tujo raso; porque eu não gosto que me toçam o facinho.

Mas apesar da reciproca antipathia, os homens harmonisavam durante o trabalho, e isto bastava.

Na casa do aggregado ficavam apenas as mulheres. Para esparecer da funda hypocrisia que lhe ia minando a existencia, Mariquinhas costumava a sair á hora da sesta e ir sentar-se com a sua

costura á sombra de uma arvore que ficava perto.

Ahi estava guardada pelo movimento das pessoas de casa e podia dar de mão ao tenor que tinha de poder ser outra vez assaltada pelo feitor.

Uma dia, porém, foi sorprendida justamente pela pessoa a quem queria evitar a todo o transe.

A vez do feitor plangente e submissa, buscando rodeios namerados, veiu abalar-lhe a apathia intima em que vivia.

— Ainda não me perdou, se Mariquinhas.

A moça não respondeu, mas abaixou ainda mais a cabeça, e poz-se a cantarolar entre dentes.

As suas feições tinham, porém, tomado um accento so emne—a gravidade do pudor offendido, e era bem facil comprehender a causa d'esta mudança.

Mariquinhas amava sinceramente o feitor. Dora-lhe as primicias immaculadas dos seus sonhos dos quinze annos, bando louro de miragens a entrançar-se em choréas festivas para desfazer-se afinal nos vapores roseos de um anhello indefinivel, que lhe dominava o coração enchendo-o de um sussurro longinquo de saudades sem causa, de anseios sem objecto. Fizera das faces trigueiras de Manuel João o horizonte do seu viver modesto, e imaginára-se muitas vezes na sua casinha de sapê, a estender no terreiro a roupa de trabalho ou o seu fato domingueiro ao lado da camisa de morim, que se lhe apertava contra os seios, oppressa pelas barbatanas do seu vestido.

A' tardinha iria esperal-o á porta, ou a meio caminho para acabar n'um beijo um sustesinho que se lhe ia alevantando com a aproximação da noite.

Custar-lhe-hia tanta felicidade, talvez, o desaffecto de seus pais, porque o seu amante era homem de côr, e pobre; mas tudo isso cotopensar-lhe-ia o seu amor.

Um coração feminil vive de tanta chimeras aos quinze annos!

Esse feixe facetado e irriante de illusões desatcu-o brutalmente o feitor na noite em que, acicatado pela lubricidade, tres vezes covarde, atirou sa como féra esfaimada sobre a canlura, o amor, e a fraqueza de Mariquinhas.

Ao acordar do pesadelo atroz d'aquella noite, em vez dos sonhos innocentes em que se balouçava, Mariquinhas só ponde desde então ver dentro em sua alma um pugilato medonho entre o amor e a dignidade.

Esta venceu por fim, deixando aquelle a ancian prostrado na liça.

Interpretando como um acolhimento benevolo e digno o silencio de Mariquinhas, Manuel João continuou ainda mais submissa e humildemente :

— O amor é assim mesmo, sz Mariquinhas ; ás vezes fica-se deudo. Quem ama deve perdoar.

Ditas estas palavras, o feitor achegou-se vagarosamente de Mariquinhas e curvou-se para profanar-lhe mais uma vez as faces morenas.

Tudo quanto a dignidade tem de mais solemne quando uma provocação iniqua vem sobreleva-la, irrempeu da fraqueza de Mariquinhas.

Pondo se de pé ; com os pulhes cerrados, os labios tremulos, e a voz repassada de ameaçadora amargura, recuou para logo avançar corajosamente até o feitor.

— Escute bem, *seu covarde*; exclamou Mariquinhas ; eu já lhe estimei muito, mas hoje tenho até nojo de você, *seu malvado*. Deixe me passar.

E adiantou se para passar. Foi, porém, tolhida pelo feitor, que segurara-lhe o braço, exclamando.

— Perdõe, sz Mariquinhas ; eu hei de me casar com você.

— Nunca! exclamou a moça, que se ponde livrar ; prefiro morrer ; póde fazer o que me disse ; mate-me.

Manuel João ficou de pé com o ar boçal

de um larapio sorprendido, em quanto Mariquinhas se afastava.

Deliberava-se talvez a seguida, mas no mesmo instante passou por junto d'elle a tia Balbina, sebraçando um feixe de gravetos.

Balbina tinha ouvido quanto era bastante para comprehender que um acto de violencia tinha sido commettido pelo feitor contra a moça, e Manuel João por sua vez convenceu-se de que a feiticeira estava de posse do seu segredo.

Era de seus dias no sitio a descoberta dos instrumentos de feitiçaria em poder da escrava e portanto facil lhe foi atinar com um meio que, no seu entender, frustraria toda a importancia das accusações que ella, porventura, tencionasse fazer contra si.

Confiado na solução razoavel que engenhou para a sua melindrosa situação, o feitor esperou a oportunidade para pol a em obra.

A convalescença de Antonica adiantava-se com felicidade e rapidez, graças a um tratamento de prompta efficacia, a medicação da esperança.

Motta Coqueiro alliava, no fino quilate do seu character, duas qualidades de todo o ponto heterogeneas, mas por isso mesmo de facil combinação, a bonhomia e a austeridade.

Foi a segunda qualidade a que recebeu a declaração de Antonica, mas quando o fazendeiro viu as consequencias da sua recusa franca e digna, o seu animo essencialmente benevolo increpou o rispidamente, dando-lhe a responsabilidade da tentativa de Antonica.

O resultado foi Motta Coqueiro resolver-se a temporisar com aquella paixão arlente e que resolvera fazer-se impôr pela propria loucura, ou respeitar-se pelo remorso.

Em uma das remissões da febre delirada da filha do aggregado, esta ao abrir os seus grandes olhos amortecidos encon-

trou o olhar com a observação commo-vida de Motta Coqueiro.

O quarto silenciava n'uma triste penumbra, e só, destuada por um listrão impalpavel de luz, coado pela fresta da porta semi-aberta e no qual turbilhonavam sem ruído innumeradas particulas de pó.

N'este ponto foi fixar-se o olhar da moça.

— Tive ainda agora um sonho, disse ella depois de uma demorada contemplação; como alli eu vi uma grande facha de luz, onde em vez de poeira subiam e desciam anjinhos. Entre elles e sobre a luz boiava eu como uma folha no rio. Eu tinha os olhos abertos, via, mas nem podia mover-me nem fallar. Ia á mercê de um empurrão invisivel, mas de repente parei, meu corpo havia-se encostado sobre o peito de alguém. Se este sonho se realisasse eu preferia morrer.

— Isto foi um delirio, minha filha; não pense mais na morte, e não terá d'estes sonhos. Veja se pôde acalmar-se; eu estou aqui ao seu lado.

— E ha de estar sempre?

— E por que não hei de estar? Pensa que não lhe estimo muito, muito...

— Como estima a toda a gente, que precisa que se lhe faça bem.

— Mais do que isso, Antonica; é a estima que se dá a um coração, que sabemos que bate por nós. Se você morresse, eu nem sei o que seria de mim.

— Eu tinha vontade de morrer, porque sei que seu capitão ficava descansado.

— Quem sabe do futuro, Antonica! talvez eu não sobrevivesse muito.

O egoismo incandescente do amor espanejou-se triumphante no coração de Antonica; revelou-o eloquentemente a ternura de seu olhar. Uma alegria infantil dourou a pausa que houve no dialogo, alegria de um moribundo, que voluntariamente escondia na sombra de um tumulto as mais risonhas illusões, e que de subito affasta a sombra ominosa e sente inundar-se dos splendores da ventura.

— E' mentira minha, é mentira, exclamou Antonica; eu estava sem tino, o que eu quero é viver, seu capitão, viver!...

— Sim, você ha de viver para seus pais, para mim, que tenho na sua amizade o melhor premio do pouco bem que tenho feito.

Este unicoaceno amistoso ao ideal de Antonica, roseo colorido de alvorada em céu borrascoso, reanimou-a, ou melhor ainda, resuscitou a.

As simples phrases da benevola consolação foram o esplendido fiat no vacuo do existir de Antonica; decompuzeram-se e transformaram-se em outras tantas estrelas, asterismos tranquillos, convergindo os raios em um unico fóco — a possibilidade do amor.

Effectuou-se a cura radical da loucura pela polarisação da luz da esperança.

O restabelecimento caminhou desassombrado e rapido e o amor atulhou com petalas de flôres a sepultura já hiante aos pés da desventurada amante.

Os serviços de Balbina foram definitivamente dispensados e a escrava tornou para os ingratos labores do *eito* e para o meio da consideração supersticiosa dos seus parceiros.

O feitor era agora inexoravel e exigente até a insensatez. Por maior que fosse a agilidade dos escravos achava-os sempre morosos, e não raras vezes vibrava o chicote sobre as costas nuas dos miseraveis trabalhadores.

A sua attenção voltava-se peculiarmente para a tia Balbina, a quem alcu-nhou—a marralheira.

— Arriba! arriba! gritou elle um dia, á medida que estalava o chicote sobre as espaldas da preta; não dormes de noite occupada com a feitiçaria e de dia estás a cahir de preguiça. Vê se ficas asseada com este espanador.

Nem um ai escapou aos grossos beijos da feiteira, amargou calada a vingança, a ruminar a desforra.

A' noite a preta foi de novo surpreendida pela colera do feitor, que veiu passar-lhe revista á sensala. Achou sómente uns registros de santos, porque o mais a prevenida Balbina tinha posto em lugar seguro.

Mas nem por isso o feitor julgou-se quite com a feiticeira; na hora da revista matutina, conscio de que Motta Coqueiro acreditava-o-hia, Manuel João lavrou carregando as côres um libello contra a escrava.

— Não se póde aturar, disse elle, não quer trabalhar, continúa com as feitiçarias, e já me contaram que ella quer que o meu amo mande-a para a casa do seu senhor; porque — diz ella — vosmecê está comendo o suor alheio com o trabalho d'ella.

— Então ainda não te desenganaste, negra? bradou o fazendeiro; eu vou dar-te o senhor e o feitiço. Fidelis! Peregrino! agarrem-me aquelle demonio.

Balbina não articulou uma queixa, nem uma desculpa, deixou-se ficar com os braços cruzados e a cabeça baixa. Os dois escravos obedeceram e fizeram-a chegar até junto de Coqueiro.

Principiou então uma d'estas scenas repugnantes e iniquas; os escravos ataram os pulsos de Balbina e amarraram-a pela cintura a um dos esteios do terreiro e cada um empunhou um azorrague.

O castigo ia ter lugar com a barbaridade de que são sempre alvo os feitiçeiros, entes maldictos e execrados pelos homens do sertão.

Pelo braço de Mariquinhas appareceu, porém, no terreiro a agradecida Antonica. Ao ver Balbina em semelhante posição; lavando-se em lagrimas a moça pediu que perdoassem a escrava, que tão prestativa lhe fôra na enfermidade.

O fazendeiro attendeu.

— E' assim que se botam a perder os negros, resmungou Manuel João; mas eu hei de mostrar.

Motta Coqueiro cuviu o resmungar do feitor e resolveu examinar com os proprios olhos a causa que motivava tanto azedume contra Balbina.

O sol era ardente, o calor abrasava. Era a hora em que o canavial inclina as folhas como as pennas de um cocar enorme; em que a cigarra chilra tanto quanto falla um energumeno, sem pausa, sem termo; em que a araponga branca, á semelhança de um soluço de espuma sobre o verde-mar do oceano, tine entre a folhagem do ipê vestido de novo os seus cantos agulos e tristonhos.

Vôam as nuvens de tiés e guaxás piando, tontos de calor, e as tiribas garrulas coçam as azas de esmeralda entre a sombra rarifeita das embaúbas.

Sob a copa das grandes arvores do descampado, o chão acolhoado de folhas assemelha-se a uma praia coberta de conchas de ouro, mas conchas sonoras, como pequenas marimbas cujas cordas dedilhasse o tenue sopro da aragem. E' a multidão dos canarios que ahi se abriga da crueldade da canicula.

No meio da floresta ouvem-se todos os sons conhecidos; desde o uivo seturno da turubina em actividade, imitado pela cachoeira que ao longe se despenha na grotta, até o tilintar do martello na bigorna imitado pela araponga; desde o som do cornetim tocado ao de leve, fingido pela alegria curiosa dos gallos da serra, até o gemido profundo, soluçado pelas jurityts.

E' a glorificação da sombra pelo mais harmonioso dos côros, e a mais cadenciada das orquestras, regidos pela natureza.

Os escravos de oito não se abrigavam, porém, senão sob a copa rendada das sambabaías, e as alas de cafezeiros.

Manejando as enxedas polidas, como o sachristão maneja a campainha na hora da elevação da ostia, offereciam aos céus, entre os cantos monotonos, o maior de todos os sacrificios, e grande sacrificio do trabalho.

O eito subia rapido e já estava em mais de meio. Lavada em suor Balbina encostou a enxada a um cafezeiro e dirigiu-se ao feitor participando-lhe que ía beber agua.

Dentro de alguns minutos a cabinda estava de volta, para não dar pretexto á explosão da raiva de Manuel João.

— Oh! tia, bradou elle, a agua tinha espinhas?

— Balbina não demorou, respondeu a preta; o eito ainda não andou nem o cabo de uma enxada. A carreira de café que Balbina limpa, ficou sem adjutorio, porque ella pediu aos seus parceiros. Balbina ha de chegar com elles ao fim do eito.

— Vamos! continue com o seu palavriado; eu estou ouvindo.

— Vesmecê perguntou, eu respondi.

Manuel João incumbiu ao seu rebenque a contradicta á logica da escrava, mas ainda não tinha descarregado a segunda lambada, quando foi snstado por um grito.

Motta Coqueiro tinha acompanhado á distancia a gente e, escondido, seguia todos os movimentos do feitor e da preta Balbina.

Certo de que uma injustiça era a motora do castigo, o homem que só se inspirava na rectidão e que só por ella era severo, indignou-se e fulminou na mesma hora o culpado.

— Sr. Manuel João, está desobrigado da feitoria do meu sitio; eu quero castigos mas não vinganças.

O miseravel rapaz ficou por muito tempo estatelado sem poder pronunciar uma unica syllaba.

— Mas, meu amo, observou elle por fim; eu não posso sahir hoje d'aqui; não tenho para onde ir. Se meu amo não está satisfeito commigo como feitor, deixe-me ficar por enquanto como trabalhador.

Motta Coqueiro tinha-se voltado para os escravos e caminhava para elles, si-

mulando não ter ouvido ao confuso Manuel João.

— Oh! lá, vocês ficam por ora ás ordens do Fidelis; é com elle que têm de se entender.

Olhando, porém, para o ex-feitor Motta Coqueiro fraqueou na resolução de fazel-o sahir immediatamente do sitio.

O homem, que por vezes tinha-lhe feito emboscadas, cujo rancor pelo fazendeiro era extraordinario, quedava covardemente após tão grande desfeita na mais humilde posição.

Tinha o chapéu de lebre sobre o cabo do rebenque e os braços cruzados sobre este.

O rosto exprimia simplesmente o vexame que o acabrunhava, mas nem de leve um indicio de colera; parecia resignado a cumprir a pena, que a sua imprudencia havia provocado.

Completamente desarmado pela attitudo inesperada do ex-feitor, Motta Coqueiro, querendo dissimular a propria falta de energia, dirigiu-se a elle, dizendo:

— Eu preciso de trabalhadores; se quer ficar, faça o que entender; mas lembrolhe que o sitio está a cargo do Fidelis.

Era a melhor evasiva encontrada de prompto pelo explosivo, e ao mesmo tempo bondoso coração do fazendeiro.

Em rapido raciocinio convencera-se de que Manuel João não se decidiria a submeter-se á auctoridade de um escravo sobre o qual ainda havia pouco tinha poderes descricionarios.

A propósta, pensou Motta Coqueiro, irrital-o-ha e assim evitarei que elle continue. Mas a baixeza de character do ex-feitor excedia todos os limites imaginaveis.

— Não importa, não, meu amo; o que eu quero é trabalhar, ao menos até arranjar outra casa.

Retiraram-se ambos, o fazendeiro quasi arrependido da severidade com que punira o empregado e este com o desembaraço do homem desbricose.

Os pretos ficaram sós, mas nem por isso a actividade diminuiu nem o trabalho desacalorou se.

Um desafogo intimo substituiu a pressão moral que os opprimia, e agora podiam livremente medir o esforço para o obrigado labutar, sem fim na vida, como a montanha de Sisipho.

As bagas mornas de suor como que se converteram em estrophes, aladas em sons melancolicos de monctonia pungente, inspiração de poetas desconhecidos, talvez martyres de igual destino, e por isso mesmo privando a intimidade de todas as tristezas, desillusões, desalentos, queixas e suspiros da escravidão.

Um d'esses cantos era assim :

Nasce a fior, rebenta o fructo,
Secca o fructo, a folha cai,
Ai !

Mas a agua do ribeiro
Rolando, rolando vai,
E se espedaça na grota,
Porém das bordas não sai.
Ai !

Corre a enxurrada roncando
Grita aos rios:—transbordai !
Ai !

Mas a agua do ribeiro
Rolando, rolando vai.
Suspira e chora na grota,
Porém das bordas não sai.
Ai !

Some-se a lua na aurora,
No sol a estrella se esvai,
Ai !

Mas a agua do ribeiro
Rolando, rolando vai ;
Em vão soluça na grota,
Porque das bordas não sai.
Ai !

Triste sorte a do captivo
Seja filho, ou seja pai,
Ai !

E' triste como o ribeiro
Que sempre rolando vai,
E se espedaça na grota
Porém das bordas não sai,
Ai !

A tia Balbina, mais do que nenhum outro, deixava transluzir no semblante o jubilo que lhe ia n'alma. Duas vezes victoriosa-elevava-se ante o ex-feitor e isto firmava cada vez mais os seus creditos de invencivel.

A's horas do jantar, contentes como bons amigos que se banqueteam, os infelizes riam alegremente diante das cuias, e adubavam a refeição com lisonjeiras observações.

— A tia Balbina matou dois coelhos de uma só paulada.

— Tem mão certa.

— Quando ella diz uma cousa acontece por força.

A feiticeira recebia prasenteira as manifestações amistosas dos parceiros, preconizando a protecção dos céus para os innocentes, e a sua punição para os injustos.

A refeição ia já no fim, quando chegou ao logar o novo feitor, o destamido Fidelis, typo completo do negro de fazenda, com todas as suas virtudes e defeitos ; trabalhador e intrigante, supersticioso e vingativo.

Não tinha-lhe favoneado a vaidade a inopinada distincção que mereceu ao senhor, odiava os brancos e sabia que, distinguindo ou castigando, o senhor só tem em vista tirar o maior proveito possivel de seu escravo.

Recebeu a investidura de feitor pela mesma rasão porque levantava-se de madrugada para a revista, e em seguida trabalhava do sol nascente ao sol posto ; re-

cebeu-a porque era escravo e para este só ha uma lei — obedecer.

No mais era uma creatura da tia Balbina, que o considerava a ponto de rir se para elle.

Por isso mesmo a sua nomeação foi recebida com enthusiasmo pela gente de roça, convencida de que ia melhorar de sorte. Assim é que foram cordialmente recebidas as primeiras palavras da nova auctoridade, pondo em exercicio as suas funções. Mandando recommençar o trabalho, Fidelis disse com lhanura a seus parceiros:

— Vamos rapazes! é preciso mostrar que não é necessario chicote para se fazer o serviço; o negro não é boi, que precisa de carreiro e ferrão.

E os escravos voltaram alegremente aos seus cantos, e a manejo das suas enxadas operando verdadeiros prodigios de trabalho.

Quando á tardinha o fazendeiro, montado no seu alazão, revistou o serviço do dia, ficou cheio de pasmo: tinha-se feito tres vezes mais do que ordinariamente.

Enquanto de modo tão expressivo os escravos festejavam a sahida do ex feitor, este amargava em silencio bem tristes decepções. Andava como que envolvido n'uma gargalhada geral, desdobrada pelo céu limpido, pela aragem tranquilla, pelas arvores virentes, e o que mais lhe doía, pela propria Mariquinhas.

Era, porém, uma gratuita injustiça feita ao character da moça, a quem a noticia da demissão do feitor, se alguma cousa causou, foi dó.

Corrido diante dos seus proprios olhos, Manuel João não tinha forças para ausentar-se do sitio; ligava-o ahi o casarão, a imagem de Mariquinhas e a propria infamia que contra ella praticou.

Acabrunhado pela infelicidade nem ao menos lembrou-se dos seus companheiros e conselheiros; não arredou pé do sitio, temendo talvez que isto lhe custasse a perda do proprio lugar de trabalhador,

que lhe dava occasião de vêr a mulher, que o apaixonava.

Foi justamente esse apego a causa da sua prompta expulsão.

Balbina não podia soffrel-o nem mesmo depois de vel-o assim decahido; a sua presença era uma ameaça ao seu bem estar e ao dos seus parceiros, e além d'isso ella tinha dado palavra á Carolina de punir o seu abandono.

Resolveu, portanto, perdê-lo de uma vez aos olhos de Metta Coqueiro, cousa facilima agora que Fidelis era o feitor da casa.

Uma noite a feiticeira convidou o feitor para a sua senzala e dirigiu-lhe a palavra.

— Balbina, disse ella, queria fallar ao seu parceiro que é hoje feitor.

— Eu quero escutar, tia Balbina, se bem que vosmecê deve estar zangada commigo pelo que se deu n'aquelle dia de manhã no terreiro.

— Balbina não se zanga com o galho de maricá, cheio de espinhos, que atiraram no caminho, e espetou o pé da negra. Fidelis ia ferir Balbina como o galho de maricá.

— Bem contra a minha vontade, eu juro por Deus.

— A cebra que largou a casca, proseguiu a feiticeira, nem por isso perde o veneno. Outras escamas novas vem lhe cobrir o corpo e ella continúa a seguir a sua vida. O senhor não despediu o feitor para sempre e póle trocar Manuel João por outro. O mal fica do mesmo feitio.

— Qual! não é assim, não, tia Balbina; o senhor está contente com o serviço.

— Tôlo! o branco muda de pensar como a mangueira muda de folhas. O demonio anda nos olhos das filhas do aggregado como o canto da coruja que adivinha morte. Quem sabe se é na casa grande, quem sabe se é na senzala do captivo. Fidelis é preto e o branco terá sempre

má fé com elle. E' preciso ganhar a amizade e o respeito do seu senhor.

A cabinda começou então a dar o plano infallivel de que resultaria a total derrota e perda de Manuel João.

Era o mais simples dos planos; atacal-o pelo coração, que suspirava ardentemente por uma palavra de esperança, por um consolo no perdão.

Carlos se incumbiria de dizer ao ex-feitor que Mariquinhas o esperava para fallar-lhe, e Fidelis trataria de surpreender com o maior compromettimento a entrevista.

Balbina reservou-se a parte mais difficil, a de fazer com que Mariquinhas se encontrasse com Manuel João.

Antes, porém, o feitor faria saber ao seu senhor todo o movimento da familia de Chico Benedicto, conhecido pela feiticeira.

O plano de Balbina mereceu inteira approvação de Fidelis, que tratou logo de pôr Motta Coqueiro de sobreaviso. O fazendeiro não viu, porém, nas communições do feitor mais do que a realisação das suas suspeitas acerca das intenções dos noivos, tão caros ao seu compadre, e mais um motivo para insistir com elle a apressar a construcção da casa longe da em que estava agora.

Estava quasi a findar-se o trabalho do embalsamento e brevemente Motta Coqueiro devia retirar-se. Urgia, portanto, tomar todas as providencias para que o sitio ficasse em paz durante a sua ausencia.

— Compadre, disse um dia Motta Coqueiro a Francisco Benedicto; eu vou demarcar as terras em que você ha de levantar a casa.

— A fallar verdade, compadre, respondeu o aggregado; isto não me está cheirando bem. Parece que me quer pôr fóra de sua casa, e não tem franqueza de dizer.

— E' uma desconfiança para que não lhe dei causa, compadre; o que eu quero

é que você cumpra o trato; no caso contrario é outra cousa.

O modo brusco pelo qual Francisco Benedicto respondeu ao fazendeiro, e depois o amuo com que o tratava, contrariaram-o extremamente. Motta Coqueiro percebeu que as suas relações estavam estremecidas e desde logo retirou-se tambem de familiaridades com a familia do aggregado.

Antonica voltou de novo á exaltação da sua insensata paixão, e já agora não tratava de occultal-a. Um dia em que o Vianna veiu á sua casa, rompeu desabridamente com elle, pondo assim a descoberto as bemfeitorias do pai, e respondeu rudemente a este, dizendo-lhe que não o temia, porque teria por si a protecção do fazendeiro.

Arrependida de ter assim procedido, a moça tentou em seguida remediar o mal causado, reatando a amizade entre a sua familia e o fazendeiro e foi procural-o á casa grande.

A allucinação impedia que Antonica pensasse na impropriedade da hora escolhida, e Manuel João que, loçco tambem, farejava os arredores do casarão, viu-a sahir e seguiu-a.

Tanto bastou para que os ciumes vehementes do ex-feitor se reaccendessem n'um incendio devastador. Então passou-lhe pela razão desvairada um argumento criminoso, que lhe explicava o affastamento e o odio de Mariquinhas.

Antonica tinha tratado nupcias com o vendeiro; tinha-a visto dar ao seu companheiro as mais claras provas de affecto na sempre lembrada noite de Santo Antonio, tão cheia de doçuras para elle; e não obstante o ex-feitor via a noiva do seu amigo acobertar-se com a noite para entrar sosinha na casa grande.

Quem poderia desconvençel-o de que igual scena não era representada pela preferida de sua alma, causa de todos os dissabores que lhe entresticiam agora a existencia?

Esporeado pelo desejo de vingar-se de Motta Coqueiro, o ex-feitor correu até o casarão, mas em vez de bater á porta ficou estatelado.

N'este homem tão malvado quanto apprehensivo, a covardia excedia a todos os defeitos moraes, que o convertiam em um ente execrando.

Ponderou talvez quão tremenda era a odiosidade que o seu passo ia provocar e recou diante d'elle, sem lembrar que, attenta a idéa que fazia da visita da moça á casa grande, era um perjúrio o seu silencio.

Não foi só para o ex-feitor que a visita de Antonica teve uma interpretação pouco lisongeira; o proprio Motta Coqueiro deu-lhe uma explicação injusta.

Recordando-se das informações que acerca da familia de Francisco Benedicto lhe foram ministradas por Fidelis, o fazendeiro viu apenas no acto de Antonica um ardil vergonhoso para que o aggregado pudesse continuar a residir no casarão.

Naturalmente attencioso para com todos, Motta Coqueiro foi entretanto desabrido para com Antonica, e sem dar credito aos protestos da moça, que se desfazia em prantos e desculpas, concluiu por dizer-lhe:

— O seu pai faz muito mal em pel-a a serviço de seu pouco juizo; eu não sou o homem que elle pensa. Pode dizer-lhe que se serviu de máus recursos: Estes são para o Vianna, o Sebastião e o Mantel João. Arrepellido estou eu de ter consentido que elle viesse para as minhas terras; bem razão teve o Dr. Manhães. Isto já passa de escandalo e eu vou acabar de uma vez.

A visita foi pouco demorada e só alguns minutos haviam decorrido depois que Manuel João assistiu a entrada de Antonica, quando viu-a sair soluçando.

O zeloso amante retirou-se então para casa, e, sem poder explicar o que vira, perguntava a si mesmo se não desvairava n'um pesadelo. Um recado, que muito

cedo lhe foi transmittido pelo moleque Carlos, veio tiral-o da anciedade em que se achava.

Mariquinhas convidava-o a ir immediatamente encontral-a, em quanto não havia quem os visse. Ella esperava-o por detraz das casinhas dos fundos das senzala.

O ex-feitor correu promptamente e com effeito ahi encontrou Mariquinhas, graças a tatica da tia Balbina; o que, porém, não poude gozar foi a effusão de affectos com que o desgraçado contava.

A colera irrompeu-lhe erriçada e brutal, e Mariquinhas seria por elle estrangulada, se um soccorro inesperado não o impedisse.

Fidelis appareceu de subito no momento em que espumando, como um cão hydrophobo, Manuel João puchando pelas tranças de Mariquinhas, fel-a tombar em terra.

O preto não disse uma palavra, mas, vibrando vigorosamente o cabo do rebenque sobre os punhos do aggressor, conteve-o na sanha feroz.

O cobarde deitou a fugir pelo campo do sitio.

VI

A CONSPIRAÇÃO LATENTE

Na verdade foi alumiado por uma boa estrella, quanto fugia miseravelmente, sem reagiu sequer pela palavra contra o castigo que recebeu.

Uns minutos mais de demora ser-lhe-hiam mais desastrosos, senão de todo fataes, porquanto fôra mister haver-se com o amo possante e justiceiro e agora quasi allucinado ao saber do repugnante attentado.

Chegando ao logar em que Mariquinhas tinha sido duplamente desacetada por Manuel João, Motta Coqueiro, ao ver a moça com o rosto sumido entre as mãos e a soluçar inconsolavelmente, accendeu-se em uma colera turbilhonante, indomita, assombrosa e querendo punir o aggressor,

que fugira, ordenou, com gritos freneticos, que lhe trouxessem o alazão.

A circumstancia da hora impediu o prompto cumprimento da ordem; ainda o valente animal de largo folego e carreira tempestuosa pastava namorando com relinchos galanteiadores o lote que o cercava.

Em vão d'ahi a pouco aos repetidos *upas* do cavalleiro, o alazão, quasi cosido com a gramma, mediu á brida solta o campo do sitio e depois em rapida andadura o caminho que ia ter á venda do Vianna.

O brutal aggressor tinha podido occultar-se em logar seguro e d'ahi observar sem ser visto todo o movimento dos escravos e de Motta Coqueiro para capturarem o.

Entretanto Manuel João não tinha corrido até grande distancia; achava-se a meio caminho da venda e d'ahi podia illudir todas as pesquisas.

Quando estas afrouxaram, Manuel João, deixando o seu escondrijo, caminhou cautelosamente até o logar onde o presentimento conduzira tambem, havia poucas horas, o fazendeiro.

Como uma aranha enorme no centro de immensa teia, Vianna estava no meio da vendola sentado n'um caixão e com o tronco recostado em um sacco de milho.

A ociosidade zumbia-lhe em torno a desafiar-lhe bocejos e pairava-lhe já nas palpebras, que pestanejavam morosamente.

Fóra chilravam as cigarras e estalava ao calor, um panno de fructos de mamona estendido ao sol.

Manuel João penetrou de um salto no interior da taberna e antes que o vendeiro tivesse tido tempo de espaiar o susto, já o hospede tinha entrado para uma saleta que se abria sobre a sala da venda.

— Veiu alguém procurar-me aqui? perguntou o ex-feitor.

— Temos novas artes, bregeiro? quem é que havia de vir procural-o? Tu andas

procurando uma farda para estas costas.

A alegria hospitaleira do prudente vendeiro foi logo obrigada a retrahir-se. Manuel João tomára a palavra e, depois de narrar todos os seus soffrimentos e torpezas, acabou por interessar vivamente o vendeiro:

— Agora escute bem, *seu* Vianna, eu ao menos tenho uma gloria, é que hei de vingar-me d'aquelle demcnio. Deixe-me pensar e verá. Elle me fez uma; ha de pagar-me com juros, eu não estou fallando com você.

O vendeiro, vivamente impressionado com o que acabava de ouvir, ficou meditando por largo espaço. Tinham-se-lhe extinguido os bocejos, e as palpebras como que se lhe paralyzaram. Temia que fosse descoberta a sua familiaridade com Manuel João de quem fôra até certo ponto o instigador.

Diversas vezes o vendeiro levantou os olhos e cravou-os no rosto do ex-feitor, mas, encontrando as feições decompostas do amigo, desviou o olhar. Visivelmente o Vianna temia emittir a sua opinião.

— Quer dizer-me alguma couza, *seu* Vianna; falle porque eu ainda tenho cuidados.

— Você não se zanga?

— Póde dizer para ahi.

— Fallando verdade, Manuel João, você foi um desastrado, e a cousa póde custar caro.

— Pois sim; se não fosse por is o era por aquillo; odiabo andava-me com sede.

— Mas se você não provocasse.

— Deixe passar o tempo; você não ha de fallar mais d'este modo, póde ir pondo as barbas de molho. Lembra-se do dia em que *sa* Antonica ia-se affogando?

— Tenho de cór.

— N'esse dia foi que se descobriu qual das tres era a que *elle* estimava; beijou *sa* Antonica á vista de todos.

A testa do vendeiro enrugou-se.

—Depois, continuou Manuel João, com estes olhos que a terra ha de comer eu vi muitas vezes *sa Antonica* entrar na casa grande, sosinha e de noite.

— Ora elle é como pai d'ellas; interrompeu o vendeiro profundamente despeitado; não extranho que ella o procure.

— Mandou uma negra fazer quartos a *sa Antonica* e, quando esta peiorou, mandou para lá a Balbina, o estupor da feiticiera.

— Tudo isso não prova nada.

— E' verdade; mas o que prova é que ha muito tempo que você pediu *sa Antonica*, e o pai não ata nem desata, e ella mesmo não faz caso de você.

Manuel João tinha tocado a chaga que sangrava o fingido vendeiro. Vianna sentiu-se mordido pelas presas afiladas do despeito, quando Antonica maltratou-o positivamente, e desde então ruminava no isolamento a desforra ao desabrimento da moça.

Fechava-se com esta idéa e não queria vê-la transpirar ainda a custa da propria vida, pensava que ninguem tinha ainda percebido a friesa de Antonica para consigo e por isso contemporisava. Agora porém sabia de improviso que outros olhos, outra perspicacia devassaram a causa das suas meditações de vingança.

— E o que tem você com isso? exclamou o vendeiro. Cuide de si e olhe que não lhe sobra tempo.

— Eu já sabia que havia de ficar sozinho, atalhou Manuel João; mas não sou eu quem é o noivo de *sa Antonica* e portanto não sou tambem eu quem mais raiva mette ao capitão. Não tome tento não e eu lhe mostro.

Certo do effeito das suas palavras, Manuel João retirou se da taberna, deixando Vianna entregue ás mais assustadoras conjecturas acerca do seu destino.

No sitio de Motta Coqueiro duas pessoas padeciam horrivelmente; eram Antonica e o fazendeiro.

O accaso parecia divertir-se em aglo-

merar contrariedades em torno de Motta Coqueiro e esbarral-o de encontro a ellas.

A canôa que levava a familia para a cidade tinha voltado e uma carta escripta pela esposa de Coqueiro, veio collocal-o em posição embaraçosa.

Na carta, a Sra. D. Maria, depois das expansões peculiares a uma ausencia de consorte, occupava-se com a molestia de Carolina, nestes termos:

— A rapariga está salva, graças aos cuidados do medico, mas ainda está muito abatida. Vou, porem, communicar-lhe uma cousa curiosa a respeito:

O medico, admirado do desvello com que tratava-se Carolina, disse-me que ella não o merecia, porque a doença não era natural, mas sim provocada pela escrava.

Como era de meu dever interroguei-a e depois de muito negar, confessou por fim que era verdade o que o medico revelou-me, e contou-me o seguinte:

« No dia em que adoeceu, accordou-se mais cedo do que devia e, para não ser enganada pelo somno e assim faltar a revista, resolveu-se a não tornar a deitar-se.

Como o luar era claro como o dia, diz ella que, para matar o tempo, sahio e poz-se a passeiar por perto das casas da fazenda. Assim fei andando até a casa do compadre.

Ahi tomou um violento susto porque inesperadamente estacou diante de dois vultos.

Estes, percebendo a sua chegada, correram e ella pôde reconhecer Manuel João e uma das filhas do compadre, que lhe pareceu ser a Mariquinhas, aquella Mariquinhas, que nós tinhamos por uma santa.

O choque soffrido por Carolina fez-lhe mal e quando voltou para casa sentiu já os primeiros symptomas da molestia, que quasi matou-a.

— Não querendo dar parte do doente, porque se envergonhava de dizer o que tinha, decidiu-se a tratar-se por si mesma,

tomando um chá que lhe disseram que era bom.

O remedio, porém, longe de fazel-a melhorar, deu em resultado o trabalho que temes tido para cural-a, e o susto que tivemos de perdê-la.

Vim depois a saber por uma das mucamas que Manuel João era amante de Carolina e ella confirmou m'ò.

Avalie quanto estes factos devam ter me incommodado. Eu sempre tive escrupulos das relações com a familia do compadre, e agora impressiona-me extraordinariamente a lembrança das suas familiaridades com essa gente.

Ha por força um fundo de verdade na confissão de Carolina e pessima vista fará a sua convivencia em uma casa, que dá guarida aos caprichos dos feitores.»

Depois d'estas considerações e de recommendações familiares, havia na carta este *post-scriptum* :

— O embalsamento da madeira parece que não terá fim tão cedo.

Da primeira leitura Motta Coqueiro comprehendeu apenas que havia desperdiçado os seus sentimentos generosos, quando encarregou-se espontaneamente de punir o que elle chamava um miseravel abuso do ex-feitor.

Tambem da sua memoria varreu-se a lembrança de Manuel João, por isso que o seu acto appareceu-lhe então ante a memoria revestido com as rudes mas justificaveis asperesas de uma scena violenta de arrufos.

Nasceu-lhe, porém, uma repugnancia invencivel para com a familia do compadre, a quem por piedade dias antes recommençara a tratar brandamente.

Um incidente vein ainda aggravar esta aversão.

Visinho ás terras do sitio morava Lucio Ribeiro, alcunhado *o capadocio*. Era um mulatinho de vinte e dois annos, franzino, de modos bruscos e palavras atrevidas. Desde longa data entre a familia

de Lucio e Motta Coqueiro reinava a mais irreconciliavel desavença.

Lucio vivia de ser votante, uma profissão muito rendosa e uma posição muito respeitavel na roça. Sómente é preciso saber fazer o officio de votante, que tem callos bem doloridos.

O votante é o guarda costas da auctoridade e da *influencia* do logar; deve expôr por elles a propria vida, como os antigos germanos expunham a sua pelos seus chefes.

Quando algum individuo incommoda de qualquer forma a *influencia* ou a auctoridade, estas esmeram-se em acobertar o seu resentimento e impellem contra o individuo votante, — especie de cão de fila que dorme-lhes á porta.

A differença entre os dois animaes é que — um ataca de frente, corajosamente, navalhando e dilacerando com os dentes amolados; — o outro assalta traiçoeiramente e maneja a espingarda ou a faca, pelas costas da victima.

Lucio, havia algum tempo, tinha servido para significar a Coqueiro o desgraçado em que tinha incorrido para com o subdelegado de Macabú, honrado conservador que dominava o logar, e que, para avigorar-lhe a dedicação, ameaçava constantemente o fiel Lucio com um espectro horrendo — a praça.

O resultado obtido pelo rapaz foi ganhar uma inimizade, e esta demonstrava-a claramente o fazendeiro negando a Lucio e a todos os seus parentes passagem pelo seu sitio.

A prohibição tinha sido respeitada por muito tempo, mas agora acontecia o contrario; Lucio, a pretexto de visitar Francisco Benedicto, fazia do sitio o seu caminho.

Conhecida por Motta Coqueiro a quebra da pena que tinha imposto a Lucio, e informado de suas relações com Francisco Benedicto, o fazendeiro fez d'isso um motivo para renovar, mas já

em tom de intimação, o pedido ao compadre para que fizesse a sua casa.

— Ouça, compadre, disse elle a Francisco Benedicto; você pensa que é por lhe querer mal que eu insisto em querer que você faça a sua casa; e no entanto quero apenas evitar questões. Ainda hoje disseram-me que o Lucio faz caminho pelo sitio e desculpa-se com visitas á sua familia. Eu não posso prohibir que você se dê com este ou aquelle, mas não posso sentir que entre pela minha casa dentro um individuo que insultou-me gratuitamente. Em todo caso, quando voltar ao sitio, desejo achal-o mudado.

Francisco Benedicto nada objectou.

O silencio de Francisco Benedicto foi apreciado por Motta Coqueiro a boa parte, e o fazendeiro entendeu que estava resolvida a grande questão da mudança.

Por esse lado creu estar descansado e continuou a cuidar nos seus trabalhos para termina-los o mais promptamente possível e deixar o sitio que tanto encomodava-o agora.

Pensava em Antonica maldizendo a fatalidade que arraigara tão intensa paixão para a qual nem por um fugitivo pensamento elle quizera contribuir, e no entanto collaborara com a esperança.

A moça vingava-se do desabrimento com que foi tratada na ultima vez que tinham fallado, deixando delir a sua formosura por uma consumpção rapida e fatal.

Como a nuvem negra que, embora carregada de aguaceiro, desliza sem ruido pela face do ceu, Antonica, embora avergada ao soffrimento, vivia sem um ai ao lado do eleito dos seus sonhos.

Procurava evital-o sem affectação, sem uma só asperesa de despeito, mas, ás vezes vencida pelas necessidades do coração e ao mesmo tempo coitada pelo orgulho do amor despresado, guardava um meio termo que aliciava-lhe os olhos e sopitava-lhe o tormento.

Quando á tardinha o fazendeiro se sen-

tava no terreiro da casa grande ora a ler, ora a fumar distrahidamente, ella collocava-se junto da moita que ficava ao lado do casarão e, pelas malhas do trançado de arbustos, contemplava-o extatica. Só a noite tirava a do seu observatorio.

Uma tarde esta contemplação foi percebida por Motta Coqueiro, que se apiedou do desditoso affecto a que elle, por sua honra, não podia bafejar.

Teve sinceramente piedade de Antonica e duas vezes agitou o lenço chamando-a para junto de si.

Uma recordação prohibitiva interpôz-se-lhe, porém, aos sentimentos compassivos, lembrou se da carta de sua esposa, e uma força invencivel impelliu-o a relê-la.

O só contacto do papel fêl-o estremecer; parecia ter entre mãos uma sentença cruel. O presentimento tornou-lhe maior a avidez da leitura, que ante mão assim abalava-o.

Os primeiros periodos desfizeram quasi totalmente o estado moral que o abatia, e Motta pdeu sorrir ás veladas insinuações da sua esposa. Para o fim da carta a impressão foi bem diversa e o fazendeiro chegou a repetir alto os dois periodos.

« Avalie quanto estes factos devem ter me incommodado. Eu sempre tive escrúpulos das relações com a familia do compadre, e agora impressiona-me extraordinariamente a lembrança das suas familiaridades com essa gente.

Ha por força um fando de verdade na confissão de Carolina e pessima vista fará a sua convivencia em uma casa, que dá guarida aos caprichos dos feitores. »

A odiosidade de que vivia cercado em Macabu, as provocações de que era alvo para que desorientassem-o dos caminhos da prudencia e perdessem-o n'uma precibitação; as calumnias que arrebatavam do anonymo, á semelhança de uma nuvem de mosquitos de um pantano, e assediavam-o entre zunidos importunos e mordidelas incommodas; as ciladas

que a todo o momento enredavam-lhe os passos; o seu viver de isolamento que, averbado de misantropia, abria largo e attrahente campo ás intrigas as mais abstrusas, tudo isso borbulhou da memoria do fazendeiro e, escoando-se pelos raciocinios exaltados, alagou-lhe o coração de uma inundaçãõ de fel.

A carta cahiu-lhe com as mãos sobre os joelhos, ao passo que o olhar se fixava no céu.

A pouco e pouco, porém, as rugas da testa e a saliencia exagerada das sobrançelas, que lhe davam uma apparencia de intratabilidade antipathica, foram esvaeçando-se e o semblante retomou a sympathica seriedade habitual.

E' que a paz da consciencia asserenava-lhe os temores, e a ingenua confiança da honestidade espancava com os seus clarões os phantasmas evocados pelo receio.

Via-se-lhe na physionomia, mysterioso livro onde a consciencia nos escreve dia a dia, hora a hora, a historia de nossos actos; lia-se-lhe na physionomia uma serie de interruções e respostas, no passar repentino da serenidade para a perturbação.

Ninguem, salvo má vontade extrema, poderia encontrar nos seus actos para com a familia do aggregado uma nodosa siquer, tinha sabido repellir, a principio com brandura e depois virtuosa rudeza, o coração que lhe offerecia, e se alguma culpa tinha na pertinacia do affecto de Antonica, devia ser lançada á conta da compaixão.

— Não ha um só coração bem formado que possa por um momento fazer-me semelhante injustiça, disse convictamente o fazendeiro.

Os olhos abaixaram-se-lhe de novo sobre o papel, que parecia magnetisal-o, e, temando-o machinalmente, Motta Coqueiro continuou a leitura.

Agora encontrava ahi um balsamo para a ferida que d'ahi mesmo tinha partido. As letras ameigavam se combinando-se em palavras de amor e caricias; recor-

dações sagradas das alegrias e saudades de seus filhos e além d'ellas gravavam o nome da esposa, o querido nome da companheira de infelicidades e de venturas.

Entretanto, como uma cascavel occulta sob flôres, negrejava sob a assignatura o maldoso *post-scriptum*: *O embalsamento da madeira parece que não terá fim tão cedo.*

Apezar da apparente despretenção da phrase, Motta Coqueiro sorprehendeu a suspeita que n'ella delicadamente se envolvia.

De feito, a molestia de Antonica tinha occasionado uma demora no trabalho, por isso que era impossivel exigir de Francisco Benedicto que abandonasse a filha gravemente enferma e se consagrasse aos interesses do fazendeiro. Demais o proprio Motta Coqueiro não zelou taes interesses, porque maior cuidado o absorvia.

A crise moral reapareceu no espirito já abonçado do homem que se infelicitava pelo bem alheio.

Havia pouco d'escançara na confiança de que ninguem de boa fé poderia julgal-o mal, e agora via diante de si, representando este juizo, a pessoa por quem devia ser mais conhecido, a sua consorte.

Como explicar-lhe a demora pela molestia de Antonica? A explicação, que era bastante para justificar Francisco Benedicto, era inteiramente desarrasada para si e serviria apenas para aggravar as suspeitas.

Assoberbado pela difficuldade da sua posição, Motta Coqueiro perdeu-se n'um pelago de soluções, as quaes repellia logo por improcedentes e compromettedoras.

A noite veio encontral-o no mesmo lugar e longo tempo correu sobre elle, profanando com a indifferença da zragem e do luzir das estrellas aquelle padecer injusto.

Havia bem perto alguem que padecia igualmente, alguem que, pela presciencia do amor, advinhava que o fazendeiro soffria.

Era Antonica. Postada no seu ponto de

observação, ella via sempre Motta Coqueiro retirar-se do terreiro logo ao cahir da noite. Hoje, porém, o fazendeiro parecia nem sequer aperceber-se de que havia muito que a melancolia do crepusculo tinha dado logar ao mortifo tremeluzir das estrellas.

Sem saber como nem porque, Antonica veio insensivelmente approximando-se do fazendeiro, e, quando já perto d'elle, teve a dolorosa corteza de que uma dôr profunda o acabrunhava e absorvia.

Com os braços cruzados sobre o peito e as palpebras fechadas, a cabeça descahida para traz, Motta Coqueiro jazia em immobillidade de cadaver.

E' facil descobrir qual o fio dos pensamentos da amante diante do homem que fascinou-a. O amor leva seu egoismo a attribuir-se todas as felicidades e desventuras do ente amado; imagina que o riso ou a lagrima só elle tem força para provocal-os, só elle tem o condão de metamorphosear a existencia em bulcões ou luares, em abysmos trevosos ou em firmamento constellado.

Uma injustiça pungente sangrava ainda o coração de Antonica; ella, que se abandonava somente á correnteza de uma fascinação, ao deslumbramento de uma paixão, tinha sido accusada como instrumento ignobil manejado por seu pai.

Não seria o arrepenimento de tão amarga injuria a causa do abatimento do homem que involuntariamente havia monopolisado a tranquillidade do seu existir?...

Tal pensamento atravessou talvez o cerebro da moça, e, como ainda mais do que as proprias, torturavam-lhe as dôres do fazendeiro, Antonica approximou-se para levar-lhe o perdão.

Faltaram-lhe, porém, por muito tempo as forças; a voz sumia-se-lhe, enquanto que os labios eram attrahidos pela pallidez da frente do pensativo.

Afinal, derramando uma ternura infinita, Antonica murmurou timidamente.

— Soffre muito, *seu capitão*? Quem lhe faz mal!

A voz da moça repassava se de um phyltro irresistivel de paixão; era o perdão dando-se espontaneo, sem ao menos uma supplica; era o consolo a implorar que o recebessem as maguas sobranceiras que se fechavam no proprio travor, como se n'isto se receiassem.

Tambem o fazendeiro, como se já esperasse a inopinada consolação, respondeu-lhe sem sobresalto.

— Sim, padeço muito.

A resposta foi recolhida na tepidez de um suspiro, ao passo que a anciedade apressava-se em ouvir uma confissão lisonjeira.

— E sou eu a causa! eu que não tento juizo! Meu Deus, para que me fez tão má!

As exclamações de Antonica, se é possível dizel-o, eram feitas de lagrimas volatilizadas; cunhavam-as uma imploração suave e uma piedade indivivel. E como não ser de outro modo se ella, que daria, para que o fazendeiro tivesse um sorriso bom, a sua mocidade brunida pela formosura, os seus sonhos que ainda não tinham voado ao limiar dos vinte annos; se ella, amante apaixonada, tinha-o ante os seus olhos... soffrendo.

As palavras da moça não foram respondidas e Motta Coqueiro ensurdecia-se na lethargia da dôr.

E eu que, ha tanto tempo, estou a vê-lo d'alli, continuou Antonica, e que não descobri logo que soffria. Não estava como nos outros dias, e eu não vim. Pensei que estava zangado commigo. Só fiquei certa de que *seu capitão* estava triste, porque já *tão noite* e ainda está aqui fóra.

Como quem desperta por uma sacudidela brutal, o fazendeiro levantou-se e correu os olhos em torno de si, e depois para as mãos, em uma das quaes tinha a carta amarrotada.

Antonica, assustada por esses movimentos, ficou immovel, como se os pés se

lhe tivessem grudado ao solo, e já começava a reprehender-se da nova imprudencia, esperando uma das explosões de genio, tão faceis em Motta Coqueiro.

Mas em vez da censura temida, encontrou a benevolencia, e se as mãos, se os gestos não se avelludaram em affages, a voz traasudou uma compaixão grata e amiga.

— Você faz-me pena, disse Motta Coqueiro; não conhece a vida, e vai até o precipicio, querendo arrastar comsigo aquelles a quem estima. Deixa-me em paz, Antonica. Ninguem melhor do que eu póde avaliar o seu soffrimento, mas tenho necessidade de ser cruel. O contrario era a minha deshonra, o desasocgo de toda a minha vida e a sua desgraça, Antonica. Hoje você ficaria satisfeita com as minhas caricias, porém amanhã, quando os seus pais lhe fechassem as portas, quando todos apontassem-a entre mofas e escarneos, teria de amaldiçoar-me. Nem você imagina quanto algumas palavras que lhe tenho dito, custam-me em arrependimento. Julgo-me criminoso ante os meus filhos e minha mulher, e entretanto a minha estima por si não é senão a de um pai. Tenho dó de si.

Mas, meu Deus, que desgraça é a minha que não posso nem estar ao pé de vosmecê um instante, sem que logo me mande embora; *seu capitão póde ficar horas inteiras a olhar para um papel e não póde me ver nem um instantinho.*

Buscando commover, a moça não fez mais do que avivar ainda mais na mente de Coqueiro a responsabilidade que lhe cabia na scena que se passava.

O *papel* preferido era a carta em que estava gravada a suspeita da sorsorte do fazendeiro, e lebral-o importava justificar a delicada reprehensão que no papel occultava.

— Não devo consentir, continuou o fazendeiro, porque tenho familia, porque tenho dignidade. Basta já de compromettimentos; é a sua e minha perdição. Se

alguem apparecesse agora, este papel que você vê teria toda a razão, e minha mulher poderia com justiça accusar-me.

— E que tem sua mulher e seus filhos com a minha amizade? Pois que me matem.

— Louquinha, faz-me pena.

— Paciencia, mas é assim; matem-r e sequizerem, mas hei de estimal-o sempre.

O silencio permeiou a tristeza d'esses dois corações.

Passado algum tempo, Motta Coqueiro, como se houvesse encontrado uma solução decisiva para a sua situação, pegou da mão de Antonica e perguntou-lhe com voz commovida.

— Então estima-me muito, Antonica.

A moça respondeu movendo affirmativamente a cabeça.

— E é capaz de fazer tudo quanto eu lhe peça.

— Sim, respondeu alegremente Antonica.

— E' o maior sacrificio da tua vida, mas será tua tranquillidade mais tarde, e o socego dos meus. Promette fazer-me?

— Diga, diga já.

— Eu juro que hei de velar por si, como se fosse seu pai, mas você ha de fazer a vontade á sua familia, acceitando o casamento com o Vianna.

— Ah! meu Deus; isto é de mais.

Emquanto Motta Coqueiro assim dedicava-se ao zelo pela reputação de Antonica e pela tranquillidade do lar, tres homens tratavam de minar sem ruido o edificio de paz que elle tentava construir em roda de si.

Um juramento de mutua defeza vinculava a reciproca dedicacão colligando-lhes os esforços. Esses homens eram Manuel João, Sebastião Baptista ou melhor Sebastião Pereira—appellido que o violeiro herdou a um seu antigo amo; e o Vianna, o mais conhecido dos vendeiros da visinhança.

O ex-feitor do sitio de Macabú, o covarde Manuel João, e o violeiro conspiravam por

uma causa rasoavel; tinham levado a infamia á casa do aggregado e temiam a punição d'esse acto, punição que elles imaginavam tremenda, porque esperavam-a fulminada por Motta Coqueiro.

A situação do violeiro aggravara-se de fórnica que para qualquer parte que elle olhasse não descortinava senão trevas e perigos.

Em uma das entrevistas com Chiquinha o animo destemido do violeiro havia enfraquecido e baqueiado mesmo.

Sustando-lhe intempestivamente as expansões, cortando-lhe de um golpe o fio dos galanteios seductores, a moça perguntou-lhe um dia:

— Você pensa que é muito feliz?

Sebastião riu-se com a boa vontade de quem tem por horizonte o goso desasombroso de uma affeição que se dá, sem pedir, como retribuição mais do que uma hora de bom humor, e algumas condescendências amigas.

— Boa pergunta esta, Chiquinha, respondeu Sebastião; nem eu tenho razão para pensar de outra maneira.

O semblante tristonho de Chiquinha inundou-se da tristeza commovente da desesperação represa. Era mister entrar em uma revelação dolorosa que perturbaria necessariamente a felicidade alardeada alacrememente pelo seu amante.

A delicadesa do amor pedia-lhe que se calasse, o melindre do pudor acovardava-a, mas o perigo da sua posição de filha-familia exigia que ella fizesse o sacrificio e desvendasse aos olhos de Sebastião o futuro que a esperava.

— Você vive feliz, não é verdade? gemeu a voz da moça; pois eu vivo bem triste.

— Ora essa agora, *sa* Chiquinha; e quem foi que matou as suas *pucas*?

Esta nova resposta de Sebastião convencencia pungentemente á moça de que bem longe estava do pensamento do seu amante aquilatar a extensão da desgraça que exauria-lhe a pouco e pouco a existencia.

As lagrimas denunciaram-lhe o soffrimento que por muito tempo se refolhava na esperança, á semelhança de um besouro negro no calice de uma açucena.

Aquellas grossas e tardas lagrimas eram a serie dessorada das ardentes illusões de outr'ora, hoje frios cadaveres; corriam striadas pelo sangue de um coração ulcerado; impunham respeito, e testemunhavam a sinceridade da dôr de quem as chorava.

Sebastião foi compassivo ao encontro da tortura que tanto alquebrava a moça.

Conchegou amorosamente ao seu o tronco emmagrecido de Chiquinha, e deitou-lhe a cabeça sobre o seu hombro.

— Vejam só isto, disse elle ternamente; está afflicta assim e não me disse nada. Diga quem é a causa de seu choro? eu fiz-lhe alguma cousa? alguém lhe offendeu?

Prorompendo em soluços angustiosos, que entrecortavam-lhe as palavras, Chiquinha arrancou do intimo de sua alma este grito desolado, que lhe maltratava o coração, como se fosse uma bala encravada.

— Não é isto; é uma desgraçada; ha já dois mezes talvez que eu sou mãe.

A dôr de Chiquinha repercutiu intensa no coração do violeiro; era a erupção vulcanica que, ao passo que esbraseia a cratera, cobre o espaço de fumo, clarões e vomitos varmelhos e faz estremecer todo o sólo em derredor.

Depois de uma longa pausa, que pesou como uma barra de ferro sobre o coração da moça, Sebastião com os olhos baixos e a voz afinada na entoação da angustia.

— Só ha um remedio, murmurou; fugirmos.

— Fugir, mas meu pai, meu irmão hão de perseguir-nos; mas você prometteu casar-se commigo. Não quero fugir, não devo.

O violeiro estava de feito commovido, e não era com o fim de furtar-se á responsabilidade que propuzera o alvitre a

Chiquinha; era o meio mais expedito para subtrahil a ás iras da familia.

— Você disse muito bem, *sá* Chiquinha, é uma desgraça, soluçou o violeiro. O que não vaizer de nós; esse maldito capitão, seu pai; é uma desgraça, é o unico remedio é este, fugir. Mais tarde eu remediarei o mal, juro. Prometta-me que sahirá d'esta casa.

— E' o que quizer, respondeu Chiquinha; eu já não sei o que faço.

Desde então os amantes esperavam sómente a oportunidade para levar a effeito o expediente desesperado.

O violeiro, certo da gravidade do passo que ia dar, julgou-se desde logo irremediavelmente perdido aos olhos de Motta Coqueiro e ateve se resignado-se ao seu infortunio.

N'este estado de espirito foram encontral-o no dia em que Manuel João tinha sido forçado pelas circumstancias a deixar o sitio.

Sebastião era a cabeça que dirigia todos os planos astuciosos do triumvirato. De improviso elle achava os meios para obviarem-se difficuldades consideradas insuperaveis, e além d'isso integrava com a coragem temeraria a covardia dos seus companheiros. Era o Tyrteu no meio d'aquelles dois lacedemonias irresolutos.

Manuel João procurou o seu valioso amigo sómente na qualidade de hospede, porquanto não tinha outra pessoa a quem recorresse. Tambem limitou-se a narrar o que se passava com elle, deixando á margem as relações do fazendeiro com Antonica.

Vingava-se d'esta sorte do vendeiro que, em vez de consolal-o na sua desventura, achara szãa occasião para censural-o. Certo de que o Vianna nada resolveria por si só, encobrir a Sebastião o que dizia respeito ao vendeiro importava turtural-o ao menos por alguns dias.

Mas infelizmente para o ex-feitor o seu calculo foi de relance burlado; duas horas depois da sua chegada á choupana do

amigo, o Vianna gritava á porta o familiar—*olé de casa!* e entregava ao criterio do protector e guia commum as suas maguas e sustos.

O violeiro ouviu com o maior sangue frio a exposição dos acontecimentos que se atropellavam a favor dos tres conjurados, respondendo apenas á anciedade do Vianna com uma frequente—continúe.

Quando Vianna concluiu a narração e afflictissimo começou a dar aos diabos o pensamento de possuir Antonica, o violeiro desatou n'uma gargalhada estridente e franca e exclamou com uma alegria feroz.

— Então o *Thebas* está pelo beijo pela Antonica! E' verdade mesmo, o diabo não abandona os seus.

Não era isto o que os dois interessados esperavam ouvir de Sebastião; a calada do violeiro percutiu-lhes a derradeira esperança e ambos bradavam furiosos:

— Com os diabos! você está sempre a vêr motivo para risadas, mesmo quando o caso não é para isto.

— Pois o que é que vocês querem, continuou Sebastião, que não parava de rir-se; estou com o melro seguro. Vocês vão ver.

Após a expansão estrondosa, que sobremaneira desnorteava os dois timoratos conjurados; Sebastião, assumindo um ar grave, poz-se a passeiar de um para o outro lado da sala desornada.

Durou pouco a meditação. Acercando-se de Vianna disse o violeiro seriamente:

— Isto de amizade do mais arranjado com o pobre é sempre uma boa pulha. Diga portanto cá, seu Vianna; você quer gastar alguma cousa ou não quer?

— Assim como vão as cousas, respondeu o vendeiro, ha de ir tudo pelos ares. Estou prompto para a despeza.

— Pois dê-me de cinco a dez mil réis, e deixe rular o dado por minha conta. Vá para a sua bodega sem medo, porque se o individuo não lhe mandar tirar a vida pelos escravos, ha de pagar-nos com lingua de palmo.

— Mas o que é que você vai fazer? homem.

— Isto é segredo, esborripiche o cobre, que é o que serve.

Satisfeita, não sem escrúpulos e pezar, a exigência de Sebastião, o vendeiro tornou para a sua vendela, cujas portas teve a precaução de especar solida e cuidadosamente.

No dia seguinte pela manhã, o violeiro, esgançado sobre a ossada do — *Suspiro*, ao qual o micuim convertera o couro em um archipelago, marchava para a casa de Lucio Ribeiro.

Depois dos cumprimentos ao *capadocio*, o recém-chegado, arranjando uma entoação de gracejo, perguntou-lhe de subito:

— Então como vai de amizade com o tütü cá da terra, o grande capitão?

— Mutemos da conversa, respondeu Lucio; aquillo é biscasinha que nunca me passou da garganta.

— Isto é fumaça, *seu* Lucio; se o homem ficar com o governo, você ha de mudar.

— Veremos; mas alli fica a serra dos Olhos d'Agua e a minha espingarda não nega fogo.

— E se alguém mostrasse um meio de livralo do bicho, você tinha coragem?

— Experimente, respondeu resolutamente o *copadocio*.

— Se tens coragem, meu velho, põe os arneiros ao teu *panga* e vamos ao Lycerio. Tu és tambem da autoridade e o Lycerio é unha e carne do subdelegato.

Dentro em alguns momentos os dois trigueiros pernosticos marchavam em direcção á casa do amigo do subdelegado.

Joaquim Lycerio, conhecido pelo alcunha *cigano*, tinha grande influencia na localidade, pela sua dupla posição de negociante e *chicaneiro*.

Os moradores do sertão confiavam-lhe todas as suas causas e embora as perdessem, diziam convictos a seu respeito:

— Aquillo é que é um homem para pendencias.

Branco, elle não desdenhava sentar-se á mesa com os genuinos da raça africana, nem com os filhos do seu cruzamento; fazia este sacrificio a bem de seu negocio. Tambem era elle quem apresentava no mercado campista o melhor peixe salpreso da Lagoa Feia, e a melhor garapoca das mattas de Macabú. Trabalhavam-lhe a rasto de barato.

Activo, diligente, intrigante, tudo a bem do negocio, estava sempre trabalhando, porque dizia elle—a familia vai crescendo, é preciso aguental-a.

Devotado de alma ao subdelegado, a quem chamava—o meu homem—só havia uma afeição que lhe era mais cara—qualquer transacção commercial por menor que fosse; a esta consagrava se em alma e corpo.

Quem fosse a Lycerio e lhe acenasse com uma nota do thesouro ou do banco, podia descançar, que, se ella chegasse para o preço, estava servido.

Tal modo de pensar congraçava em torno do negociante rabula uma clientella immensa e devotada.

A sua casa de negocio, sortida de todos os generos, desde o medicamento até a carne de xarque, desde a ferragem até as boas cassas, adaptava-se ao verso e reverso da vida humana: era para a saude e para a enfermidade.

Alli reunia-se a guapa rapasia do lugar, os galhardos dançadores do fado, amantes do murro, das brigas de gallo e apostas de natação, e o emporio, graças a este ajuntamento diario, assemelhava-se a uma officina de toques e cantilenas.

Lycerio animava a freguezia, e demorava com anedotas e intrigas aquelles que se queriam affastar; a causa era o borrador, o seu caro borrador.

Taes eram homem e casa procurados pelo violeiro para desfechar o golpe em Motta Coqueiro.

Recebido pela amabilidade de Lycerio, o violeiro cortou as expansões do negociante, bradando:

— Eta lá, meu branco; eu não vim para a prosa, mas para serviço; aqui está uma de cinco e entre par o escriptorio.

— E' requerimento, seu diabo, já sei; alguma citação para conciliar; eu tempero a cousa.

— Qual requerimento, interrompeu Lucio; é uma carta de recommendação para o bom capitão, o nosso amigo Coqueiro.

— Cospite! exclamou Lycerio, que percebia o sentido das palavras de Lucio, e a quem é que se vai recommendar a joia?

— A' pessoa que ha de gostar muito da festa; porque o bicho deu em passarinheiro d'pois dos quarenta; quero recommendal-o a quem se interessa por esta nova.

Rindo muito amistosamente, os tres interlocutores, depois de uma libação a um copo de vinho, entraram para o escriptorio de Lycerio.

VII

AS INTRIGAS

De volta da casa de Lycerio, o violeiro congregou os seus companheiros para effectuar a distribuição dos papeis, que não tardaram muito a ser desempenhados.

As operações deviam começar com a partida de Motta Coqueiro para Campos e esta effectuou-se alguns dias depois, pela influencia dolorosa que teve no espirito do fazendeiro a carta de sua esposa.

Na vespera da partida, protegido pela certeza que todas as pessoas do sitio nutriam de que elle não ousaria approximar-se do seu ex-amor, Manuel João conseguiu fallar a Carlos.

Vinha pedir-lhe uma coisa muito simples: ser portador de uma carta para a Sra. D. Maria.

Um generoso porte captou immediatamente a boa vontade de Carlos que, não obstante, teve medo da empresa por uma circumstancia que lhe foi addicionada...

— Você leva a carta, disse Manuel João, e lá um dia deixa-a ficar na cestinha da

costura ou em qualqu'er outra cousa em que a senhora tenha de mexer.

— Qual o que, seu Manuel João, eu entrego mesmo na mão da senhora; é mais certo.

— E' verdade, mas como o amo anda zangado commigo póde se aborrecer com você por levar uma carta minha á senhora, e a final você vem a soffrir.

O moleque, lembrando-se da ameaça do seu senhor na noite da primeira entrevista de Antonica, acceitou plenamente a observação, e concordou com o expediente mostrado pelo ex-feitor para que a carta chegasse ao seu destino.

Estava desfechado o primeiro golpe, cuja profundidade o tempo e os acontecimentos incumbiram-se de mostrar.

A oportunidade para o segundo não tardou a apresentar-se.

Offendido pela intimação de Motta Coqueiro, o aggregado tratou de angariar elementos para a construcção da casa, e alguns dias depois, graças a empréstimos de dinheiro por parte do subdelegado e dos serviços offerecidos por Lucio, o inspector André, S-bastião e Vianna, começaram-se a fiocar os esteios.

Lisonjeado pelo acolhimento que recebeu dos seus visinhos, Francisco Benedicto convenceu-se logo, o que era facil ao seu character, estar invulneravel diante do seu compadre, fossem quaesquer os abusos que para contrariar-o praticasse.

Assim, contra a vontade do feitor, e zombando até das ameaças d'este, lançou mão de bois do sitio para carregar a madeira que tinha necessidade e provia-se dos cereaes de que precisava nas roças do seu compadre.

Essas represalias continuadas punham patente a mudança de Francisco Benedicto no modo de pensar a respeito do seu protector, e pela sua gravidade mesma não podiam passar desapercibidas aos olhos do violeiro.

O vendeiro foi logo posto em campo para extremar de uma vez esta situação.

Já a nova casa, como um grande es-
queto, erguia-se completa no seu madei-
ramento. Ao lado d'ella avultavam gran-
des pilhas de sapê, que eram destinadas
a cubrirem a cumieira; e junto das pi-
lhas, em enormes buracos, revolviam-se
as enxadas amassando o barro para su-
papar as paredes.

O vendeiro, que tinha contribuido assaz
para a rapida promptificação da casa
travou conversa com Francisco Benedic-
to a respeito do casamento.

— Então, *seu Chico*, é d'esta ou da outra
que ha de sahir o casamento.

— A sahir, *seu Vianna*, ha de ser
d'aqui, com o favor de Deus. Aquella
amaldiçoada casa não me vê mais dentro
de oito dias.

— Está-lhe com muita gana hoje, mas
já gostou bem d'ella.

— O passado, passado. Hoje até me
parece que se o casamento sahisse de lá
vocês haviam de ser infelizes, tem-me
acontecido alli o diabo; estou com os ca-
bellos brancos.

— Na verdade deu-lhe agua pela barba.

— Atoeceu-me a Antonica proseguiu
Francisco Benedicto, que desde a queda
no rio nunca mais teve saude; Chiquinha
está que parece opilada, e se ella já tivesse
ido á igreja bem se podia dizer ao marido
que era tempo de tratar das toucas de lã;
a minha Mariquinhas, que era d'antes
um gaturamo, que passava os dias can-
tando, anda-me agora com uma cara de
poucos amigos, bisonha e aporrecida.

— Mas então posso contar com o sim
da sua parte, *seu Chico*? perguntou
Vianna.

— Palavra de honra! e vai vêr como
isto se decide hoje, respondeu o aggre-
gado.

A' noite voltaram para o casarão e
Francisco Benedicto, chamando sua mu-
lher, disse-lhe que tratasse de vêr o que
se haviá de fazer para os enxovaes de
Antonica.

A moça, que estava cosendo a um canto
da sala, interveiu dissimuladamente na
conversa.

— Mas eu não tenho vontade de ca-
zar-me, *ppai*; estou muito creança ainda.

— Ora vá d'ahi, atalhou bruscamente
Francisco Benedicto; quem sabe se você
deve ou não deve casar sou eu; pôde
metter a viola no sacco.

O que passou no coração de Antonica
é indiscriptivel, mas, a julgar pelo seu
semblante, o golpe foi tremendo. Ella não
respondeu, mas o seu olhar fulminou,
com a indignação e o desprezo, o pertur-
bado vendeiro.

Convencido de que Antonica submeter-
se-hia á vontade de seu pai, Vianna es-
merava-se em multiplicar obsequios ao
aggregado, todos os dias de manhã vinha
encontrar-se com elle no casarão e d'ahi
acompanhava-o á casa nova, onde não se
poupava no trabalho do embarreamento.

Era chegado o dia em que se devia dar
a ultima de mão á obra; faltava apenas
embarrear algumas paredes interiores e
assentar as portas e janellas, que não
eram muitas.

Todos os amigos de Francisco Benedicto
apresentaram-se logo de manhãzinha
para, em companhia da familia d'este,
festejar o final da construcção.

Em raacho festivo partiram para a nova
casa, acompanhados pelo aggregado, sua
mulher, o Juca e Mariquinhas. No casa-
rão ficaram Antonica e Chiquinha, cujo
estado de saude impedia-as de caminha-
rem através do campo, das picadas dos
capoeiros ainda orvalhados.

Pouco tempo depois da partida do ran-
cho, chegou ao casarão, silencioso, o ven-
deiro que trazia as mãos carregadas de
garrafas e o coração cheio de alegria.

Antonica veio recebê-lo á porta e noti-
ciou-lhe seccamente a partida da familia.

Contrariado pela frieza da recepção,
Vianna apressou-se em despedir-se. Quan-
do já se havia effastado alguns passos do
casarão, Antonica fê-lo parar e aproxi

mou-se d'elle, dissimulando o odio que lhe gerara a persistencia do vendeiro no desejo de recebê-la como esposa.

— Oh! *seu* Vianna, exclamou ella, vosmecê está se enganando por seu gosto, ouvindo o que papai lhe diz. Eu não quero esse casamento; e não se deve obrigar ninguem para esse fim.

— Isto é criada que ha de acabar com o tempo, *sa Antonica*; respondeu Vianna dando ás suas palavras uma punção de mofa.— Quer saber, eu apanhei outro dia uma jurity no ninho; levei-a para casa, e prendia-a n'um viveiro. Que bonito passaro é a jurity, não é? Pois esteve bravo e quasi morreu, tanto bateu com a cabeça nas taboas do viveiro. Hoje está mansinho como um cordeiro e macio como um velluto. As mulheres todas fazem como as juritys; amansam-se. Bom dia, *sá Antonica*

A dôr de tamanho escarneo encheu de desanimo a debilitada Antonica. A's continuas vigiliãs pranteiadas, que eram o seu viver desde que ouviu a seu pai a sentença que tanto lhe torturava o coração, a moça debatia-se em meio das mais atrozes angustias.

De um lado flagellava-lhe o seu amor prudentemente regeitado, de outro a imposição cruel feita á toda a sua vida. Do meio d'esse flagello elevava-se-lhe o espirito para logo desmaiar em acerbas consequências

Já não sabia resolver-se, boiava á mercê de esperanças, á feição de illusões caducas. Imaginara muitas vezes que as suas lagrimas teriam forças para convencer o vendeiro de que elle só conseguiria fazer a sua infelicidade, e então deleitava em sonhar a piedade d'esse homem comovendo-se diante da sua sinceridade, e salvando-a de um martyrio sem fim.

Assim, pois, em vez de romper como era de esperar do seu genio feroso, Antonica apenas desculpou-se e supplicou.

— Nem sempre as juritys se amansam, ás vezes as coitadas morrem de desespero.

Pensa que eu não lhe estimo? E máu pensar; não lhe estimaria mais uma irmã. Pois se vosmecê foi sempre bom para mim... e a prova é gostar ainda de uma pessoa que já lhe maltratou. Mas escute, eu juro-lhe por Deus que nos está ouvindo, se eu pudesse... mas não está em mim, é um feitiço; tenha dó, vosmecê teve mãe e pai, pelo amor que lhes teve me perdôe. E' que eu nunca viveria contente.

Estavam claramente provadas as afirmações de Manuel João; o vendeiro ouviu no soluçar da supplica de Antonica a revelação de um amor profundo, arraigado, mortifero.

Não era igual a esta a affeição que elle votava á moça; era uma cousa que impressionava ás vezes, mas que nunca lhe ensombrara a razão sequer um momento; nunca lhe arrancára lagrimas e soluços; nunca lhe diminuíra ao menos o apetite.

Molestou-o, é verdade, o mau trato que recebeu da sua noiva, mas do mesmo modo que o molestava a firmeza de um freguez quando, para não chegar ao preço, ia fazer negocio em outra venda. Demais elle não pensou nunca em triumphar senão em virtude da sua posição de negociante e credor do pai de Antonica. O seu casamento foi sempre, no seu entender, um problema que, mais do que o coração, a gaveta do seu balcão podia render.

Ao dar de face com esse mundo de agonias plangentes, a sua innata grosseria, a sua alma semelhante ás prateleiras da sua vendola, pouso e attracção do mosqueiro, a sua falta de sensibilidade emfim só encontrou uma pergunta bestial, e uma condicção miseravel.

— E' a quem é então que *sa Antonica* estima? Se me disser o nome talvez eu ceda.

O pudor da moça cobriu com um veu roseo o nome pedido, e o seu olhar inflammado, convergindo para o collo, para esse espesso involucro do coração, fazia pensar na espada de fogo do archanjo

velando ás portas do Eden. Aqui o paraíso era o coração de Antonica habitado pela imagem do fazendeiro.

O pudico silêncio da infeliz deu azo a uma nova grosseria.

— Então não temos nada feito; riu desdenhosamente o vendeiro. Afiual não vale a pena fazer mysterio d'aquillo que todo o mundo sabe.

— Quem? interrogou Antonica, é um segredo só meu, e por isso mesmo deve-se ter dó.

— Sim, eu tenho dó de seu pai, que vive enganado e deshonrado pelo malvado do capitão.

— E' falso; é uma calumnia. Eu já não lhe peço nada. Faça o que quizer. Digo-lhe só isto: não hei de dobrar me á vontade de meu pai; não hei de ir aturar as suas maldades, *seu malvado*; só se quizer casar com uma defunta.

Vianna poz-se a rir desaforadamente, e a sacudir o corpo com um movimento convulso; depois parou de chefe e perguntou entre uma gargalhada.

— Fica mesmo aqui no casarão, cu o capitão manda fazer casa nova?

A vehemencia do insulto occasionou um verdadeiro accesso de leucura na humilhada Antonica. Com uma temeridade inaudita, a sua mão pequena agitou-se no ar e, certa, ineperadamente espalmou-se na face do vendeiro.

— A larga face polida, a companheira ineparavel dos receiros, luziu vibrada pela mão possante do vendeiro; que vomitou colerico uma pungente injuria.

Antonica immovel, braços crusados sobre o collo effegante, o olhar vivaz e percuciente, esperou impassivel o desfechar do golpe sem pôr dique á sua colera indomavel.

— Podes matar-me, seu miseravel; antes o casarão do que a casa de um covarde. E' até um beneficio; mate-me de uma vez. Mate-me porque é a verdade: eu amo, sim, ao capitão e só elle, que não é miseravel como tu, infame, homem que

julga deshonrada a mulher com quem quer casar, malvado.

Apezar da provocação, em vez da lamina polida o vendeiro desfechou sobre a moça uma gargalhada, tres vezes peor do que o golpe.

— Descance, Sra. dona.... não ha de perder a sua vez; por ora é cedo; mas não ficará para semente.

A crueldade dos desdens de Vianna contiveram a desgraça da moça. Ao passo que o insultador, despeitado, afastava-se ella quedava perplexa, não adiantava. Havia de feito entre elles um grande charco de lólo; — era o caracter do vendeiro.

A sua photographia perfeita foi feita n'uma phrase de Antonica relembrando o insulto que foi vibrado por Vianna, quando lastimou a deshonra paterna pelo capitão. Era o requinte da hypocrisia fundabulando com a mais negra das torpezas.

Depois da longa quietação, semelhantemente ao que sacode um pesadelo, e porque ainda ante os olhos vê as larvas truculentas que o affligiam, foge ao logar em que dormia e não se liberta da impressão desagradavel senão ao ouvir uma voz humana; Antonica, ao recuperar a calma após a lucta violenta com o vendeiro, correu até o quarto em que, suspirando á vergonha, e carpindo o seu erro, Chiquinha madornava a prostração moral que a extenuava.

Ahi, como a criança amedrontada, subiu apressada ao leito e conchegou a cabeça afogueiada ao collo de Chiquinha. As lagrimas desencadeiaram-se-lhe, e, com ellas, um soluçar nervoso.

A enferma soffria assaz para saber comprehender as dôres alheias, porque desgraçadamente é preciso a dôr para aferir a dôr.

Com a voz humida de ternura e compaixão, escondendo nas palavras o espanto, Chiquinha, anediando os cabelos de Antonica, perguntou-lhe com a delica-

deza que os sentimentos fraternaes em-
p estão á mu her :

— E' possível, minha irmã, que tambem
você seja tão desgraçada como eu?!...

— Mais ainda, Chiquinha, soluçou An-
tonica, eu amo, e não devo dizer—amo.

Uma scena tocante de amor fraternal,
consorcio de sentimentos puros na des-
graça, sem estudo, sem arte como a fusão
das aguas de dois affluentes em um vo-
lume unico, largo, magestoso, correntio e
limpo, seguiu-se ás primeiras palavras
das duas moças.

As lagrimas, o sagrado baptismo do
infortunio, lustravam-lhes o passado, onde
as douradas illusões do amor converte-
ram-se a pouco e pouco em phantasmas
ominosos, cuja projecção assombrava-lhes
o presente e agourentava-lhes o futuro.

A communicabilidade das dôres since-
ras estabeleceu-se promptamente entre
as duas irmãs, e d'ahi a pouco nenhuma
d'ellas tinha segredos para a outra. Chi-
quinha não tinha pintado exactamente
a sua situação; mas sobre o que occultou
impunha-lhes silencio o pudor.

Seriam duas ou tres horas da tarde
quando Sebastião, que na qualidade de
homem entendido em carpintaria tinha
desempenhado o papel de mestre da obra,
pagou de um martello e repicando com
elle sobre um banco de carpinteiro annun-
ciou o completo acabamento da casa.

Francisco Benedicto, que desde a che-
gada ao logar da nova habitação, teste-
munhava a sua alegria repetindo visitas
ás garrafas, ergueu no ar um caneco
cheio de vinho e agradeceu os serviços
dos trabalhadores por um brinde laconico
e sincero : vivam os bons amigos !

Todos acompanharam a expansão e
rindo alegremente, foram sentar-se á
sombra de uma copada angelineira que
bracejava a ramagem robusta perto do
terreirinho do officio rustico.

Sobre o chão estufado pela folhagem
morta e cahida da arvore, a mulher do
agregado estendeu sobre uma toalha, da

alvura da albumina, o banquete commemo-
rativo do acontecimento.

A casa nova, immovel, apresentava ao
norte a frente rasgada até meia altura
por uma porta estreita e duas janellas a
pouca distancia d'esta; parecia um con-
viva irrosoluto no brodio sertanejo.

Tres janellas lateraes abriam-se para o
orientee outras tantas para o occidente.
Ao fundo, como uma aza cahida, declivava
do tecto um meia agua que era destina-
da a desempenhar as funções de cozinha.
Tudo vestia-se de duas côres apenas,— o
avermelhado do barro e o pardacento do
sapê e da madeira das portas e janellas
não pintadas.

Em torno da casa adeusava-se a mata,
só rareiada em uma largura de duas ou
tres braças, as quaes davam logar ao
leito da estrada, que se alongava a per-
der de vista, em plena franqueza de suas
curvas caprichosas como as do serpear
da cobra.

Sobre tudo isso reinava a eterna rotina
da natureza; os mesmos garganteios
aconteitados do nhambú, os pios e
chilros da passarinhada, os zumbidos dos
insectos, o murmur dos veios d'agua nas
grotas, o azul intenso das serras pro-
ximas e o desmaiado azul do firmamento
e da cordilheira distante.

Alegres e lisongeiados pelas provas de
gratidão que recebiam, os hospedes e
protectores de Francisco Benedicto senta-
vam-se á mesa com o desembaraço e ap-
petite de quem acaba de trabalhar braçal-
mente. Demais erguiam-se das terrinas
uns vapores trahido adubos esmerados e
conscienciosos.

Cumpre notar que o contentamento ge-
ral não privava todavia a solicitude hos-
pitaleira da familia e assim foi que não
passou desaperebido o mau humor de
que dava mostras o Vianna da venda,
um dos que mais tinham contribuido para
o feliz exito da construcção e para a ap-
parencia lauta do banquete.

Além d'isso, Antonica e Chiquinha, que tinham chegado por ultimo á reunião, conservavam-se visivelmente tristes, e mantinham tão grande reserva com os circumstantes que foi necessario explicar pela molestia este facto inesperado.

No fim do jantar o subdelegado Oliveira, a quem já o garrulo aggregado havia annuciado o proximo enlace de Antonica com o vendeiro, admirado do afastamento requerido entre os noivos, acercou-se do inspector André e disse-lhe muito á purisa e:

— Oh! *seu* André, não lhe parece que anda caça escondida n'este matto?

— V. S. que o diz é porque é; mas tambem se ha é tão arisca que ha de castar a sahir da tóca.

— Pois bem, fique você na espera, com todos os cinco sentidos, enquanto eu vou pôr-lhe os cachorros.

— Mais facil é ser mordido por uma jararaca do que arredar pé um momento, respondeu o inspector, aproveitando o encaixe para um riso apigarrado de adulação.

A pouca distancia d'estes interlocutores conversavam muito intimamente o vendeiro e o viadeiro. Graves questões debatiam a julgar pela gesticulação animada e um certo ar de irresolução que envolvia o vendeiro.

O subdelegado tomou nota do que se passava entre os dois e bem assim do olhar attento com que Antonica os seguia, não obstante parecer completamente absorvida em uma conversação com Chiquinha.

Batendo as palmas jovialmente, Oliveira achou se logo cercado por todas as pessoas presentes, e começou no tom mais cordial de memoria de bovens:

— Para aqui junto de mim, Sr. Chico! eu não metto prego sem estipa. Diga-me cá não se fazem os convites *para o recebo a vós?* Ande lá que parece querer deixar-me ficar no tinteiro?

— Bem fallado, meu senhor, muito bem fallado, respondeu o aggregado;

mas eu não sou o dono da festa, a culpa é toda do Vianna que, sempre que a gente falla no caso, fica extranhão como uma creança de peito.

— Pois isto não se faz aos amigos, Sr. Vianna, continuou o subdelegado, á medida que caminhava para o vendeiro.

Pondo lhe depois as duas mãos sobre os hombros e sacudindo-o amigavelmente proseguiu:

— Já tem padrinhos, *seu* maganão? O segredo n'estes negocios é grande te-leima.

Vianna, porém, não deu em resposta senão o riso alvar da acquiescencia contrafeita e Antonica denunciou claramente a repugnancia que lhe causava a audição de palavras referentes ao consorcio.

— E' novo isto, exclamou Oliveira, os noivos parece que se zangam com a gente porque lhes falla no casamento. O Vianna está macaibusio como um boi mordido de cobra, e a Antonica amarellou como uma flôr de abobora. E tá bom, está bom, não se casam, não; quem é que disse que vocês se casavam? Ora é boa, não faltava mais nada; calumnias! Ha muito *má-lingua* n'este mundo.

Uma risada estrondosa acolheu o gra-cejo do subdelegado, que regosijou-se interiormente com a certeza de ter descoberto o segredo dos noivos, e, satisfeito com essa victoria da sua perspicacia multiplicou os epigrammas, com o fim de coneguir pela irritação o que não podia obter espontaneamente.

— Já havia-me passado pela cabeça uma idéa, disse elle; era servir de padrinho ao Vianna, se isto fosse do seu agrado, e não houvesse pessoa mais considerada já convidada. Depois eu disse com os meus botões: não, não me offereço; o Chico é lá aggregado do capitão e ha de querer que elle seja o padrinho; já lhe deu a baptizar uma filha...

— Mas hoje, interrompeu o aggregado, não lhe dou por meu gosto nem um côco

d'agua. E' bichinho que entra com pés de lã e depois arranha e morde.

— Isto é o que você pensa agora, mas antes elle era o seu deus; e o Vianna ainda hoje não tem razão de queixa. Não é verdade, santinho?

— Queira perdoar vosmecê, *seu* subdelegado, mas eu hoje estou um pouco doente e vou-me chegando á casa, respondeu o vendeiro.

— E dispensa uma companhia? interrogou Oliveira.

— Está visto que não, até gostarei.

— Pois n'este caso eu vou comsigo; a conversa abrevia muito as viagens.

— O melhor é irmos todos, ponderou Sebastião; não ha nada mais a fazer aqui e para palestrar estamos muito melhor lá no casarão.

Quando o farrancho ia a entrar na casa do aggregado, o violeiro, apontando para o porto, chamou a attenção geral para essa parte do campo.

— Parece que chegou canôa da cidade e se não me engano aquelles que lá estão no porto são o Faustino Silva e o Peregrino.

Dentro em alguns minutos não houve mais duvida; as pessoas que estavam no porto, com os remos ás costas e cestos á cabeça, tomaram a direcção da casa grande.

— Agora não sai ninguem d'aqui, exclamou o aggregado; o Faustino ha de *candongar* por força ao amo e eu quero *metter-lhe ferro* por saber que vocês estiveram commigo. E' uma pagasinha dos desaforos que me tem feito.

E' direito, muito direito; acrescentou o violeiro; mostre-se áquelle inchado capitão que a gente não morre de caretas.

Todos concordaram com a resolução do aggregado, patrocinada pela arrogancia do violeiro, ainda que não muito por vontade do subdelegado e inspector, que só ficaram para não mostrarem-se medrosos.

Na porta do casarão, com o chapéu de lebre na mão e roto carrancudo, assomou Faustino Silva, que apenas saudou o aggregado e seus hospedes, e logo retirou-se depois de ter entregado a Francisco Benedicto uma carta que lhe era dirigida pelo capitão Motta Coqueiro.

Um movimento de surpresa descorou todos os rostos e ainda os mais corajosos estremecera involuntariamente. De feito, era singular que em tão pouco tempo de ausencia já o fazendeiro tivesse motivos urgentes para dirigir-se ao seu compadre.

A pedido de Francisco Benedicto, o subdelegado collocou os seus oculos, quebrou a obreia da carta e leu com voz pausada:

« Compadre,

« Ao sahir do sitio tinha-lhe pedido que se apressasse a fazer a sua casa no lugar que demarqueei para servir-lhe de situação. O tempo que o compadre gastou para levar a effeito esta condição do trato que de viva voz fizemos, quando entrou para nossa casa, faz-me crer que o compadre ainda não começou o trabalho, ou que não o terá muito adiantado. Aconselho-lhe agora que ou não comece, ou pare a construcção.

A razão por que lhe aconselho isto é ter deliberado montar melhor o meu sitio, e tirar proveito d'elle de todos os modos.

Sabe o compadre que o sitio não tem grande extensão e por isso não posso mais dispensar terras para estabelecimento de aggregados; ao contrario preciso de adquirir maior terreno.

Propenho-lhe um negocio que lhe será vantajoso; o compadre passar-me-ha por uma avaliação as suas bemfeitorias e ficará morando no casarão até que eu lhe possa arranjar um outro fazendeiro que tenha terras devolutas.

Recommende-me a todos e faço votos para a inteira cura da Antonica. »

— Não se pôde ciêr em tanta infamia, exclamou o subdelegado, ao terminar a leitura.

— Eu já esperava por esta, ajuntou Sebastião ; elle é capaz de mais ainda.

Francisco Benedicto vociferava como um possesso contra o compadre, e lastimava-se ao mesmo tempo, e concluiu por uma interrogação e uma ameaça.

— Eu só queria saber quem foi o demonio que me indispoz d'esta sorte com o diabo do malvado ; havia de moel-o a pauladas ; dêsse no que dêsse.

— Nada é mais simples do que descobrir a causa, interveio Vianna ; procure bem por aqui mesmo ; indague bem dentro de sua casa e verá.

Todos olharam-se espantados, e cada um sentiu-se vexado como os apóstolos quando o Christo annunciou a sua proxima traição por um dos que com elle se reuniram no Cenaculo.

Antonica foi quem soffreu o golpe mais rude ; tinha a certeza dolorosa de que as palavras de Vianna eram o prologo de uma vingança desapiedada e inexoravel. Sentiu faltarem-lhe as forças e não pôde retirar-se da sala, como era seu desejo.

— Eu vou contar uma historia, exclamou Sebastião no meio da perplexidade de todos ; é uma historia que me contaram ha muito tempo. Havia um trabalhador já idoso que tinha muitos filhos, entre os quaes algumas moças, que todos diziam ser muito bonitas. Um dia o velho achou-se meio do matto sem casa onde morar, sem trabalho ; uma desgraça. Um fazendeiro da vizinhança mestrou ter dó d'elle e chamou-o para a sua casa, mas infelizmente o velho tinha filhas que eram umas joias, e o fazendeiro gostou d'ellas. Queria d'este modo cobrar-se do favor que tinha feito. O que houve o que não houve entre as moças e elle não sei, não me contaram ; o certo é que desde que as moças foram pedidas em casamento o fazendeiro começou a maltratar e a perseguir o pai a quem tinha antes protegido.

Ora eis ahi como foi o caso ; entrou por

uma porta, sahiu por outra e manda el-rei que conte outra.

A applicação da historia contada pelo violeiro era facil de mais para que todos immediatamente não a fizessem. O subdelegado que desde o principio do conto percebeu onde elle ia bater, desejava de tornar mais explicita a censura, que tanto infamava Motta Coqueiro, reteve a erupção da colera de Francisco Benedicto, ponderando ao violeiro :

— Ora, outo officio, Sebastião, isto é uma historia da carocha.

— A's vezes são verdadeiras, respondeu o violeiro, e esta é, eu lh'o juro.

Vianna que, depois de atirar a suspeita, se havia calado, collocou-se então na frente de Francisco Benedicto, cujas mãos segurou, e disse, voltando-se primeiro para o subdelegado e depois para o aggregado :

— Infelizmente ha historias da carocha que são verdadeiras, e aqui temos uma prova. Seu Chico, escusado é ir longe buscar o seu inimigo ; Antonica pôde dizer o que ha com o capitão.

O effeito das palavras do vencedor excedeu á mais calculada expectativa : a amarelidão cadaverosa que tingiu as faces de Antonica, o tremor convulsivo que a obrigava a tritar, o stupor chispante que estagnou-lhe o olhar faziam pensar a todos os circumstantes não em um protesto doloroso a uma offensa pungente, mas em uma confissão esterquida de subito a um sigillo que se julgava inviolavel.

El tinha justificação eloquente a perturbação da desventurada moça ; pobre perola perdida em um eterquilinio de caracteres em decomposição, sentia se alinhavada nos farrapos sordidos de uma vingança baixa e villã que, sem coragem para um desforço não já em uma lucta de honra, mas sequer em uma emboscada, lançava mão da intriga e por ella esprejava-se em uma alegria insensata.

Uma intuição perspicaz descobri-lhe-hia no espirito, de pé solenres e egoaes na estatura, a revolta da mulher para insultada e a vergonha da amante ao sentir em nudez profanada o intimo da sua alma povoada de perdões e esperanças, de maguas e abnegação; dôr santa e venerança porquanto, n'essa hora em que a iniquidade consumava tanta torpeza, ella estava só, indefesa, entregue á indignação da boa té paterna illaqueada e aos golpes rudes do despeito triumphante.

Via todos os olhos cravados na sua perturbação inevitavel, cheios de crueldade e de interrogações aviltantes, agora que a sua consciencia chorava as amarguras lagrymas do pulso angustiado, e, o que mais penoso era, viá essas lagrymas serem grosseiramente confundidas com as do rio feminal acordado de chofre de uma lethargia moral por uma sacudida de censura.

Os labios negavam-lhe uma unica palavra, porque as combinações do alfabeto e dos sons fallecem irremediavelmente nas horas das grandes crises dos sentimentos. Tambem de que lhe serviria fallar, se todos os argumentos estavam de antemão condemnados, se um grito de desespero seria julgado uma explosão de vexame ou refinamento de hypocrisia?

Com a boa vontade de um sequioso que farta-se a beber agua salobra, o vendeiro saciava n'este martyrio a sua desforra indigna; corvejavam-lhe jubilos, sobre a hediondez do character, os instinctos da perversidade fria e calculista.

— Anda de lá, velhaca; bradou bruscamente Francisco Benedicto, conta-me, antes que eu perca o tint, as tuas saparias, sonsa dos diabo, que desonras as barbas do teu pai, falla enquanto não te esgano, que é quanto tu mereces.

— Calma! teana calma, seu Chico, disse amiegando a voz o subdelegado; ella não é a mais culpada.

O prudente sr. Oliveira já a esse tempo braçára-se com o aggregado, que, voci-

ferando, forcejava por desembaraçar-se e dirigir-se á filha, a quem cercavam suas irmãs e mãe, banhadas em pranto.

— Homem, escute, arrazou Sebastião para o possesso pai; não é perdendo o siso que você ha de desliadar a meiada. Não e-teja tambem fazendo *futuros* máus. Você é criança ou é um pai de familia? Attenda primeiro, com seiscentos mil raios está a descompôr á tôa a rapariga.

Vencendo a pertinaz resistencia do aggregado, o Sr. Oliveira e Sebastião conseguiram tiral-o para fóra da sala e acalmal-o um pouco.

Feito isto, o violeiro, que impressionara-se vivamente com o estado de abatimento de Antonica e ainda mais com os olhares supplices de Chiquinha, ou melhor pela evocação dos seus actos, seguiu Vianna por um braço, e fallando-lhe á parte, disse-lhe terminant-mente:

— Fique sabendo que o negocio é só com o capitão; deixe-se, portanto, de accusar a rapariga. Faça carga no bicho e poupe os mais, ou então eu parto para a cidade e vou na presença do capitão desarmar toda a igrejuinha.

— Mas já lhe contei o que ella me fez, respondeu colerico o vendeiro; eu não sou homem para aguentar desaforos.

— Está bom, está bom, seu Vianna; nenhum de nós engana um ao outro; você não quer nem queria casar-se com Antonica e podia fazer como nós, não quiz por tolo. Venha d'ahi e veja-se acomoda o velho. Nós temos sido amigos até hoje e não devemos brigar por cousas de pouca monta. A zanga da menina ha de passar; assim seja você bom para ella agora.

Os escrupulos de consciencia, o sonho da victoria do amor pelo amor, nascem da sinceridade do affecto e da limpeza das intenções; quando, porém, a paixão limita-se ao desejo da posse material da mulher, quaesquer que sejam os meios são sempre attrahentes e exequiveis.

Accresse que as paixões d'esta ordem

vegetam sempre nos corações apodrecidos pelo vicio ou pela ignorancia, do mesmo modo que certas parasitas preferem as arvores mortas para se prove-rem da seiva.

O vendeiro não podia ser classificado senão na ultima das duas classes de amantes, e por isso mesmo condescendeu com a esperanza dada por Sebastião.

Sentando-se ao lado de Francisco Benedicto, começou a asserenal-o, quando lhe pareceu opportuno.

O velho, já vencido pela argumentação tersã do subdelegado e pelas meias palavras consoladoras de Sebastião, havia ponderado criteriosamente.

— Quera pôde dizarse eu tenho ou não motivo para damnar é o Vianna, elle é quem sabe do negocio, mas está ahí calado como um garrafão lacrado; é que elle pensa commigo.

Tem seus *conformes*. *seu Chico*, observou o vendeiro; eu ainda não fallei nada.

— Pois safe-se d'ahi logo com o que sabe, gritou o violeiro; é preciso a gente saber a quantas anda. Vamos por ora ás apalpadelas.

— O que eu sei é isto: quando *sa Antonica* por um triz que não se afogou, o capitão viu de pressa em seu soccorro, mas em vez dese portar como um homem serio beijou muito a coitada. Foi pelo menos o que me contaram...

— A verdade é esta, entende, meu senhor; interrompeu o aggregado dirigindo-se ao Sr. Oliveira.

— Depois, continuou o vendeiro, eu vi com estes olhos o cuidado do capitão durante a doença de Antonica. Mandou escravas servila e elle proprio passava horas esquecidas velando a doente.

— Po se jurar nos Evangelhos como tudo está sendo dito directo, observou Francisco Benedicto.

— Ninguém desconflava nada, proseguiu o commentador, porque o capitão é compadre da casa e um homem de idade. Depois de passada a doença houve, porém,

quem visse Antonica ir por diversas vezes á casa grande sosinha, e quasi sempre de noite.

— E ainda não querem vocês que eu tire das costas d'aquella siriguiata os passeios sem licença dos seus pais?!

— Eu por minha parte nada suspeitei nunca, mesmo depois que me contaram o caso, mas hoje *sa Antonica* me fez uma pa tita que me fez pensar muito serio. Depois de tu o tratares, disse me sem mais nem menos, que não me estima já, e que por vontade d'ella não se casa. Emfim eu não digo nada, mas uma cousa a'estas tem muito peso.

Apezar de attenua'la de alguma fórma a culpabilidade de Antonica, todavia o aggregado não se mostrava propenso a forrar se da supposição desairosa para com sua filha. A tactica do violeiro tornou-se necessaria, indispensavel, para multiplicar a queixa do seu inseparavel amigo.

— Pela parte de *sa Antonica* póle descançar, *seu Chico*; ella é incapaz de virar a cabeça. Ha testemunha de vista de um caso. O Manuel João foi despedido d'aqui por causa d'isso e disse me tudo tim-tim por tim-tim. E' d'este geito.

Uma noite o capitão viu passar *sa Antonica* sosinha por defronte da casa grande e fi divetir-se com a menina. Esta, porém, não só ficou muito amofinada, mas até ameaçou de vir dar parte a você; es á entendendo, *seu Chico*. Portanto, o que é que tem *sa Antonica* a ver aqui.

— A mim tambem parece que, se houvesse alguma cousa, o capitão não quereria que você fosse morar para mais longe; ponderou o Sr. Oliveira.

— Está visto. Se ha alguma cousa, é raiva do capitão por não ter conseguido os seus fins; isto e tá saltando aos olhos. O que a timbra é que o seismatico do *seu Vianna* venha aqui contar historias ainda. Quanto mais se faz menos se merece.

A argumentação frouxa e descabida mesmo dos interlocutores abrandou a colera superficial do aggregado, colera que rompia mais directamente de um gráu já bastante elevado de alcoolismo do que de um sentimento nobre.

Perfita Francisco Benedicto fallava com menos calor na maculação das suas barbas brancas e com vehemencia, com odio na força do seu compadre e na propria fraquesa.

— Ser pobre é o mesmo que ser boi de ajoujo, repetia freneticamente o aggregado; trabalha um homem e de uma hora para outra não tem mais onde metter a cabeça, porque tudo quanto se tem é pouco para a guela do rico.

Sollicito em desvanecer esta derradeira nuvem que pairava sobre o espirito de Francisco Benedicto, o subdelegado Oliveira resolveu dar-lhe per virtude da sua auctoridade local uma prova inequivoca de zelo e de poder, que teve força de renascer a confiança do aggregado.

— Quanto ás terras, Sr. Chico, ponderou o subdelegado, corre por minha conta; basta você fazer-se duro por ellas e o seu compadre ha de ver se tonto. Elle não o póde deital o fóra assim como quem enxota um cão; são necessarias certas formalidades da lei; por exemplo, requerer ao juiz de paz, etc., etc.. Ora, o juiz de paz é um *amigalhaço* do Coqueiro, não iria nem para o céu em companhia d'elle. Vê, pois, você que está seguro.

— E se elle lançar mão da força, o que hei de eu fazer senão ceder? interrogou o aggregado.

— Amor com amor se paga, e uma não lava a outra. Se elle taxa muitos capangas e escravos, você tenha geito para tomar um dispique. Pela minha parte dou-lhe carta branca, e digo-lhe até mais: será um beneficio para este pobre povo ver-se livre de tal monstro. Em resumo, Sr. Chico, vou dizer-lhe a minha ultima palavra sobre isso: ha certas questões que só se liquidam a pau.

— Quasi sempre o cacete é a melhor justiça, confirmou todo risonho o inspector André; não ha melhor ca'eia n'este mundo do que uma camisa de grumarim.

— O mais que lhe posso offerecer, acrescentou o violeiro, é o adjutorio do meu braço, caso os do *seu* Chico e seu filho não cheguem.

Atós estes efferecimentos feitos por todos, á excepção do Vianna, a reunião dissolveu-se a maldizer e desfeiar a causa da mudança de humor de Motta Coqueiro para com o seu compadre.

A meio caminho de casa e quasi extremo cansaço do magro *suspiro*, o violeiro foi detido por Lucio Ribeiro que, a largo e continuo galope, vinha ao seu encontro.

O capitão narrou miudamente que havia mais de duas horas que estava soffrigo a esperar o violeiro para communicar-lhe um a conversa que tinha ouvido a Faustino.

— Ouvi, disse elle, ao demonio do caboclo, que faz rendimento de tirar a vida dos outros, dizer que o capitão está lá na cidade arranjando-me tres covades de panno para as costas. Dê no que der eu hei de ir para a praça.

— E você esqueceu, com o susto, o caminho da serra dos Olhos d'Agua e as bibocas d'estes merros, forte medroso.

— Depois o Faustino contou tambem que o homem dá você aos diabos e promette-lhe ca tigo. O Faustino logo se offereceu alli á vista de todos para ficar a cargo d'elle o serviço contra você. A duvida é o capitão dar-lhe cem mil réis; se elle chegar ao preço, o Faustino diz que é bem capaz de tirar a vida não só a você mas ao Chico Benedicto e á familia inteira. Eu quiz logo avisal-o porque o Faustino é homem de dizer e fazer.

— Mas ainda não se lhe deu o dinheiro.

— E' o menos para o capitão, e, se não me engano, já ha um dinheiro para o Faustino por um vale do capitão.

— Ora adeus, Lucio; eu não estou dormindo.

Depois de separarem-se, o violeiro perdeu a apparencia de calma que o revestia sempre nas situações perigosas. Ia á mercê do *Suspiro* que, abanando as longas orelhas, retardava cada vez mais a sua marcha lerda.

Quando entrou em casa, respondeu á anciedade de Manuel João com um subterfugio e foi sentar-se calado e a fumar em um canto da casa.

— Que tem você para ficar assim emburrado, homem, falle porque isto diz-me tambem respeito; perguntou o ex-feitor.

— C le-se d'ahi, *seu maricas*, isto é o fructo das suas trapalhadas.

Os dois recahiram em absoluto silencio, e assim conservaram-se por largo tempo. Afinal surdiu atravez do incommodo de ambos a alegria expansiva do violeiro.

— Estou ficando tão ruim como vocês; assusto-me por pouca cousa. Contaram-me uma fabula que é a minha felicidade, e no entanto eu fiquei amarentado. Mas passou; vamos á prosa, *seu Manuel João*.

Os dois sentaram-se a fumar descançadamente, enquanto o violeiro narrava os successos do dia.

O plano magistralmente urdido pelo violeiro produziu resultados tão exactos e precisos quanto graves e terriveis.

A calumnia, a intriga, e a dissimulação, entrançadas em uma teia consistente, enlaçaram-se como um barão assassino ao socego e desceuidos intimos das duas familias, e estrangularam-os desapiadadamente.

A existencia de Antonica, verticiliada em risos e illusões juvenis, transformouse em uma serie de humilhações pungentes, e o fazendeiro viu tambem succeder ás prasenterias do lar o retrahimento da esposa, ferida pela deconfiança na sinceridade do seu affecto.

Para Motta Coqueiro só houve, depois do penoso conhecimento da affeição de Antonica, alguns dias de tranquillidade:

foram os que se seguiram logo á chegada á sua chacara em Campos.

Lançando um olhar retrospectivo á consciencia descobriu ahi algumas sombras tristonhas, mas tão delgadas e diaphanas que desde logo acreditou que para desfazelas bastava um sopro de raciocinio e resignação.

O isolamento em que vivia no sitio e que constrangia-o a diminuir até a attenção intellectual para que pudesse ser comprehendido pelas pessoas com quem estava em immediato contacto; semelhante isolamento foi substituido pela convivencia polida e delicada de uma sociedade intelligente e desdobrada em pensamentos para a familia e para a patria.

Desde a manhã era visitado por amigos que intermeiavam as conversações familiares com observações judiciosas acerca do movimento social, e assim chamavam-lhe o espirito para a actidade sadia dos espiritos educados.

Vivia n'uma especie de aturdimento intimo; tal era o atropello das questões que era obrigado a discutir e apresentar solução, e força é dizer que semelhante estado agradava-lhe, porquanto redundava-lhe em um como soterramento das maguas domesticas.

A chegada de Motta Coqueiro era esperada com anciedade porque uma viravolta politica tinha abalado o partido conservador campista, do qual o fazendeiro era membro proeminente e influencia decidida.

O abalo tinha sido produzido por uma desastrada mudança na chefia do partido, não por serviços prestados, mas por um simples despacho do governo, que dava a direcção da familia conservadora da localidade a um novo juiz de direito nomeado.

Esse homem, que começava então a sua carreira politica, pensando em tirar da sua posição proveito, mais util á sua pessoa do que aos interesses do partido, inaugurou a sua direcção concentrando

em si toda a actividade sobre os co-religionarios.

Graças á sua intelligencia superior e illustração acatada e reconhecida por todos, o juiz de direito ponde em pouco tempo dizer : o partido conservador sou eu.

Mas como sempre essa absorpção da collectividade promoveu dissabores que foram intumescendo silenciosamente a principio, e mais tarde proromperam em protestos energicos, reduzidos a factos e estereotypados em uma dissidencia irreconciliavel.

Motta Coqueiro, cordato por intole, achou-se por isso mesmo a braços com grandes e insuperaveis difficuldades, visto como insistia no congraçamento dos campos dissidentes, unico meio de fortalecer o partido.

Nata, porém, conseguiu a não ser trabalhos, sacrificios e decepções.

Emquanto absorvia-se todo no serviço punitivo, a sua attenção não voltou-se especialmente para os modos descommunaes da sua consorte, e no entanto elles eram por demais sensiveis.

A Sra. D. Maria, desde tres dias depois da chegada de Coqueiro, não e a a mesma. O seu coração parecia andar envolvido n'uma atmosphera de gelo, e uma frieza quasi indelicada recebia por ella todas as communicações mais expansivas do marido.

Um dia em que, ao de leve, o fazendeiro apercebeu-se da indifferença da Sra. D. Maria, e lh'a observou com benevolencia, a resentida senhora, escondendo no avelludado da palavra uma censura amarga, respondeu-lhe com apparente simplicidade.

O senhor não tem razão para enfiar-se; é preciso que eu preste toda a minha attenção aos interesses de nossa casa, agora que o senhor se occupa exclusivamente com os estranhos.

Motta Coqueiro tinha, de feito, achado occasião para a advertencia amistosa no

meio de uma conversa relativa ao partido. Foi ao terminar a descripção de um ataque decisivo ao rei a situação politica de Campos que a sua vaidade fel-o notar a indifferença da Sra. D. Maria.

Longe de irritar-se com a resposta, Motta Coqueiro procurou acalmar a esposa e prometteu-lha, rindo com o desembaraço da confiança, livrar-se o mais depressa possivel dos enredos partidarios, os quaes attribuiu o máu humor que lhe tinha sopitado o enthusiasmo o descriptivo.

O fazendeiro, porém, enganava se radicalmente quanto ao verdadeiro motivo de queixa da sua consorte.

A fonte da desharmonia conjugal era uma espertesa d moleque Carlos, em dar conta de uma empreza a que se compromettera com Manuel João.

Estrando sorrat iramente no quarto de dormir da sua senhora, o moleque depositou sobre o lavatorio a carta que lhe tinha sido confiada. A curiosidade feminil incumbiu-se de tornar bem succedido o artil do triumvirato para a satisfação dos seus calculos ulteriores.

A Sra. D. Maria ao ver a carta representou a eterna scena de Eva diante do pomo prohibido.

Habituará se, desde os primeiros tempos de casada, a abrir toda a carta que lhe fosse dirigida, em presença do seu marido. Era uma obrigação que voluntariamente se impusera e que desempenhava satisfeita.

Ao vêr, porém, aquella carta mysteriosamente collocada em logar reservado, a Sra. D. Maria sentiu quebrar-se-lhe a cadeia do passado e affogueal-a uma nova resolução.

Rasgou soffregamente a sobrecarta e leu avidamente as linhas tortuosas lançadas sobre um papel ordinario.

Terminada a leitura, a senhora conservou se por muito tempo no quarto, de pé diante do movel, pallida como se a tivesse accommettido uma instantanea anemia. De vez em quando erguia a carta e

repassava alguns dos períodos em voz baixa e tremula.

Quando sahio acitou com triste boa vontade as caricias innocentes dos seus filhos, e apertando ao collo o caçula disse-lhe, como se puésse ser por elle entendida.

— Deves querer muito bem a tua mããi, filhinho, porque teu pai já nao a estima.

O mysterio da tristeza da Sra. D. Maria foi, porém, sorprendido por Motta Coqueiro quando ella menos esperava.

Joaquim Lycerio vinha frequentemente a Campos para effectuar transacções indispensaveis ao seu negocio, e por isso chegou tambem a Campos uma semana depois de Coqueiro.

Sendo forçado a demorar-se por mais tempo do que desejava, resolveu despachar os seus empregados por ser este expediente aconselhado pela boa economia, e ficar só na cidade.

Partiria depois em qualquer canôa que fôsse para Macabú, o que não era difficil porque havia sempre grande numero d'ellas em viagem para lá.

Infelizmente, na oportunidade da partida, Lycerio não encontrou a sahir senão as canôas das balsas de Motta Coqueiro, mas nem por isso julgou o obstaculo custoso de remover-se.

Lembrando-se da carta que havia escripto e que devia ter chegado ás mãos da destinataria, entendeu que o melhor meio de captar a benevolencia do fazendeiro era informal-o das ciladas que lhe armavam.

Certo da precedencia d'este meio, procurou encontrar-se com Motta Coqueiro.

Pensado achal o inisposto contra si, Lycerio a mirou se de ser recebido affavelmente e o seu pedido receber lisonjeiro deferimento.

Para retribuir á bondade do fazendeiro, o rabula de Macabú entendeu que devia reduzir á obediencia a resolução, e no correr da conversa perguntou a Motta Coqueiro:

— Se não é indiscricão, V. S. poderá dizer me como arranjou as cousas para aquistar o Chico Benedito?

— De fórma alguma, porque até esta data não tem havido nada que valha a pena entre nós.

— Pois não é isto o que se diz por lá; o que conta é que V. S. e seu compadre já andavam queimados um com outro.

— Sabam mais do que eu; salvo se o comadre zangou-se porque lhe ordenei que fizesse promptamente a sua casa.

— Não é este o caso, respondeu Lycerio; com franqueza, Sr. capitão, V. S. não tem noticia de uma carta que foi escripta á Sra. D. Maria?

— Ah! exclamou o fazendeiro admirado, então escreveu-se uma carta a minha mulher?

— Sim, senhor, eu conheço a pessoa que a escreveu, e sei tambem que foi mandada escrever por um dos genros do Chico, se não me engano, o Sebastião, e sei mais que n'esta carta falla-se em V. S. e na menina Antonia.

— O senhor está bem informado, bradou sorprendido o fazendeiro?

— Por estar é que lhe aviso; queira indagar e certificar-se-ha.

Açulado pela responsabilidade que via despenhar-se de chofre sobre si, Motta Coqueiro dirigiu-se a Sra. D. Maria, resolvido a liquidar a intriga.

— A senhora vai fazer-me o obsequio de mostrar-me uma carta que recebeu de Macabú disse elle secamente á sua esposa, aquem tinha convidado para um gabinete affastado do maior movimento da familia.

— A carta dizia-me só respeito, respondeu friamente a esposa; li-a e rasgueia.

— Então tenha a bondade de dizer-me o que lhe mandaram dizer.

— Já não me lembro; mas o senhor se quizer saber bem póde ir passar mais um mez no sitio e confirmar com a sua presença o que me communicaram.

Esta resposta denunciava claramente qual a gravidade da accusação, e por ella Motta Coqueiro concluiu que não era possível que sua senhora tivesse rasgado a carta, em que a accusação tinha sido feita.

Intimou portanto a sua esposa á immediata entrega do libello escripto contra a sua pessoa e obteve o depois de um chuveiro finissimo de ironias.

Podia-se dizer que a maldita carta tinha o laconismo de um punhal brandido por um matador professional.

Tremulo de colera o fazendeiro leu o seguinte:

« V. Ex. não tem necessidade de saber quem lhe dirige estas linhas, é um conselho da prudencia esconder o meu nome. Devo entretanto affirmar que falla-vos um homem de bem, e um amigo agralecido, que se julga obrigado a dar-vos um desgosto para evitar mal maior.

O aggregado, que o marido de V. Ex. admittiu no sitio, entendeu que devia retribuil-o com a pessoa da menina Antonica, hoje convertida em amante do Sr. capitão.

A ausencia de V. Ex. incitou o a não guardar as conveniencias e hoje todo o mundo em Macabú conhece essas relações cruzinosas de um pai de familia altamente collocado com a filha de Francisco Benedicto.

Só V. Ex. poderá evitar as consequencias que poderá ter este facto; as exigencias não satisfeitas do aggregado podem ter sérias consequencias.

Um amigo de V. Ex. »

— E a senhora acreditou n'esta infamia? perguntou Motta Coqueiro.

— E o senhor porque teme tanto a vinda d'esta communicação que chegou a descobri-la?

Para não faltar a consideração devida a sua esposa, o fazendeiro retirou-se sem responder-lhe a pergunta.

Depois de oscillar n'um oceano de alvitre, achou um que pareceu-lhe o mais

acertado: tratar de despedir do sitio o compadre, que tanto o incommodava. Escreveu então a carta cuja leitura foi feita pelo subdelegado na casa de Francisco Benedicto, carta que devia acomodar tambem a sua esposa.

De feito a Sra. D. Maria concordou com o expediente tomado.

VIII

COMO SE PAGAM BENEFICIOS

No domingo da semana em que a carta de Motta Coqueiro foi recebida por Francisco Benedicto, effectuou este a mudança para a casa nova.

A familia achava-se agora augmentada por mais um membro, verdadeiro monstro encanecido desde o nascimento, feroz, sanguinario. O seu nome era o *Odio*, o seu caracter a perfidia, o seu culto a vingança. Cégo e surdo corria por toda a parte, desgrenhado, brutal, insultuoso a provocar interminaveis querellas com uma sanha inquebrantavel, com um desgarramento revoltante.

Era agora este o fiel conselheiro do aggregado e o seu inseparavel companheiro. Pregava a destruição e incitava para realisal-a a natural petulancia de Francisco Benedicto, presentemente exaggerada pela protecção do subdelegado e do inspector que lhe garantiam a impunidade para todos os abusos que fossem commettidos em prejuizo de Motta Coqueiro.

A gente do sitio era diariamente alarmada pela pilhagem acintosa exercida nas roças e no campo do sitio. Nada estava seguro, porque sempre o furto, o roubo, a depredação espiava o gado, os cafesaes, as mattas e assaltava-os para destruil-os. Além d'esses meios de vingança outro mais temivel foi posto em pratica; a seducção dos escravos.

Aconselhavam-os para que fugissem, acenando-lhes com a perspectiva do des

canço, acordando-lhes a eterna aspiração do espirito humano—a liberdade.

Em vão a tenacidade inesperada de Fidelis tentava oppôr diques a esta desenfreada torrente de colera, que inundava de desordem e ruinas a propriedade do seu senhor. A franca resistencia do escravo encontrava a astucia precavida dos inimigos de Coqueiro, de maneira que era impossivel punil-os.

A's vezes, nos clarões suaves dos crepusculos de setembro e outubro, os grandes capoeirões começavam a fumar desdobrando no espaço uma enorme e negra cortina de fumo; logo depois, vermelhas como um ferro em brasa, ameaçadoras labaredas principiavam a trepar pelo horizonte, a inteiriçar-se e a correr um immenso reposteiro de fogo, que ameaçava os cafésaes, os mandiocaes e milhares contiguos.

O continuo arrebentar dos taquarussús, estrondoso como uma descarga de artilharia, dava rebate melonho, que obrigava a gente do eito, cansada pelo trabalho de um dia inteiro, a accumular fadigas penosissimas ao seu cansaço.

Outras vezes grande parte da madeira que estava amontoada no porto amanhecia afundada nas aguas, e a gente era forçada a ficar, logo de manhã, por largo tempo molhada para não deixar perdidas as grandes toras de arvores preciosissimas.

Não havia, enfim, acto por mais iniquo e detestavel, que não fosse commettido para desafogo do odio do aggregado.

Fidelis, o resolutto feitor, só dispunha de dois recursos: ameaçar os provocadores e participar essas desagradaveis occorrencias a seu senhor.

Taes meios eram escrupulosamente utilizados, porém tornavam-se impotentes porque o aggregado não temia ser constrangido pela severidade da lei a cohibir-se, nem tambem que a arbitrariedade

arreliadora de que se servia fosse retribuida por igual.

Motta Coqueiro, preso em Campos pelas suas occupaõ's e pela suspeita, contida mas não extinta, de sua mulher, apenas podia reprehender por meio de cartas os desmandos do seu compadre, que sempre que recebia ordem de não continuar a fazer bemfeitorias nos terrenos do sitio multiplicava-as por acinte, preferindo sempre afastar-se da zona que lhe fôra marcada.

Os avisos eram tambem um incitamento aos estragos.

Verdade é que esta violação do contracto tinha sido posta em pratica desde o primeiro dia da desavença: a casa ergueu-a o aggregado no logar em que lhe approuve.

Uma circumstancia veio por algum tempo diminuir a petulante intensidade da lueta aberta por Francisco Benedicto. Foi uma temporaria falta de combustivel á machina da vingança, cuja pressão era regulada pelo odio e pela impunidade.

Sebastião, o amigo predilecto e obsequioso do aggregado, tinha desaparecido da sua intimidade, deixando após si um rasto inaelevel a deshonra do lar do amigo.

Um dia a familia de Francisco Benedicto foi torturada por um acontecimento cruel. Chiquinha, que sahira a espaiecer a sua enfermidade, passeiando pelos aceiros das roças, não tinha voltado á casa.

Bateram-se todas as circumvisinhanças, mas debalde: a moça não appareceu.

A primeira idéa que assaltou o espirito do aggregado foi a de ter sido victima de uma cilada de seu compadre, que pelo aprisionamento de Chiquinha tentava impossibilitar-o de continuar a vingar-se. Se tal hypothese procedesse era medida tão justa como a que antigamente tomavam as nações, exigindo refens, para conter as invasões das outras.

As pesquisas do subdelegado e do inspector provarão, porém, que semelhante suposição era mais um producto monstruoso da imaginação encadecida do aggregado, e fizeram-o ver claramente a verdadeira causa da ausencia de Chiquinha.

A moça tinha sido raptada pelo violeiro.

Em consciencia, este desgosto tinha sido dado á familia de Francisco Benedicto mais por vontade da raptada do que pela do seductor.

A tia Balbina advertiu á moça de que ella não poderia ficar nem mais um mez na casa paterna sem que o seu estado fosse conhecido por todos.

De feito, o proprio Francisco Benedicto repetia por vezes o gracejo acerca da molestia de sua filha :

— Era caso para perguntar-se quando era o baptisado, se o Sebastião já tivesse effectuado o *recebo a vós*.

E phrase ainda mais significativa disse o inspector André na noite da mudança para a casa nova.

Para testemunhar o seu jubilo pela entrada de Francisco Benedicto no numero dos pequenos proprietarios da localidade, o inspector não só compareceu á *brincadeira*, que foi preparada, mas tambem concorreu com uma leitôa.

Ao entregar o presente ao aggregado, o dissimuladissimo André disse a travez de sua galhofa maliciosa e perenne:

— A minha *brinquinho* deu-me nada menos de uma duzia de leitões d'essa barrigada : pois d'elles são para esta casa ; um cá está, o outro virá no dia que sa Chiquinha sabe.

Ainda a impressão d'estas palavras não se havia desfeito, ainda a insinuação impiedosa que tinha feito feria os brios de Chiquinha, e novo golpe, e este mais certo e profundo, foi desfechado pelo inspector.

Acercando-se da moça, André segre-

dou-lhe com a maior ingenuidade possível:

— Os nomes que mais assentam em creanças bonitas são *Francisca e Manuel*.

Não havia, pois, nenhuma duvida para Chiquinha. Olhos demasiado curiosos e animos pessimistas já penetravam o seu segredo, e as palavras destacadas, e os epigrammas aparentemente despretenhosos acabariam por despertar a attenção geral e perdela no conceito de seus pais.

Apegou-se, pois, a uma derradeira esperança : consultar a tia Babina ; mas da consulta resultou a certeza dolorosa de que não era possível illudir por muito tempo. Então, impellido pela vergonha, insistiu com Sebastião para abreviar o consorcio, e finalmente submetteu-se á unica solução que o violeiro achava razoavel — a fuga.

Certo da deslealdade do amigo, Francisco Benedicto descortinou por alguns dias a serie de males que o esperava, comprehendeu que não tinha junto de si o apoio decidido e leal com que contava, e nem ousou vingar-se de Sebastião, nem a continuar com as provocações ao fazendeiro.

Sentia, tarde já, que a inimizade com o seu compadre punha-o inteiramente a descoberto dos insultos de toda sorte, ao passo que os seus amigos Oliveira e André adiavam sempre a punição d'elles.

Não tinha em quem confiar. O Vianna tinha cortado completamente as relações consigo e sem que Francisco Benedicto, por uma insignificancia qualquer, lhe tivesse offendido, perseguia-o pela divida contrahida na sua venoela.

Os seus amigos, auctoridades do logar, longe de promoverem a conciliação dos dois, tinham até concordado com o Vianna que o melhor meio de cobrar a conta era obter penhora dos bens do aggregado.

Além d'esta queixa uma outra veio esfriar a confiança entre os amigos.

Uma tarde Mariquinhas desceu para um ribeirão que serpejava algumas braças distantes da casa.

Antonica e sua mãe, sentadas no terreiro e occupadas em costurar, ouviram o cantarolar monctono da moça, que tinha ido dobrar a roupa lavada.

De repente, a monodia esvaeceu-se e alguns minutos depois era substituída por gritos de socorro soluçados do lado do ribeirão.

Correndo apressadas para lá, Antonica e sua mãe receberam nos braços Mariquinhas, pallida de susto e offegante de cansaço. O corpinho do seu vestido estava quasi todo dilacerado e pelo pescoço da moça merejava o sangue d'entre arranhões extensos.

Quando Mariquinhas recuperou a calma e pôde fallar, interrogada pelos seus insistentemente, respondeu, fundindo-se em pranto.

— Foi.... foi.... um quilombola!

O irmão de Mariquinhas, assim como seu pai tinham corrido immediatamente attrahidos pelos gritos, mas ao passo que Francisco Benedicto correu para a frente da casa, Juca Benedicto dirigira-se para os fundos.

Quando chegou á casa, o rapaz perguntou se não tinha estado ahí o ex-feitor.

— Não! respondeu Antonica, admirada.

— Pois não se me dava jurar que eu vi Manuel João correndo para dentro da matta, e até lhe fiquei obrigado pelo serviço. Você não o viu por lá, Mariquinhas?

A moça meneiou negativamente a cabeça, mas os seus soluços como que dobravam de força.

Convencido de que era o ex-feitor o auctor dos ferimentos de sua filha, o aggregado foi pedir providencias ao seu amigo inspector, mas este respondeu-lhe serenamente:

— Descanse, seu Chico; eu por ora não posso fazer nada; as eleições estão proximas e eu não hei de recrutar o rapaz que já me prometteu votar connosco.

Em passando as eleições falle commigo.

O desengano era por demais expressivo e não havia contar com a punição do ex-feitor.

Todos esses acontecimentos que sobre maneira entristeciam o aggregado tinham influencia bem diversa no espirito de Antonica.

Firme na sua affeição pelo fazendeiro, cujo character nobre e generoso conhecia perfeitamente, cada uma das deceções que seu pai recebia, cada offensa que faziam-lhe os seus suppostos amigos, eram motivo de alegria para a moça que d'esta sorte via vingado o eleito dos seus sonhos.

As suas faces que tinham perdido a côr agradável da saúde, iam agora readquirindo-a, e os labios, que pareciam ter desaprendido as crispações leves dos sorrisos joviaes, já abriam-se agora, rubros como petalas de rosa, para darem passagem a francas risadas.

Os olhos, amortecidos outr'ora, tinham presentemente o brilho peculiar da tranquillidade e os clares escarninhos e ousados que lhe eram congenitos.

Dava-se em Antonica uma verdadeira resurreição: as cizas tristes do coração da moça, as mortas chimeras da mocidade recompunham-se e afeiçoavam-se pelo divino galvanismo do amor.

Antonica era de novo feliz, porque não contava com a incenstancia da fortuna.

A amizade do violeiro e do aggregado não demorou a reatar-se por vinculos indissoluveis na vida. A necessidade reciproca era o nó que os prendia e desd'al-o era um perigo cujas consequencias funestas já a experiencia podia aquilatar.

A inactividade, em que Francisco Benedicto jazeu durante o tempo da indisposição com o violeiro, provava exuberantemente o acerto da alliança, e por isso mesmo o pai de Chiquinha não duvidou aceitar as desculpas que lhe foram offerecidas pelo amigo.

Bem simples foram estas.

Sebastião confessou-se culpado de lesa-amisade, mas attenuando a sua culpa pelo impossibilidade de resistir a torrente das circumstancias que o arrastou na sua cnda vertiginosa.

Chiquinha padecia a olhos vistos: não tinha mais a frescura da mocidade, já no seu semblante não brilhava o plenilunio da paz intima que se esbatia em sorrisos descuidoses, em galanteios delicados.

Ao contrario: as lagrimas destruíam-lhe a pouco e pouco a graciosa carnção do corpo, e, como os depositos sedimentares a contextura primitiva do mundo, alteravam-lhe a harmonia dos contornos, e a regularidade feerica das feições.

Semelhante ao passaro cujas azas foram molhadas pela tempestade, e sem tentar um vôo questa tristemente pousado no galho secco de um pequeno arbusto; Chiquinha, sentindo as suas aspirações presentemente cercadas conservava-se resignada no seu desconsolo.

Mas o passaro entristecido lamenta-se em pios plangentes; assim tambem a moça desventurada carpia a sua desdita em flebeis suspirs.

Havia só dois caminhos para mim, accrescentou ainda o vicleiro, ou abandonar a infeliz Chiquinha, o que seria a sua morte; ou adoptar um meio qualquer para aviventar-lhe a esperanza, até que seja possivel effectuar o consorcio.

Prevenindo a objecção muito procedente: —ninguem na casa de Francisco Benedicto impedia-lhe as visitas e familiaridades, o vicleiro defenteu-se logo com a conversa que Lucio Ribeiro disse-lhe ter ouvido a Faustino.

O resultado das explicações do atilado Sebastião foi não só o perdão, mas tambem o reconhecimento do aggregado pela coragem com que o seu amigo se expunha aos golpes do fazendeiro.

— Já vê, *seu Chico*, as cousas como se passaram: eu mandei dizer a D. Maria o que fazia por cá a joia do marido; elle já sabe que fui eu quem mandou escrever

a carta; por força ha de ter dado ordem, ou ha-de mandar dar ordem aos escravos para me fazerem uma espera. Livra-te dos ares que eu te livrarei dos males; foi o que eu pensei. Indo todos os dias á sua casa, *seu Chico*, era facil uma escora e depois quem perdia a vida era eu, por que o diabo tem muito dinheiro para comprar a justiça.

— Não fallemos mais n'isso, Sebastião, decidiu Francisco Benedicto; o que lá foi lá foi, tratemos do dia de amanhã.

O armisticio involuntario que tinha sido concedido ao fazendeiro estava definitivamente findado pela volta de uma das potencias belligerantes ao pacto de guerra.

Cumpra, entretanto, afirmar que as novas operações reduziram-se a simples escaramuças com o fim de arranjar provisões.

Um serio conflicto, que evitou-se por uma felicidade quasi milagrosa, acirrou os odios e reaccendeu o fogo dos commettimentos.

O feitor Fidelis acompanhára alguns dos seus parceiros ao mandiocal, para arrancar-lhe as raizes nutritivas. Ahi encontrou o Juca Benedicto provendo-se inevitavelmente; e este, longe de desculpar-se, continuou no seu furto sem dar a menor importancia ao feitor.

— Olá, exclamou Fidelis, isto é então roupa de francez, ou casa de viuva?

O rapaz, sem responder palavra, e fingindo não ter visto os recém-chegados, nem mudou de posição. Todavia como tivesse arrancado um pé de mandicca, em vez de quebrar simplesmente o caule fragil, tirou da cintura uma larga faca de matto e com ella decapou as raizes. Em seguida tomou a rama do arbusto e a repetidos golpes partiu-a em pedacinhos. Feito isto passou a arrancar outro pé.

— Formiga quando quer se perder cria azas, resmungou Fidelis; e levantando logo a voz, bradou: oh! *seu Juca*, você errou o seu mandiocal, este é de meu senhor.

O mesmo silencio provocador foi guardado pelo filho de Francisco Benedicto.

Fidelis comprehendeu que o desejo do rapaz era brigar, e, justamente offendido na sua auctoridade e qualidade de representante do proprietario lesado rompeu por sua vez a provocação.

Chegando-se para mais perto de Juca Benedicto, começou a atirar-lhe pequenas pedras a principio e depois cutras, que podiam perfeitamente ferir o intruso.

Oh! negro, gritou Juca Benedicto, não me obrigues a fazer com que conheças o teu logar! Olha que o subdelegado ainda tem *bacalhaus* em casa para quebrar a prôa aos *perrengues* malgrados!

O feitor ouviu calmo a terrivel ameaça, e por unica resposta arremessou um projectil que foi cahir junto a Juca Benedicto.

— Eu vou mostrar-te se estou brincando ou fallando sério, gritou este.

Impellido pelo caler dos dezoito annos, o rapaz empunhando a larga faca, deitou a correr para Fidelis, que o esperou serenamente.

Quando separavam apenas alguns passos o aggressor e o agredido, este, levando ao rosto uma espingarda que tinha escondida por detraz de si, gritou com accento escarninho.

— Arreda-te d'ahi, filho da cobra, ou eu faço-te o braço em dois pedaços.

Acovardado pela perspectiva da morte que se lhe antolhava, o rapaz voltou castas e abaixando se para encobrir-se com a folhagem do mandiocal, desapareceu rapidamente.

Entretanto era dispensavel tamanha rapidez. Quando o feitor levou a arma ao hombro, um pulso vigoroso havia prendido o cão da espingarda e assim impedira o tiro.

Tal movimento de prudencia effectuou-o o preto Domingos, que acompanhava o feitor e que assistia ás provocações com a flegma natural que o caracterisava.

— Ora está ahi a cousa, veio buscar lã e sahiu tosquiado, disse Fidelis. Pai Domingos! vá buscar a mandioca arrancada pelo lairão.

O preto obedeceu, mas de volta parou junto do feitor e disse-lhe com o tom de uma inabalavel resolução:

— Fidelis, eu não quero mais vir trabalhar com você n'estes logares; você acaba dando trabalhos ao meu senhor.

— Vamos com historias, pai Domingos, respondeu o feitor; faça o que se manda e dê ao diabo o que sabe.

O incidente, que acabamos de esboçar, foi o novo rasião ás explosões de odio por parte do aggregado, e os accintosos desmandos a'ê-te foram de novo levados ao conhecimento do fazendeiro, que em successivas cartas exprobase-lhe taes actos e concluia por um estribilho invariavel:

Se o compadre não está bem no sitio, nada mais facil do que abrir preço ás suas benfeitorias. Assim evitaremos questões.

Nenhuma resposta era dada ás judiciosas considerações e benevolos conselhos de Motta Coqueiro. Com referencia aos negocios do sitio tinha por ultimo sabido que Fidelis já se vira obrigado a apertar a sua espingarda contra o filho do aggregado.

A gravidade de semelhante noticia decidiu Motta Coqueiro a passar alguns dias no sitio, para certificar-se da verdade dos acontecimentos que lhe eram communicados.

A Sra. D. Maria acompanhou-o a esta viagem com o intuito de avigorar a energia do marido, quando a compaixão o viesse enfraquecer.

Chegando á noite e inesperadamente o fazendeiro não deu tempo a Francisco Benedicto para prevenir-se, porque no dia seguinte de manhã, antes que se soubesse da sua chegada, dirigiu-se logo á casa nova.

A Sra. D. Maria, que conhecia melhor do que seu marido o genio traiçoeiro dos

habitantes do interior, não permittiu que o fazendeiro fosse inerte e sozinho á entrevista com o seu compadre; fez-o acompanhar por dois pretos de confiança e robustos: Domingos e Pergrino.

A presença de Motta Coqueiro na casa do aggregado foi para este um choque de pavoroso sobresalto.

Tratou-se das bemfeitorias e dos abusos, e o fazendeiro condemnou severamente o procedimento desleal de Francisco Benedicto, terminando por apresentar-lhe a unica solução rasoavel.

— O compadre está mal accommodado aqui, desconfia de mim, e não póde dar-se bem com os escravos. Venda-me as bemfeitorias, que lhe pagarei com vantagem, e muda-se. Eu offereço-lhe já duzentos mil réis. Serve-lho o preço?

Humilhando-se miseravelmente Francisco Benedicto apenas petiu tempo para pensar quanto ao preço, porque estava tambem deliberado a mudar-se. Bastavam-lhe sómente dois dias de espera, no fim dos quaes elle diria o que lhe convinha.

— Pois bem, compadre, respondeu o fazendeiro; ande com isso por bem para evitar a entrada da justiça n'este negocio.

O aggregado ouviu tudo submisso, mas logo que o fazendeiro sahiu, mudou radicalmente de modos. Chamou sua mulher e poz-se a blasonar com ella:

— Viste, mulher, já está manso como um co deiro. Ha de pagar-me bem o trabalho, se quizer que eu me mude. Agora vamos ver quem é que póde mais. Aprompte-me a roupa, mulher, que eu vou entender-me com o subdelegado e o inspector.

D'ahi a pouco Francisco Benedicto sahia de casa vestido com uma calça de ganga amarella e um paletot de riscadinho côr de rosa abotoado sobre uma camisa que o anil tornara côr de sanhaçu. De um manguá atravessado sobre o hombro, pendia-lhe o par de sapatos inglezes, cujo

seio en vaidava-se com o colorido azul desmaziado das meias.

Depois de alguns passos, voltou novamente á casa.

— O Juca, bradou elle, põe nova carga á espingarda e não arredes pé do terreiro.

Dirigindo-se depois á Mariquinhas, que viera com sua mãe espial-o á porta, sorriu mostrando os dentes e curros, e, estendendo a mão que a moça beijou, disse:

— Cautela e caldo de gallinha nunca fizeram mal a doentes. Eu não quero que você volte-me de novo arranhada para casa, e a cousa fique sem castigo.

De novo afastou-se da casa e andou cerca de dez braças; mas parando de chofre bradou sobresaltado:

— O' mulher! onde está a Antonica? Não lhe puz hoje a vista em cima... Mande-a cá para lançar-lhe a bençã.

O velho havia parado junto de uma toceira de bananeiras que abriam como um leque as suas folhas novas e inteiriças, ainda cobertas de um veroiz côr de perola devido ao rocio da manhã.

Sahindo de traz da toceira, com voz tremula e melancolica murmurou Antonica:

— Estou aqui, papai, a bençã!

— Então fez madrugada hoje? por onde andava?

— Eu fui lavar o rosto no ribeirão.

— Estás com cara de quem fugiu com medo do compadre; e deixa lá que tinhas razão.

Antonica abaixou os olhos silenciosa; e o velho poz-se logo a caminho, levando a certeza de ter comprehendido a razão do movimento dos olhos de Antonica.

Enganava-se. Ao ouvir a voz de Coqueiro, Antonica sentiu a alegria que é facil imaginar; a alegria de rever o ente amado, que ausente mesmo ia-lhe a pouco e pouco absorvendo pela saudade toda a existencia.

Quiz primeiro vir á sala fallar-lhe, mas reflectiu a tempo que este expediente trahil-a-hia.

Lembrou-se então das bananeiras; d'ahi podia fitar ternamente o fazendeiro, nutrir-se a farta de sua imagem, com isempção, com avareza, sem temer que indiscreta curiosidade a viesse surpreender.

Tomando uma toalha, sahiu pela porta lateral e foi collocar-se no lugar de onde foi tirada pelo chamado de seu pai.

D'ahi voltou para casa onde sentiu ir-se-lhe esvaecendo a alegria, ao passo que se lhe augmentava a melancolia.

Passaram os dois dias do prazo fixado por Francisco Benedicto para a solução definitiva.

Mais de metade do dia 7 de dezembro de 1851 esperou Motta Coqueiro pela chegada de seu compadre para que se concordasse o preço da paz e da tranquillidade de ambos.

Vã expectativa. Na vespera o aggregado voltára á casa, após a consulta ás autoridades locais, e declarou se decidido a não ceder a sua posse e a não entrar em ajuste algum razoavel.

A causa d'esta resolução deu-a elle á sua mulher, que, apesar de discordar, não resistiu-lhe.

— Bem me estava palpitando o coração, disse o aggregado, assentando se em um mocho da sala da entrada; aquelle demonio que quer é ferrar-me uma logradella, mas eu já não caio, e hei de ensinar-lhe o bom caminho.

— Duzentos mil réis valem a pena, seu Chico, e é melhor você pegar no trato e ficarmos descansados; advertiu a fleumatica mulher.

— Você não entende de negocios, senhora; pergunte alli ao Sebastião se é logro ou não, e pense bem no caso.

O violeiro que, tanto chegado com Francisco Benedicto, fôra sentar-se a um canto da sala, respondeu com a sua natural vivacidade:

— Nem é prezo perguntar, isto está a entrar pelos olhos dentro. Só a casa pela madeira de que foi construíta vale mais do que a offerta. Agora ajunte-lhe um

cafzal de mais de quinhentos pés, roças de mandioca, milho, etc., e veja quanto o capitão deve pagar. Tolo será seu Chico se estiver pelo que o bicho quer.

— Mas o compadre não disse que os duzentos eram a sua ultima palavra; talvez dê mais uns trinta ou cincoenta.

— Qual, mulher! se elle não escarrar quinhentos, ou ao menos, ao menos quatrocentos, não leva o meu suor. E' rico, póde pagar; e ha de pagar, exclamou o aggregado.

A' vista de tão descabida exigencia a boa mulher sacudiu os hombros e retirou-se.

Eram horas de socego e repouso; já havia muito que de envolta com o crepusculo tinha cessado o gazer das aves, e que haviam accordado com as estrellas os zumbidos dos grillos importunos e da mosquitaria impertinente.

Atóra estes ruidos, o fraquissimo silencio, o religioso remanso da natureza, a solemne aphonía da noite.

— São horas de dormir, meu velho, disse o violeiro pouco depois que a mulher de Francisco Benedicto se retirou. Precisamos accordar cedo; salvo se você já não está pelo que tratou commigo.

— Palavra é pedra, respondeu o aggregado; o que ficou assentado, está assentado.

A sala ficou em absoluto silencio.

De manhãzinha já Sebastião estava de pé, agitava-o uma impaciencia febril. Abriu as janellas da sala, cantarolou, mediu a passos o recinto e afinal sahiu para o terreiro.

Ahi achou em breve com quem fallar para esparecer a soffreguição, e aproveitou o ensejo com a sua innata jovialidade, ironia e dissimulação.

— Fez madrugada hoje, sa Antonica?

— Tal qual come Vósmeçê, respondeu seccamente a moça.

— Mas eu é porque tenho de fazer uma viagem grande e preciso adiantar.

— E eu porque sempre accordo a esta hora.

— Deve ser assim mesmo, sa Antonica; é para não desmentir o verso :

Quem tem amores não dorme,
Quem dorme não tem pensão.

— Seja o que vosmecê quizer; sabe mais da minha vida do que eu.

— Eu só lhe digo que se farta bem de vel-o hoje; faça matalotagem para a sua saudade, porque amanhã... porque amanhã o sitio já ha de estar vendido.

Uma risada prolongada acompanhou as ultimas palavras do violeiro, emquanto que as faces de Antonica vestiam de uma lividez cadaverosa, que exagerava ainda mais a côr, os discos de amethista que serviam de palpebras aos olhos tristes.

O violeiro tinha comprehendido a justa causa da madrugada de Antonica; vinha com effeito beber com os olhares ternos o philtro da seducção que a assenhoreiara e ao qual ella não ousava resistir.

— Veja se quer governar-me tambem, respondeu despeitada: e lembra-se que ainda vem a esta casa porque ha homens que não merecem este nome. Não se satisfizez com desgraçar uma das filhas do amigo, quer diffamar a outra. Póde continuar.

Ha uma força invencivel sobre a terra, é a dignidade nas suas explosões sinceras. Antonica, por intermedio d'ella, pôde retirar-se, fazendo calar a mofa do violeiro.

Francisco Benedicto veiu d'ahi a pouco tomar mais agradavelmente junto de Sebastião o logar deixado pela moça.

— Então, já está prompto? perguntou o violeiro.

— Estou, mas devemos sahir com horas diferentes, para não haver suspeita.

— E se elle vier primeiro?

— Qual; ha de esperar que eu vá lá fallar; o aggregado é o mesmo que um escravo.

— Aonde então hei de ficar á sua espera?

Francisco Benedicto meditou um pouco e depois respondeu vivamente :

— Nos taquarussús; ahi não póde falhar.

— E' como esperar um veado no rio. O violeiro não demorou muito; despediu-se da familia e partiu.

Ao ver o seu gratuito apoquentador retirar-se, Antonica poude emfim respirar.

Tal presença incommodava-a duplamente : nunca lhe perdicara o desgosto por elle causado á sua mãe pelo rapto de Chiquinha, e além d'isso seria testemunha da sua perturbação, e um vigia a por-lhe obstaculos.

Rapido contentamento; maior contrariedade do que a presença do violeiro veiu logo turvar-lhe a alegria que sentira ao despertar.

O seu egoismo de amante regosijava-se com a exigencia paterna, descommunal embora. E' que via ahi uma demora no ajuste e portanto maior espaço para contemplar o fazendeiro.

Mas estava marcado, talvez pelo destino, que para ella não haveria mais estabilidade; todo o sentimento grato devia esvaecer-lhe como um sonho.

Francisco Benedicto, segurando o seu forte *mangudá*, sahiu depois de ter dito á mulher que ia dar a resposta ao compadre e que depois seguiria *in continenti* a conciliar-se com o Vianna.

A resolução do aggregado foi uma punhalada cravada no coração de Antonica: frustrava-lhe a occasião de vêr o fazendeiro, e, perdida esta, quando se apresentaria outra?

Era mais de meio dia quando Motta Coqueiro, cansado de esperar pelo aggregado, resolveu ir procural-o para obter a decisão do negocio que tanto interessava ao seu bem estar.

A Sra. D. Maria, sempre prevenida para com os sertanejos, queria que o seu

esposo levasse em companhia dous escravos para defenderem-o de qualquer assalto, por ventura planejado; mas o corajoso fazendeiro, referindo o que se tinha passado dous dias antes, os modos humildes, e a deliberação em que Francisco Benedicto fingiu estar acerca da venda do sítio, negou-se a ouvir o conselho que se lhe dava e partiu só, cavalgando o seu fogoso e celere alazão.

Não obstante a resistencia do marido, a cautelosa senhora não abandonou a sua prevenção, e pouco depois de Motta Coqueiro fez sahir Carlos no seu encalço.

O moleque, obedecendo a meio a ordem recebida, seguiu a principio a galope, porém logo depois na vagarosa marcha do animal, guiando-se pelas pegadas das patas do alazão.

Para atalhar caminho, o fazendeiro entrou pelo interior das suas roças, conduzido ora pelo galopar largo, ora pela andadura veloz e uniforme do seu corredor, distanciando-se assim cada vez mais do seu pagem.

Não tardou muito a achar-se diante da casa de Francisco Benedicto, onde foi informado de que este sahira justamente para decidir a venda.

— Então não ha tempo a perder, observou Motta Coqueiro; vou encontrar-me com elle em caminho.

Dando de redeas ao valente alazão, tomou pela estrada geral, que apresentava o seu lombo vermelho no meio do capoeirão, como disforme coral estendida a fio comprido sobre um capinzal.

Quando elle sumiu-se na grande volta do caminho, Antonica veio encostar-se ao umbral, embebidos os olhares lamentosos na direcção tomada pelo cavalleiro. Transluzia-lhe no semblante a eloquencia arrebatadora da saudade, e logo se lhe deslisou do coração aos labios uma queixa, repassada de tristeza:

— Nem perguntou por mim: soluçou baixinho a sua voz commovida.

Parecia que as forças haviam-a abandonado, tornando-se-lhe impossivel dar um só passo. E' que a dominava um desfallecimento hypochondriaco, um d'esses spasmos moraes que entorpecem os musculos e concentram todas as faculdades em um ponto unico, semelhantemente a uma *abat-jour* á luz de um foco enorme em superficie restricta.

De subito, porém, electrizada por um presentimento, voltou-se para dentro e perguntou á sua irmã:

— O capitão não d'isse se hoje fallou já com papai?

— Não, respondeu Mariquinhas distrahidamente, perguntou sómente por elle.

— Meu Deus, meu Deus! eu sinto tanto medo, parece-me que vai acontecer alguma desgraça, murmurou Antonica.

— O que é que você está dizendo, mana?

— Ah! sim, gritou a infeliz; eu dizia que é mais certo que papai tenha ido primeiro visitar Chiquinha.

— Ha de ser isto.

Antonica terminou o dialogo sahindo apressada e cautelosamente, e quando já não podia ser vista correu incansavelmente até a margem do ribeirão atoladiço que espreguiçava o seu dorso limoso algumas braças distantes do fundo da casa.

Atravessou-o animosamente por sobre uma tora estreita que se lhe superpunha e, trepando pela margem opposta, refolegou, para de novo correr por uma picada do capoeirão até á beira da estrada.

Pensava que, por maior velocidade que pudesse obter do seu invejavel alazão, o fazendeiro não podia ainda ter passado por alli.

De feito a topographia do lugar fundamentava esta supposição. O valle, servindo de escoadouro a enormes brejaes, obrigava a estrada a uma volta alongadissima e extremamente caprichosa, acompanhando mais ou menos a fralda dos morros visinhos.

Para bem figurar o traçado, imagine-se uma secção feita pela altura de um cone, cujo vertice era occupado pela casa nova.

Quando chegou a estrada estava deserta.

Amendrontava por sua propria coragem, Antonica, offegando de cansaço, não atreveu-se a ir adiante; ficou occulta entre os arbustos marginaes da estrada.

Pendiam-lhe sobre ella, carregados de cachos vermelhos, os ramos de enorme arueira; em torno e em cima estendia-se o silencio do céu a transbordar de luz; da natureza asphyxiada pela canicula.

Para distrahir-se e desfarçar o temor, Antonica puchou um dos ramos pendentes e, cortando com os dentes um dos cachos de fructos começou de arranca-los repetindo baixinho, *bem me-quer, mal-me-quer*.

O estrupido de um proximo galopar veio tiral-a promptamente da sua distracção, precisamente no momento em que se despegava o ultimo fructo, correspondendo a uma grata lisonja: *bem-me-quer*.

Impellida pelo coração, sentou-se á beira do caminho e, derribando os olhos, esperou por aquelle a quem se sacrificaria sem escrupulos.

De chofre o som do galopar extinguiu-se, e uma voz alegre fez ouvir.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo, *sz Antonica*.

Ainda Antonica não tinha voltado a si da profunda decepção, quando Carlos, que era quem a saudava, continuou:

— *Senhor* já passou por aqui?

Esta pergunta chamou Antonica ao triste presentimento que a trouxera até alli, e acudiu de afogadilho:

— Vai, vai já, Carlos; um momento mais e talvez... vai, vai já.

O moleque, talvez recordando a scena a que tinha assistido na sala de jantar, não se deixava comunicar pela ansiedade da moça; ficou frio e perguntou em tom escarinho:

— Ha onça pelo caminho ou algum boi bravo?

— Não, não ha, mas póde haver coisa peor, muito peor; Carlos, uma emboscata e teu senhor morrerá.

N'este momento atroou, reproduzindo-se por longo tempo no éco, a detonação de um tiro.

Quem n'este momento estivesse cerca de um quarto de legua de distancia do lugar em que se achavam Antonica e o pagem, assistiria a uma scena da mais cruel deshumanidade.

Sobre a estrada pouco espaçosa inclinavam-se, formando uma abobada folhuda e vivente, as ramificações e as pontas dos estipites de taquarussús gigantescos.

Uma continua escuridão entristecia o logar, porque a estrada, estreitando e encurvando se como um pescoço de cysne, fazia com que as arvores marginaes quasi entrelacassem os galhos, improvisando uma espessa cobertura.

Os raios do sol apenas coavam-se, desenhando no solo um crivo de sombra e luz que, oscillando á mercê da viração, ora abria as grandes malhas lucidas, ora adensava as largas manchas de sombra.

Ahi, d'esde o amanhecer, estavam emboscados á espera do fazendeiro o aggregado e o violeiro, para executarem um assalto conforme o plano traçado por este.

Era de feito o melhor logar; não só a estrada estreitava-se, mais ainda fazia uma depressão, erguendo de um lado um alto barranco. O declive ia terminar n'um brejo que estendia o seu atoleiro até meio da estrada.

Qualquer transeunte era, portanto, obrigado a aproximar-se muito dos taquarussús para não atufar-se no lodo.

Aquelle que se embescasse entre a enorme toceira das grandes taquaras podia sem perigo accoemmetter sem temor de represalia: defendia-o uma ccuração tresdobrada.

Quando Motta Coqueiro, no largo e descuidado trote do seu alazão, ia costeando o meio da grande curva da estrada, Francisco Banelicto destechou-lhe a pri-

meira paulada, que foi bater no hombro do fazendeiro.

O alazão estacou de subito, e o seu dono tomou a attitude da defesa. Engatilhou rapidamente a pistola, e esperou com o sangue frio que lhe era peculiar.

O aggregado appareceu então sobre a ribanceira.

— Mata-me, seductor e ladrão da gente pobre; acaba assim a tua infamia, não será a primeira que tenhas feito.

— Ora, compadre, você nunca tomará juizo, homem! Vá para casa dormir que é do que você precisa. Eu perdôo-lhe por esta, mas a menor cousa que me conste eu lhe farei as contas. Passe bem.

Conflado na arma que empunhava, e ainda mais no seu possante alazão, Motta Coqueiro tentou seguir.

— Bebado, não é? estou bebado; esta é a resposta.

O manguá vibrado pelo aggregado levantou-se sobre a cabeça do fazendeiro, que disparou a sua arma, ao mesmo tempo que esporeou o animal.

O manguá foi arrebatado pela bala das mãos de Francisco Benedicto, mas ao mesmo tempo o alazão esticou-se em rapido arranco e Motta Coqueiro foi varejado em terra.

Um novo inimigo veio collocar-se-lhe em frente, e este, mais pujante e mais temível, era Sebastião Pereira.

Fôra elle a causa da queda do fazendeiro.

Manejando um grosso cacete arrancou as redeas da mão do cavalleiro, que foi inopinadamente arremessado pelo alazão.

Começou uma scena horrivel; um homem icorme era forçado a defender-se contra dois outros que tinham a favor não só as armas, mas tambem a fria premeditação do crime.

— Eis nos agora em frente, demonio, exclamou o violeiro; ou morres d'esta ou has de guardar signal para toda a vida.

O fazendeiro não respondeu; tido o seu

cuidado era defender-se para impedir a derrota inevitavel.

Uma paulada, vibrada por Sebastião, lançou-o por terra afinal, inundado n'um lago de sangue.

Upa, upa, ouviu-se n'este momento, ao mesmo tempo que o estrepido de uma galopada.

— São os escravos do malvado; não ha minuto a perder; fuja, *seu Chico*.

Os dois miseraveis galgaram prete o baranco e internaram-se na matta, a atos pelo temor do castigo.

De feito, não se haviam enganado.

Ouvio o tiro disparado por Motta Coqueiro, um grito de olador, arrancado pela paixão ao coração de Antonica, sanctificado pelo sofrimento, misturou-se á detonação, que transudava do seu roufeno arrear um pensamento de morte no espirito da moça.

A desventurada amante cahiu de joelhos, e com voz quasi sumida, murmurou:

— Meu pai matou *seu capitão*!

— Malvado, bradou o moleque, hei de mata-lo tambem.

Curvando-se sobre o cavallo esporeou-o e partiu á brida solta, gritando com o duplo fim de annunciar o proximo soccorro e incitar o corredor na sua disparada.

Era uma tosca imitação do despeimento indomavel do tartaro de Mazeppa. Os arbustos, como que amedrontados, passavam semelhantes a relampagos por diante do cavalleiro, e o ar, vibrado violentamente, assoviava o canticô ironico da vertigem.

Atoleiros, pequenas pontes, tudo era passado de subito. O chão e os cascos do animal formavam uma engrenhagem invisivel, rodando com o movimento do turbilhão.

Não era uma corrida, mas um vô; as azas emprestavam as o temor e a dedicação.

— *Upa, upa*, bradava continuamente o cavalleiro; *upa*, valente!

Ao entrar na grande curva do caminho, empinando-se bruscamente sobre as patas trazeiras, o corredor obstinou-se a não seguir, e tomando o freio entre os dentes, voltou na mesma desfilada.

Era impossivel resistir-lhe; Carlos pulou resolutamente e correu.

A poucos passos do lugar em que o cavallo refugara, jazia Motta Coqueiro estendido sobre a estrada e banhado em sangue.

— Soccorro! soccorro! mataram o meu senhor, bradou Carlos dando de face com o corpo do fazendeiro.

Só o éco incumbiu-se de repetir-lhe, como por escarneo, as palavras cunhadas pela sua afflicção, e quando o som da sua voz extinguiu-se em successivos susurros gradativamente esvaecidos, sobrevinha o profundo silencio da matta, que exagerava a tristeza do quadro.

— Meu senhor, meu senhor! continuava o pagem; sou eu, Carlos, o seu escravo Carlos.

E o afflicto rapaz palpava e sacudia o desmaiado com uma impaciencia febril.

— Ah! meu Deus; podem pensar que fui eu. Soccorro!

A mão de Carlos collocou-se sobre o coração do fazendeiro.

— Está vivo; meu senhor! diga que não fui eu; diga a todos.

O infeliz pagem delirava e estafava os pulmões em gritos de soccorro, disfarçando d'esta sorte principalmente o temor de ser considerado o assassino do seu senhor.

Alguem veio dentro em pouco tempo segundar os seus esforços para chamar o fazendeiro á vida.

Offegante, com os olhos avermelhados e as mãos tremulas, Antonica desceu correndo a pequena ladeira, e veio sentar-se junto d'elle, collocando sobre o seu collo a fronte ensanguentada do fazendeiro.

— Morto! os covardes mataram-o por minha causa, por mim que o amo.

— Não, não diga, o coração de meu senhor está batendo, veja.

Felizes aquelles que sabem amar: têm na propria desventura, nas horas da maior angustia, alegrias indiseveis. Para serem venturosos basta-lhes somente a esperanza.

Antonica certificou-se de que ainda batia um coração sob o peito do eleito de sua alma, e depois fez os seus labios testemunhar de que ainda per entre os labios d'elle passava o sopro da vida. Nasceram-lhe espontaneamente os desvellos de mãe, e, sollicita, tratou de prestar os primeiros soccorros. Carcoou-lhe a felicidade os esforços; as palpebras do fazendeiro venceram em fim o torpor que as paralytava.

— Está melhor, não é; já está melhor? sorriu a dedicada amante.

— Covardes! murmurou o fazendeiro, e cerrou novamente as palpebras.

A soffreguidão avassallou o animo de Antonica; não podia mais conter-se; queria convencer-se de que Motta Coqueiro não estava irremediavelmente ferido.

— Escute; sou eu, Antonica; os malvados já se foram, estamos eu e Carlos. Tenha animo. Deus é grande; ha de ficar bom.

As palavras da moça chamaram emfim o fazendeiro á realidade. Sentou-se cheio de espanto, e olhou ao redor de si.

Devia julgar-se no curso de um pesadello, porque na verdade era incrível tão nobre dedicação na filha do ingrato que lhe pagava os beneficios recebidos com uma tentativa de assassinato.

Não menos para surpreender era a dor estampada no semblante de Carlos. O generoso escravo esquecia n'aquelle momento que estava em face de um senhor, e cherava como um homem de bem a morte de um amigo.

— Antonica! exclamou elle, depois do primeiro espanto; pois é você, minha filha?

— Vim pedir o seu perdão para a maldade de meu pai; vim pedir-lhe que não me tenha odio; eu não pude evitar, respondeu Antonica.

As lagrimas corriam-lhe em fios, e os soluços truncavam-lhe as palavras. Pairava-lhe sobre o semblante a solemnidade de uma boa acção. O amor conquistava n'esta hora um perdão que se podia crer impassível—o perdão do aggregado.

— Porque havia eu de odiar-a, Antonica? Nem odeio a teu pai; são a embriaguez e a malvadeza de Sebastião os seus anjos máus; perdôo-o sim, porque tu és boa, és uma santa.

— Eu hei de extimal-o ainda mais. Bom e santo é vosso eê; Deus ha de pagar-lhe.

Uma effusão de ternura immaculada correspondeu ás palavras de Antonica. O olhar do fazendeiro como que creava em torno de si um mundo para os seus corações afinados ambos pela bondade.

Machinalmente cingiu contra o peito a meiga filha do aggregado e pagou com um beijo, reçoado na sua fronte descorada, tanta coragem e amor.

Mas como se uma força mysteriosa os repellisse, este abandono do amor não demouvo-se; os labios do fazendeiro retiraram-se e ao beijo succedeu um estremeamento.

— E' necessario que você parta, que volte para a casa de seus pais.

— Porque?

— Porque ninguem acreditará que eu lhe veto o respeito de que você é digna, Antonica; não de julgar-me seu amante.

— E que me importa a mim? não sahirei d'aqui antes de vel-o partir.

— E' um compromettimento, minha filha, e bastaria que alguém aqui nos visse, para que seu pai justificasse o seu crime. Parte, parte já, minha filha.

O fazendeiro ordenou em seguida ao seu pagem que seguisse Antonica, e ella, sem forças para resistir, apenas protestou abaixando os olhos.

— Adeus! disse commovido o fazendeiro.

— Adeus! respondeu Antonica n'essa triste entoação da condescendencia queixosa, e levantou-se.

— Talvez não nos vejamos nunca mais, minha filha; quero que tambem me concedas um perdão; concedes?

Antonica acenou affirmativamente a cabeça.

— Perdoa-me o soffrimento de que eu tenho sido causa; perdoa-me, porque eu não faço mais do que cumprir com os deveres de honra para contigo e para com os meus.

— Eu já não me queixo, respondeu Antonica, é o meu destino. Adeus.

Apenas alguns passos tinham sido dados pela moça, quando Carlos aviscu a seu senhor de que se aproximava a gente do sitio.

— Tanto melhor, respondeu Motta Coqueiro, não ficarei sósinho.

Com effeito, ouvia se perto o trepel de uma cavalgada e antes que Antonica tivesse tido tempo de occultar-se, Carlos exclamou cheio de espanto:

— E' minha senhora, meu Deus, é minha senhora.

Na extremidade da curva appareceu, montada em um forte mursello, a Sra. D. Maria. Os pés de Antonica negaram-se a caminhar; a appareição produzia-lhe o effeito de um espectro.

Apeitando-se apressadamente a corajosa esposa, que adivinhara o acontecimento pela chegada do alazão, disparado e só, apertou nos seus braços o fazendeiro.

— Bem m'o dizia o coração, soluçava ella; mas havemos de vingar-nos, seja embora necessario vender o meu ultimo cordão de ouro. Covardes!

Houve um momento de silencio. De repente a Sra. D. Maria, tendo olhado em volta de si, exclamou com a vóz travorada de colera:

— O que veiu aqui fazer aquella mulher? Motta Coqueiro respondeu severamente:

— Ouviu os gritos de soccorro, e teve a coragem de vir.

— Então não foi ella a causa da emboscada !...

— Não ; é uma infeliz ; culpada, não.

IX

UM COMPROMETTIMENTO FATAL

◉ respeito que, pela modestia, sobriedade de palavras, e maduresa de animo, o fazendeiro conseguiu sempre inspirar á sua esposa, obviou milagrosamente ás sérias difficuldades da situação embarazosa.

O coração da mulher é, como pensava o poeta inglez, um bello defeito da natureza. Divide-o em duas partes distinctas e contradictorias uma separação fragilima, feita de apprehensões e susceptibilidades: em cima azula-se um firmamento, em baixo ennegrece-se um abysmo.

Um abalo é bastante para occasionar uma explosão de trevas ou um transbordamento de luz ; as temeridades do ciúme ou os sacrificios do amor.

Ha uma só excepção ; é a que encerra os corações apathicos e indifferentes, verdadeiras monstruosidades.

A Sra D. Maria não era excepcional ; amava com a boa vontade de um espirito que encontrou no mundo um outro para completal-o nas alegrias, assim como nas dores, e por isso mesmo deixava-se facilmente avassallar pelo panico de perdel-o.

A presença de Antonica revivera-lhe as angustias que lhe tinha causado a carta anonyma forgicada pelo violeiro, graças á pericia de Lycerio, o rabula venal.

Demonstrava-se claramente o amor da filha do aggregado para Motta Coqueiro, e embora estivesse absolutamente convencida da nobresa de character d'este, todavia arreceiou-se de que de futuro não se alevantassem mais alto do que a reflexão os vãos da sensibilidade e da compaixão.

Nem sempre o amor é filho da exaltação dos sentidos. muitas vezes nasce da piedade, e em todo o caso por mais pla-

tonico, por mais alheio aos anhelos sensuaes, o affecto votado pelo fazendeiro á Antonica era uma espoliação ao consorcio.

Convinha, portanto, desarraigal-o, destruil-o como se faz com as hervas e os animaes damninhos.

A resposta de Motta Coqueiro proferida com um accento simples, mas solemne de decisão, impedia á Sra D. Maria tomar qualquer expediente, que não fosse o da indifferença ou o da gratidão.

Escolheu o primeiro caminho, e a amante retirou-se acompanhada por Carlos, emquanto que por sua vez o fazendeiro e a sua esposa acompanhados pelos escravos, seguiram para o sitio.

O ferimento capital não apresentava gravidade, e o sangue poude ser facilmente estancado, a vista do que Motta Coqueiro manteve-se na resolução de tomar por unica desforra a retirada de Francisco Benedicto de suas terras.

Sua mulher, porém não se resignava, nem podia satisfazer-se com tão pouco ; incandeciam se-lhe á proporção que passavam as horas os seus brios de fazendeira respeitada, e senhora de alta sociedade.

Só por uma lição estrondosa, entendia ella, o seu marido poderia de novo entrar nas salas de seus amigos com a cabeça erguida.

— O que tenciona o senhor fazer a esse ingrato e ao seu cumplice ?

— Entregal-os ao desprezo, respondeu fleugmaticamente o fazendeiro ; são tão miseraveis que nem vale a pena perseguil-os.

— E o que havemos de dizer aos nossos amigos, quando se espalhar o boato de que o senhor foi espancado por um aggregado, que assim vingou a seducção de uma filha ?

— Direi que é uma calumnia tão mal engenhada que basta uma simples consideração para confundil-a : o homem que foi companheiro do supposto pai offendido

na desaffrenta imaginaria] de sua honra, raptou-lhe uma das filhas.

— Aca uanna será de preferencia acreditada porque a aggressão realisou-se, e não tardará que todos venham a saber que é real o amor de uma das filhas do aggregado pelo senhor.

— Paciencia ; eu não posso retribuir a violencia com a violencia.

— Ha um meio, é punir o crime ; para isso é que existe a lei.

O dialogo terminou pelo silencio de Motta Coqueiro.

As considerações da esposa tinham uma base irrefutavel e não podiam ser abandonadas ; por outro lado o pedido de Antonica, no momento em que expunha a sua reputação de mulher honesta e a propria vida, — porque a brutalidade de seu pai não poupal-a-hia caso sorprendesse-a em meio do acto meritorio, — fazia-o vacillar.

Um expediente apresentou-se ; mover o processo contra o aggregado e deixal-o mais tarde, quando a primeira impressão desapparecesse, correr á revelia.

Harmonisados d'esta sorte o coração e o dever, resolveu notificar o acontecimento ao Sr. Oliveira, subdelegado do logar, e pediu a sua presença para ser cumprida a lei.

Estava, pois, satisfeita a vontade da esposa.

Tranquillizada por esta resolução de seu marido, a Sra. D. Maria teve um verdadeiro desafogo ao saber de uma outra nova.

Ao chegar em casa, a indignada consorte despachara immediatamente os escravos Fidelis, Peregrino e Alexandre, ordenando-lhes que percorressem as matas visinhas a fim de descobrir o escondrijo dos criminosos e prendê-los.

— A gente pôde fazer isto, minha senhora, se elles não se levantarem contra nós ; como ha de acontecer, observou Fidelis.

— E vocês não tem mãos ? Se elles resisti em tragam-os á força, tragam os seja quando fôr, estejam aonde estiverem.

Fidelis sahio satisfeito ; a feitoria estava-lhe definitivamente entregue ; não havia mais possibilidade de passar ás mãos de Francisco Benedicto.

Além d'isso facilitava-se-lhe uma oppor-tunidade para vingar-se dos insultos do aggregado, mas, apesar da boa vontade e zeloso esforço para capturar os fugitivos, o feitor não regozijou-se com a realisação dos seus desejos.

Os criminosos tinham-se prevenido contra esta consequencia necessaria do seu acto ; a essa hora descançavam tranquilamente á grande distancia, e completamente fóra do alcance de qualquer vianga.

Quasi ao antececer os escravos vieram participar a senhora o mallogro das suas pesquisas, mau grado a sollicita diligencia que tinham feito para o exito da empresa.

— Está bom, respondeu-lhes a Sra. D. Maria ; elles hão de apparecer em qualquer tempo.

Fidelis retirou-se duplamente contrariado pelo sangue frio de sua senhora e pela sua falta de pericia no desempenho da commissão.

Uma outra pessoa da casa mostrava-se profundamente sentida pelo acontecimento ; era a tia Balbina.

Os seus soluços e imprecações conseguiram captar novamente a sympathia da Sra. D. Maria e deste aquella hora abriram-se-lhe as portas da casa grande.

Fatal imprevidencia !

A dôr de Balbina encontrou se com a decepção de Fidelis, sinceramente empenhado em desaffrontar Motta Coqueiro da aggressão recebida !

— Ah ! tia Balbina, disse Fidelis, eu antes queria ser surrado do que não achar o diabo do aggregado ; queria quebrar-lhe os ossos áquelle desalmado.

— O feitor deve estar sempre do lado dos brancos, respondeu a feiticeira. O

grito vai sempre para o lado que segue o vento. Fidelis já não é como seus parceiros. Os signaes do castigo estão nas costas d'estes, não importa; o sol que iha á sambabaia e mata as puaçús, o eito sóbe sempre; o escravo súa a tirar fóra a esmisa, não importa; o feitor mouda seguir sempre para diante porque é o lucro do seu senhor. Fidelis já não é um parceiro, é um senhor-moço: quem offende-lhe offende ao senhor.

— Porque vosmecê diz isto, tia Balbina; eu tenho sido máu para os escravos do sitio?!

— Não sahio isto da bocca de Balbina, nem da de seus parceiros: todos querem bem ao feitor, mas nem porisso esqueceram o rigor do captiveiro. Fidelis sente a dôr de seu senhor; Balbina lembrou se de uma dôr sua. Um dia, ainda cabia neblina e o céu tinha a estrella grande da madrugada, e Balbina foi amarrada no cabeçalho do carro. O frio feria como espinhos de jurubeba o corpo da escrava, e o senhor de pé na porta, embrulhado no seu capote, disse com má voz: surrem-me esta negra. Os parceiros de Balbina foram dizer que era ella a qua gerava a doença nos escravos e nos animaes do sitio. Na senzala da feiticeira estavam e Deus que Balbina conheceu na sua terra, e as hervas com que a escrava tinha amizade quando era criança e livre. Bastou para se ver ahi a feitiçaria que mata.

Os chicotes bateram sem dó nas costas da feiticeira, como as varas fortes sobre as vagens maluras do feijoa. O sangue já corria, mas o castigo não parava. O filho dos brancos, creado por Balbina, o filho dos brancos querido por Balbina como seu, estava amarello e magro; o doutor cançou de tratar, não sabia a molestia. E' feitiço da escrava, diziam todos. O pai queria vingar o seu filho e não teve dó de Balbina, que não chorava por que tinha odio só, e não sentia que a iam matando.

Quando o castigo acabou a negra ainda ferida foi para o eito, e lá não houve

ninguem que tivesse pena d'ella; todos fugiam da feiticeira, como se foge de cobra.

— Hoje, o senhor de Balbina apenhou das mãos do aggregado, e mulher e filhos e escravos, todos choram e Fidelis antes queria ser surrado, do que voltar para a casa de seu senhor sem o ter vingado.

— Para que ha de guardar este odio, tia Balbina? Nós não encontraremos melhor senhor.

— Balbina não tem odio, chorou tambem a desgraça, mas lembra que ninguem chorou por ella. Hoje ninguem diz que é o castigo de Deus pela maldade com a innocente; paciencia.

— Ah! se o senhor soubesse d'isto, tia Balbina; o que vosmecê não soffreria.

O feitor affastou-se lentamente, mas quando ia a alguma distancia; foi detido pela voz da feiticeira:

— O parceiro de Balbina vai levar aos brancos o que ouviu; mas Deus está venle que Balbina não quer o mal d'elles.

— Não é meu costume, tia Balbina, respondeu nobremente Fidelis; eu tambem sou escravo.

— Jura pela morte de tua mãe, que sempre foi escrava, que soffreu como Balbina, e não teve quem a chorasse quando soffria.

— Para que me lembra minha mãe, tia Balbina; o escravo não tem mãe. Juro, juro sim.

— Balbina quer que se faça o castigo do aggregado, inimigo dos escravos; mas não quer que Fidelis se esqueça de que é escravo. Quem mandou ao feitor prender o aggregado?

— A senhora mandou que o trouxemos á força, e eu havia de trazel-o ainda que fosse morto.

— Sim, sim, meu parceiro; acudiu promptamente a feiticeira. A senhora disse; cumpre, hoje, a manhã, sempre. Será menos um branco; acrescentou n'um murmurio, e a perdição dos outros.

O açodamento com que a tia Balbina recebeu a revelação do feitor sobresal-

tou-o profundamente; o que haveria descoberto a escrava n'essa ordem tão simples e tão natural?

Depois de separarem-se, ainda Fidelis pensava no tom especial com que a tia Balbina lhe fallara por ultimo, e, desconfiado, fez tenção de comunicar a sua senhora o que se passara entre elles.

— Quebro o juramento, mas não importa; descubro a malvadeza que essa feiticeira esconde.

Uma habil manobra da tia Balbina inutilizou o plano de Fidelis.

Ao sahir da revista, a feiticeira acercou-se do feitor e segundando as palavras com as lagrimas, disse-lhe dolosamente:

— Balbina já se arrependeu de ter fallado do senhor, porque elle é bom. Carlos contou que o branco vai perdoar o outro que o esperou para matar. Balbina perdeu o odio, porque tem coração, e pede perdão ao seu parceiro.

— Foi Deus quem lhe fallou, tia Balbina, foi Deus; respondeu Fidelis; era muita maldade.

No dia seguinte duas pessoas entraram na casa grande extraordinariamente commovidas. Uma era a tia Balbina a quem foi pela Sra. D. Maria confiada a lavagem da roupa dos escravos do sitio, e dado um quarto na casa grande, honra que só recebiam as boas escravas.

A outra era o subdelegado Oliveira, que a todo o galope atravessou o campo do sitio, e apeiando-se precipitadamente á porta da casa grande, apertou com ambas as mãos as da Sra. D. Maria, exclamando todo commovido:

— E' incrível, minha senhora; é incrível que possa haver sobre a terra tanta ingratitude.

As melhores e mais tocantes exclamações guardou-as prudente e artisticamente o Sr. Oliveira para o effeito scenico, o deslumbrante quadro final do primeiro acto da tragedia da intriga.

Introduzido na sala de visitas, accedeu sem resistencia ao convite para passar aos aposentos do fazendeiro.

Uma pallidez a proposito attenuava o colorido sadio do rosto do subdelegado, e um cerrar de mãos, assim como um medido accento interjectivo mascaravam-lhe as intenções, á semelhança de um rotulo esmerado á mercadoria falsificada.

— Ninguem poderia pensar ao menos em que tal acontecimento tosse a paga de tantos favores, exclamou elle. Esse miseravel que em parte alguma obteria siquer passagem pelos terrenos de um homem serio e com tudo conseguiu terras, casa, e a amizade de V. S. Que alma, que torpe character a do tal Francisco Benedicto! Faça-me o favor.

— Eu lastimo-o, não condemno-o absolutamente, respondeu Motta Coqueiro; é extremamente ignorante e além d'isso embriaga-se. Não é perdel-o que tenho em vista mas simplesmente intimidá-lo.

— Como?! Perdoe-me V. S., ha de cumprir-se a lei. Vá lá que se tenha piedade para com o velho desmiolado, mas com o seu cumplice, é impossivel. Qualquer brandura com elle é nada mais, nada menos do que soltar uma fera em todo esse Macabú. Se elle sem protecção faz d'estas, o que não fará se tiver a justiça por si.

— E' o que eu penso, Sr. Oliveira, interveiu a Sra. D. Maria. Parece fabula o que esses homens têm praticado conosco. V. S., que é auctoridade, parece-me que deve fazer cumprir a lei, apesar da bondade do Sr. Motta.

— Conte commigo, minha senhora; apesar de separado do Sr. seu marido em politica, tributo respeito ao seu honrado character.

A conversa, desviada para assumpto diverso do que dava motivo a familiar e expansiva visita do subdelegado, voltou por direcção d'este ao ponto primitivo.

— V. S. fará o favor de convidar as suas testemunhas para a audiencia na

minha casa. Logo que se pronunciem os reus, eu fal-os-hei prender; não me escaparão, eu lh'o juro.

— Eis uma difficuldade que não posso remover, ponderou fleugmaticamente o fazendeiro; a emboscada foi feita em logar ermo; não houve testemunhas.

— Ora, meu amigo, acudiu o Sr. Oliveira, V. S. não tem razão para desanimar por tão pouco. A cousa mais simples d'este mundo é arranjar testemunhas. Deus defenda aquelle a quem se queira perder; com trabalho diminuto conseguem-se testemunhas de vista para accusar um paralytico pela auctoria de um assassinato a vinte ou trinta leguas de distancia.

— Mas ha para mim um embaraço grandissimo; ainda que o facto seja verdadeiro, as testemunhas serão falsas, e d'esse meio creio que nenhum homem de bem se serviria.

— E' um modo de pensar que teria como consequencia a morte de todos os homens de bem ás mãos da canalha. V. S. parece-me exagerar muito a noção da moralidade da justiça.

—Póde ser, mas não creio que V. S. tenha razão. Por este systema de distribuir a justiça, poderemos chegar ao lado opposto: obter testemunhas venaes e por meio d'ellas condemnar innocentes.

—Não contesto absolutamente; nada é perfeito n'este mundo, mas declaro-lhe francamente que estou convencido de que sobre cem individuos accusados um, quando muito, é innocente.

—Será, mas não penso que a sociedade tenha o direito de punir a quem não commetteu delicto, pelo irrasoavel pretexto em identicas circumstancias. Assim nenhum de nós estaria seguro em sua casa. Por minha parte affianço-lhe desde já que se não houver testemunhas contra o compadre, eu desistirei do processo.

— Pois olhe; eu não sou suspeito, de-me com o Chico Benedicto e Sebastião, mas não vacillaria jurar que foram elles.

E quer V. S. um conselho? entregue a causa ao Lycerio. Não se ha de arrepender.

— Eu concordo e aceito o conselho, disse a Sra. D. Maria.

Depois de reflectir por algum tempo, o fazendeiro decidiu-se tambem a constituir Lycerio seu advogado, mas a verdade é que ao communicar a sua resolução pairava-lhe nos labios o vago sorriso da desconfiança.

Retirando-se o Sr. Oliveira, Motta Coqueiro perguntou distrahidamente a sua mulher:

— Crê na sinceridade do subdelegado?

— E porque não; eu não sou desconfiada como o senhor, e demais quer elle queira quer não eu saberei desaffrontar-me.

— Póde ser que você tenha razão, mas eu tenho até repugnancia do tal homem. O meu parecer era buscar com todas as forças obter a mudança do compadre.

— Isto, quer elle queira, quer não, ha de fazer-se, mas pagará tambem o insulto.

Alguns dias depois a causa era confiada a Lycerio com plenos poderes, e Motta Coqueiro e sua familia ausentavam-se do sitio com um protesto da Sra. D. Maria.

— Eu não voltarei aqui antes que o aggregado e sua familia se mudem.

Em vão esperou-se durante o primeiro mez, o segundo e os que se lhe seguiram, uma solução legal para os graves factos occorridos no sitio; nada se resolvera e para cumulo de males as noticias que de lá écoavam na chacara de Campos denunciavam novas e perigosissimas provocações do aggregado.

Entre Fidelis e Juca Benedicto dera-se outra scena de violencia, e tal foi a exaltação de animo e vehemencia de parte a parte que o feitor correu ao encalço do filho do aggregado até proximo da casa nova.

Taes factos eram meras consequencias da animosidade do Sr. Oliveira para com o fazendeiro. Apadrinhava-os o pensamento politico de provar praticamente a nullidade do chefe opposicionista, e assim arredar-lhe a popularidade.

A trama para chegar a taes fins foi de simplissima urdidura; uns pequenos abusos de auctoridade. Depois de resalvar a sua imparcialidade, pondo um simulacro de sincero interesse ao baixo serviço de meaquinha vingança ás derrotas politicas, o subdelegado, sahindo da casa de Motta Coqueiro, dirigiu-se a Lycerio e pol-o ao corrente dos acontecimentos.

— A alma do rabula pensando no lucro liquido que lhe viria do pleito, esqueceu-se das conveniencias politicas, bradou n'um excesso de enthusiasmo.

— E eu que antipathisava com o Coqueiro! Oh! elle póde descançar, havemos de esmagal-o; ha de pagar caro.

— Não ha melhor occasião para reduzil-o a nada, observou o subdelegado; os votantes veirão que nós sabemos vencer.

— Está claro; perder dois votos não é coisa de grande monta. Dois valdivinos, dois biltres, o peseta do filho, grande coisa, mando recrutar o malandro, que tem boas costas para a farda, e metto o bebado do pai e o tal Sebastião na cadeia.

— Escuso de estar com estas cousas, porque estamos sós, e não precisamos de enganar-nos.

— Sim, não precisamos.

— Arranje os cobres do Coqueiro, que é o principal e deixo-o dar os páus.

— Mas...

— Eu me responsabiliso pelo que sobrevier; tenho certeza de que elle não atinará com a cousa.

— Porém... eu fui incumbido de castigar os criminosos e tenho meios.

— E eu lhe digo que não tem, que não deve ter.

— Ah! isto é cutro fallar, mas assim á primeira vista.

— Você parece que está treslendo; proteger e fazer justiça a um adversario!!

— Então V. S. entende que...

— Que se lhe deve negar agua e fogo, eis ahi. E' o que se faz em politica.

— Está bem, está bem; eu fico as ordens de V. S.

— Adens, eu vou mandar asserenar o coitado do Chico; se eu estivesse no seu logar fazia o mesmo. Os negccios de familia são muito serios.

Familia! Esta palavra por si só impellia o ardiloso Lycerio aos maiores compromettimentos, e por si só bastava para dissipar-lhe os escrupulos

O rabula era uma optima estofa para a famigerada communidade religiosa de execranda memoria por um lado, de sublime e civilisadora recordação por outro, e que elevou como dogma o celeberrimo principio: *o fim justifica os meios*.

Em falta de mais largos horisontes, de uma côrte para intrigar, de uma herança pingue a reverter *pelo bem da companhia* em bem da humanidade, de uma conspiração de magno alcance a dirigir, o bom e presenteiro Lycerio atinha-se aos enganos nas sommas das dividas dos freguezes e aos bandeamentos largamente remunerados nas causas que lhe eram confiadas.

Resignado sabiamente ao seu destino entregava-se com a melhor vontade e humor á procreação do vinho e ao delongar dos pleitos. Tudo por amor da familia.

Ora, justamente este amor foi invocado pelo Sr. Oliveira em defesa de Francisco Benedicto, restava, portanto, ao amoroso rabula verificar até onde era levado pelo aggregado o mais nobre, o mais santo dos sentimentos humanos.

Uma vez recebida a procuração plenaria do fazendeiro, Lycerio foi entender-se com Francisco Benedicto.

Munira-se da suas mais francas e prolongadas risadas e igualmente da mais aturada attenção, para bem observar as

prezas praticas da affeição paternal do velho.

Descubriu em breve uma prova. Um bello mandiocal estendia-se viçoso e atrahente por uma grande extensão. Fazendo a reducção dos alqueires de farinha em unidades Moraes, viu claramente que Francisco Benedicto possuia um optimo coefficiente para os seus deveres no lar domestico, tanto mais que o trabalho de Lycerio para com essa expressão era simplesmente reduzir termos semelhantes do mesmo signal. Mais amor de Motta Coqueiro, mais amor do aggregado.

Conscio de que o subdelegado não o havia illudido quando converteu em questão de honra o crime de Francisco Benedicto, o cauto e intelligente rabula abriu-se desassombradamente.

— Sabe a que venho aqui, seu Chico?

— Para honrar a casa do pobre, meu senhor; e dar-nos gosto.

— Sim e não. Um negocio muito serio é principalmente a razão da minha visita.

— Faz favor de dizer qual é, eu já adevinho que vem fallar das eleições.

— Não, venho fallar das cacetadas no seu compadre.

— Mas não fui eu; e já o subdelegado resolveu o negocio.

— Não senhor; elle não pôde resolver, ha processo e está provado com testemunhas como você e o Sebastião disseram que iam fazer espera ao capitão.

— Ninguém pôde dizer isto.

— Ouça o Manuel João...

— Aquillo é um mentiroso, que nem me põe os pés aqui.

— O Lucio Ribeiro...

— Ora, este jura por dinheiro.

— O Faustino, todos ouviram.

— E' uma mentira: só quem podia dizer era o Sebastião, mas por este juro.

— Mas então o Sebastião sabe como você acaba de dizer e portanto eu sou mais uma testemunha. Deixemos de partes: ou você entra n'uma conciliação ou eu faço andar o processo. Escolha.

— Diabos leve a hora em que entrei n'este logar; braçou furioso o aggregado; o que é que eu hei de fazer para conciliar.

— Por exemplo dar-me este mandiocal ou uns cincoenta mil réis; como lhe fôr mais accommodado; eu não lhe quero fazer mal.

— Mas isto é roubar o meu suor; não quero.

— Então vai para cadeia; passa lá uns cinco annos e come de lá a farinha. Passe muito bem; talvez quando se arrepender seja tarde.

Lycerio dirigiu-se immediatamente para a porta, mas ao transpor o limiar, parou. Queria vibrar o derradeiro golpe.

— Ouça, disse elle, cesteiro que faz um cesto faz um cento; veja se vem dar-me pauladas tambem.

Depois de coçar desesperadamente a cabeça, o aggregado chamou Lycerio para dentro e disse-lhe:

— Emfim, com seiscentos diabos, vão-se os aneis e fiquem-se os dedos. Eu quero mostrar áquelle traste que não se machuca os outros assim sem mais nem menos. Perco dinheiro mas dou uma lição. Está fechado o negocio com o mandiocal. Serve?

— Ora até que afinal, exclamou Lycerio esfregando as mãos; estava a parecer que tinha perdido o juizo. Está feito, está feito, só para conciliar-os eu não ganho nada com isso, o que faço é perder o meu tempo emquanto occupo-me com esse negocio. Passo então mandar arrancar o mandiocal por minha conta?

— Quando vosmecê quizer.

— Ora muito bem.

Desde que o amor paternal de Francisco Benedicto ficou tão eloquentemente assentado na convicção de Lycerio, o processo estagnou o seu curso natural.

Sobre elle só pairavam, como lindas mãis d'agua, as recordações dos lucros havidos pelo rabula á boa fé das partes.

Dir-se-hia que a justiça já proferira a sua ultima palavra a respeito da emboscada ; tão grande era a quietação.

Só uma pessoa impacientava-se seriamente com esta indifferença ; era a Sra. D. Maria.

A boa esposa não podia conformar-se com a desusada solução de uma questão que envolvia a reputação do seu esposo, e por meados do anno de 1852, sete mezes depois do acontecimento, entendeu ella tomar a peito a punição do compadre.

Uma opportunidade apresentou-se para que a Sra. D. Maria pudesse interrogar peremptoriamente o fazendeiro, e fello com a seriedade que lhe era propria.

Uma canôa chegada de Macabú a Campos trouxe a seu bordo além dos empregados e escravos da casa, um homem das circumvisinhanças.

Florentino Silva, era o seu nome, vinha pedir a Motta Cequeiro para que o recebesse como seu empregado, e ao mesmo tempo comprasse-lhe a posse de um sitio na serra dos Olhos d'agua.

Quanto ao primeiro pedido foi de prompto attendido pelo fazendeiro, que adiou a resposta ao segundo, visto que não conhecia o terreno que o seu empregado offercia-lhe.

Os escravos afiaram os desacatos e tropelias do aggregado e concluíram por declarar ao fazendeiro, em nome do feitor Fidelis, ser um perigo a vida no sitio.

Ainda na noite de Santo Antonio tinham estado na casa de Francisco Benedicto o inspector André, o subdelegado, Joaquim Lycerio, Lucio Ribeiro e varios individuos. Resolveram fazer uma grande fogueira em louvor do santo e, para servir de combustivel, escolheram um cafesal.

Soprava esperto o vento e em breve as labaredas, enroscando-se pelas aleias e trepando crepitantes e fumivomas avassallavam grande parte do plantio que ficou completamente destruido.

Alvoreçada, a gente do sitio correu para apagar o incendio, mas foi detida em meio caminho pelas ameaças dos folgações, no numero dos quaes centavam-se as auctoridades do logar.

— Deus incumbiu-se de evitar a desgraça que parecia inevitavel. O fogo extinguiu-se por si mesmo.

Ouvindo esta narração, que foi confirmada por Florentino Silva e Faustino, a Sra. D. Maria observou a seu marido que era urgente cortar pela raiz o mal.

— Pelo que acabamos de ouvir, disse ella, o subdelegado, longe de punir, protege Francisco Benedicto.

— Eu tinha certeza de que isto viria a acontecer, o que quer a senhora ? a auctoridade está sempre em mãos de semelhantes homens.

— Assim pois o mal é sem remedio ?

— Parece que pela justiça é, mas resta-nos um meio, obrigar o compadre a mudar-se.

— O que eu noto é que o senhor não se agasta muito com isto, e não ha explicação razoavel para o seu procedimento.

— Se eu perdesse a cabeça e fizesse alguma asneira ser-lhe-hia agradavel ? Pelo amor de Deus, sejam prudentes.

— A maior prudencia era vender o sitio.

— Se apparecesse comprador.

— Nunca apparecerá, porque o senhor ainda quer adquirir mais terras n'aquelle maldicto logar.

— Mas em que nos prejudica termos ou não termos terrenos em Macabú, não me dirá ?

Apesar do tom de azedume do seu marido, a Sra. D. Maria insistiu longamente sobre os negocios do sitio. O seu fim era obter uma resposta decisiva, que lhe pautaria de futuro o seu procedimento.

— Eu lhe repito: não posso admittir que esse estado de cousas continue. O senhor diga com franqueza : aquelle aggregado é ou não castigada.

— Já lh'o disse, senhora : o compadre ha de sahir das minhas terras.

— Não basta, é preciso que pague a emboscada.

— O meio de que poderia dispor era processal-o, o subdelegado é meu inimigo e protege o criminoso, é impossível fazer seguir o processo. Não tenho outro.

— Era o que eu queria saber.

A conversação foi cortada bruscamente por uma ultima phrase da Sra. D. Maria, phrase que felizmente não foi toda ouvida por Motta Coqueiro.

— Eu hei de mostrar quem póde mais, Sra. Antonica.

Antonica foi a unica palavra ouvida por Motta Coqueiro, e bem facil é aquilatar qual seria o movimento intimo que lhe correspondeu.

Seria saude ou seria piedade? O certo é que voltando a conversar com os seus empregados, Motta Coqueiro ponderou lhes:

— E' muito feliz o tal meu compadre; tem por si a protecção, a saude propria e a dos seus.

— Quanto á saude dos d'elle não é lá muita, principalmente de sa Antonica.

— Ah! ella está doente.

— Anda com umas queixas do peito, e uma tosse que vai mettendo medo.

A Sra. D. Maria, que se conservava á distancia de poder ouvir o que se dizia, amargou em silencio a decepção que causou a simples exclamação do fazendeiro.

— Hei de acabar com isto, repetiu a si mesma.

Quando a canôa fez-se de volta a Macabú, a esposa do fazendeiro ordenou a Peregrino que transmittisse a Fidelis algumas ordens.

Queria que o feitor fizesse respeitar a propriedade do seu senhor pelo aggregado e sua familia. Caso não fosse attendido, ficava-lhe o direito de valer-se da força.

Fidelis esperava semelhante auctorisação para operar, e para exprimir a energia com que trataria de obter a mu-

dança de Francisco Benedicto, disse sem reserva:

— Aquelle *branquinho* tem agora de tratar commigo: ha de mudar-se ainda que eu lhe faça como aos maribondos; ainda que lhe queime a casa.

Os expedientes tomados pelo feitor conseguiram intimidar por algum tempo o aggregado, que se acovardou principalmente desde o dia em que, perseguindo-lhe o atrevido filho, Fidelis não duvidou chegar até ás portas da sua casa.

Então Francisco Benedicto julgou mesmo ser prudente ceder á proposta do fazendeiro para a venda das bemfeitorias, e incumbiu d'esse negocio um amigo commum.

As hostilidades arrefeceram e entabulou-se a negociação procrastinada pelas exigencias irrasoaveis do aggregado, que entendia receber o dobro do justo valor na venda.

— Elle ha de ceder por fim, observava o intermediario a Motta Coqueiro; deixe passar mais algum tempo, não é muito para quem tem tido tanta paciencia.

Irritado, porém, pela resistencia que as suas pretensões encontravam no animo inabalavel do fazendeiro, e além d'isso instigado pelas auctoridades que visavam a retirada do competidor d'aquelles logares, Francisco Benedicto recommençou desabridamente os seus desmandos.

Um dia em que em uma das vendolas, quasi totalmente ebrio, o aggregado vociferava diante de Faustino e Florentino contra Motta Coqueiro, disse Florentino:

— Você é um malvado, seu Chico; é um homem que devia morrer.

— Se me pagassem bem, eu arranjava isto, resmungou Faustino; queira o capitão e eu ponho um poato á pendencia.

Uma troca de insultos de parte a parte seguiu-se desastrosamente e terminou por uma intimação formal de Faustino a Francisco Benedicto:

— Cala a bocca d'ahi, velho cachaça, ou faço-te calar á força. Quanto ao teu

genro torto, podes dizer-lhe que se elle continuar com os desaforos, eu visto-lhe uma camisa de pau com vento fresco. E' o que falta a vocês dois, bebados!

A altercação na vendola surgiu d'ahi a alguns dias corporada em uma columna assás compromettedora.

Dizia-se por toda a parte que Motta Coqueiro tinha encarregado Faustino e Florentino de assassinarem a Sebastião Pereira!

O mais grave, o mais incrível era que Bento Silva, irmão de Faustino, era um dos que se encarregavam de propalar semelhante versão, e dizendo que ouvira ao proprio Faustino.

Para cumulo de infelicidade sobreveiu uma desordem entre o aggregado e os escravos.

Corriam os primeiros dias de setembro. Uns madeireiros de Macahé, entre os quaes vinha o Sr. Conceição, chegaram ao sitio de Macabú para comprar o resto das madeiras ao fazendeiro, que se achava em Campos.

Uma canôa foi despachada para avisar Motta Coqueiro, e Fidelis com os seus parceiros começaram desde logo a embalsar as madeiras, por isso que o Sr. Conceição declarava que era negocio decidido e tinha pressa de conduzir as balsas.

No dia 9 de setembro pela manhã, chegando Fidelis ao porto, encontrou cortadas as amarras das balsas e grande parte da madeira no fundo do rio. Evidenciava-se que a maldade fôra a conselheira do facto, e esta não podia ser attribuida senão a Francisco Benedicto, que já outras vezes tinha praticado actos mais graves.

O feitor calceu-se e durante o dia não deixou sequer transparecer a raiva que necessariamente sentia.

Apenas communicou o occorrido aos hospedes de seu senhor, pedindo-lhes que desculpassem a demora involuntaria.

A' noite, depois da revista, Fidelis empunhando uma espingarda chamou os seus parceiros Alexandre, Peregrino, e

Carlos que tinha sido mandado para o sitio por castigo de algumas peraltadas, e ordenou-lhes que o seguissem.

Alumiados por um facho, os tres seguiram pelos aceiros da roça e dentro em pouco achavam-se diante da casa do aggregado,

As portas e janellas estavam fechadas, porém partiam vozes do interior.

— Estão acordados, disse Fidelis; tanto melhor porque demora menos.

Quando o feitor ia bater á porta, perguntou-lhe Carlos, a quem o accento da voz do parceiro impressionara profundamente:

— O que é que você vem fazer na casa d'essas feras? Isto dá em desgraça, Fidelis.

— Dê no que der; eu tenho ordem dos brancos, respondeu o feitor, e bateu brutal e prolongadamente á porta.

— Más horas de visita é esta, disse de dentro Francisco Benedicto; emfim va lá.

Apenas a porta abriu-se, Francisco Benedicto, atemorizado pela qualidade dos visitantes, recuou até o meio da sala, gritando compungentemente:

— Estamos perdidos, estamos perdidos.

— Não tenha susto, não, *seu Chico*; vosmecê é tão valentão que até a gente não acredita que fique logo tremendo. Isto é só um aviso.

A' proporção que fallava, Fidelis, acompanhado por Perigrino e Carlos, entrava pela sala do aggregado, e apoderava-se de uma espingarda que estava oncostada em um canto.

— Nós não somos assassinos; não fazemos emboscada, não, *meu branco*; mas eu sou feitor, e quero dizer-lhe que isto de andar vosmecê, seu filho e seus amigos destroçando o sitio, não me vai cheirando bem. Canalhada, canalhada e meia; hoje amanhecera as balsas cortadas; todos os dias é um desaforo: morte nos gados, fogo nos cafeaes, o diabo a quatro. Eu venho saber se vosmecê quer ir por bem ou por mal. Se quer ir por mal

não me custa nada a pôr fogo n'este rancho, como se faz na casa dos maribondos, que não são tão máus como vosmecê. E' decidir.

Fóra zuniu o desfechar de uma paulada e em seguida ouviu-se um brado colerico:

— Tu me pagas, desgraçado; tu me pagas já.

Os tres saltaram precipitadamente fóra da sala, porque reconheceram a voz do parceiro, que tendo deixado o facho proximo á casa, corria pelo terreiro após um vulto, que elle depois disse ser Juca Benedicto.

— Ah! vccês fazem-se pimpões; pois esperem; hão de sahir amanhã mesmo d'aqui. Esperem.

Suspendendo o facho, Fidelis chegou o até á beira do tecto de sapê. Bastava uma pequena demora para que a casa fosse irremediavelmente perdida.

— Não faça, não faça, tio Fidelis! gritou Carlos.

E abaixando mais a voz:

— Foi sa Antonica que foi soccorrer senhor, e ella não tem culpa do que o pai faz.

— Ah! velho cachaceiro dos diabos, é o que te vale; se não hoje mesmo havias de dormir no matto. Mas se não mudas de pensar eu não attendo a mais nada... Deixa esse desgraçado! bradou em seguida; isso é um fedelho.

Os escravos affastaram-se commentando o caso, mas quem attentasse para o grupo de bananeiras que ficavam a pouca distancia da casa, poderia descobrir um vulto que seguia attentamente todos os movimentos.

Quando a luz do facho extinguiu-se completamente, e o terreiro silencioso recahiu na obscuridade, o vulto sahiu d'entre as arvores, parou e estendeu um dos braços, que agitou no espaço.

Uma voz rouca e abafada articulou estas mysteriosas palavras:

— Bom! muito bem! Agora começo eu!

X

A SCENA DE SANGUE

Na manhã do dia seguinte o inspector André recebia de Francisco Benedicto uma denuncia gravissima contra Motta Coqueiro e seus escravos.

Dizia o aggregado que a sua casa tinha sido alta noite atacada pelos escravos Fidelis, Carlos, Alexandre, Peregrino e... Domingos, que por mando do seu senhor tinham ido espancal-o e pôr fogo á sua casa, crime que não se effectuou por ter elle, Francisco Benedicto, caceteado um dos escravos, pondo assim os outros em fuga.

— E creio que não vinham, sós accretou o denunciante, porque se não me enganou ouvi quando os malvados se retiravam as vozes de Faustino Silva e do Flôr.

O inspector André, que até então tinha ouvido sem protesto e dando aos diabos o fazendeiro, reluctou ante a veracidade da presença dos dois ultimos indigitados.

— Ainda o Faustino vá lá, porque é capaz de mais, porém Flôr, causa-me espanto; é tão mettido comsigo e nunca houve desordens com elle.

— Nunca?! ora, seu André, não acredite. Ainda ha poucos dias elle disse-me que era bem bom que eu morresse; porque sou um malvado. Veja só vosmecê.

Em seguida Francisco Benedicto narrou a altercação travada entre elle, Florentino e Faustino, e, para garantir o effeito, carregando artisticamente o colorido e a disposição dos adjectivos.

O inspector André, sentindo no halito do queixoso um cheiro pronunciado de alcool, teve siso bastante para descentar-lhe os exageros descriptivos e conseguiu asserenar-lhe os assanhados temores, chamando em seu auxilio a galhofa.

— Mas diga-me cá, seu Chico; o Coqueiro anda pela terra? perguntou elle.

— Que eu saiba, não; mas deu ordem para que me desancassem.

— Mas os escravos depois da sova de pau hão de custar muito a cumprir a ordem.

— Póde ser que não; virão todos contra mim e o meu filho, e nós não poderemos resistir.

— Leva sustos, *seu* Chico; você o que precisa é ter mais confiança na gente. Ouça, depois de amanhã, que é domingo, eu levarei um leitão para comermos e depois conversarmos a respeito da cousa; verá como tudo se arranja.

— Então eu espero por voscê.

— E mais o leitão.

O inspector não dava inteiro credito á denuncia do aggregado e até convenciera-se de que o assalto, a se ter dado, devia ser por motivos que Francisco Benedicto não ousava communicar lhe.

Assim, pois, não tomou nenhuma providencia e nem mais pensou no acontecimento.

Francisco Benedicto, porém, sahio a espalhar pela vizinhança que o seu compadre mandara matar-o pelos seus escravos e que o assassinato não realisou-se graças á sua coragem.

A credulidade sertaneja, sempre inclinada a se deixar penetrar por embustes e falsidades, ouviu, murmurou, commentou e finalmente em altos brados apregoou por toda a parte, como verdade, a delação do aggregado.

Só á noitinha Francisco Benedicto voltou da sua peregrinação. Trazia a alma desafogada, porque o dia tinha lhe sido uma apothese. Lucio Ribeiro, Sebastião e outros tinham-o acompanhado, glorificando-o por tanta valentia em annos tão adiantados.

Na estrada geral, nos mesmos taquarugús em que Sebastião e o aggregado realisaram o seu plano contra o fazendeiro, dois homens estavam desde manhã cedo emboscados.

Um d'elles, truncado e baixo, de feições grosseiras, côr da casca do genipapo, nariz chato e beiços grossos, cabellos duros e

corridos, tinha a acentuação medonha da misantropia. Riam-lhe a colera e o escarneo ao canto dos beiços, nos quaes ouriçavam-se raras alguns pellos de barba.

Olhava sempre de travez o seu companheiro e só fallava-lhe quando instigado.

Vestia se de uma calça de algodão mineiro, cuja côr branca, havia muito, mudara-se em côr de cinza intenso, mosqueada por largas manchas de barro. Uma camisa de chita escura, em cujo campo arrelondavam-se uns olhos vermelhos como sangue, abria-se lhe no collarinho deixando vêr o collo carnudo e queimado.

Um chapéu de palha da Angola, de abas desmesuradas e caídas, atado por uma estreita fita negra por debaixo do queixo, escondia-lhe a testa e fazia-lhe sombra ao rosto, tornando ainda mais temerosos os olhares lançados por umas pupilas distendidas e negrejantes sobre corneas sanguineas.

O olhar, interrompido apenas por morrosos pestanejares, tinha a fixidez especial de das aves noctivagas.

O outro, comparativamente franzino, escondia quasi todo o rosto em um lenço que, de sob o mento, subia-lhe até o meio da cabeça; mas viam-se-lhe as pommas salientes e as orbitas fundas, e a testa terminada pelas sobranceiras negras e o nariz avolumado, característico da raça cruzada.

Era um typo vulgar, sem um traço apenas que o recommendasse a uma observação aturada.

Ao ouvirem a conversação dos tres companheiros de viagem, o mais franzino das emboscadas, disse precipitadamente ao outro:

— Agora não nos escapará; a escuridão permittirá que não nos descubram e ninguem pensará que somos nós os auctores. Vamos; prepare-se.

O mi-anthropo nada respondeu, apenas levantou os olhos desdenhosos, e dei-

xou se ficar sentado, como até então estava.

Confuso com essa indiferença, o que fallou, proseguiu :

— Já não me engano facilmente, e sei perfeitamente distinguir a voz d'elle, esteja em meio de milhões de outros. Escute; o malvado aproxima-se.

De feito, as vozes distinguiam-se claramente e podia-se mesmo ouvir a conversa dos transeuntes

— Foi aqui que o *bicho* quasi esticou a canella e foi dar contas ao diabo; que pena não lhe acertar bem o cacete! dizia Lucio kibeiro.

— Qual, foi só uma arranhadela que lhe fizemos.— Com um tiro, disse em seguida Sebastião, levantando a voz, hei de varar a qualquer desalmado que ahí nos esteja ouvindo.

— Só se for alguma cobra, porque os negros ficaram bem convidados e já não cahem n'outra n'estes mezes mais proximos, advertiu Lucio.

— Cautella em todo caso; passemos rente á barreira porque os taquaruçús são boas tocas de onças. E nós que o digamos; observou o aggregado.

Dentro da toceira das gigantescas taquaras os dois emboscados representavam uma scena silenciosa, enquanto blasonando os tres atravessavam a estreita curva da estrada.

O homem possante, rastejando sem ruido sobre folhas seccas, viera protegido pelas arvores collocar-se á beira da estrada, e com elle o soffrego companheiro.

Este, descobrindo o grupo, levou o dedo ao gatilho de uma espingarda que trazia consigo, mas ficou logo sem movimento, porque a mão do outro tolheu-o com a força das duas peças de um torno, apertadas vigorosamente.

Os palraçores passaram impunemente. Quando já se haviam distanciado, o mais impaciente dos emboscados, levantando-se, disse ao outro, que tambem se puzera

de pé e sorria o habitual sorriso de escarneo :

— Eu não posso mais; ha quasi um anno que por vez-s temos tido occasião de acabar com isso, e vosmecê deixa sempre com vida o nosso inimigo. Se não nos é possivel vingar-nos, o melhor é cuidar-nos de outra cousa.

O corpulento emboscado sorriu e sacudiu os hombros.

— Quem quer vingar-se não faz como vosmecê; parece mais o anjo da guarda do que uma pessoa que está zangada e quer desferrar-se de outra. Eu vou seguir o meu caminho, como entendo, e o resto fica entregue á minha so te.

— Não, isto não póle ser mais, arrastou-se a voz rouca do emboscado: eu dei a você, e só a você, o meu segredo, que morava commigo lá vão muitos annos. E' obrigar-me a ser mau, porque eu mato-o se desconfiar que quer fugir de mim, perder-me e sacrificar o meu odio.

— E porque não se decide, porque está a demorar isso? Mate-me, é até um beneficio.

— Não mato por officio, mato por vingança. Ainda Francisco Benedicto não tinha um filho, e eu já o seguia como um cão de caça á pista dos caitetús. Tenho-tido muitas vezes ao alcance da minha faca; bastava um salto para enterrala até o cabo n'aquelle coração leproso. Não quiz, não o fiz. Nos primeiros tempos eu derramaria apenas o sangue d'elle e da mulher, e não me bastava. Não se apaga uma forja com pingos d'agua.

Depois veiu um filho, depois outro, mais outro, e eu dizia commigo: é tempo, ha sangue bastante n'esta raça para saciar, qua não para extinguir, o meu odio. Mas pensava depois e lembrava-me que ainda havia no corpo do meu inimigo forças para augmentar o pasto á minha ira, e esperei.

Eu sou filho de caboclo; do goytacaz que odeia sem barulho, que soffre sem queixar-se, que morre sem gemer. Meu

pai acostumou-me em criança a passar o dia á popa de uma canôa á espera que o piau farto se levantasse do fundo do rio, e viesse collocar-se ao alcance das nossas flechas. Estas atravessavam as aguas sem ruido e a morte do peixe, que durante longas horas espiavamos, se annunciava apenas pela côr do sangue que vinha á flôr do rio. Espero, esparei para matar assim. Do que me serviria matar, para vingar-me, se ao esbo iria parar a uma prisão, onde a minha existencia seria ainda mais cruel.

Eu não peço a você que me ajude, peço apenas que não me faça perder tantos annos dedicados á minha vingança. Este odio é a minha vida, tirem-m'o, e eu morrerei. Para satisfazel-o, hei de fazer cahir quantos encontre em meu caminho. E qual é a causa que o move? No dia em que nos encontramos, vosmecê disse-me sómente: « Não é assim que um homem se desforra; segue-me. » Acompanhei-o; nunca perguntou-me siquer por que razão eu ia perpetrar um crime, e nunca tambem me disse o seu nome, nem perguntou pelo meu. Pensa talvez que eu sou levado por uma questão sem valor, por uma criança, e zomba de mim.

— Se eu não lhe tivesse lido no coração, não chamal-o hia para junto de mim. Quem se resolve ao que você resolveu-se, é porque tem uma dôr grande.

— Pois saiba que é mais do que uma dôr, é uma desgraça. A filha do nosso inimigo venceu-me, fiz-me seu escravo. Vivia só por ella sem importar-me com o mundo: não tinha nada com elle. Houve um dia de loucura na minha vida, porém quiz pagal o com o grande amor que tenho áquella mulher e no entanto ella fugiu-me como a um cão damnado.

— Foi então que você decidiu-se a matal-a, expondo-se á justiça. Creança! O odio precisa de crescer, reforçar-se e crear cabellos brancos para depois ter acção; ao contrario tem a sorte das creanças, que brincam com espingardas: ferem-se ou suicidam-se.

O narrador não parecia ter attendido ao seu interlocutor, e continuou:

— O mais cruel é que eu penso que é por um outro que ella me despreza. Este é rico e forte; pode tudo e insultou-me, e correu-me. Oh! se elle ha de pagar-me!

O pai d'ella tentou perseguir-me, ao passo que anda de mãos dadas com um miseravel que me perdeu, e lhe perdeu uma filha. Porque? ha alguma differença entre nós? ambos somos da mesma casta, ambos pobres. Porque, pois, repellirem-me. Hei de vingar-me, e duplamente, porque elles escarneceram da minha fraqueza!

Tenha pena de mim, abrevie o meu soffrimento; veja que eu não posso por muito tempo conservar-me na casa de um homem a quem odeio; bem posso um dia perder a cabeça e então lá se vai toda a minha esperanza. E' uma crueldade fazer-me seguir quasi sempre os passos do infame aggregado; é uma falta de piedade; se vosmecê não quer já acabar com elle, para que havemos de espreital-o sempre?

— Supponha que é para descobrir o melhor ponto para cravar-lhe uma bala, ou varal-o de lado a lado com a minha faca. Mas não é isto o que nos importa. Qual é o outro homem que o insultou, qual o seu nome?

— Motta Coqueiro, o dono d'este sitio.

— O filho do Goytaçaz sabia; mas queria que você confirmasse, para lhe dizer o seu plano. Hontem, quando á noite eu estive no terreiro da casa do nosso inimigo, os escravos d'esse homem appareceram para tomar contas ás malfeitorias de Francisco Benedicto. Depois um d'elles quiz pôr fogo á casa. Hoje todo o Macabú deve saber d'isto, porque desde pela manhã Francisco Benedicto anda de um para outro lado.

— Mas o que temos com isto?

— O que temos? E é você que diz que sabe odiar! O que temos: você uma dupla vingança; e ambos nós a liberdade.

— Ah! exclamou o interlocutor, levantando a mão á testa.

— Entendeu agora? Pois bem, trate de saber quando chega o fazendeiro; até lá esperemos.

Os dois personagens mysteriosos separaram-se taciturnos e cabisbaixos, sem que ao menos houvessem trocado um aperto de mão.

Via-se-lhes no aspecto que a sua alliança carecia de um sentimento puro, que os fizesse desdobrarem o intimo nas expansões, que se esbatem á luz, serenas e desculdas.

Ao contrario faziam recordar as lendas das feiticeiras e demonios que se reúnem nos logares ermos, obumbrada a claridade do ceu por um reposteiro de trevas e só então começam o tripudio sombrio, em que as visagens e os esgares medonhos substituem as palavras meigas e os sorrisos affaveis.

O mais robusto dos dois internou-se pelo capoeirão, caminhando sem hesitar, como quem era assaz pratico em romper por entre a rede espessa de lianas, trançado de galhos, e os accidentes do solo do logar.

Sob os seus passos de longe em longe estalavam as folhas e os pausinhos secos, mas tão imperceptivelmente que ninguem poderia crer que por alli passava um homem.

Após meia hora de caminho, parou sob uma arvore frondosa, cuja ramagem cahia como uma cupula, sobre as franças de outras menores, recotando um enorme disco virente.

Um vasto recinto circular, estofado por folhas mortas, fechava-se ahi pelo tecto e tapagem de arvores, e servia de habitação aos dois companheiros.

O recém-chegado, fazendo fusilar o seu isqueiro, accendeu uma pequena fogueira e depois tirou do ouco da arvore um cobertor escuro, e um sacco, e separando as folhas do chão trouxe para junto de si duas foices polidas.

Sobre o cobertor estendido deitou a espingarda, que trazia cemsigo, e em seguida foi para junto do fogo onde começou a aquecer provisões para uma sobria refeição.

Visto ao clarão avermelhado da pequena fogueira, aquelle rosto onde a maldade estierotypara se na sua mais precisa accentuação, lembrava os genios máus da floresta, creadas pela imaginação supersticiosa dos selvagens.

Em quanto no isolamento e no mysterio o recém-chegado quedava acocorado junto da fogueira, o soffrego companheiro d'este homem, que durante longos annos apascentava em silencio os mais ferozes pensamentos de horrorosa vingança contra Francisco Benedicto, caminhou em busca da noticia da qual dependia o espasneamento dos seus instinctes sanguinarios em uma alegria satanica.

O caminheiro, andando com uma presteza incrível, chegou ao sitio antes da hora em que a voz do feitor ordenava o recolher e por isso não esperou por muito tempo para ouvir alguma coisa que o interessasse.

A principio collocara-se por detraz das senzalas toda attenção e ouvidos, mas para logo attrahido pelo echo de duas vozes, arrastando se cautelosamente veio postar se entre o vão da casa do feitor e o lanço em que moravam os escravos.

Na porta da senzala, Carolina, que já restabelecida tinha voltado para a roça, conversava com a tia Balbina.

— Parece que vamos ter chuva, disse Carolina, vosmecê não vê que nuvem tão negra está alli parada por cima da casa grande?

— Póde ser que seja o quarto da lua com trovoada e a pedra do raio; é quasi sempre assim, mas a pedra do raio não cahirá sobre a casa dos brancos.

— Deus ha de livrar-nos d'isto: lá está na porta a *Estrella do céu*.

— Mas a agua da chuva póle fazer cahir a oração, disse a feiticeira ele-

vando a voz; já tem se visto, e, quando a *Estrella* cai, Deus fecha os olhos para a banda da casa que a perdeu.

— Ave Maria! tia Balbina, Deus não ha de permittir que venha ainda mais esta desgraça.

— Não; a felicidade é para os brancos, a desgraça é para os captivos. Quando das costas de Balbina as feridas do chicote lançavam fumaça, como a bocca aberta em dia de frio, a senhora brincava com o caçula doente, batendo-lhe com a ponta do dedo nos seus baicinhos vermelhos.

A mucama, para lá junto d'elle, ria contente sem se lembrar que a sua parceira, cheia de dôres, *arribava* o eito, gemendo no coração.

Quando, de noite, o caçula tossia a sua doença, todos logo de pé corriam para vêr e saber o que é que elle tinha, e quando de noite, a escrava quasi a morrer de raiva e de canção veio deitar-se na esteira da sua cama, só a pobre Carolina teve uma lagrima e um pouco d'agua com que lavasse as feridas da infeliz. Não; a felicidade é para os brancos, a desgraça é só para os captivos.

— Foi assim mesmo, tia Balbina, mas vosmecê já está vingada; basta só o negocio do aggregado.

Balbina sorriu, sacudiu os hombros, rasgou as mãos uma sobre a outra, e depois disse dissimuladamente:

— Póde ser.

— Está mesmo vingada, porque se disseram que vosmecê era feiticeira e o senhor acreditou, hoje tambem o aggregado foi espalhar que o senhor tinha mandado pôr fogo á casa d'elle e todo o mundo deu-lhe credito.

— Engano de você, creança, ninguem disse isto.

— Antes não dissessem; mas o Carlos contou me que tinha ouvido na venda. Vosmecê bem sabe que elle hoje não trabalhou; porque está com o pé destroncado por um geito que deu hontem de noite, quando foram á casa de *seu Chico*.

— Quem? elle foi...

— Com Fidelis, Peregrino e Alexandre. O filho de *seu Chico* arrumou uma cacetada em Alexandre e elles correram para defender o outro. No pulo que deu, Carlos destroncou o pé.

— E'o que foram elles fazer? Balbina dormiu o somno do captiveiro antes que o gallo cantasse; estava cansada; não pode ouvir ao seu anjo da guarda o que fizeram de noite os escravos do mau senhor.

— Eu lhe digo, tia Balbina. Fidelis aturou até agora tudo que o aggregado tem querido fazer; mas os brancos disseram á minha vista que Fidelis tratasse de botar para fóra aquelle homem, fosse como fosse. Hontem as madeiras amanheceram fundeadas no rio e o feitor vendo que só o aggregado faria esta maldade, oi á casa d'elle para metter-lhe medo.

Emquanto Fidelis arrasava lá com *seu Chico*, o filho veio per fóra e deu uma cacetada em Alexandre, que estava da parte de fóra. Então o feitor muito zangado quiz pôr fogo á casa do aggregado, e se ella não ardeu foi porque Carlos lembrou lhe que o senhor gosta de sa Antonica.

— E quem foi que disse á Carlos que o senhor gostava da filha do aggregado? perguntou a feiticeira.

— Elle viu e a senhora já sabe tambem e tanto que é a causa da maior raiva. Não sei porque, mas eu tenho uma cousa que me diz que, amanhã, quando o senhor chegar, ha grande desgraça aqui.

— Como se não ouvisse mais as palavras de Carolina, a feiticeira, levantando-se com os olhos fitos no ceu, ergueu o braço e, apontando para a nuvem negra, resmungou junto da face de Carolina.

— Olha a nuvem; cresce cada vez mais. Está como o lucto da morte; negra, negra. O quarto da lua traz trovoada e a pedra do raio; a *estrella* do céu vai cair da porta dos brancos. Balbina saberá do canto do gallo quem disser que a *estrella* cahiu

da casa do mau senhor. Vai dormir, criança.

Sem forças para resistir á intimação da feiticeira, a creoula entrou logo na sua senzala e só depois de ter fechado a porta saudou com voz tremula a vingativa escrava.

Balbina affastou-se lentamente e dentro em pouco entrou em casa, fazendo arruir a fechadura.

Tudo ficou silencioso e o vulto do espião perfilou-se no oitão da casaria.

— Amanhã; bem ouvi, amanhã, resmungou elle; não quero perder um minuto mais, tenho sede de sangue d'aquella raça. Oh! meu amigo, qual não será a tua alegria.

Alta noite, na hora em que a superstição prende sob os tectos os moradores do sertão, duas pessoas affrontavam corajosas as aparições de almas penadas e o ranger de dentes dos lobis homens.

Como se uma das grandes nuvens negras, que escureciam o ceu, tivesse desido á terra e deslissasse, cosida com as paredes, pela face da casaria do sitio; um vulto, que pulara a janela de uma das senzalas, aproximou-se a pouco e pouco da casa grande. Na ultima porta que abria sobre a sala de visitas, alvejava um papel, no qual desenhava-se uma larga cruz, emmoldurando algumas linhas de caracteres typographicos.

O vulto parou diante da porta, e depois de escutar attentamente, subiu á soleira e correu a mão sobre o papel. Esperou algum tempo, e afinal levou de novo a mão ao mesmo ponto da porta. Tinha desaparecido d'ahi o signal que alvejava nas trevas.

Com a mesma precaução o vulto tomou para a senzala de onde tinha sahido, e a luz de um candieiro illuminou o interior.

Quem olhasse pela fresta da janela viria agora a tia Balbina, diante do candieiro, sorrindo e remirando um papel que tinha nas mãos.

Depois de minucioso exame, a feiticeira chegou á chamma o papel que tinha nas mãos, e atirou-o ao chão. A combustão foi rapida; em alguns segundos estava convertido em cinzas.

— Agora, disse ella fitando-o; raça de brancos, sem coração e sem piedade, zomba do raio de Deus que vem na nuvem negra do quarto da lua, e foge tambem da vingança da escrava. Os signaes do castigo ainda estão vivos nas costas da feiticeira, e, emquanto elles durarem, Balbina não terá perdão. Viesse embora o caçula, alvo como a flôr da canema apertar nos braços, e beijar a sua ama; a lembrança do castigo, e a sede da vingança não sahiriam da alma da negra. A cobra offendida espera para matar ou para morrer.

A escuridão estendeu-se no interior do quarto.

A esta hora ainda o espião aventurava-se atravez da matta em demanda do pouso, em que o esperava o seu companheiro.

O homem, que durante annos assanhara gradualmente o sonho de seva desforra contra Francisco Benedicto, depois da refeição começou a passeiar de um para outro lado do escondrijo, trahindo, apezar da estagnação do semelhante, uma impaciencia febril.

Por vezes avivou o fogo, engatilhou a espingarda, e alimpou no sacco a folha das foices, recomeçando depois o seu automatico passeio.

Afinal, parou e tirou da bainha uma larga faca e olhando-a e correado-lhe o dedo pelo fio, rosnou entre um sorriso:

— Deves estar envergonhada da minha fraqueza. Eu já não te mereço o gume que corta no ar um fio de cabello da raça do meu inimigo. Perdão minha companheira.

E os labios da fera pousaram, e demoraram-se n'um beijo longo sobre a lamina polida e lanceada da arma. Era o idyllo do crime, alumiado por um brazeiro, a fazer lembrar as scenas que a

imaginativa religiosa desenha nas grutas inflammadas do inferno.

Interrompido bruscamente o beijo, o faccinora disse resolutamente :

— Não cedo, não quero ceder nem uma gotta de sangue da graça que ha longos annos condemnei. Que me importa a mim que outros queiram vingar-se ? Nenhum tem soffrido mais do que eu. Tenho mulher e não penso n'ella ; tenho filho e fujo de affagal-o ; e, coitadinho, quando eu volto á casa vem esperar-me no terreiro para pedir-me a benção. Mulher e filho agradecem-me o pouco que posso conseguir com as horas de trabalho roubadas á minha vingança ; choram de alegria, e eu nem demoro-me para consolar-lhes as continuas saudades.

Qual é o outro que tem igual direito ao sangue da raça amaldiçoada ? Odio de dois dias, sem raizes e sem sacrificios, eis o que deseja partilhar commigo a vingança ! Não cedo, não quero ceder. E' minha, minha só a vida da familia indigna ; só eu hei de saciar-me no seu sangue. Juro !

Quasi ao romper d'alva o espião reuniu-se ao seu companheiro.

— Chega amanhã á noite ; amanhã, amanhã, exclamou elle, parando diante do taciturno companheiro.

O silencio d'este impressionando-o profundamente, perguntou-lhe o espião, mordido pelo despeito :

— Então vosmecê não se alegra.

— Não.

— Pois não vai acabar os seus desgostos.

— Sim, mas Deus quer que não seja eu quem me vingue ; escolheu outro para me ejar a arma.

— Outro ; eu, não é verdade ; sou eu ! Hei de manejar-a, hei-de ! com a força do meu odio.

— Não és tu tambem, é outro.

— Oh ! homem malvado, exclamou o espião, pois você pensa que eu consentirei antes morrer.

— Cala te ahi já ! Se eu não devo fartar-me no sangue do outro, quem me diz que não posso beber o teu, a quem confiei o meu segredo e que me queres perder ? Ouve bem ; não irás amanhã á noite a casa do inimigo ; deixa que as mãos escolhidas por Deus se incumbam da vingança. Escuta e pensa ; eu ando sem ruido como o peixe nada no rio ; mudo de pouso como o vento muda de rumo ; se não me attenderes, fugirás em vão. Para que me pudesses descobrir era preciso pôr em terra todas as mattas e arrazar todos os morros ; desde os que se sobem correndo, até os que se vestem de nuvens. Ainda assim era preciso seccar todos os rios ; eu corro como o veado, mergulho como a anta e boio sobre as aguas como a vagem do ingá a mercê da correnteza. Escuta e pensa ; o sangue do inimigo só correrá pelas mãos escolhidas por Deus.

— Maldita a hora em que nos encontramos ; eu não recuaria com medo ! não seria fraco !

De um salto o homem robusto tinha empolgado e atirado por terra o companheiro, ao qual subjugava com um joelho sobre o ventre e uma das mãos sobre a garganta, em quanto na outra brilhava a faca luzidia.

Mas a explosão de colera extinguiu-se de chofre e o espião foi deixado em liberdade, ferido apenas por um sarcasmo.

— Criança ; vê se eu sou medroso e fraco ; alli estão as armas, mata-me !

— Oh ! meu Deus ; eu sou bem desgraçado, soluçou o miseravel.

A noite calada e escura e após ella uma aurora triste, parcamente gazeada e tocada apenas por uns ephemerons tons avermelhados em estreita barra de um céu côr de chumbo, estenderam-se entre o silencio dos dous companheiros.

Seguiu-se da mesma sorte o dia, suando por entre nuvens carregadas baça e tristonha claridade, que se humedecia passando atravez de impertinentes choviscos

periodicos, que, batendo na folhagem, enchiam a matta de abafados susurros.

Ao anoitecer, o filho dos goytaczes acercou-se do seu companheiro e disse lhe buscando armar-lhe pelo carinho do accento a boa vontade.

— Esta noite você vai descançar na casa do amigo. Póde ir sem rancor de mim; a sua vingança nem por isso deixará de ser levada a cabo. O rio que volteia pela serra ha de chegar a cahir na varzea. Agora ou logo, que importa? Vai em paz.

O ouvinte não respondeu; taciturno, pegou da sua espingarda e de uma das foices e caminhou para a sahida do escondrijo.

— Não mereço mais nem um adeus?! Não faz mal; não tardará que você comprehenda que eu soube pagar a confiança com que acompanhou-me, sem saber ao menos o meu nome. Breve voarão sobre a cabeça do amigo os senhos serenos; o pesadello da offensa ha de mudar-se no desafogo da vingança. Se esta não é tomada pelas suas mãos, Deus sabe a causa. Ambos temos soffrido muito, mas a sorte não quer que sejamos nós os que demos a satisfação ás nossas dôres. Paciencia. Entretanto ninguem mais do que eu tinha o direito de dizer ante a vida da familia condemnada: — é minha, minha só; mas você vê bem que eu não desespero. Algum dia vir-se-ha a saber a historia do homem que você encontrou no caminho da vingança; comprehenderá então como era triste. Póde partir.

— Não será mais do que a minha, adeus!

O cabaclo não se demorou muito no escondrijo após a sahida do companheiro. Antes porem de retirar se cavou com a foice um buraco, enterrou o sacco das provisões, e abriu com a ponta da faca na casca da arvore uma enorme cruz.

— Por mais que tu cresças, disse elle olhando para arvore, não se apagará este signal, e os meus poderão saber se eu tive ou não coragem de vingar-me.

Seriam dez horas da noite quando os leques das bananeiras, que se erguiam no terreiro da casa do Francisco Benedicto, estremeceram ao de leve, como o capinzal por onde as preás correm amedrontadas.

Um vulto sahio d'entre ellas e caminhou vagarosamente em torno de toda a casa. Certificou-se de que ninguem o via.

Voltando á frente da casa e agarrando-se aos entulhos da parede, marinhou até á cobertura de sapê, cuja superficie molhada pela chuva não deixou ouvir o menor estalido.

Separando cautelosamente as ramas do tecto, conseguiu em poucos minutos desaparecer atravez d'elle.

Na sala de visitas, onde dormiam tres creanças alumiadas por uma lamparina collocada sobre uma velha mesa diante de um tosco oratorio, appareceu o homem que tinha gravado a cruz na casca da arvore.

Depois de se ter inclinado sobre as creanças, e fitado-as por algum tempo, abriu sem ruido a porta, sahio, caminhou até as bananeiras e voltou logo trazendo comsigo a foice e a espingarda. Fechou de novo a porta e guardou a chave sob o oratorio.

Como quem conhecesse perfeitamente a disposição dos aposentos, seguiu pelo corredor que abria ao fundo da sala.

Na sala de jantar, sobre um estrado, re-omnava o bom somno da confiança o filho do aggregado. O visitante nocturno viu-o, graças á claridade que frouxamente derramava-se na sala, e sorriu.

Depois abaixou-se sobre elle e balançou-o, dizendo baixinho ao moço que assentára-se sobresaltado:

— Não me conheces, não é verdade? Pois sabe que sou um amigo de infancia de teu velho pai. Ouvi hontem a historia do assalto dado aqui pelos escravos do capitão. Este chegou hoje e não tardará que venha concluir a sua obra. Vem comigo, e d'alli das bananeiras com as

nozas duas espingardas defenderemos a casa. Vem.

O moço, que não teve tempo de reflectir, levantou-se de um pulo e, seguindo o que elle julgava amigo da familia, sahio com elle pela porta dos fundos, que foi fechada por fóra.

Logo porém que chegaram junto ás bananeiras, com a agilidade e certeza de um bote de tigre, Juca Benedicto foi colhido pelas mãos vigorosas do homem possante, e sem que tivesse podi o preferir uma palavra, cahiu ora cheio por terra.

O homem voltou de novo á casa, accendeu com o maior sangue frio um candieiro e dirigiu-se á cozinha.

Tirou da bainha a faca ensanguentada e, cortando com ella uma corda que se estendia de um canto a outro do vão, dirigiu-se em seguida ao quarto da sala, depois de ter trancado e guardado as chaves de todas as portas, e posto a foice por detraz do estrato.

Dormiam n'esse quarto Francisco Benedicto e sua mulher.

O intruso, de uma reviravolta, amarrrou os braços que o adormecido tinha cruzados sobre o peito.

O aggregado levantou-se de chofre; mas não pôde clamar por soccorro porque foi no mesmo instante amordaçado.

Dispertada pelo abalo que produziu no leito o pulo do marido, e vendo diante de si aquelle homem com um sorriso mau a contrahir-lhe os grossos beiços, ao passo que o marido forcejava para libertar-se de suas mãos, a pobre senhora precipitou-se corajosamente sobre o malvado.

Francisco Benedicto já havia cahido, porque com uma ponta da corda foram-lhe amarrados os joelhos.

O faccinora esperou calmamente o assalto da fraqueza feminil, encorajada pela dedicação e o amor.

As mãos da esposa seguraram-se como duas tenazes aos braços do homem;

enquanto que sua flebil voz, querendo bralar, murmurava apenas:

— Malvado, que mal te fizemos nós ?

Os olhos do aggressor fuzilaram francamente a cohera longos annos repressa, e elle respondeu aparentemente sereno:

— Nenhum ! Bem sabem que nenhum.

— Salvai-nos, meu Deus; estamos todos perdidos, exclamou angustiosamente a senhora.

— Nem Deus, nem o diabo !

Proferindo estas palavras, os punhos do aggressor, calcando sobre os hombros da desventurada esposa, fizeram-a cahir de joelhos.

— Mate-nos, se tanto deseja, mas poupe nossos filhos, que não lhe fizeram mal nenhum.

O monstro riu-se e á proporção que, posto um joelho sobre o estomago e arqueira a mão sobre a garganta da infeliz, estrangulava-a cynicamente, dizia entre dentes :

— Eu não esperaria tanto tempo para vingar-me se bastasse-me tão pouco sangue. Irão todos, um por um, desde o menor até o maior. Bem sabe que já perco um dos da tua raça ; é demais.

E o monstro continuava na sua pressão feroz, ainda que sob elle já não estivesse mais que um cadaver, cujos olhos desmesuradamente abertos e salientes pareciam querer feril-o como se fossem dois punhaes.

— Amigo Francisco, disse o monstro que se levantára ; vais vêr como se é leal e bom pagador.

O aggregado apenas podia soltar gemidos abafados. O monstro arrastou-o até á sala de visitas.

Ouviam-se dentro os gritos das duas filhas mais velhas, que batendo á porta do quarto, a qual o faccinora tinha tido o cuidado de fechar, exclamavam angustiadadas :

— Abram-nos a porta ; perdão ! perdão para nosso pai.

Por sua vez as tres creanças acordadas, vendo o velho pai estendi-lo por terra, e o homem de má catadura caminhar para ellas, choravam, pedindo-lhe que não as matasse.

— Berra, corja miada, berrarás em vão. As portas estão fechadas, e a estas horas não passa viva alma pela estrada.

Pegou então na menor das tres creanças, empurrando as outras que, de joelhos e agarradas á irmãsinha, pediam por ella. As duas pobresinhas caturam abraçadas uma com a outra, enquanto que o monstro, sacudindo pelos cabellos a criancinha, esbofeteava a sorrindo.

Depois cravou-lhe na garganta as unhas de fera, balançou-a no ar e atirou-a ao lado do angustiado pai, que vasquejava a sua desgraça.

— Por *istosinho* disse elle apontando o cadaver, nem valia a pena incommodar-se um homem; porém era uma viborasinha que ficava. Vamos ás outras.

Durante o estrangulamento da irmãsinha as duas meninas tinham se levantado e corrido para o interior, de balde, porque não tardaram a ser descobertas pelo assassino, que as arrastou até á sala.

Uma d'ellas teria oito annos, e a outra onze.

— Vamos primeiro acabar com a mais moça, amigo Francisco, resmungou o malvado. É preciso que eu ganhe força para sahir perfeito o trabalho.

Com violento empurrão a menina foi estirada no chão, e o demonio do odio levantando o pé, bateu-lhe em cueio nas costas. Uma golphada de sangue espadrou e foi cahir sobre o aggregado, e mais uma victima foi immolada a uma vingança de causa desconhecida.

A menina de onze annos foi então arrastada pelo monstro, que assentando-se n'un môcho obrigou-a a sentar-se nos seus joelhos.

A lubricidade veiu então misturar-se á ferocidade.

— É realmente bonita, e, pelas dôres que tenho soffrido, juro-te, amigo Francisco, o meu coração está a pedir-me que eu não mate-a.

Houve um instante de silencio, durante o qual o pudor da menina, quasi desfalecida, foi posto a tratos pelo faccinora.

— Ah! *seu* capitão! que mal lhe fizeram as creanças, tenha dó d'ellas.

Este grito de desespero, proferido por Antonica, deteve em meio uma scena de iniquidade indisivel.

O malvado ergueu-se de subito e arrastando após si a presa, acocorou-se junto de Francisco Benedicto.

— Ouviu o que disse á sua filha, amigo Francisco? Ella pensa que é o capitão quem se desferra n'este momento; e todos, quando encontrarem esta casa contendo os pedaços da tua raça, hão de pensar tambem que foi o capitão o auctor d'esta vingança. E eu viverei tranquillamente; nem ao menos podes levar a esperanza de que eu soffra um pouco, uma hora sómente! Quanto é bom ter-se como tu, amigo Francisco, inimigos a cada canto! Os que são mais offendidos podem castigar sem temor. Ha quem soffra per elles.

A face do assassino sumiu-se na região thoraxica da indefesa menina, e duas vezes mais cravou-se lhe no seio.

Quando a victima não dava mais signaes de vida, o monstro passou pelos beiços a lamina ensanguentada e disse demoradamente:

— Oh! como é tão doce e cheiroso o sangue dos teus. Devias amar muito a tua mulher, amigo Francisco, para que tiveses filhas tão bonitas. Faltam-me ainda duas e é preciso que eu dê conta da tarefa antes que o dia clareie.

A porta do quarto, em que o assassino tinha prendido as duas moças, abriu-se e elle, encostado á foice que antes escondera, esperou que as desventuradas sahissem.

As infelizes, abraçadas n'um canto da casa, soluçavam de modo a commover ás

feras. O pavor tolhia-lhes o movimento. Eram duas estatuas de desespero confundindo nas lagrimas o seu desconforto.

— É preciso que venham tomar a bênção a seu pai antes que se separem d'elle, disse o monstro; eu quero ser bom para vocês.

— Oh! isto é de mais! bradou Antonica, precipitando-se sobre o assassino; mate-nos mas não escarneça.

A coragem da moça communicou-se á sua irmã e ambas atiraram-se valorosas sobre o frio matador.

Mas a foice, vibrada vigorosamente, fendeu pelo meio o craneo de Mariquinhas, e a desventurada vacillou, e para logo baqueou inunxada por uma oada de sangue.

Antonica tentou em vão fugir ás mãos do homem desapiadado. N'um lance d'olhos fôra por elle subjugada e arrastada até junto do velho pai, a quem a vida era ainda conservada a custo de tanto tormento.

— Mate-me; é um beneficio; mas diga a quem lhe mandou aqui, diga a elle que mesmo na hora em que mandou matar-me eu disse que o amava.

O monstro buscou inutilmente profanar aos olhos do pai subjugado a grinalda virginea da infeliz amante, o heroismo do pudor teve forças para resistir-lhe e o barbaro e deshumano assassino viu-se obrigado a santificar com a morte a virgindade de Antonica.

— Confessa, amigo Francisco, disse o escarneo da féra; confessa que eu sei vingar-me. Já não contavas commigo, e entretanto não esqueci a divida de outra; pago-a com juros. Morre pois, en! cão!

A planta do selvagem collocou-se sobre a garganta de Francisco Benedicto, que estrebuchava violentamente. Depois o monstro racuou um passo e disse como que arrependido do seu acto:

— Não! envenenaste a minha vida, morre como o sucuruíú.

Uma foçada, desfechada nas temporas do aggregado, pôz termo ao seu inenarravel soffrimento.

Concluida a matança, o monstro ateiou fogo aos quatro-cantos da casa e sahiu lentamente, deixando sobre a mesa a lamparina, cuja luz allumiava agora cinco cadaverés!

A escuridão do terreiro epancou-se pelo clarão vermelho d'algumas labaredas, e o monstro, parando e voltando-se para a casa incendiada, exclamou com tremulo e sombrio accento:

— Ninguem! Amanhã tudo isto será um montão de cinzas e não haverá um criminoso pela extincção da familia do malvado.

As ultimas palavras foram porem acompanhadas pelo ronco longinquo de um trovão, e alguns segundos depois as nuvens negras do céu despejavam sobre o incendio uma chuva torrencial.

XI

INDICIOS IREFUTAVEIS

Sob o temporal de feito, singrava rio acima uma canôa, cujo impulso repressando e fazendo espumar ruidosamente a corrente abria duas grandes azas niveas na escuridão das aguas e da noite.

Gradativamente os remadores foram alliviando os remos, e afinal a canôa parou.

— Nas horas de Deus! exclamaram elles; estamos em casa.

Estavam de feito no porto do sitio de Macabu, propriedade do capitão Motta Coqueiro, que, vindo a bordo, tratou de desembarcar logo que ouviu annuncio dos cangeiros.

— Rapazes tratem de cobrir as cargas, disse elle, e os Srs. venham commigo. Que viagem terrivel!

Pouco depois via-se luz na sala de visitas da casa grande, e ouviam-se fallas entrecortadas por francas risadas.

Recostado n'um canapé, junto do qual estavam assentados alguns homens de physionomias distinctas, Motta Coqueiro presidia uma conversa de amigos.

O mais jovial e que mostrava mais privança com o fazendeiro era o Sr. Conceição, negociante residente em Macahé.

O seu rosto cheio e vulgar era entretanto attrahente porque illuminava o um olhar cheio de inuante sinceridade.

No mais era um homem de estatura mediana, sem reservas aristocraticas, sem posições estudadas; o antigo typo do homem do commercio, que se perdeu no dilavio fervido do aperaltamento moderno, que olhando, para a fidalguia, fica sempre no ridiculo.

— Se você não tivesse chegado hoje, dizia o Sr. Conceição, amanhã só encontraria aqui muitas lembranças rossas. Batiamos azas sem mais demora.

— O que custa é o mais desejado, respondia o capitão; e a além d'isso as minhas madeiras são como o vinho, quanto mais velhas mais caras. Está ahi porque me demorei.

— E lá ficaria se o vento não o fosse buscar. Pelo que eu vejo você não chega aqui sem tempestade.

— Nem sempre; aconteceu hoje para que vocês paguem-me não só as madeiras mas ainda o incomodo da viagem. Eu levo só dez por cento. Antes isso do que ir para a estrada.

— Homem! por fallar em estrada, é verdade; que se deu aqui um desaguisado entre você e um aggregado?

— E' verdade; mas eu nem penso mais n'isso, porque o tal aggregado, que é meu compadre, gosta de mais do copo.

— Mas n'este caso cozinhe as caraspas em casa, e não se engane com os cacs alheios. Se fosse commigo o negocio não ficaria ass m.

— Eu tambem quiz processal-o; mas não só tive de luctar com a animosidade do Oliveira e trampolinice do Lycerio, mas tambem de compadecer-me do tal

meu compadre, attendendo a que tem uma familia numerosa. Elle ha de achar quem o insine, porque ninguem as faz que não as pague. Ha cousas que dão me muito mais que pensar...

— Ah! tem tambem seus segredos; deixe estar que eu hei-de pô-lo em bons lençóes com a D. Maria. Vejam o sensinho.

— Qual, por este lado não ha que temer; já tenho os meus cincuenta sobre as costas. O que me impressiona mais hoje é a eleição de deputados geraes, para cuja victoria o governo mandou para Campos um juiz de direito, escolhido a dedo.

— Ora deixe-se d'isso; você bem sabe que, trabalhando, tabaqueia o bicho.

— Não é tão facil; os diabos dos caudilhos do governo têm-me intrigado á grande. Pois o que é a connivencia do Oliveira com o meu aggregado, se não um meio de desmoralisar-me? Agora a verdade é que o finorio perde de todo o seu tempo.

A conversação estendeu-se por mais de uma hora sempre salpicada pelos epigrammas e malignidades joviaes do Sr. Conceição, que assim confirmava uma regra geral; os caracteres sadios e vigorosos são intimamente alegres.

Já pela madrugada os amigos separaram-se e tomaram os seus aposentos.

O sol, apezar de alto, illuminava furtivamente o céu, quando de novo o fazendeiro avistou se com os seus hospedes.

Estes, que tinham pressa de voltar para Macahé, não deixaram desperdiçar um minuto e occuparam-se durante todo o dia em discutir o preço das madeiras e as condições do seu transporte.

A mais perfeita tranquillidade de espirito expandia os modos e as palavras d'essa reunião de amigos, á excepção do fazendeiro que parecia estar preoccupado.

Quem, á tardinha, affastando-se da casa grande, se dirigisse á casa nova, assistiria ahi a uma scena de requintado cynismo.

O assassino da indefesa familia andára durante todo o dia rodeando as suas victimas como um corvo em torno da carniça.

Quasi ao pôr do sol o companheiro, que na vespera fôra por elle despedido, veiu tambem farejar as cercanias da casa do inimigo commum.

O silencio profundo que reinava alli fel-o approximar-se mais e mais, até que finalmente collocou-se entre as bananeiras.

O aspecto da casa fê-lo pensar na previsão do seu companheiro e para certificar-se chegou até mais perto.

O bafo do sangue apodrecido e o som do intenso e pereuno zumbir do mosqueiro certificaram o de que lá dentro jaziam cadaveres.

Olheu em torno de si; depois espreitou pela fresta da porta, e como se o espicassasse o remorso, recueu espavorido, e, arrancando violentamente o lenço que lhe encobria parte do rosto, exclamou dolorosamente.

— Mariquinhas, minha Mariquinhas! eu havia de saber poupar-te.

Ao dizer a ultima palavra os cabellos erriçaram-se-lhe, e agachou-se transido de terror.

E' que a pesada mão do companheiro tinha se-lhe collocado sobre o hombro, apertando-o fortemente.

— Trahiste a tua cobarçia, ou mentes como um cão. Ou assassinaste a esta raça damnada, ou querias enganar-me.

Manuel João que era o companheiro do assassino, tremia miseravelmente e não ousava responder.

— Como tu és cobarde, bradou o selvagem; como virias comprometter-me, se Deus não conflasse a outras mãos a nossa vingança. Felismente ainda ha homens de coragem. O capitão chegou hontem e eis aqui os destroços. Bem t'ô dizia eu!

Depois de uma breve pausa, continuou:

—E' preciso que nos affastemos d'aqui; se nos vissem estariamos perdidos. Vai,

não tornes nunca mais a este logar amaldiçoado. Eu tambem seguirei o meu destino.

O silencio e o abandono invadiram de todo o triste logar, onde o odio havia executado uma tremenda sentença.

Talvez no mesmo instante em que o monstro imputava ao fazendeiro o seu nefando crime, os amigos d'este reunidos na casa grande reparavam no seu mau estar.

Já não era possivel escondel-o, porque á proporção que a noite se avisinhava, Motta Coqueiro entristecia cada vez mais, e chegou a tal estado de melancolia que, durante o jantar, foi amigavelmente interpellado pelo Sr. Conceição.

— Hum-m, você está com a cara da noite de hontem. Quer até parecer-me que o nosso amigo deu agora em forreta e está arrependido de não nos ter carregado mais dez por cento no preço das madeiras. Mas não vale zangar por isso; nós ainda estamos aqui, esfolle-nos a seu gosto.

— E' mesmo verdade que eu estou triste, respondeu o capitão e o mais singular é ser por uma asneira.

— Perdão, interveiu o Sr. Conceição, é o mais natural.

— Hontem, ou melhor esta madrugada, quando deitei-me, continuou o fazendeiro, tive uma especie de pesadelo. Figurou-se me estar em um um logar deserto e como que ouvi gemidos dolorosissimos. Procurei por toda a parte e não vi viva alma. Porém, d'ahi a pouco descobri perto de mim grandes linguas de fogo, e depois um montão de cadaveres.

O mais exquisito é que durante todo o dia eu tenho pensado n'este sonho.

— Ha de ser lembrança d'aquelle clarão que o Sr. disse-nos ter visto na viagem, pouco antes de cahir o temporal, interrompeu um dos amigos.

— Ora sonhos! exclamou o Sr. Conceição.

— Ha de ser mesmo, proseguiu Motta Coqueiro, porque fiquei bastante impres-

sionado. Parecia o clarão de um incendio mas de repente extinguiu-se.

— Pois você queria que houvesse um incendio que resistisse á chuva de hontem.

O Sr. Conceição, que foi quem proferiu essas palayras, poz-se a rir da melhor vontade, buscando desfazer a impressao profunda do fazendeiro.

Inutil esforço; depois do jantar Motta Coqueiro, pedindo licença ao seus hospedes para ir saber do feitor o que se tinha passado durante a sua ausencia, confirmou plenamente que fôra ballada a tentativa de Conceição.

Apertando a mão d'este, disse-lhe perturbado :

— Desculpe me esta fraqueza, mas, ha cousa de um anno que este maldicto sitio só serve para dar-me trabalhos. Em chegando aqui, fico logo desatinado.

O Sr. Conceição não galhofou d'esta vez; e, ao contrario, depois da sahida do fazendeiro, disse aos outros que tambem ficára impressionado com a tristeza do amigo.

Na mesma hora em que na sala de jantar entrechava-se a conversação, que deixámos exarada, perto da casa grande a tia Balbina dava toda a attenção a um interlocutor.

A feiticeira, que desde o dia da emboscada contra Motta Coqueiro, fôra passada para os serviços da casa grande, gozava de certas regalias e d'ellas usava sem o minimo prejuizo.

Durante a noite, quando acabava a lavagem da roupa, não era mais occupada para nenhum trabalho, e ficava-lhe completamente o tempo e o seu emprego, sem quebra da ordem estabelecida para todos os escravos.

Balbina, que sahira a *disfarçar o captivo*, segundo a sua phrase, encontrou-se, junto do casarão, com um homem que lhe era totalmente desconhecido.

Este começou por perguntar-lhe se, de facto, havia chegado o capitão, e obtendo

da feiticeira resposta affirmativa, proseguiu :

— Elle já sabe da sorte do aggregado?

— Veiu vender madeira, respondeu Balbina; nem pensou ainda no compadre.

— Pois aconteceu uma cousa horrivel, minha velha, e é preciso que elle saiba.

— A casa grande está aberta; pôde ir fallar com o senhor, ou se quizer falle com o Fidelis, que é o feitor.

— Não, não quero fallar ao teu senhor, minha velha; sou pobre, mas sou homem de bem; não poderia encarar com elle. Escuta e dá ao teu senhor este recado.

Dize lhe que ha quatro noites um homem de bem estava por acaso junto da casa de Francisco Benedicto, quando viu chegarem quatro escravos d'este sitio, alumiados por um facho. Bateram á porta e um d'elles, que parecia mandar sobre os outros, a quem chamavam Fidelis, entrou como um cavallo disparado dentro da casa do aggregado do capitão.

Falleu muito lá dentro. De repente apparece junto do escravo, que tinha ficado fóra com o facho, o filho de Francisco Benedicto e arruma-lhe uma paulada mortal. Mas errou o alvo. Todos os outros escravos sahiram em soccorro do companheiro, mas não puderam agarrar o rapaz.

Então Fidelis quiz pôr fogo á casa, e se conteve se foi devido a um segredo que lhe disse um molecote, que estava no grupo.

Passaram dois dias sem que nada mais acontecesse ao aggregado, porque ainda hontem eu o vi.

Hoje, porém, tive diante de meus olhos uma vista horrivel. Desde a estrada eu reparei que todas as portas e janellas estavam fechadas, e estremeci.

Mais perto dobrou-se-me o temor; a frente da casa tinha signaes de fumaça, e a coberta de sapê estava quasi toda queimada. Pensei logo que se tinha realisado a ameaça de Fidelis e corri. Não era só isto o que eu devia vêr. Quando em-

purrei a porta, não pude conter o choro; a casa de Francisco Benedicto é hoje um cemiterio; mataram todos, todos.

— Jesus! exclamou Balbina, nem comparem a moça que o senhor estimava tanto. (Antes os braços não tivessem dado ordem!

— Vai, vai, minha velha; conta a teu senhor esta desgraça.

Balbina, temporariamente commovida, apressou o passo em direcção á casa grande, e o desconhecido, sorrindo então desdenhosamente, disse com uma inflexão de voz que faria estremecer ao fleugmático dos homens.

— Tava pena a desgraçada, e eu lastimo que fique sobre a terra uma filha d'aquella raça. Os malditos tinham pouco sangue.

D'pois de uma breve pausa, d'isse ainda:

— Tenhe pena do capitão; talvez venha a soffrer pela morte a'quellas viboras. Deus o defenda.

Ditas estas palavras o desconhecido affastou se com passo lesto e firme.

Quando Balbina chegou ao terreiro encontrou ahi o fazendeiro, diante do qual, com o chapéu na mão, Fidelis fallava humilde mente.

O feitor depois de contar as diversas tropelias feitas pelo aggregado, juntulhes a narração do estrago feito nas balsas e o expediente que tomara, como feitor.

— Eu fui fallar com *seu Chico*, disse elle, mas não fui attendido, e ainda o filho deu uma escatada em Alexandre. Zangado, eu quiz pôr fogo á casa, mas não cheguei....

— E quem deu lhe ordem para fazer semelhante cousa? interrogou o feitor.

— Senhora mandou que puzesse fóra o aggregado de qualquer sorte.

— E o que fez depois o compadre.

— Parec que foi dar parte ao inspector.

— Po e ir, pode ir embora, exclamou Motta Coqueiro dirigindo se ao escravo,

mas saiba que não pode de hoje em diante fazer nada sem minha ordem.

O fazendeiro, que durante algum tempo conservara-se no mesmo logar com a cabeça sumida entre as mãos, levantou-se por fim e entrou na sala de jantar completamente disfigurado.

Balbina que observava todos os movimentos, ao vel-o assim perturbado, resmungou através do odio encanecido:

— A *Estrella do céu* já não defende a porta dos brancos e Deus não olha mais para a banda em que ella está. A escrava pode rir, vai ser vingada.

A noite foi uma longa tortura para o fazendeiro, que estava ainda muito longe da realidade horrorosa da sua situação.

Via no acto dos escravos, auctorizado pela senhora, o descredito de seu nome e, o que lhe doia igualmente, uma arma segura com a qual os seus adversarios combatessem lhe a popularidade.

Com que prestigio, elle que mandava incendiar a casa de um pobre e seu hospede, poderia pedir ao povo da localidade apoio e dedicação, se depois, esquecendo tudo, viria talvez a perseguil-os cruelmente?

Tarde da noite Motta Coqueiro, cuja insonnia afeiava cada vez mais o acontecimento, foi ter com o seu amigo Conceição e com manicou-lhe o occorrido.

O honrado negociante mostrou-se tambem profundamente abalado e só depois de longo silencio disse para o fazendeiro:

— O unico remedio é pagar pelo preço que Francisco Benedicto padir as bemfeitorias do sitio.

— I to é o menos, meu amigo, o que eu queria era que você visse como se me preparam desgraças.

Antes de nascer do sol, Motta Coqueiro, que passara a noite em atroz vigilia, sahio para o terreiro, e, depois de ordenar que lhe trouxessem o cavallo, porque desejava sahir logo depois do almoço; poz se a passeiar de um para outro lado.

Os escravos vieram alinhar-se e com elles appareceram tambem no terreiro Faustino Silva e Florentino.

O primeiro vinha pedir ao fazendeiro que lhe cedesse algum assucar, e o segundo tratar acerca da venda da posse na serra dos Olhos d'agua.

Despachado Faustino; Motta Coqueiro dirigiu-se a Florentino para desculpar-se com elle por não poder cumprir já a sua palavra.

— São terras, Sr. Flôr, e não é possível compral-as sem ver. Ora eu estou doente e além d'isso não posso demorar-me; tenha paciencia, trataremos do negocio mais tarde.

Effectuando o movimento habitual dos sertanejos, quando alguma cousa não se effectua conforme os seus desejos, Florentino levantou os olhos para o céu.

Em seguida erguendo o braço e apontando para o occidente, disse com extraordinario espanto.

— Olhe, *seu* capitão, que grande nuvem de urubús está a fazer verão acolá.

— E' verdade, confirmou o fazendeiro, e em seguida perguntou a Fidelis: por que diabo não manda você enterrar os animaes mortos?

— Não faltou nenhum cá no sitio, meu senhor.

— Isto pelo que eu vejo, anda desgarnellado, *seu* mestre; disse Motta Coqueiro para o feitor; havemos de ver se falta ou não. Vá já, com alguns dos seus parceiros, fazer enterrar o animal, que encontrar morto.

Fidelis, acompanhado dos seus parceiros Carlos, Alexandre, Sabino, Guilherme, Peregrino e Domingos, seguiu em direcção á negra revoada.

Todos os outros escravos e os dois homens livres retiraram-se, ficando apenas no terreiro o desventurado fazendeiro e Balbina que ao longe resmungava sarcasticamente:

— Fingimento de branco, só Deus pode vêr no coração d'elle; o rosto não muda.

Manda matar os malungos e fica tão fresco como se mandasse surrar o escravo. O forro atinou logo com os urubús, e o outro tratou logo de se pôr na picada.

Só os negros foram depressa para fazer o enterro dos defuntos que o fogo não queimou. Enterrem: Balbina irá mostrar o logar. A *estrella do céu* fugiu da porta dos brancos para que a escrava podesse vingar-se do senhor sem coração, que a mandou surrar e dos parceiros que não tiveram dó d'ella. Balbina não terá pena. O caçula ficará sem o pai, e o pai sem os escravos, Balbina estima o caçula mas não terá dó de seu pai.

Os hospedes do fazendeiro vieram encontra-lo em agitação febril, dir-se-hia que era cruciado por inverciveis remorsos.

O máu humor trahia-se-lhe pelos monosyllabos que resumiam as suas respostas, e a instabilidade das posições, que tomava, denunciava a sua impaciencia, de tal fórma que o Sr. Conceição viu-se forçado a dizer-lhe á puridade:

— Oh! meu amigo, não é preciso que todos saibam do que se passou.

Estavam sentados á mesa, almoçando, os hespedes, que deviam seguir viagem n'este mesmo dia, quando Fidelis entrando, arquejante de cansaço, disse para o seu senhor que lhe precisava fallar em particular.

O semblante do negro, onde estava gravado o espanto, fez com que o fazendeiro se levantasse precipitadamente.

Foram ambos até o corredor que communicava a sala de jantar com uma saleta interior, na qual achavam-se Balbina e outras pretas.

Chegados ahí, Fidelis com a voz quasi embargada pelos arquejos continuos, disse com uma inflexão dolorosa:

— São elles, meu senhor; estão todos mortos.

— Quem? mas quem é que está morto? interrogou assustado o fazendeiro.

— Já estão mortos, sim senhor, *seu* Chico, a mulher e os filhos todos.

— Oh! meu Deus, meu Deus, que desgraça, bradou em lancinante desespero o malfadado Coqueiro; que mal fiz eu para que caia sobre mim tamanha punição.

— O que é, gritaram os hospedes, que vieram prestes cercar o fazendeiro, que apertava com ambas as mãos a cabeça, e desfazia-se em lagrimas.

— Deixem-me, deixem-me, pelo amor de Deus! Eu sou um desgraçado. O que será de minha mulher, de meus filhos. Malhitos negros!

Cambaleiando como um ebrio, Motta Coqueiro foi cair sobre uma cadeira na sala de jantar, enquanto os hospedes estupefactos olhavam sem coragem de interrogá-lo.

Depois de um silencio longamente sciluzado pelo desventurado; erguendo-se com os punhos cerrados e a cabeça voltada para o ceu, exclamou elle com uma entosção, que provocou as lagrimas dos hospedes.

— Mas não é possível, meu Deus, tu bem sabes que não é possível que se acredite que eu fosse capaz de semelhante barbaridade. Não, eu não creio que os meus inimigos sejam tão máus que atirem sobre mim esta mancha.

Como que um momento lucido foi então concedido á razão ao infeliz fazendeiro. Attentou nos seus amigos que o cercavam commovidos, e, redobrando de soluços, disse-lhes resolutamente:

— Os senhores precisam de partir, não se demorem por minha causa. Demais seria talvez comprometter os. Deixem-me só; eu agradecerei sempre tanta bondade e espero muito da vossa lealdade. Adeus, rezem a Deus por mim.

Perplexos, os hospedes reluctaram em obedecer a peremptoria intimação, mas a insistencia do fazendeiro, solemnizada pelo desespero e as lagrimas, resolveu-os por fim.

Tocante despedida esta; como que todos os corações temeram que a palavra lhes

atraçoasse a sinceridade do sentimento, externando-os em inflexão menos propria. Mudos, apertaram-se as mãos, mudos sahiram e por muito tempo caminharam.

O Sr. Conceição rompendo afluat o silencio, disse ao embarcar-se na canôa que os esperava:

— Não sei porque, mas tremo pelo futuro do Coqueiro.

— Grande desgraça o feriu, responderam os outros.

Depois de ficar só, o fazendeiro, mais feroz que uma panthera esfaimada, atirou-se contra Fidelis, esbofeteand-o e bradando:

— Dize-me, negro do diabo; onde aprendeste a ser tão malvado. Crianças, velhos, todos, miseravel.

— Senhor, meu senhor, respondia humildemente o feitor, não fomos nós.

A negativa enfureceu ainda mais o fazendeiro, que deixou o escravo para armar-se de uma cadeira que, manejada, espedaçou se de encontro a um portal, não tendo apanhado Fidelis, que se defendeu da aggressão e correu.

— Tu me pagarás, desalmado, tu me pagarás, gritou o fazendeiro, depois de desenganar-se de que não podia agarrar o feitor, que fugia seguido dos outros escravos com que sahira de manhã.

Ficaram, porém, no terreiro Carlos e Domingos.

A colera do fazendeiro descarregou-se toda sobre o molecoto, que em vão prantejava, affirmando a sua innocencia.

Comprehendendo que a furia de seu senhor chegaria ao maior excessos, Domingos interveiu submisso ponderandolha judiciosamente:

— Perdão, meu senhor, vesme.ê vai se perder; este moleque morre.

De feito Carlos já estava estendido por terra, com a cabeça quebrada e o corpo todo ralado pelos tombos repetidos.

Ainda assim talvez fosse inutil a ponderação do escravo, se não chegassem na

mesma ocasião Faustino e Flôr, que ambos assustadíssimos disseram ao fazendeiro que tinha-seido chamar as auctoridades para verem o que havia na casa de Francisco Benedicto, que estava fechada e sobre a qual pairavam os urubús.

— E o que tenho eu com isso; respondeu Motta Coqueiro.

— Antes nada tivesse, *seu capitão*; mas estão a dizer que a gente de Francisco Benedicto foi morta por ordem de vosmecê; selvou Florentino Silva.

— Igual foi o miseravel que lembrou-se de accusar-me, diga-me o seu nome, quero fazel-o engulir a calumnia!

— Todos os que estavam na venla...

— Todos!

A mais dilacerante angustia foi resumida n'esta unica palavra. Encarnava a revolta da dignidade de homem de bem e a dôr agudissima a sangrar um character serio. Concretisação do desespero de um coração, lapidado pela severidade para agalanar-se com as irradiações da bondade e da justiça, n'essa unica palavra gemia todo um passado de honestidade e nobreza de sentimentos agora desapiadadamente trucidado pela calumnia.

O fazendeiro sentiu-se no vacuo, mas esse vacuo horrivel do pesadelo, onde eclleridos como fogos fatuos succedem-se e aprofundam-se infinitos circulos luminosos, aos quaes nos quaremos segurar quando se nos afigura que rolamos e sentimol-os ao nosso contacto desfazerem-se em fumaça.

O que no pesadelo é uma successão de circulos luminosos era no espirito do angustiado um tumultuar de sentimentos, que não tinham consistencia para obstar lhe a queda na conlazonação social.

— Todos, repetiu o desventurado; mas que mal fiz eu a toda essa gente para que assim me julgue?!

— O que quer vosmecê, *seu capitão*; acontece quasi sempre assim, disse Florentino. Eu no seu caso e na sua posição

ia para Campas já; os seus amigos lá hão de defendel-o.

— Siva, sim, exclamou o fazendeiro, hei de fazer confundir os calumniadores e a desforra será tremenda.

Dentro em pouco tempo uma canôa, remada com extraordinaria boa vontade, voava pelo rio Macabú. Levava em si o fazendeiro, que ia buscar no seio da familia consolo para a sua afflicção.

Durante todo o dia ninguem atreveu-se a approximar-se da casa, em que apadreciam os cadaveres da familia de Francisco Benedicto. Só a nuvem de corvos, girando de espaço a espaço atraahida pela carniça, fazia sentinella á mortualha, ora concentrando-se em immensa esphera negra, ora desdobrando-se e abatendo-se repentinamente sobre o tecto meio queimado.

A' noite, porém, um vulto chegou cautelosamente até á frente da casa, empurrou a porta e entrou sem hesitar, fechando-a de novo sobre si.

Lá dentro ouviu-se apenas o ruido das mescas espantadas pela visita inesperada.

Passado algum tempo, o vulto sahio com a mesma precaução, e, entrando pelas roças, seguiu pelos aceiros, depois pelo campo, e afinal dirigiu-se para as senzalas do sitio.

Abriu uma dellas e entrou, accendendo logo depois um candieiro. A' luz deixou então conhecer a pessoa que, zombando de temores supersticiosos, não trepidou aventurar-se na escuridão e no isolamento áquelle dominio da morte.

Era a tia Balbina, que trazia sobraçada uma enorme trouxa de roupa ensanguentada.

A feiticeira começou então a estender demoradamente no chão os vestuarios impregnados pelas exhalações dos cadaveres.

Depois reuniu-as de novo, e foi collocal-os em uma velha caixa, ao canto do quarto.

Feito isto, sentou-se por algum tempo na beirada da cama e tomou a posição de quem medita.

Não se prolongou por muito tempo a sua inacção, porque para logo levantou-se e foi acocorar-se no meio do quarto em exercicios de nigromancia.

Por vezes os busios foram lançados, e o cheiro de enxofre renovado no aposento. Depois, como se houvesse conseguido o que desejava, Balbina guardou os seus instrumentos cabalísticos, e poz-se a cantarolar, sentada sobre o leito.

Uma voz, repassada de tristeza, veio destoar da alegria da feiticeira.

—Oh! tia Balbina como está tudo isso em debando, que desgraça.

—Se Carolina tem muita pena dos brancos é peor para ella. Deus quiz que elles pagassem a maldade para com os escravos, e por isso deixou que mandassem matar por Fidelis e os outros a familia do aggregado.

—Mas, sempre fez pena, tia Balbina.

—E' verdade, respondeu friamente a feiticeira, que repetiu á creanta os horrores da matança, taes como os ouvira ao desconhecido.

Por fim disse ella, bocejando:

—Vamos dormir, criança, hoje vou resemnar como um branco rico um sono descansado. Deus te abençõe.

No dia seguinte, 15 de setembro de 1852, as auctoridades de Macabú entravam em nome da lei na casa em que, irónico, frio e desapiedado, o desconhecido effectuara o vandalico morticínio.

A justiça incumbiu-se então de arrancar ao bico adunco dos corvos os cadaveres já putrefactos, e o povo que acompanhou as auctoridades sentiu duplicar-se-lhe a indignação porque presenciou um espectáculo verdadeiramente repugnante.

O assassino não contentara-se em immolar oito victimas; pelo que se via na posição e nudez dos cadaveres havia levado a sanha até a violação do pudor das

donzellas e ao desrespeito do recato da esposa.

O inspector André revelou então ao subdelegado a denuncia que lhe fôra dada pelo chefe da familia assassinada contra os escravos de Motta Coqueiro, e alguns dos circumstantes juntaram a esta revelação a da malquerença de Faustino e Flôr com o finado Francisco Benedicto.

Accreçia que o fazendeiro tinha chegado na noite dos assassinatos e que um dos homens livres, Flôr, tinha vindo com elle na mesma canôa. Faustino matava por dinheiro e dissera que se Motta Coqueiro lhe pagasse bem não trepidaria extinguir a raça de Francisco Benedicto.

Assim, pois, o inspector redigiu a parte do crime, imputando-o a Motta Coqueiro, na qualidade de mandante, aos seus escravos, e Faustino Pereira da Silva e Florentino Silva como auctores.

Prestadas as honras fanezarias á familia do aggregado, a policia tratou immediatamente de pôr cerco ao sitio.

Provou-se até á evidencia o fundamento da suspeita publica sobre a auctoridade do crime execrando.

Não foram encontrados no sitio nem Motta Coqueiro nem muitos dos seus escravos, e pelo depoimento da preta Balbina, a quem conseguiram verificar-se ainda que os escravos ausentes eram justamente os denunciados por ella como instrumentos do mandante, Fidelis, Alexandre, Carlos, Sabino, Peregrino e Domingos.

O clamor publico entumescou-se como um vulcão sobre a cabeça do fazendeiro, e como o vulcão se desfaz em raios e aguaceiros, prorompou em calumnias e maldições.

— Foi elle; aquelle sanguinario capitão; já não é a primeira; tem morto muitos escravos em surras! Mas, pôde fazer, porque é rico, tem dinheiro.

A efficiencia popular para a diffamação do proximo dava-se aas e voava desempedidamente.

Os escravos do fazendeiro ficaram d'este logo á disposição das auctoridades, mas, o Sr. Oliveira, não obstante desenvolver maxima actividade para a captura dos indigitados, criminosos disse todavia ao inspector :

— Era capaz de jurar a favor do capitão ; não me parece capaz de semelhante crime.

— Mas as provas, que são todas contra elle, dizem justamente o contrario, com perdão de V. S.

— Não vou fóra d'isso, mas.... Em todo o caso as eleições se approximam e em quanto o capitão deslinda o negocio podemos descançar.

Na mesma hora foi expedido um proprio para Campos a fim de communicar á policia o acontecimento e pedir o seu auxilio para a captura do principal criminoso que lá devia estar.

O Sr. Oliveira não se enganava quer quando negava a sua consciencia a sancionar o clamor do povo, quer quando previa que Motta Coqueiro estava em Campos.

No dia da diligencia no sitio, o fazendeiro tinha chegado á sua chacara na cidade, acompanhado pelo preto Domingos, sobre quem não pairava no espirito de Coqueiro a menor duvida a respeito da sua isempção no assassinato da familia de Francisco Benedicto.

Sentados sob um caramanchão estavam a Sra. D. Maria e seus filhos tanto os do primeiro consorcio, como os do segundo, com o fazendeiro.

Um dos filhos do primeiro consorcio era já uma influencia campista ; desempenhava as funções de collector, e gozava de consideração geral.

O fazendeiro que atravessava cabisbaixo a alêa que do portão da chacara dirigia se em linha recta até á entrada da casa, foi despertado da abstracção com que andava, pelos psitos do grupo e logo conduzido para elle pelos meninos que lhe sahiram ao encontro.

Os seus affagos para os filhos e enteados foram misturados de lagrimas, e os abraços eram tão estreitos, os beijos tão soffregos que a esposa e o enteado exclamaram ao mesmo tempo :

— Olhe que d'esta maneira faz nos pensar que perdemos o nosso quinhão.

A jovialidade de ambos foi, porém, bruscamente mudada em recolhimento tristonho, porque em vez de sorrisos o fazendeiro só teve lagrimas ao abraçal-os.

— Faça com que as creanças se retirem, porque é necessario que fiquemos sós.

Depois que a familia retirou se, os menores cantarolando e gargalhando sem constrangimento, o collector perguntou ao seu padraсто qual era a nova desgraça succedida no maldito sitio de Macabú.

— A maior que se podia imaginar, respondeu Motta Coqueiro; Francisco Benedicto foi assassinado com toda a sua familia !

— E quem foi o auctor de tão tremendo crime, interrogou o collector que se puzera de pé, trepidulo e perturbado ?

— Não sei ainda ao certo, mas diz-se que foram os nossos escravos.

— Meu Deus, meu filho, meu marido, exclamou a Sra. D. Maria, eu sou a causadora d'esta desgraça, eu sou a assassina...

Um violento abalo nervoso, convulsionado prolongadamente, cortou em meio a accusação perigosissima que a Sra. D. Maria pronunciava contra si propria.

Soçcorrida a esposa, que foi desle então presa de uma febre devastadora, o fazendeiro e o collector reataram a conversação dolorosa.

— E onde ficaram os escravos ?

— Fugiram os principaes auctores e ficou apenas o Carlos, que deixei ficar na barra de Macabú para tratar-se. Quasi mtsi-c na primeira explosão.

Passado um breve silencio, durante o qual o collector, com os olhos rasos de lagrimas, foi pouco a pouco desenrugando a fronte ; exclamou :

— Não ha o que temer; não desanimemos.

— E' o que lhe parece, meu amigo; ha tudo a temer.

— Porque, haverá alguém que acredite que minha mãe fosse capaz de mandar assassinar uma familia? Explicaremos tudo e a verdade triumphará.

— E' enganoso seu. Ha um mysterio para você nos acontecimentos do sitio, e este é o ponto mais sério. Escute-me.

A voz do fazendeiro abaixou-se de modo a ser ouvida sómente pelo seu interlictor, e a gravidade da confidencia pôde apenas ser suspeitada pela coramção do collector, que por fim sem se pader conter disse bem alto:

— Estamos perdidos!

— Já vê que pronunciar o nome de sua mãe n'este negocio é deshonorar toda a nossa familia.

— Ninguém acreditará na sua innocencia; e condemnal-a-hão. Minha desventurada mãe!

— Esperemos e confiemos em Deus!

Concebe-se facilmente os horroresos padecimentos do fazendeiro, seu eateado e sua mulher durante esse dia; todavia não eram senão o prelogo da historia do infortunio d'essa familia.

No dia seguinte, o collector, que tinha sahido para indagar se já em Campos havia noticia do fatal acontecimento, encontrou se com o Dr. B., que abraçou-o chorando e disse-lhe tristemente:

— Falla-se já com insistencia em uma tristissima historia, em que anda envolvido o nome de sua familia; previnam se em quanto é possível. Temam, porque é quasi inquebrantavel a força da calumnia.

— Mas, objectou o collector, exforçando-se por dissimular o panico de que foi logo assenhoreado, é cousa assim tão grave?

— Si é, meu infeliz, amigo diz-se que seu padrao mandou assassinar uma familia inteira.

— Ah! miseraveis, bradou o collector; havemos de ver quem vence.

— Saiba mais, meu amigo, o incommodo já não é possível evitar, porque ha uma parte do subdelegado de Macabú.

— E basta isto para aviltar-se d'esta sorte um homera de bem?

— Infelizmente não é preciso mais. Ha entretanto tempo para que o nosso amigo se ausente, porque o juiz de direito actualmente em exercicio relucta em expedir o mandado de prisão.

— Estamos, pois, salvos porque temos tempo de confundir a calumnia.

— Não se illuda com esta esperanza; o proprietario da vara chamal-a ha a si talvez amanhã.

— E...

— Bem sabe quanto sou mal visto pelo juiz de direito e quanto devo ao seu padrao. Demais a influencia d'este é temida pelo juiz, que se quer fazer deputado e tem uma chapa a impôr. O melhor caminho é aconselhar o Coqueiro que se ausente até se aclarar a questão.

Quando o collector seguia o caminho das *Covas d'Areia*, onde era a habitação de Coqueiro, foi attrahido pela conversação de um grupo.

Dizia um dos reunidos:

— Não se póde dar maior escandalo; o delegado de policia sabe do facto e não se move; o juiz de direito interino não expede o mandado, e o criminoso está muito a seu gosto em sua casa. Não ha como ser chefe de partido n'esta terra.

— Ora que queres tu? interveiu outro; o delegado tem no Coqueiro o seu braço direito; seria muito engraçado partir d'elle o golpe. E' capaz de demittir-se. Verão.

— Nada se perderá, o Coqueiro ha de ser filado talvez hoje mesmo, porque o Sayão Lobato assume a vara. Isto aflançou-me pessoa muita séria.

— Santo Deus, santo Deus, murmurou o collector; estamos irremediavelmente perdidos.

Caminhando como um allucinado, o enteado do fazendeiro chegou quasi louco á chacara das Covas d'Areia.

— Fuja immediatamente; um minuto mais aqui e será indignamente enxovalhado. Fuja! exclamou elle abraçando-se com o padastro.

— Fogem os criminosos; os que não têm culpa esperam até justificar-se.

— Mas lembre-se de que tem inimigos, e estes não hesitarão em perdel-o. Evite á nossa familia o golpe de vél-o sahir d'aqui preso e com um infamante labéa.

— Não quero fugir; seria talvez expor outrem á calumnia.

O collecter não desanimou apezar da resposta formal de Motta Coqueiro; proseguiu na sua insistencia, ponderando que d'esta sorte ser-lhes-hiam mais faceis os recursos, porem Motta Coqueiro resistia sempre, e só cedeu quando um pagem entregou-lhe uma carta que trazia no sobre escripto — urgentissima; — abra-a logo qualquer pessoa da familia.

Embora anonyma a lettra da carta era assaz conhecida por ambos os que discutiam.

— Leia o que o nosso amigo manda-nos dizer, disse Motta Coqueiro, passando o papel ao enteado; farei o que elle ordenar.

A tremula vóz do collecter fez ouvir o seguinte:

« São quasi seis horas, prepara se a força policial para cercar a sua casa. Logo que chegue o delegado, que sahio para uma diligencia, mas que voltará até á seis horas, porque deseja ir pessoalmente captural-o, será cumprido o que manda a lei. Todas as sahidas foram tomadas e amanhã será publicada uma circular a todas as auctoridades da provincia para que o prendam onde o encontrarem. Ausente-se, se ainda está ahí, é o unico meio de evitar um grande desgosto aos seus amigos. Escuso-me de demorar-me em dar-lhe as razões por que assim procedo: não creio que por sua ordem fosse commettido tão execrando crime.

P. S.—Lave consigo esta carta e outra em que tenha a minha assignatura; mostre-a e peça pouso aos fazendeiros do municipio.»

— Então, perguntou o collecter; insistirá ainda em querer ficar?

— Obedeço, eu saio já. Abraça por mim os meus filhos e, quando sua mãe melhorar, diga-lhe que tudo foi remediado e que eu parti para Itabapoana a negocios. Adeus, póies abraçar-me sem escrupulo; eu não intervim de forma alguma n'este crime. Se eu não me puder justificar repete sempre estas palavras a meus filhos: teu pai era innocente.

A resignação, que accentuava estas palavras, fez estremecer o ouvinte, que tentou avivar a fortaleza do fazendeiro, visivelmente depauperada, affiançando-lhe que não havia muito que temer.

— Ah! Motta exclamou Coqueiro, que já havia dado alguns passos.

Parou e pediu ao collecter que lhe desse papel. A lapis escreveu o fazendeiro estas linhas:

« Uma palavra sua acerca do que ordenou aos escravos é a minha sentença de morte, lavrada por meu proprio punho. Se alguém da nossa familia deve apparecer e soffrer, eu tenho forças. Peço a mãe de meus filhos que em nome d'elles poupe se de ser mal julgada. Adeus. »

— Entregue este bilhete a sua mãe, quando fôr opportuno; diga-lhe que o queime apenas lel-o. Agora um ultimo pedido: posso esperar que os meus filhos não fiquem ao desamparo?

As lagrimas e um abraço estreitado pelo collecter ao fazendeiro incumbiram-se da resposta, e Motta Coqueiro sahio sem ter procurado encontrar-se com a familia.

Infelizmente não lhe foi dado eximir-se d'este tremendo golpe. Uma das suas filhas, para quem ainda não tinham desabrochado todas as flôres da meninice, sahio ao seu encontro, pedindo que lhetroxesse uma lembrança do passeio.

— Não posso, minha filha, soluçou elle, misturando os beijos e as lagrimas nas faces da creança: os homens são tão maus para o teu papai que nem querem que elle possa trazer na volta brinquedos para vocês. Deuste abençoê, e pergunte aos meus inimigos, se quem tem filhos da tua idade, teria coragem para mandar matar creanças!

A menina pez-se a chorar o pranto espontaneo da creança, ao passo que seu pai affastava-se quasi correndo.

Um quarto de hora depois a chacra era estreitamente cercada, mas as portas não foram abertas, porque já era noite, e além d'isso o delegado não tinha exigido.

O relógio da igreja da Misericórdia batia onze horas da noite, quando um homem, ve tido de preto, com a cabeça coberta com um largo chapéu do Chile e um lenço negro atado ao resto, chegou á rua Beira Rio.

Campos, a bella cidade fluminense, formia silenciosa espelhando nas aguas sem raído do Parahyba as suas casas caiafas e a luz avermelhada dos seus lampeões.

O homem, que vinha acompanhado por um preto, desceu a margem do rio, embarcou-se em uma canôa, que foi logo impellida pelas remadas do preto e em breve tempo ganhou a margem opposta.

Ahi disse o homem ao preto:

— Não hei de esquecer-me de ti; vai, Domingos, e não digas a ninguem para que lado segui. Diz ao meu enteadado que alugue ta em qualquer casa.

Por essas palavras e o tom de voz vê-se que o homem que atravessou o rio, era Motta Coqueiro.

No outro dia pela manhã, a casa das Covas d'Areia foi franqueiada á policia; mas esta não encontrou ahi o criminoso procurado.

Quando esta nova divulgou-se, o povo, que se agglomerara para assistir a diligencia, proroupeu em accusações contra Coqueiro.

Dizia-se geralmente:

— Foi elle, e tanto assim que tratou logo de fugir. Que monstro; deve ser enforcado.

XII

A FÉRA DE MACABU'

O mallogro da diligencia, attribuido pela população a firme proposito da auctoridade policial em deixar impune o criminoso, entrou logo em fatal contribuição contra Motta Coqueiro.

O *Cruzeiro* e o *Monitor Campista*, folhas que domiaavam a opinião de Campos, o primeiro no intuito de triumphar na opposição pessoal ao delegado, o segundo emmalhado na rede da animosidade publica, acirraram desde logo o seu estylo em desabono do réu.

No *Cruzeiro*, sob a rubrica de alto effeito: *Caso herraroso*; no *Monitor*, sob a tres'vezes mais compromettedora: *A fera de Macabú*, o submisso dictionario foi explorado pelos publicistas, impellidos pela sede vesana de adjectivos, ora sentimentaes como um livro de Lama.tine e que eram consagrados em nenias aos assassina-dos, ora infamantes como um barão e estes effarecidos, dedicados e consagrados a Motta Coqueiro.

Hurrahs congratulatorios respondiam ás noticias recebidas pelo correio de Macahé, quando sabia-se da prisão de algum escravo, ou de algum cumplice da *féra*, e em altos brados exigia-se a expedição de tropas para todos os pontos, a fim de que fosse promptamente capturado o *barbaro mandante*, cujo *procedimento atroz* merecia punição tremenda, para ser desaffrontada a civilisação de Campos, Macahé e Macabú!

Não demorou muito que fossem presos Florentino Silva, Faustino Silva, e Domingos, mas o principal criminoso parecia zombar de todas as pesquisas. A policia, cuidadosa em seguir-lhe ao en-

calço, chegava sempre depois que elle estava distanciado.

A medida que se decorriam os dias formava-se uma lenda tristissima. Já não era só dizer-se que os cadaveres foram encontrados, segundo o *Cruzeiro*, já laceraçados pelos *cães e aves carnívoras*; accrescentava-se que, tendo podido escapar á matança, appareceu uma infeliz filha de Francisco Benedicto, rota e faminta, ainda mais, digna de compaixão pelos seus poucos annos.

Pobre menina! dizia-se, e tremere ao ouvir o nome do fazendeiro, e perguntada porque tinha tanto medo d'esse nome, respondeu:

« — Estavam eu e minha irmã escondidas em uma arvore; eu que era mais velha subi até as grimpas e minha irmã ficou occulta no oco da arvore. Em casa choravam e gritavam meus pais e meus irmãos, mas a pouco e pouco todos calaram-se.

Appareceu então cá fóra o Motta Coqueiro, alumiado por um escravo seu que trazia um facho. Procurou em roda da casa e depois chegou se á arvore, onde viu os cabellos de minha irmã, pelos quaes tirou-a do escondrijo.

— Mata este d' moquinho, disse elle ao preto.

— Senhor, é muito pequena, tenha pena d'ella.

— Covarde, tu me pegarás; exclamou o fazendeiro, e segurando com a mão esquerda a perna de minha irmã, com a direita armada de um facão, partiu-a pelo meio e depois fel-a em postas.

— Falta-me ainda uma, disse depois.

Eu tremia, continuava a criança, mas felizmente elle não lembrou-se de subir á arvore.»

E a credula população bradava indignada:

— E' a um malvado d'estes que querem livrar. Miséria da nossa terra; muito óde o dinheiro! Mas se o jury absolver, o povo far-se-ha carrasco.

Emquanto assim era julgado, extenuado pelas continuadas jornadas, Motta Coqueiro arrastava-se pelas mattas, para fugir á injusta posição.

Sedento, meditava primeiro e espreitava minuciosamente para chegar-se a algum ribeiro, que murmurando descia pelas grotas, brotando em sons tristes como um soluço.

Uma vez depois da sua sahida da cidade sentiu que as forças abandonavam-o e lembrando-se da familia, dos filhos innocentes que ficariam ao desamparo e infamados, caminhou para uma casa que alvejava ao longe, e ahí pediu agasalho.

Receberam o com a delicadeza hospitaleira innata no sertanejo brasileiro, mas gradativamente foi diminuindo a presença da familia.

E' que havia chegado o dono da casa, e antes só ahí estavam mulheres.

Francisco José Diniz, chefe da familia, que hospedara o foragido, era inspector de quartelão, e erabora o seu tino policial não tivesse finura especial. a sua perspicacia estimulava-se com a lembrança dos premios no valer de dois contos de réis, offerecidos pelo chefe de policia da provincia e a delegacia de Campos.

Ao vêr aquelle homem vestido de preto, com um lenço atado ao queixo, e uma physionomia em que a desventura sulcava rugas indeleveis, o Sr. Diniz lembrou-se do criminoso, cuja captura era esperada com anciedade geral.

Deixando só o hospede, foi procurar um officio que lhe tinha sido dirigido pela delegacia, e chamando a sua mulher leu-o para que ella ouvisse:

— « Faça prender Manoel da Motta Coqueiro, alto, magro, corado, de sobranças salientes e espessas, com uma grande mancha no rosto, casado, maior de 50 annos, e assim os escravos, que o acompanharém. »

— E que tem este pobre homem de commum com o malvado, que querem prender? Pois não se está vendo que um ho-

mem como este era incapaz de matar uma mosca! exclamou a esposa.

— E les isfere m muito, os sceleratos!

— E mesmo que fosse, aqui dentro é nesse hospede.

— E eu sou sempre inspector, aqui dentro, ou fóra d'aqui. Vou confrontar.

O inspector postou se diante de Motta Coqueiro que sentado á mesa da sala de jantar parecia tranquillo e satisfeito.

— Não me parece; mas é elle mesmo, está se vendo; vamos conversal-o.

Depois da ceia, Motta Coqueiro conservou se sentado, e segundo os es'ylas perguntou pelo numero de membros da familia de seu agasalhador e pelas seus negocios.

Então bolada a conversação, o inspector affectando a mais sincera familiaridade, perguntou ao hospede:

— O Sr. vem de Camp's?

— Estive lá, mas venho do sertão de Santa Rita.

— E quando passou por Camp's não ouviu fallar do Motta Coqueiro.

O fazendeiro sem pestanjas sequer, respondeu com firmeza.

— Ouvi.

— Que malvado, heim? Uma familia inteira, velhos e crianças, e até a propria casa, tudo destituiu. Nem enforcado oito vezes paga o crime que commetteu.

— Talvez se o senhor o conhecesse não dissesse o mesmo. Eu não acredito que Motta Coqueiro tivesse alma para semelhante horror. É um homem serio o Motta Coqueiro, que eu conheço.

— Quanto á certeza do crime, já não ha duvida: os proprios escravos e os dois homens que elle pagou para o mesmo fim confessaram o crime.

— Os dois homens que elle pagou, accusam Motta Coqueiro com rövido; mas quem é que espalha isto, santo Deus?

— O tal o senhor conhece bem o assassino; mostra-se tão penalizado!

— Sim, fomos amigos. Tenho até bem

gravado na memoria um signal pelo qual é facil conhecel-o.

— Eu tambem sei: uma grande mancha no rosto.

— Exactamente, e d'esta lado.

O incauto fazendeiro affastou o lenço e deixou ver o maldicto signal, que o dava conhecer.

— Está preso! gritou o inspector.

— Porque? perpreitei algum crime? perguntou o hospede perturbado.

— O, tribunaes dirão. Está preso porque o senhor é o Motta Coqueiro; não pôde negal-o, e foi o senhor mesmo quem acabou de mostrar a mancha que Deus poz-lhe no rosto para que seja conhecido em toda a parte. Está preso.

— Senhor, disse humilmente o fazendeiro; não tento resistir, e entretanto, se eu fosse um malvado, bem sabe que á primeira vez de prisão te lo hia feito cair varado por uma bala. Dize-me seguir; o senhor é pai é marido, pôde vir a ser perseguido sem culpa, como eu hoje sou; compadeça-se de minha desgraça.

A mulher, e os filios de Diniz tinham todos corrido para a sala de jantar, e olhavam espantados para o hospede, cujas barbas cravavam-se de lagrimas.

O fazendeiro preceptou se sobre as crianças e ajoelhando se, e cingindo-as em seus braços, continuou:

— Olhem bem para mim, meus filios, olhem. Perguntem; eu tenho cara de um malvado, digam, digam a seu pai? Pe am-lhe que não desgrace uma familia inteira, perseguida injustamente.

As crianças pallidas tremiam abraçadas pelo angustiado fazendeiro; a esposa de Diniz chorava, mas este despedido e inexoravel, vendo o hospede com os seus filios entre os braços, após instantes de hesitação, atirou-se furioso sobre elle e agarrou-o pelas costas, gritando:

— Rápidez tragam-me cordas.

Dois petos aproximaram-se immediatamente e o fazendeiro foi amarrado,

apzar dos susurros e protestos da que mesmo sem esta medida não tentaria fugir.

Às seis horas e meia da tarde, do dia vinte e tres de outubro, desfe a rua Beira Rio até a Praça de S. Salvador, onde está situada a cadeia de Campos, a população curiosa agglomrava-se para assistir um tisto espectáculo.

Descalço, com as mãos algemadas, os olhos baixos, as faces emmagrecidas e lividas, Motta Coqueiro desembarcou da *Barca de Possagens* acompanhado por grande numero de soldados.

O delegado de policia, Dr. Almeida Barbosa, que esperava o preso a sahita da barca, era alvo das mais entusiasticas manifestações, mas em vez da natural expansão do seu semblante conservava se frio e até mesmo commovido.

Ao ver o modo por que o preso era conduzido, o nobre doutor estremeceu, mas a sua commoção não pou te ser percebida, porque uma nuvem de assovios e alguns projectis atirados contra Motta Coqueiro, causando indignação em varios grupos, desviou a attenção geral.

Contida pela policia a baixa manifestação do odio popular, o desventurado fazendeiro foi conduzido á prisão, cuja guarda foi dobrada.

D clarado incommunicavel pela crueldade da lei, desfizera-se-lhe a unica esperança que o alentara durante a vergonhosa e fatigante viagem: a esperança de haurir nos beijos de seus filhos e nas lagrimas da sua esposa e entendo a triste consolação da amizade.

A grade da prisão trançou-lhe, porém, não só a consideração social, mas tambem a entrada á affeição da familia.

Felizmente superior á lei está a robreza de alguns caracteres, e o gelo dos artigos legais não basta para petrificar algumas almas eleitas. Sob a tregada dos magistrados bate muitas vezes coração de homens!

Alta noite uma das filhas do fazendeiro

era introduzida pelo carcereiro até diante das grades da cellula em que elle jazia, destruição de um grande nome, solemne no seu infitunio.

A baixa luz de um grande lampião alumia o corredor e projectava a claridade crepuscular no interior da cellula.

— Papai, papai, exclamou a menina, pondo os braços por entre as grades; venha comigo para ver se mamãe deixa de chorar. Ella está muito doente.

Um punhal vibrado, pela mão do verdadeiro assassino de Francisco Beneicto, não teria ferido mais fundo no coração do desventurado réu.

De um salto veio collocar se junto da grade e seus labios procuraram soffregos as faces da menina.

O carcereiro, com os braços cruzados e encostado á parede em frente á grade, assistia immovel á triste scena de expansão do amor paterno e da innocencia final.

A menina, aproveitando a occasião em que seu pai de xara-a um instante para enxugar as lagrimas, dirigiu se ao carcereiro.

— Para que é que tem fechado a porta do quarto de papai? Elle precisa de ir vêr mamãe; abra-lhe a porta.

— Elle está preso, minha menina, disse o carcereiro, que se abaixara e beijou a menina; não se póde abrir o quarto d'elle.

— Deixe o senhor, minha filha; elle não pó e fazer o que você lhe pede. Venha conversar com se pai.

Um leve ruído, vindo do lado da porta principal da cadeia, despertou a attenção do carcereiro, que deitou a menina e, pé ante pé, dirigiu se a esada.

Tes homens embuçados chegavam neste instante ao portamar. Desfarçadas as phisionomias por mias-ma caras de panno negro que cahiam-lhes das sobrançellas até a altura dos labios.

Antes que o carcereiro tivesse tido tempo de prferir uma só palavra, um dos embuçados, arrancando do rosto o panno negro, deu-se-lhe a conhecer.

— Ah! exclamou o carcereiro; perdce-me V. S., mas eu não podia desconfiar sequer.

Quando o carcereiro concluiu a desculpa, já o embuçado tinha se de novo mascarado e perguntou:

— Não tinha o senhor recebido ordem para não consentir que ninguém fallas e a Motta Coqueiro?

— Sim, senhor, tartamudeou o carcereiro, mas...

— Mas entendeu que não devia cumpril-a. Tinha a bondade de ir ouvir o que diz aquella menina ao seu protegido.

Como se estivesse obedecendo a um superior, o carcereiro affastou-se sem fazer a minima observação.

Ficando só, disse aos outros o embuçado, que se deu a conhecer ao carcereiro:

— O signal está já memorando; quem sabe se não resolviam o contrario?

— Não é possível, respondeu um outro; dentro em meia hora, eu tenho certeza de que elle poderá estar em minha casa.

— E dentro em duas completamente fóra do alcance dos seus calumniadores, respondeu o terceiro.

Passados alguns minutos, ouviu-se um asscivio prolongado e agudissimo, e um grito de alerta da santinella.

Os tres embuçados disseram ao mesmo tempo:

— Eil-os.

Caminharam então para a cellula de Motta Coqueiro.

— Eu não quero compromettel-o, senhor, dizia o preso para o carcereiro; deixa-me abraçal-a, somente; bem sabe que eu não tornarei a vel-a tão cedo. O senhor foi generoso consentindo que ella visse-me, completa a obra de caridade, deixando que a possa abraçar.

— Abra, disse o embuçado que influiu no animo do carcereiro; eu me responsabilizo.

A grade rodou sobre os gonzos, e a menina foi colhida pelos braços do fazendeiro, que murmurou:

— Obrigado, obrigado, meu amigo, eu bem vi que me não havia abandonado.

— Prudencia, prudencia; é preciso que não nos ouçam, ponderaram os embuçados.

— Vó?! oh já não sou tão desgraçado.

— Crê que eu seja um homem honrado, perguntou o embuçado ao carcereiro.

— Sr. doutor!...

— Agradecido. Vou pedir-lhe que me preste um grande serviço. O senhor irá para a sua sala e consentirá que tranque-o por fóra. Ainda mais; guardará silencio sobre o que se passa agora aqui segredo absoluto.

— Est u prompto, respondeu o carcereiro; tenho apenas a lembrar-lhe o compromettimento que d'ahi resultará para V. S. e tambem para mim.

O embuçado, sem reponder a objecção dirigiu-se immediatamente ao fazendeiro.

— Não ha tempo a desperdiçar, meu amigo; siga-nos.

Motta Coqueiro, sahio levando nos braços a filha e todos dirigiram-se para a escada.

Os embuçados desceram alguns degraus, mas foram obrigados a parar interrogados pelo fazendeiro acerca do que iam fazer.

— Fugir, e já; reponderam elles.

— Não; não quero fugir, affirmou elle nobremente; era compromettel-os talvez e certamente deixar ainda mais entregcido o meu nome. Quero justificar-me.

— Mas lembre-se de que só tem em torno de si odio e calumnias; lembre-se de que pôde ser condemnado, porque todas as provas são contra si.

— Não importa; Deus defender me-ha. Adeus: entregelhes minha filha.

E voltou resolutamente para a cellula, onde não era já encarcerado pela vigilancia dos agentes policiaes mas pela sua propria dignidade.

As cinco horas da manhã do dia vinte e quatro de outubro de 1852 desceu al-

gματο a escada da cadeia de Campos a mal liçoa a victima da levianãa e publica.

A' porta agrupava se a multião e ali r' h' via se uma companhia da força policial que devia acompanhar o famoso réu até a cadeia de Macahé, termo em que foi perpetrado o crime.

A attitude humilde do fazendeiro tinha o sante da dignidade inat'avel das consciencias limpas, e o seu pa' so, emb'ra tanto, cobrava firmeza á esperança de prompta justificação. Vã esperança que n' m' so menos deo ou seus enganos lisonjeiros!

Alguns dias depois da sua chegada a Macahé, cuja popul'ção recebeu o com as mais hostis e ruidosas manifest'ões, augmentadas de curiosidade dia por dia, graças aos libellos dos homens de influencia, e n' uito particularmente do Dr. V'ho da Silva, p' esse tempo delegado de policia e juiz municipal; Motta Coqueiro foi mandado para Macatú afim de ser interrogado.

O seu eloquente advogado, o Dr. Fonseca tomou se de tanto receio pela sorte do fazendeiro que exigiu sérias provisões para que fosse respeitada a vida do infeliz.

E' que as trevas do futuro escondiam o librego aspecto do patibulo; ao contrario talvez aquelle honrado caracter cr'esse os ouvidos e os olhos os sinistros pl'nos, que suspeitava tramados.

A illusão de Motta Coqueiro foi atroz ao chegar ao lugar, onde out'ora tinha sido senão respeitado, pelo menos temido.

Os inqueritos tinham sido começados e a mais baixa gente, a e'cor'ia popular, fôra chamada de preferencia.

Vinham de, ôr test'emunhas dos lozares mais affastados de Macabú e hon'ers que eram notoriamente conhecidos como inimigos dos réus.

Os nomes das test'emunhas só bastaram para despersuadir o da possibilidade de justificação.

O depoimentos deviam ser tomados a Barbina, Sebastião Cordeiro Baptista, mais conhecido por Sebastião Pereira, o Vianna da veada, Lucio Francisco José Ribeiro, Miguel João de Souza M'ç, Joaquim José Lyçerio, Amaro Antonio Baptista, José Plauto Netto, José Antonio do Rosario, Joaquim José da Costa, Carolina, Fernando, Thereza e José de Souza Martins alcunhado o Botão, unico que não se quiz prestar a depôr sobre o que não sabia.

Comparciam tambem ás audiencias os réus presos Faustino Pereira da Silva, Florentino Silva, Domingos e Pen'õ Pereira da Silva, que t'ocou depois o banco de accusado pela cadeia de testemunha!

Comentando este facto diziam os amigos de Coqueiro, não sem razão:

— Parece que a auctoridade policial collocou os seus policiados n'esta posição diante de Coqueiro: condemna' ou se'reis condemnados.

Barbina jurou que sabia que o seu senhor tinha mandado matar a familia de Francisco Benedicto pelos seus parceiros Fidelis, Alexandre, Carlos e Domingos, e sabia porque tinha ouvido ao 'zendeiro perguntar no corredor aos escravos se tinham morto a todos. A morte foi feita em um domingo, e o senhor chegara ao sitio na vespera. Com os escravos não tinha ido pessoa fôra, e a senhora achava-se n' cidade.

Chamada, porém, a segun'õ do depoimento, jurou que ouvira no corredor perguntar o seu senhor:

— Então o que eu mandei fazer já está prompto?

— Tudo i'ho, responderam Fidelis e Alexandre, a familia toda.

— Pois quero a casa queimada; tornou-lhes o senhor.

.....
Carolina disse que Motta Coqueiro na sexta feira tinha mandado que os escravos matar a familia e at'ar fogo na casa, morte que elles só fizeram no domingo, e

na segunda-feira atacaram fogo. Isto contaram-lhe as nuzimas Justina, Catharina e Izabel. No dia da matança achava-se em casa o Fôr.

No segundo depoimento declara que ouviu, na segunda-feira, a pergunta do senhor aos escravos sobre a execução do crime.

Therza declarou que só sabia do facto por tal o ouvio aos parceiros, que também, quando ella oberviu que Carlos tinha um lenço á cabeça, disseram-lhe que no fazer as mortes o homem lhe quebrára a cabeça.

Fernando declarou que tinha ouvio falar no crime ás escravas Balbina e Carolina.

Parte das outras testemunhas juram tambem por ouvir dizer: outra parte, porém, hesitava-e em razões de grande via para as auctridades de então.

Sebastião diz que o fazendeiro mandou matar a Francisco Benedicto para aqolerar se das bemfeitorias do sitio. Antes, querendo pôr só a o aggregado, mandara-lhe roçar ao redor da casa para impedir o de trabalhar, e a senhora de Motta Coqueiro promettera não voltar ao sitio sem ver morta a familia de Francisco Benedicto e principalmente uma das filhas.

Florentino tinha amizade com o Motta Coqueiro, havia seis mezes, e este mandara por elle e Faustino, que já tinha feito mortes, assassinal-o por intrigas nascidas de esposas e tratos entre elle testemunha e uma filha de Francisco Benedicto.

Mandel João de Souza Moço declarou que tinha tambem sido convidado por Motta Coqueiro para matar, quer Sebastião, quer a familia do aggregado, pedio a que elle testemunha não accedesse. Antes, mandou o Motta Coqueiro cobrar cem mil réis a Anacleto Vieira e entregal-as a Faustino, mas não se havendo effectado a cobrança, este revelou-lhe que devia receber e sua quantia pelas mortes de Sebastião e dos outros.

Soube do assassinato da familia e as particularidades d'elle porque, por uma noite chuvosa, indo ao sitio conversar com uma das pretas, ouviu a narração aos escravos.

A causa do crime era ter querido Motta Coqueiro seduzir uma das moças assassinadas, e, não conseguindo, expulsar o pai das suas terras.

Joaquim José Lyzerio soube por ver os corpos assassinados e porque, no dia dezesseis, ouviu Peregrino contar que Motta Coqueiro encarregara dos assassinatos os seus parceiros os dois homens livres, e um *outr. h. m. m. de bem*, cujo nome não dizia. Faustino suffocou o velho; Fôr a sua mulher e depois mataram as filhas, e o filho que corriera para o matto.

Tambem Faustino contou-lhe que foram os escravos Alexandra, Carlos, Felis e Domingos em presença de Motta Coqueiro, que assim vingava-e de não ter conseguido seduzir uma das filhas de Francisco Benedicto.

Sabia mais que Faustino e Fôr faziam mortes por dinheiro.

Lucio Ribeiro diz que encontrou-se com Faustino e que este lhe contara que andavam culpando-o pela morte da familia de Francisco Benedicto, mas em segunda o proprio Faustino lhe dissera que os réus accusados eram os verdadeiros auctores.

Entrando nas particularidades do crime, disse-lhe Faustino que, antes de perpetrarem o barbaro crime, as moças foram desacatadas e violadas pelos dois homens livres, em seguida pelos escravos e só depois as mataram e com ellas as crianças.

Foi uma boa patoscada, disse-lhe Faustino, e sobretudo não haviam os de perder assim duzentos mil réis que nos dava Motta Coqueiro.

Tinha outras provas; a elle proprio o fazendeiro offereceu uma egua para ser do numero dos assassinos, offerecimento que elle recusou.

Dizia-se que Faustino tinha espetado um pé, correndo após o filho de Francisco Benedicto, e com effeito elle testemunha viu Faustino no manco. Os escravos confirmaram-lhe a narração de Faustino, que era useiro e vezeiro em taes crizes.

Para provar que Faustino era criminoso bastava dizer que elle tratou logo de esconder-se nas mattas.

Do que elle testemunha se admira é de ver Florentino no numero dos assassinos!

Passando-se a inquirição dos cúmplices, disse Bento Pereira da Silva que não sabia porque estava preso e quanto ás mortes tinham sido feitas pelos outros, porque o seu irmão Faustino lho disse, convidando a elle réu para ir resuscitar Francisco Benedicto de quem era amigo.

Não se admirara d'este procedimento de seu irmão que havia antes assassinado a João de Carvalho, pelo que foi sentenciado, e não concluiu o cumprimento da pena por se ter evadido da prisão.

Faustino Silva, respondendo ao inquerito, confirma a segunda parte do depoimento, porém nega a primeira, affirmando que ouviu dizer que as mortes tinham sido feitas por um preto desconhecido, o Bento e escravos de Coqueiro, mandados por este.

Tratando de contrariar as testemunhas, apresenta-as como seus inimigos, e pondera que os que dizem que sabiam que elle réu queria matar Francisco Benedicto são também criminosos, porque não avisaram a auctoridade.

Florentino Silva, depois de expor a simplicidade de suas relações com o fazendeiro, concluiu por imputar o crime a Faustino, Manuel João e os escravos.

Domingos limitou-se a narrar o que se tinha passado á sua vista; confessa não ter visto Carlos ferido, e clama pela sua innocencia.

Seguiu-se o interrogatorio do fazendeiro.

Sem accusar ninguém, porque não desejava fazer juizos temerarios, Motta Co-

queiro buscou apenas, na simplicidade das suas respostas, deixar clara a sua innocencia.

Os factos occorridos no sitio foram expostos minuciosamente, e invocados serios testemunhos para explicar a coincidência da sua ultima chegada ao sitio com o assassinato da familia.

A temerosa accusação da cobrança do valle foi de fait com a singella narração de uma pequena transacção commercial.

Confrontado este com os contradictorios depoimentos das testemunhas, ficava por demais provada a innocencia do réu, mas a exaltação dos espiritos, o clamor popular impediam a boa marcha dos espiritos.

O subdelegado Oliveira apressou-se em pronunciar os réus, como auctores do crime de homicidio previsto no art. 192 do código criminal, aduzindo as circunstancias aggravantes de paga ou esperanza de recompensa, entrada em casa do offendido com intento de commetter o crime; resultar, além do crime, outro mal offendido ou pessoa de sua familia; augmento da côr physica por circumstancia extraordinaria; augmento do crime por circumstancia extraordinaria de ignominia, pela natureza irreparavel do damno; e, finalmente, augmento da afflictão ao officto.

Conclusos os auctes ao juiz municipal substituto de Macahé, foram enviados ao promotor que, depois da *apreciação* das provas, pediu que se fizesse a devida justiça.

Motta Coqueiro, declarado incommunicavel desde a sua prisão até a vespera de seu julgamento, continuou a sua peregrinação de infortunio.

Apregavam por toda a parte os seus detractores que se se pretôra um homem perdido no conceito publico, e entretanto não o julgaram seguro na cadeia de Macahé, pelo que foi mandado para a capital do imperio.

Causa extraordinaria! Desde que o mandante do nefan o mercenario foi encarcerado, as aucteridades, que tão silitas se mostravam na captura de todos os réus, esqueceram os demais escravos de Moita Coqueiro, que tinham sido accusados e ninguem mais ouviu falar em diligencias á casa do fazendeiro afim de prendel-os!

E' que a população pedia sangue para desaffontar-se e já havia quatro victimas para satisfazer-lhe a secura das fauces justiceiras.

Fos em ellas justa ou injustamente immoladas, pouco importava; o que era mister, o que não podia ser dispensado, era o espectáculo da morte para reparar a morte.

O verdadeiro criminoso devia alegrar-se na sua barbaridade ao ver como a sociedade demonstrava comprehender a justiça.

Em quanto na paz insensata da vingança elle passava de embaraçado talvez por diante dos mesmos magistrados, que se jactavam de ler na physionomia do fazendeiro os attestados do crime; uma familia esmagada pela execração publica frequentando diante de tão dolorosa sentença, buscava retractar-se de um delicto que não tinha commettido, e riscava do nome o appellido herdado a seus pais!

Em Moita Coqueiro, o cavalheiro que repelia evadir-se para justificar-se; o homem poderoso que contemporisava com o aggregado para não parecer que abusava da força de que então podia dispor, era apontado, injuriado pelo anonymo popular e pela imprensa como um typo de maldade e de cynismo.

Longe, porém, da sociedade polida e amiga da justiça houve um coração a quem a sorte do fazendeiro compungiu até a loucura.

Sabendo no interior das mattas de Macabú, por onde errava foragido qual a accusação que pesava sobre seu senhor, Carlos, que involuntariamente contribuiu

para ella, sentiu revoltarem-se-lhe os instinctos generosos.

Quizera poder fazer acreditar a todos a innocencia do seu senhor; quizera pela verdade confundir a calumnia que já ameaçava a vida, depois de haver tido a reputação e a honra de um homem de bem. Mas era impossivel que lhe dessem credito, a elle, um escravo e demais accusado tambem como auctor do crime.

Impellido pelo impotente desespero, que o esmoreara, o nobre escravo resolveu protestar de maneira solemne contra a injustiça que se fazia, quer a si, quer ao seu senhor.

— Basta que matem aos que lhes cahiram as mãos;— disse elle uma tarde em que sentado a margem parecia fascinado pela correnteza do rio.

Ditas estas palavras, Carlos stou aos pés com cuidado extremo duas enormes pedras e ajoelhou-se então; bradou como se quizesse que a sua voz ecoasse bem longe:

— Perdão, meu senhor; nós fomos os culpados da desgraça, mas somos tambem innocentes.

As aguas do rio abriram-se espumando e fecharam-se logo sobre o corpo de um suicida, que prestava com o seu sacrificio homenagem a innocencia do fazendeiro.

Infelizmente para este, o nobre suicida não fazia parte da sociedade, que o devia julgar e que amaldiçoava-o antes de ouvir-o.

Não obstante a coragem bronzeada de Moita Coqueiro não se quebrava; e foi com a maior serenidade, senão com a mais santa esperanza que em um dos dias de janeiro de mil oitocentas cincoenta e tres, entrou pela sala do jury, na cidade de Macané.

Pelas dez horas da manhã immenso concurso de povo affluia para o edificio, que servia de templo á justiça humana, vendada desde o seu nascimento por um sonho de imparcialidade doentia, e agora

ainda mais cega pela sobreexcitação sentimental que a solicitude da calúnia tinha sabido despertar.

Os pais de família honestos e de consciência transparente disputavam-se logar nas bancadas incommodas do tribunal, cheios de uma ansiedade indizível.

Todos queriam ver o réu principal, decididos a apresentar as manadas de apostrophes de promotoria e odio insaciavel, que baliavam-lhes esfaimadas, conchegando-se agora e para logo estramalhando-se do aprisco moral, construíto por uma contra-boufé de convenção, que levava os homens, ainda os mais sisudos, a trapilharem maldições nos esterquilínios formados pela intriga e n'roda dos caracteres limpos.

Uma balaustrada dividia a sala em dois planos. No mais elevado em que via-se uma comprida mesa coberta por um pano verde oitado de galão amarello, e cujos lados e cabeceira do fundo estavam cercados de altas cadeiras negras de encosto de pau. A cabeceira, que ficava proxima á balaustrada, era flanqueada por quatro bancos de assento de madeira. Junto d'estes bancos uma pequena mesa fazia as vezes de tribuna da defesa.

Ao longo das paredes encostava-se grande quantidade de cadeiras de assento de palhinha.

Fóra da balaustrada a sala, que dava entrada a uma estreita escada, era occupada por muitas linhas de compridos bancos.

Este lado destinava-se aos espectadores; o outro aos juizes, que deviam cu-pautar-se pela opinião publica, ou arcar com a responsabilidade tremenda que lhes sobreviria de qualquer decisão que a desgostasse.

Tambem enquanto os espectadores davam larga á suas expansões, um recolhimento religioso solemnizava a attitudedos juizes.

O presidente do tribunal fez soar a campainha presidencial, para acalmar um

prolongado susurro que se derramou no recinto.

Apareceu então no topo da escada, todo vestido de preto, Manuel da Motta Coqueiro acompanhado por Domingos, Florentino Silva e Faustino Pereira Silva, roliçados pela força publica.

Os desgostos tinham decorado as faces do fazendeiro e branqueado de todo as barbas, que cahiam-lhe como um disco de arminho sobre a golla da sobrecasaca preta.

Entrecerravam-lhe as palpebras o constrangimento e o vexame, mas o olhar era firme, e o corpo conservava o aprumo da confiança.

Os outros reus careciam da serenidade aparente, que envolvia a figura principal do quadro.

Florentino Silva denunciava mais do que todos o panico pelo qual estava subjogado; tremia como se fosse presa de um violento calafrio.

Faustino, embora apparentando mais sangue frio, trahia entretanto a sua perturbação.

E' que sabia ao certo que, fosse qual fosse o resultado do processo, seria conduzido de novo á prisão para elle ver sepultado durante os annos que he falavam da pena, que se lhe tinha comminada como assassino, além da que devia soffrer pela evasão.

O ignorante Domingos, ainda que não pulesse demonstrar pelo rosto negro e sem mobilidade o que lhe ia no intimo, deixava não obstante bem claro que oimpresentimento sinistro fazia-o desanimar.

— Que jury, nem meio jury para esses malvados, fosse eu auctoridade e mesdizia ante paravam elles agora, exclamou um espectador vendo entrar os reus.

— Não, senhor; cumpra-se a lei, elle quer assim, seja assim. Póte ser que elle traga documentos que provem que é innocente. Quem sabe lá?

— Ora vá bugiar, meu amigo; mandou-se intimar a mulher e um amigo

d'elle e nenhum dos dois se pedia e eu. Se elle fosse innocente, cá estariam todos os seus parentes e não me constaria que estejam aqui nenhum.

— Quanto a isto não; você lembra-se do dia em que elle chegou aqui pela primeira vez? Lembra-se da hora da noite do de-se embarque da côrte? Se viessem a gum parente enxovalhar-mo por força, e embora um homem seja muito criminoso não quer que se desatue a sua familia. Eu dou-lhes razão.

— Pobre homem, exclamou em outro banco um expectador; Deus o proteja e o defenda.

— O que essa, homem! responderam a esta manifestação de piedade; pois o senhor tem pena d'aquelle demonio? E preciso ou ser um sulto ou ser tão bom como elle. Melhor uma familia inteira, velhas e creanças, e ainda haver quem se comoa de semelhante assassinio?...

— O senhor só pôr-lhe fallar assim depois da decisão do jury; por ora não.

— Pois tranque-me a bocca, se não quiser que eu fale e além d'isso os incommodos são os que se mudam.

— No vapor em que elle veio, narrava um homem que parecia merecer consideração aos ouvintes, teve occasião de escapar-se. Durante toda a noite, as praças que enjoram desuauramente, fizeram desordens, e elle se quize-se pôr a ter-se atirado ao mar. Já bem perto de terra, elle, que estava completamente livre, teve quem o aconselhasse a fugir, e apenas succubiu ngativamente a cabeça. Portanto é fóra de duvida que o infeliz esperava justificar-se.

— A mim tambem parece que isto é um sulto; porque sempre ouvi dizer que Motta Coqueiro não tinha animo de fazer mal a ninguém.

— Ora até que affinal o encontro; já fui á sua casa e a todos os pontos da cidade em que o Sr. costuma parar. Recordia-se que noctem á noite o senhor sustentava que todos os parentes e inclusive a mulher

de Motta Coqueiro o tinham abandonado? Eu dizia-lhe que estava completamente enganado, e como não go-to de dizer as cousas sem provas, queira ouvir a leitura d'esta carta, cuja copia foi tirada pelo advogado Eacute:

« Meu caro enteado.—Brevemente devo ouvir d'tribunal o jury ou a confirmação da calumnia com que nos perseguem, ou a satisfação que a sociedade deve á minha innocencia.

A principio quasi desanimei da minha sorte, lembrando o modo por que fui tratado pelo Oliveira e a iniquidade da pronuncia com que conseguiram prolongar a minha diffamação, mas hoje escrevo-te com a maior esperanza, apesar de saber qual o juizo que em geral se faz de mim.

Consta-me que minha pobre mulher, e tua infeliz mãe vai ser intimada como informante. Eu entendo que é desnecessario o comparecimento d'ella, não só porque em cousa alguma adianta, como tambem porque, se a minha desgraça levar-me até a ser contemnado, ella não teria resignação para lembrar-se da recommendação que lhe fiz, quando começou a phase negra da minha vida.

Pe-o-te pois, que a convenças de que não deve comparecer. Seria aggravar os seus incommodos, e talvez aventurar-se a um desrespeito da população.

Bem sabes, meu caro enteado, que a é o melhor consolo dos infelizes, que ero, portanto, pe-tir-te que durante o mez de janeiro, todos os dias reuvas os meus innocentes filhos e todos rezeis por mim.

Deus ha de ouvir os meus rogos.

A eus beija os meus filhos, adeus; a esperança faz-me escrever-te até breve.

Manuel da Motta Coqueiro. »

— Entã, insistirá ainda em dizer que as relações da familia Coqueiro estão cortadas?

— Mas quer estejam, quer não, esta carta não serve para provar que elle não um refinado malvado.

— Não tratei d'isto; quiz só mostrarlhe que esava em erro.

Pela maneira por que o leitor da carta mostrou se tão empenhado na defesa do fazendeiro é facil reconhecer Sr. Martins, o gratuito sustentador da innocencia do principal dos réus, apesar de tudo e de todos.

— Veremos ainda quem vence, exclamou elle; só se não ha mais do que cegos n'esta terra.

A sessão tinha sido aberta, e fazia-se o sortio dos jurados, acompanhado pelos commentarios dos espectadores.

Havia nomes que eram applaudidos e outros que provocavam susurro e reprovação nas galerias.

— Ora é b'a; este é conhecido como apaniguado do assassino; se escolhem jurados iguaes, a *fera* está absolvida por força.

— Ainda hontem seccou a guela em vociferar contra o juiz municipal, por ter pronunciado Coqueiro, e hoje entra no conselho. Esta terra vai pela agua abaixo.

Felizmente para eses zelosos amigos da justiça, o desgosto que os affictava era passageiro, porque a voz do promotor, com um accento severo, bradava logo: —recuo!

Hoive um momento de verdadeira confusão na assembléa. Affectos e des affectos do réu não pronunciaram a principio uma unica palavra, mas de parte a parte descobria-se profundo e sincero recio.

A sorte ordenou que fosse lido um nome, em torno do qual agremiavam se justamente as sympathias geraes: —João Seberg.

Um homem vestido de preto, alto, de complexão robusta, fronte descalvada e olhar intelligente, erguen-se de uma das cadeiras lateraes, e fez ouvir com voz firme: —presente.

Caminhou direito á mesa e tomou o lugar que lhe f i designado.

Finda a especie de stupor, que dominou

a assembléa, principiaram os commentarios:

— E' notorio que se davam muito, e quando a *fera* vinha aqui a negocios, passavam horas e horas conversando e muitas vezes ao sol.

— Isto não me incommoda, se e' entendido que o homem é criminoso condemnado. Tivesse elle de julgar o proprio pai e se acreditasse que era innocente, tenho certeza de que o condemnava.

— Bem, acredito; mas o que é verdade é que um amigo olha sempre os actos dos outros com o desejo de descobrir o melhor lado.

Organizado o conselho, a sessão começou a marchar no meio do maior silencio.

Foi lido o processo e em seguida feita a inquirição das testemunhas e dos réus.

Seguiu-se a accusação cuidadosa de causar movimento de indignação contra os réus, graças aos serviços conseguidos á benevolencia da rhetorica enferma dos juristas.

Quando já os adjectivos tropeçavam e retardavam-se de tão estafados, o promotor pintando o quadro de um pai afflicto, uma velha mãe desesperada, duas pobres moças ameaçadas duplamente na sua virgindade e vida, e finalmente tres criancinhas acordadas de subito, e abraçadas umas com as outras, tremulas de receio, enquanto lá fóra, um moço, desarmado e atacado de todos os lados, cahia inundado em sangue, precedendo nos seus na longa viagem da morte: desenhado assim com manifesto zelo e descriptivação de planos e exuberancia de tons este quadro commoveute, o promotor em nome da humanidade, da civilisação e da lei, pediu para os réus a pena de morte.

A assembléa teria prorupido em palmas e bravos se a campainha, taqida pelo magistrado, não tivesse a tempo suscitado manfestação.

Motta Coqueiro tinha enlucido e duas grossas lagrimas orvalharam-lhe preguiçosamente as faces.

Coube então a palavra ao advogado da defesa.

As suas primeiras palavras dominaram absolutamente o murmúrio das galerias, que foram a pouco e pouco abançando até a commoção.

Era a força mágica da verdade e da justiça que vence na lucta as triplices forças de animadversão popular.

Entretanto o respeitavel advogado não tinha atacado o assumpto se não pela face jurídica; limitava-se apenas a analysar o depoimento contradictorio das testemunhas e a cegueira dos magistrados na instrucção do processo.

Criticava pelas espectadores o penho da derrota; como que accordavam de um longo pesadão, cheios de despeito porque viam fazer-lhes d'entre as mãos as presas, que tinham deliberado immolar em holocausto á justiça.

Mas ao mesmo tempo a malignidade descobriu meios para justificar as testemunhas, em serio perigo de serem declaradas perjuras.

Um anonymo achou e fez circular por toda a assembléa uma evasiva, que foi sancionada como sentença:

— Ora, segredavam-se os espectadores: não ha nada a admirar na confusão das testemunhas; são pobres homens e mulheres que ignoram o sentido das palavras e que não atinam com a finura e atilamento do advogado, que os quer perder.

Quasi certo da victoria, pela espantada derrota que tinha obtido dos inimigos do seu cliente, o advogado desistiu da palavra, para retomá-la após a replica da promotoria. A resposta seria a coroação do triumpho que a eloquencia a serviço de uma nobre causa acabava de obter.

O promotor publico, porém, desistiu do direito de replicar; ou melhor a justiça, que havia conservado os réus incommunicaveis, que deu siza a que circulesse m boatos de uma execução illegal, negava ainda aos réus o direito de ampla defeza

quando a opinião começava a abalar-se e a voltar-se a favor d'elles!

Digamos em uma unica phrase: a justiça prostituiu-se por não ter a coragem de suicidar-se.

O conselho retirou-se para a sala secreta a fim de responder os quesitos formulados pelo magistrado.

A anciedade dos espectadores chegava já até a irritação; questionava-se, aggreliava-se com phrases injuriosas; apostava-se pro e contra os réus.

Quando abriu-se a porta da sala para onde se retirára o conselho, todos silenciaram repentinamente.

Foram então lidos em alta voz os quesitos e as suas respostas.

Por unanimidade de votos reconheciam-se o crime e as circumstancias aggravantes e negavam-se todas as attenuantes.

O advogado da defeza, que se fôra gradativamente alevantando á proporção que ouvia as respostas do conselho, ficou finalmente de pé, livido, com o braço intencido e tremulo, estatura da indignação, impotente para obstar um crime.

No semblante de Motta Coqueiro pairava a solemnidade das grandes desgraças.

Terminou-se enfim a longa leitura dos quesitos pelo magistrado, e logo depois foi ouvida a sentença, que, pela decisão do jury, condemnava á morte e ainda nas custas os mais indolentes réus. O juiz, porém, appellava em nome da lei.

A força publico tomou conta das victimas que deviam expirar ás mãos do carrasco, e a sala foi promptamente esvaziada pelos espectadores que foram abrir alias á porta do edificio com o proposito de insultar, ainda uma vez, o infortunio dos seus semelhantes.

Chegado á prisão, o fazendeiro que fôra tão rudemente ferido por um desenganoso atroz, pediu que lhe deixassem escrever á sua familia.

A magnanimidade da justiça attendeu-lhe o pedido e o desventurado, molhando

O papel com as lagrimas, escreveu quasi inintelligivelmente:

« Meu caro enteado. — Acabo de ser condemnado á morte. Sirva de pai a meus desgraçados filhos. »

XIII

A DESAFFRONTA SOCIAL

A noticia da condemnação do fazendeiro voou rapidamente, levando consigo a satisfação e a confiança ás consciências dos credulos adoradores da justiça humana.

Os nomes dos jurados eram repetidos por quasi todos entre applausos, congratulações e ex-gestos tendentes a afieirarem ainda mais a reputação de Motta Coqueiro.

Nenhuma esperança restava pois ao infeliz, contra o qual a sociedade obstinava-se a fechar os olhos para não ver uma só atteruante, que ao menos ameiguasse a monstruosidade da pena.

O cadafalso negrejava tremendo nas brumas do futuro, e era dia por dia arrastado pelos quatro esteios, e aproximado inexoravelmente das vistas do condemnado.

Contrariedades e desgostos corriam ao seu encontro, como temero-a matilha de cães hydropobes, e atassalhavam-lhe com as presas envenenadas a propriedade e os bens.

Os credores e o fisco escancaravam as guélas enormes e não as fechavam sem terem engolido parte do trabalho do fazendeiro durante longos annos. Além d'isso o repetiam sempre estribilho meditando da sua imaginaria barbaridade contra a familia do aggregado.

Tinha sido de novo transportado para a côrte, e a s-m ficavam-lhe sobre maneira difficuldades as suas relações, quer com sua esposa e filhas, quer com seus amigos.

Em troca dos carinhos e conolações que estes lhe offereceriam, tinha apenas

as calvarias secas do carcereiro e os olhares repulsivos de todos que por acaso relanceiavam-lhe o semblante.

O infortunio havia por fim afugentado os camaradas que outrora o cercavam; assistaram-se todos, porque a convivencia com os scelerados é inicio de mau character.

Como os lazeros, nos passados tempos, eram postos fóra das portas das cidades, o infeliz fóra expulso de toda a sociedade.

Ficava-lhe do feliz e sorridente viver de quadra melhor apenas — a saudade, palueta encantada que esbatia rica de colorido, freccos commoveates, em que eram representadas as crianças descuidosas e presenteiras, a esposa desvellada e tranquilla.

Mas repentinamente o quadro desapparecia como a brancura de um velino debaixo de um borrão, e o vulto negro e horripilante do cadafalso surgia d'entre esses fe-tivos sonhos como a c-c-réta da Quimodo entre a alegria dos eleitores do Sumo o De-o.

Estão o desgraçado, com os cabellos arrebellados e o olhar flamejante, meditando no estreito recinto da prisão, e só parava quando, extenuado, caia sobre o leito fogado em soluços e em lagrimas.

— Vejam como o remorso tortura aquelle malvado, dizia o carcereiro ao vê-o baqueiado nessa côr profunda. Afinal de contas não lhe valeu ter dinheiro; não se pôde livrar da força, nem pôde fazer calar a consciencia.

E os que faziam na prisão a aprendizagem da dureza do coração e do cynismo tinham desafagadamente e escarneos pungeas á santidade d'quelle soffimento.

Fóra da prisão reinava a inexorabilidade e mais ainda a torpeza.

Uma das influencias de Macahé, muito empenhada em ver perdido irreversivelmente o desventurado reu, planejou uma scena, cujo effeito demonstraria ainda aos mais afriadados defensores a culpabilidade de Motta Coqueiro.

estava da familia de Francisco Benedicto uma unica filha, a qual diziam ser casada com uma das testemuhas do processo. Sebastião Corrê Baptista, conhecido em Macabú por Sebastião Pareira.

A *zeloz influencia* resolveu mandar vir para Macabú a moça, cuja presença confundiria infallivelmente o malvado, que persistia em mostrar-se aparentemente tão sereno, que muitos já o consideravam victima.

Approximando-se a segunda sessão do jury a que deviam responder os reus mais odiosos que têm apparecido em tribunals brazileiros, a *zeloz influencia* apressou-se em realisar os seus desejos.

Ciego emfim o dia da sessão, e os réus compareceram para ainda uma vez affrontar a odiosidade popular, a rhetorica da promotoria, e a sensibilidade dos jurados.

Os espectadores, alegres por não varem na tribuna da defesa o advogado que na primeira sessão tinha-os ameaçado com um profandissimo despeito, manifestaram francamente os sentimentos contra Motta Coqueiro em um passageiro incidente.

Os julgamentos do fazendeiro e do escravo Domingos foram separados do julgamento dos outros dois réus.

— Faze lá o que quizeres, mestreiro, seriam os desalmados; já não ha quem possa tirar-te a cortia do pescoço; estás ahí e estás a dançar sob as unhas do carrasco.

— O diabo é que elle assim demora a confirmação da sentença dos outros. Eu se fosse juiz não consentia que se rompesse a cambulhada; mataram juntos, deviam ser condemnados juntos.

Quando começou o interrogatorio de Motta Coqueiro, houve um grande susurro, que não cedeu nem ao toque da campainha presidencial.

— Está ahí em baixo; eu esteu venho d'ahi; deve ser ella.

Diversos espectadores mais soffregos

levantaram-se apressadamente dirigindo-se á escada, e outros debruçaram-se ás janellas do edificio, prologando assim o susurro.

— Oia, bem parecia-me que não era, exclamou-se afinal; a filha do pobre assassinado não tem meios para vir aqui.

— Por isso não, porque o Dr. . . . mandou a buscar.

Afinal o ruído dissipou-se e a voz de Motta Coqueiro, tremula de commoção, poudo ser distinctamente ouvida.

Depois de expor as suas relações com Francisco Benedicto durante quatro annos, desde a sua chegada no sitio e moradia nessa proxima a em que residia a sua familia, até o espancamento que lhe foi feito pelo aggregado; exposta a marcha do processo, o procedimento de Lycerio e a indisposição de Lucio Ribeiro e Manuel João; Motta Coqueiro declarou que tinha grande parte de Macabú por sua inimiga, mas que não sabe a quem attribuir essas infortunas da familia do seu aggregado; seria fazer juizos temerarios.

A voz fortaleceu-se então e adquiriu timbre que encarnava em si a maldição e ao mesmo tempo a resignação.

— Quanto á imputação que me fazem de semelhante crime, eu, perante o Sr. juiz e os Srs. jurados, perante Deus e o povo, declaro que estou innocente: tal não man lei fazer!

Prolongata hilaridade nas galerias recebeu este brado da consciencia flagellada do fazendeiro, que ouvindo a gargalhada alvar dos insensatos, cahiu como que fulminado sobre o escabello infamante.

O infeliz Domingos nem podia ao menos ligar os factos para exculpas; limitou-se a responder ás perguntas da perspicacia diantia do magistrato, e concluiu por affirmar com a maior sinceridade: eu não fiz crime!

O couz-lho retirou-se para a sala secreta, mas d'esta vez a sua demora já não abria horizonte aos alvares da esperanza

no coração de Motta Coqueiro, estorpegado pela cruel certeza de que seria novamente condemnado.

O sol do dia vinte e oito de março de 1853 de-cambava triste para o occidente, e para elle como para um character nobre e leal estava perto o occaso; a região das sombras e dos mysterios.

A expectativa dos assistentes, posta por muito tempo a mal soffidos tratos, foi enfim satisfeita: os jurados apresentaram-se com a desejada resposta aos quesitos.

Confirmaram por unanimidade que o reu Manuel da Motta Coqueiro tinha mandado matar Francisco Benedicto, sua mulher e seus filhos, alguns dos quaes menores de sete annos.

Por oito votos reconheciam as circumstancias aggravantes de logar ermo á noite, e tentativa de incendio; por unanimidade as aggravantes: motivo frivolo ou reprovado, premeditação, entrada na casa do offendido, e ajuste com os executores da matança.

Aos quesitos formulados a cerca do reu Domingos, respondeu o mesmo conselheiro confirmando por *sete* votos que o reu tinha morto a familia de Francisco Benedicto; por *nove* reconhecendo as circumstancias aggravantes de logar ermo e de noite, tentativa de incendio, motivo reprovado ou frivolo; por *dez*, a aggravante de ter entrado na casa do offendido *com o fim de matar*; por *sete* a circumstancia de premeditação; por *oito* negando attenuantes a favor do reu, que não foi violentado por força irresistivel, nem medo.

O magistrado que presidia a sessão, deu então a sentença marcada pelo código—a pena de morte; e appealou d'esta decisão.

— Ail resmungou o desgraçado Domingos, os brancos são cegos; não querem vêr a verdade!

Motta Coqueiro, com a cabeça pendida e sem poder conter as lagrimas, ouviu si-

lencioso o varedicto tremendo que o perdia para sempre.

De facto que palavras poderiam encarnarem si a amargura de um espirito que, certo da sua innocencia, não tinha forças para pedir que a sociedade, em nome da justiça, lhe estorquesse tudo quanto mais presava, a honra, a familia e a vida?!

O que havia elle de dizer a uma sociedade que execra a memoria dos barbaes porque destruíram os monumentos da arte antiga, e no entanto julga-se com o direito de destruir o seu semelhante, o monumento sagrado da natureza?

Que palavras merecia uma sociedade que exara nos seus códigos como circumstancia aggravante a superioridade de forças do offensor sobre o offendido, e que no entanto aponta mil espiogarias contra o peito do réu, algema-o, atilhe-o pescão um barão, e falo subir ao cadafalso?

Ha côres para as quaes não ha manifestação possível; o coração humano limita-se apenas a senti-las, quando não é por ellas espedaçado.

Entre os agentes da força publica os dois réus sahiram do tribunal e com elles os espectadores, magistrado e jurados.

A solidão sentou-se então no meio da grande sala ainda ha pouco povoada, e esronhante de maldicções. Havia ali a solemnidade das ruinas dos grandes templos da antiguidade, e na verdade acabava-se de esborcar um templo de sentimentos tranquilos, erguido por um character de tempera.

A porta do edificio um homem, com os braços crusados sobre o peito, os olhos fixos no solo, permaneceu immovel em quanto a multidão desfilava.

Este homem tinha feito parte do conselho que acabava de condemnar á infamia e á morte um dos chefes politicos de Campos, conhecido outr'ora pela sua severidade e vida immaculada.

Dir-se-hia que era uma estatua, ou uma apparição sobrenatural, tal era a palli-

dez de seu rosto, a expressão tristíssima do seu olhar.

E a multidão, distinguindo-se, dividindo-se, rareou e sumiu-se ao longe, nas ruas e praças, e o homem sempre imóvel conervava-se como alheado do que se passava em torno de si.

Um transeunte aproximou-se-lhe e disse-lhe jovialmente :

— O a muito bem; tomei um optimo logro, sahi correndo de casa para ouvir a decisão do jury e no entanto acho tudo concluido. Felizmente para mim encontro ainda o Sr. Seberg, que póle dar-me a roçia que desejo. O senhor não fez parte do conselho?

Seberg não respondeu, nem mudou de attitude, pelo que o recém-chegado bateu-lhe de leve no hombro, e perguntou precipitadamente :

— Dar-se-ha o caso que absolvessem aquillo fé a?

— Não senhor; fui condemnado á morte, respondeu Seberg tristemente.

— Ah! exclamou o recém-chegado; eu logo vi que não havia nada a temer de um jury em que entrassem como juizes de facto homes igues ao Sr. Seberg.

— Diga antes que não ha que ficar em tribunaes onde entram para julgar homens que nem ao menos conhecem os processos.

— Está me parecendo que houve algum jurado que tentou fazer tramoia. Vejo-tão incomodado....

— Desculpe-me, acudiu Seberg bruscamente; desculpe-me; tenho necessidade de fallar já e já a um amigo.

E o nome Sr. Seberg tomou, quasi a correr, a direcção pela qual seguiram a multidão e os réus, enquanto que o recém-chegado, perplexo acompanhava o com os olhos.

Alguns minutos depois o jurado entrava pela cadeia de Mercaté, pedindo permissão para fallar a Motta Coqueiro.

A luz do candieiro fuliginoso que ardia no corredor da cadeia guicou Seberg até á

prisão do fazendeiro, que, de pé com os braços apoiados na grade e a cabeça deitada sobre elles, amargava em silencio o seu lamentavel destino.

— Perdoe-me, perdoe-me; exclamou Seberg abraçanto por entre a grade o condemnado; reconheça-me para perdurar um dos seus algozes.

Os soluços de ambos embargaram-lhes por largo tempo a voz, mas finalmente Motta Coqueiro, fazendo um grande efforço, pôde dirigir-se ao seu inesperado visitante...

— Os Srs. cumpriram o seu dever; não lhes quero mal por isso. Perdão mesmo aos que me perderam, mas o que eu não posso explicar é a razão por que foi condemnado o meu pobre escravo, o infeliz D. Min. os. Eu tinha inimigos, mas elle... o desgraçado!...

— Não perca a esperanza, exclamou Seberg; tudo ainda não está perdido. O que nossa exaltação impediu nos de ver até hoje, talvez o tribunal superior possa descobrir. Tenha fé em Deus, meu amigo, resigne-se e espere.

O fazendeiro mencionou a esbeça. Era a muda confissão do desatinado, respondendo á consolação da amizade.

Seberg abraçou pela ultima vez o desventurado e affastou-se dirigindo-se para a sahida da cadeia, onde parou de chofre. Uma mulher coberta com um véu, e acompanhada por dois homens, entrava n'este momento.

Quando estas tres pessoas passaram, Seberg exclamou tristemente :

— Pobre familia; que desgosto e que vergonha!

As tres pessoas que entraram, atravessaram uma pequena sala, e guiadas pelo carcereiro, foram tomar o logar havia pouco deixado pelo Sr. Seberg.

O condemnado, pertransido pela sua agonia, não percebeu que junto de si olhos curiosos espiavam-o, e nem ouviu o que se dizia a seu respeito.

Afinal um dos recém-chegados tomou a palavra:

— O Sr. Coqueiro dá licença que lhe apresentemos uma pessoa que o veio visitar?

— Oh! meu senhor, respondeu o sentenciado, hoje uma visita é a prova mais sincera de amizade, que me pode ser dada. Eu sou tão o iado!...

O homem que fallou, acercou-se então da mulher e levantou-lhe o véu.

— Minha senhora, exclamou Coqueiro; eu lhe agradeço muito a sua compaixão. Hã de ensinar a meus filhos a repetirem o seu nome.

— E não será muito difficil que ellas o decorem; é a S. a. D. Ciquinha, filha de Francisco Benedicto.

O effeito dramático produzido por estas palavras confundiu profundamente no primeiro instante ao inocente recém-chegado. Esperava talvez vêr o fazendeiro recar espavorido diante da mulher, cujo nome e feições, recordavam-lhe as victimas que a nação do povo julgava terem sido por elle barbaramente sacrificadas.

Os movimentos do sentenciado contrastaram, porém, com a expectativa do deshumano preparador d'esta scena, tanto mais cruel quanto era já irremediavel a perdição de um actores.

Estendendo os braços por entre a grade e buscando abraçar a moça que se esquivava, disse Motta Coqueiro:

— Pobre Ciquinha, eu imagino o golpe que feru tu o coração; pai, mãe, irmãos, todos os que eram mais caros a tua alma. Perdéssemos a ver o que são os grandes desgraças; e ter piedade da minha sorte. Também a mim, Ciquinha, roubam-me os que mais estimo; a differença é que para você ha a piedade geral e para mim o odio ou o desprezo.

— Sr. Coqueiro, exclamou o recém-chegado, que tinha conseguido já disipar a primeira impressão; eu nunca pensei que tivesse de assistir á semelhante esforço

de dissimulação; quem tem o coração tão fino podia assassinar o mundo inteiro.

A nobreza do fazendeiro tornou-o invulteravel ao insulto venenoso, que lhe era dirigido pelo brutal visitante; a consciencia abroqu lou-se-lhe com a dignidade, e o desgraçado respondeu resignadamente.

— Era, pois, mais uma tortura que me haviam preparado. Viram, porém, que eu não tremi; tão grande é a frieza do meu coração.

Cambalhando e soluçando o fazendeiro retirou-se para o fundo da prisão, deixando por algum tempo immovéis os indignos que conspiravam contra a sua paciencia.

Despeitado pelo mallogro do seu plano, o cruel visitante convidou aos seus companheiros para saírem, e só quando fóra, e uido os soluços mal contidos de Ciquinha, teve coragem de fallar:

— Malvado, mil vezes malvado; mil vidas que lhe fossem tiradas não desaffontariam a sociedade. É uma féa.

— Não diga, não diga, seu doutor; ninguém viu as mortas, exclamou Ciquinha, e eu não posso acreditar...

— Generoso coração, disse o doutor; como devia ser honrado o seu infeliz pai para educar uma filha tão piolosa!

Ajós o grupo sahio o Sr. Seberg, que, ó na volta, pode conhecer uma das pessoas que dele fíziam parte.

A efflução do nobre e piolito de Seberg crescia á medida que se passavam as horas; como que um remorso emagrador, insupportavel, polvo invisivel que lhe applicava sobre o coração as suas insaciáveis ventosas, ia-lhe aos poucos haurindo a vida.

— É impossivel, dizia elle esta noite, passei a noite de um lado para outro da sala de jantar da casa em que morava; é impossivel; se houvesse a isempção de animo exigida pela lei não ter-me hia dado

semelhante escandalo. Meu Deus, meu Deus, fazei com que se elucide a verdade.

Mais tarde accrescentou ainda:

— Oh como fui cruel, meu Deus! aquelles infelizes são innocentes.

No dia seguinte, pela manhã, Seberg sahiu para despedir-se de Motta Coqueiro que devia partir para a côrte.

Com grande admiração de todos foi elle visto na praia, meditativo e com os olhos rasos de lagrimas, acompanhando o bote, em que Motta Coqueiro e seu escravo se dirigiam para bordo do vapor ancorado ao longe.

— E' um homem incompreensivel este Sr. Seberg, diziam, condemnou Motta Coqueiro, e no entanto chora agora talvez ter tido coragem de proceder assim.

Quando o bote sumiu-se; quando já não podia acompanhar com a vista o infeliz condemnado, Seberg seguindo vagarosamente pela pittoresca rua de Macahé, que descerra as janellas da sua casaria olhando para a vastidão do mar, entrou finalmente n'uma pharmacia e perguntou pelo seu proprietario.

Um homem de attrahentes feições, agradável timbre de voz, sahiu de um gabinete lateral e, estendendo a mão a Seberg disse-lhe jovialmente.

— Por Deus, Sr. Seberg; tanta cerimonia fez-me pensar que procurava-me um desconhecido.

— Não me admiro que assim pensasse, respondeu Seberg, eu sou o primeiro a desconhecer-me. Preciso fallar-lhe muito a sós.

O Sr. Appolinario Pacheco, substituto de juiz municipal de Macahé, e que era a pessoa que fallava a Seberg, apontou para o gabinete.

— Aqui podemos estar a vontade; o meu caixeiro tem a particularidade de não ouvir o que eu quero que elle não ouça, e além d'isso ficamos retirados.

Sentaram-se um em frente do outro tendo de permeio uma pequena mesa redonda, e Seberg, apoiando sobre a

mesa os cotovellos, movimento que foi logo seguido pelo Sr. Appolinario, disse com solenne gravidade.

— Venho confiar á sua honra a solução de una séria questão de consciencia, para a qual invoco tambem os seus serviços de magistrado.

— Oh! Sr. Seberg, pôde contar desde já com a minha dedicação, e ousou promettel-a por que sei com quem fallo.

— Hontem, como sabe, foi o julgamento de Motta Coqueiro e do preto Domingos, e eu fiz parte do conselho que os condemnou.

— Pobre homem! fui eu quem sustentou a sua pronuncia e entretanto faço hoje a seu respeito juizo bem diverso do que então fazia.

— Queira ouvir-me, e reflecta sobre o que vou contar-lhe. Hontem depois de recolhido o conselho de jurados á sala secreta e effectuada a votação dos quesitos acerca de Motta Coqueiro, percebi que não havia no conselho aquella imparcialidade que era de esperar em assumpto de tão grande alcance.

Passando-se a votar o primeiro quesito relativo ao preto Domingos, certifiquei-me do meu juizo, e, ainda mais, fui obrigado a assistir a um grande escandalo.

Procedendo-se á contagem das cédulas o secretario do conselho contou treze, e como era natural reclamei, e pedi verificação. Nova contagem do secretario chegou ao mesmo numero. Pedi então que se procedesse á nova votação e fui acompanhado por mais cinco jurados, porém o presidente entendeu melhor proceder por si mesmo a contagem e cousa singular appareceram apenas doze cédulas.

Lidos os votos encontram-se sete cédulas reconhecendo o crime, e cinco apenas negando-o.

Com grande pasmo certifiquei-me de que os cinco jurados tinham negado o crime, e eu com elles.

— Mas isto é, um iniquidade; é preciso arrancar a mascara a esse homem

que tão baixamente abusou da sua posição.

— Eu não quero fazer juizos temerarios, porém, entendo que este facto deve ser já verificado, para descanço da consciencia de todos.

— Mas não ha duvida, meu amigo; havia com effeito treze cedulas e uma d'ellas que dizia *não* foi escamoteada pelo presidente, que depositou na urna duas cedulas affirmando o crime. Oh! havemos de sabel-o, eu lh'o juro; o Sr. invocou a minha honra de magistrado, eu comprometto-a,

O Sr. Seberg sahiu relevando no semblante o allivio intimo que experimentava, e o Sr. Appolinario sentando-se logo á escrevaninha officiou ao juiz de direito, narrando a communicacão que acabava de lhe ser feita.

Infelizmente a questão que parecia facil de ser derimida, morreu abafada nas pastas do juizo municipal.

Uma grave enfermidade obrigou o digno substituto a passar a vara a outro magistrado, e este officiado pela auctoridade superior para continuar nas pesquisas a respeito, discutiu o assumpto e deu-o por esgotado, sem inquerito.

Na tarde do dia em que Seberg deu o honroso passo a favor de Domingos, foram condemnados tambem á morte Faustino Pereira da Silva e Florentino, e todos os réus enviados para as prisões da capital.

Usando do recurso ordinario que lhes restava, o tribunal da relação não se dignou attendel-os, negando-se a conhecer das appellações por não ser caso d'ellas.

Este despacho está tambem na appellação do réu Domingos, em que foram reconhecidas circumstancias aggravantes por numero de votos superior ao que confirmava o crime!

A desillusão do fazendeiro tinha chegado ao auge; não lhe era mais permitido uma unica esperança, porque sabia bem

que o poder moderador não attenderia á sua supplica.

Accresce que para aggravar ainda mais o supplicio moral dos condemnados o processo seguia com dolorosa morosidade, e só após dois annos de espera veiu o golpe final.

Domingos, intimado a fazer petição de graça, não a fez no prazo de oito dias conforme a lei, e portanto estava irremediavelmente condemnado.

Pobre escravo! como poderia elle comprehender, ouvindo a intimação do escrivão, que uma demora custar-lhe-hia a vida?

No dia 23 de Junho de 1855, o cortejo funebre da justiça recreiava a espectação geral da cidade de Macahé.

Um dos reus do barbaro assassinato da familia de Francisco Benedicto ia subir á forca.

A victima chorava e caminhava quasi arrastada pelo carrasco e a população commentava desapiedadamente este horror da morte.

— Olha o negro, dizia-se; pensava que o dinheiro do senhor havia de livral-o. e por isso não chorou quando matou a pobre familia. Agora é que lhe correm as lagrimas.

— Sabes? ouvi ainda ha pouco e de pessoa muito séria uma cousa que está impressionando-me.

— Então conta já essa novidade.

— Dizem que o Domingos ao sair da cadeia disse para o padre que, se elle não é innocente, a corda não rebentará, mas se elle é innocente a corda ha de arrebentar.

Este boato circulou, cresceu e dominou logo todos os espectadores e na praça do Rocio, onde se erguia a forca, os logares eram disputados com tanto interesse que muitas vezes houve emprego de violencia.

Chegou a desejada hora da execucao. A anciedade popular era febril e todos intimamente receiavam assistir ao milagre prophetisado pelo escravo.

A irmandade da Misericórdia collocou-se sob a forca em posição de ir em auxilio do condemnado, caso fosse protegido pela fortuna, e o carrasco ao som do *credo*, resado pela multidão, subiu ao seu posto.

A escada foi logo retirada, o desventurado ficou suspenso pelo baraço, mas o seu corpo, impellido pelo carrasco, pouco tempo oscillou e foi logo cahir no solo.

A confusão foi immensa, todos corriam, impelliam-se, encontroavam-se phreneticamente :

— Está salvo, está salvo, este era innocente.

A agglomeração não permittia que todos se pudessem approximar do sentenciado, e dentro em pouco tempo a desconsolação pintava-se em todos os semblantes.

Fallou-se a principio em segredo, e com immensa precaução; em seguida as vozes foram elevando-se, elevando-se e ouviam-se em todos os grupos discussões calorosas.

— E' muito boa, dizia o Sr. Luiz de Souza, cahiu morto e muito bem morto.

— Não está má á capa; todos nós vimos a corda arrebentar. O pobre Domingos! bem dizia elle que era innocente.

— Arrebentasse, ou não arrebentasse, a verdade é que elle cahio já morto.

— Ora valha-o Deus, Sr. Luiz de Souza, mais de cem pessoas estão promptas a jurar que Domingos cahiu vivo, e que o carrasco poz-lhe terra á bocca para asphixial-o.

— E' falso.

— Não é tal, exclamou um novo interlocutor; eu vi com esses dois olhos que a terra ha de comer. Barbaridade sem nome!

Nada, porém, é mais facil do que assemenar a indignação do povo, o eterno leviano que applaude ou insulta, victória ou calunnia conforme os boatos e as intrigas, que o impressionam.

Atravez da versão da seva asphixiação de Domingos pela ferocidade do carrasco, surgiu uma evasiva.

— Então o que queriam que fizessem com um scelerado como o assassino que morreu; que perdoassem e surtisse effeito a machinação do senhor?

— Quaes historias! Domingos prophetisou o acontecimento.

— Eu tambem prophetisava se tivesse um senhor que tivesse dinheiro e amigos na Misericórdia, que é d'onde vem as cordas para os enforcados. Com dinheiro e amigos tudo se arranja: até milagres.

O povo julgou rasoavel esta explicação, e quando se retirou da praça levava mais satisfação do que pezar.

O cadaver de Domingos foi entregue á policia para ser sepultado, e os autos passados no mesmo dia ao Dr. Velho da Silva, juiz municipal, que os fez conclusos no dia cinco de julho ao juiz de direito.

A sociedade começava a indemnizar a sua divida com a familia de Francisco Benedicto.

A cova aberta para o justicado Domingos tinha dimensões para quatro cadaveres, e conservava-se hiante á espera de ser aterrada com destroços humanos.

A justiça, um mez depois da execução do escravo, metteu mãos ao resto da obra da desaffronta publica e os tres outros réus foram notificados da sua morte proxima.

Para Florentino e Faustino esse golpe nada teve de descommunal; havia longos mezes que, affazendo-se á atrocidade do seu destino, esperavam todos os dias ouvir o ranger das portas do calabouço e logo depois a intimação para seguirem até o logar em que deviam ser suppliciados.

Florentino, perdido no dedalo de conjecturas limitadas a que podia chegar o seu raciocinio pouco esclarecido, acabava por fundir em lagrimas o seu desespero e, sem consolar-se, calava-se e ficava si-

lencioso a contemplar a perspectiva do seu fadario.

Faustino concretisava no corarão revoltado as exalações da sua indignação, e rompendo bruscamente o silêncio, extenuava-se em cobrir de baldões a terra e de blasphemias o céu.

Para o desventurado fazendeiro o futuro era mais ameaçador e o presente mais cheio de torturas. O presente representava-lhe o abandono em que vegetava, sugando a existencia das angustias e do desconsolo, como a planta infezada a seiva de um terreno maninho; no futuro antolhava-se-lhe o abandono tres vezes mais cruel em que ficaria a sua familia.

Quando, em uma tranquillã manhã de agosto, foi-lhe dada a noticia de que embarcaria brevemente para Macahé, afin de subanetter-se à pena que lhe fôra imposta pelo jury o desventurado sentiu fraquejar-lhe a coragem que até então mantivera-lhe o sygillo sobre o nome do supposto culpado do morticínio.

Se se pôde traçar paralelo a semelhante sofrimento, era como o do Christo diante do calix de amargura na tremenda noite do Horto.

Ambos, porém, acabaram pela resignação, e tiveram a serenidade heroica de encarar, caminhar e subir ao putibulo, dando de esmola á atroz perseguição o perdão sincero dos seus espiritos calmos.

Para desaforo do seu tormento Motta Coqueiro escreveu á sua familia, noticiando-lhe o horroroso desfecho da sua vida de probidade e de respeito aos seus semelhantes. Depois de escrever correram-lhe as tardas lagrimas que deslisam das consciencias immaculadas e deixou-se avassallar pela horripilante catadura do tumulo.

• Igual serenidade não foi, porém, partilhada pelo dedicado enteado, para quem a iniquidade da sentença era um grito de alarma aos justos sentimentos.

Demais, vira nos escuros horizontes de sua familia uma esperança consoladora.

Como fecunda nebulosa appareceu nas trevas do seu viver uma petição das senhoras campistas a favor do sentenciado, e era de esperar que o poder moderador attendesse a tão espontanea manifestação popular.

De repente a miragem da salvação despenhou-se e atufou-se no lodo da enxovia, em que a justiça prendia para enlameiar o infeliz sentenciado, e em vez da esperança appareceu como um espectro a crua realidade.

O collecter abriu tremulo de commoção a carta que lhe era dirigida por seu padrosto, cuja letra fôra trocada por uns signaes difficels de serem entendidos.

Leu-a a primeira vez e não convenceuse de que tinha-a lido; releu-a, portanto, mas d'esta vez em presença de sua mãe.

« Tudo está acabado; não ha mais possibilidade de fugir ás mãos do carrasco; as minhas supplicas como que affieiam ainda mais a accusação que me fizeram, e tornam mais inexoraveis os meus juizes.

Dize a tua mãe que se resigne á sorte que me foi prescripta e console-se; aos meus filhos repete-lhes que, na hora em que não havia mais uma esperança de salvação para si, o seu pai dizia sempre que matavam-o por um crime que não commetteu. Para impedir-lhes a suspeita, pondera-lhes que não é facil mentir-se diante da morte.

Nunca, nunca digas-lhes a parte involuntaria que tua mãe teve na minha perdição e no destroço d'aquella familia. A minha desgraça deve santificar este pedido.

Quero igualmente que me façam uma derradeira vontade: desde o dia quinze de agosto até o fim do mez mandem sempre celebrar missas por minha alma; que seja ao menos permittido ao sentenciado pensar na paz além tumulo.

Adeus, meu bom amigo; abençoa por mim os meus infelizes filhos e abraça a tua mãe; adeus, até á eternidade! »

A Sra. D. Maria, a quem os desgostos

tinham depauperado extraordinariamente, ouviu immovel a leitura compungente e fatal; a dôr resignada, que de continuo a trucidava, como que lhe havia anesthe-siado o coração e ella parecia já insensivel a novos golpes.

Entendendo mal o estado de sua mãe, o o collector perguntou-lhe, machucando entre as mãos o papel.

— E a senhora o que diz a isto?

— O que hei de dizer, meu filho; se a minha voz não tem forças para desviar o golpe que nos deve ferir?

— Senhora, senhora, esta resposta é uma infamia.

— Meu Deus, soluçou a afflicta esposa, não quiz eu por tantas vezes correr até os tribunaes para accusar-me, e não fui contida por ti mesmo, meu filho?

— Mas então havia a esperança de fazer reconhecer a innocencia de seu marido; hoje não, hoje é mister que evite a sua injusta execução.

— Devo pois, entregar a minha cabeça ao braço do carrasco...

Um ai repassado de afflicção embargou a voz á pobre senhora, que, levando as mãos á frente, baqueou sem sentidos.

— Covarde, covarde mulher! gritou o filho allucinado; tenho vergonha de ser teu filho. Queres evitar a morte á custa da morte de um innocente; não, não, eu não o consentirei!

E o homem, que levava a honradez até a suffocação dos mais santos affectos, sahiu correndo, como se tenesse que a sua permanencia junto de sua mãe inhi-bisse-o de proceder conforme lh'o aconselhava o seu character.

A familia sobresaltada pelo baque e ainda mais pela carreira insperada, affluu toda para o gabinete em que o collector conversara com sua mãe, e encontrou ali a Sra. D. Maria estendida no assoalho.

Vendo que apezar dos seus esforços a senhora conservava-se livida e desacordada, os desamparados filhos apressa-

ram-se em mandar communicar o acontecimento ao Dr.... um dos aimgos de seu pai que lhe tinha guardado mais lealdade.

Acordando-se porém, de chofre, a doente encheu de espanto a quantos a cercavam.

— Meus filhos, soluçou ella, fiquem aqui bem perto de sua mãe; não consentam que me levem d'aqui, eu não quero morrer; sou mãe, não quero morrer!

Mal proferira estas palavras desgrehando violentamente os cabellos embranquecidos pelo soffrimento, a desvairada senhora levantou-se de um pulo, rindo prolongadamente uma gargalhada insana.

Acercou-se então da maior da suas filhas e disse no meio da gargalhada constrictadora.

— Vamos, vamos todos; é preciso que vamos todos.

O pranto filial recebeu esse convite do desvario com a profunda tristeza de corações, que se julgavam já orphãos de todo.

A mãe allucinada pegou então dos braços das duas filhas e caminhou para a porta principal da casa, repetindo o convite medonho:

— Vamos, vamos de pressa!

Ao transpor o limiar a Sra. D. Maria foi embargada pelo Dr. que entrava.

Vendo a transfiguração do semblante da esposa do seu amigo, perguntou-lhe sobresaltado:

— Qual é a nova desgraça, minha senhora? — tenha confiança em Deus.

— Vamos, vamos de pressa, repetiu automaticamente a desvairada.

— Para onde quer ir, minha senhora!

— Para onde? gargalhou a infeliz, para onde? Não sabe então que eu devo ir para a forca, não sabe que eu sou a assassina; não ouviu meu filho dizer?

— Oh! santo Deus, tende piedade d'estas crianças que não fizeram mal a ninguém, exclamou o Dr.

E' facil imaginar-se a tristeza d'esse

quadro, e a dificuldade do Dr. em conter a allucinação da enferma. Afinal triumphou a piedade do amigo e a Sra. D. Maria foi recolhida ao seu quarto em que jazeu sobre o leito durante muitos mezes.

O collecter presa de igual desvario, tinha montado a cavallo e galopava pela estrada que se dirigia a Macahé.

Já havia chegado para Motta Coqueiro o declinar repentino da vida, e talvez na mesma hora em que a sua familia era victima de tanto martyrio, elle punha pé na cidade que se regosijava com a sua condemnação.

Foi esperado por um amigo, que, sem affrontar claramente a animosidade, que lhe resultaria das manifestações amistosas para com o sentenciado, todavia não evitava-a a ponto de sacrificar os deveres da amizade.

Seberg tinha pago caro a facilidade com que, homem de boa fé, dera ouvidos á infamante accusação feita ao fazendeiro.

A leitura da carta, que o Sr. Martins mostrou na primeira sessão do jury ao seu impertinente contendor, a scena da prisão, cujo fim só mais tarde veio a saber, a resignação evangelica de Motta Coqueiro, tudo, emfim, provava-lhe que tinha condemnado á morte um innocente, e o seu character profundamente ferido exigia-lhe a mais inteira dedicação ao sentenciado.

Arguia-se diante de todos os seus amigos; e trucidava continuamente a propria consciencia, conservando-se ao lado de Motta Coqueiro, ouvindo-lhe os soluços, e vendo o crescimento gradativo do seu desespero á medida que se aproximava o dia da execução.

Na vespera do derradeiro dia da existencia do fazendeiro, Seberg ao sahir da cadeia encontrou-se com uma das autoridades macahenses, notoriamente infensas ao que ia morrer.

— Amanhã effectuar-se-ha a demorada

execução dos assassinos, ou haverá ainda adiamento? perguntou o famoso inimigo.

— Creio que será amanhã mesmo, respondeu Seberg tristemente.

— O seu voto contra aquelle malvado, Sr. Seberg, é uma das maiores provas da fortaleza do seu character.

— Penso justamente ao contrario; creio que é a maior prova de fraqueza e cegueira que tenho dado em minha vida.

— Bondade sua, Sr. Seberg; era impossivel que semelhante scelerado não acabasse ás mãos do carrasco. Felizmente nem o diabo o poderá salvar agora.

Seberg não respondeu, caminhou direito á sua casa, e voltou logo á cadeia.

Não ponde, porém, fallar ao amigo, que recebia do sacerdote as consolações da religião.

Esperou, passeiando machinalmente de um para outro lado do corredor da cadeia.

Quando o sacerdote retirou-se, Seberg aproximou-se da grade e disse para a victima que soluçava:

— Meu amigo, não se submetta á injustiça dos homens e á malvadeza da lei, não se submetta.

— Mas o que hei de eu fazer para evitar.

Houve um momento de silencio, quebrado depois por Seberg, que fuzilando nos olhos as flammivomas agonias do remorso, segredou a Motta Coqueiro, cujas mãos segurava fortemente:

— Suicidar-se! Eu condemneio-o á morte; venho agora ensinar-lhe o meio de effectuar por si mesmo a sentença. Mate-se, mate-se; não consinta que os seus inimigos, que chegaram a illudir até os seus melhores amigos, triumphem n'esta causa iniqua.

Motta Coqueiro ficou só, perplexo, a recordar o conselho de Seberg.

Olhou em torno de si; não havia uma arma, um meio de realisar o suicidio; nem ao menos podia enforçar-se porque as sentinellas á vista passeiavam de con-

tinuo diante da grade e vinham frequentemente espial-o.

Da parede da enxovia como um pungente escarneo ao luxo pendia um pedaço de espelho. O fazendeiro caminhou até elle, e recuou espavorido gritando angustiosamente:

— Meu Deus, meu Deus; é horrivel esperar assim pela morte!

Voltando depois ao mesmo lugar agarrou do pedaço de espelho, cravou-o no pulso e rasgou um profundo e amplo golpe.

Foi porém sorprendido e impedido de terminar o seu intento.

A noite veio em seguida adiar por algumas horas o eterno descanso da victima. Dir-se-hia que o tempo colaborava na obra atroceissima da sociedade.

Durante toda a noite Motta Coqueiro repetiu sempre ao sacerdote do Crucificado:

— Vou morrer innocente!

Mas o ministro da religião do Martyr immolado ás iras pharisaicas, não cria na pureza da victima, e insistia em pedir-lhe a verdade em nome da condenação eterna. Só no dia seguinte, quando o prestito entrava no templo, quando a alva do condemnado infamava um nobre caracter, abriram-se os olhos do sacerdote.

E' que n'este momento um desconhecido tentou revelar um segredo relativo ao padecente; e no mesmo instante um olhar d'este impediu a revelação.

Ninguém sabia quem era este homem; ditam apenas que era um cavalleiro que tinha vindo das bandas de Campos.

De feito, o desconhecido tinha chegado d'ista cidade, e, se tivesse podido fallar, ouvir-se-hia um filho denunciar á sua mãe como involuntaria mandante do barbaço assassinato.

Mas a grandeza d'alma do esposo fez millograr o acto de heroismo, e d'ahi a pouco um negro instrumento da socie-

dade desaffrontava-a, assassinando juridicamente a Manuel da Motta Coqueira.

N'esta hora os sacerdotes campistas levantavam as Ostias consagradas, offerecendo ao seu Deus o incruento sacrificio em favor da alma do condemnado.

E as Ostias erguidas no espaço, enquanto pendia do baraço o cadaver do justicado, traziam ao pensamento d'aquelles que tinham certeza da innocencia da victima um quadro de consolação infinita.

E' que se lhes afigurava verem na região da paz infinita o Martyr Deus abrir os braços, e santificar com o seu olhar a execução do martyr das intrigas de uns bandidos, da colera de um selvagem, e da cegueira de uma população.

A sociedade estava desaffrontada!

Para as consciencias dos magistrados e do povo era verdade incussa, ponto de dogma a culpabilidade Motta Coqueiro e dos seus companheiros de destino.

Quem ousasse negar semelhante axioma correria o risco de vêr-se apedrejado e apupado por uma chusma de rethoricos, que zelavam com a mesma solicitude as victimas e os suppostos algozes porque tiravam d'essa correlação muitos tropos de effeito, e muitos lances de estylo admiraveis.

O povo credulo tratava de continuar por lendas supersticiosas o engano fatal e a cegueira pertinaz que o levava a commetter uma infamante injustiça contra um homem que na medida de suas forças fôra sempre seu devotado servidor.

Pouco antes da complicação dos acontecimentos que tiveram por epilogo a tristeza, o isolamento e a mancha do patibulo, Motta Coqueiro começára a edificar um grande predio á margem do rio Ururahy.

O edificio, abandonado em meio da construcção, semelhava a uma grande ossada de pé no meio da matta.

O local era mysterioso e tristonho. Uma velha ponte, quasi desmantelada, ficava-

lhe ao lado, e o rio de aguas verde-negras espumava-lhe sem ruido ás plantas.

Por noites de luar a sombra do predio vinha oscillar silenciosamente na face da correnteza, e quando o céu era sem lua, ou quando soprava mais forte o vento, via-se um vulto surgir immenso da escuridão, ou ouviam-se crebos sons que lembravam um côro de gemidos.

Ninguem, portanto, aventurava-se a passar por alli em horas de silencio e repouso; ninguem, porque era preciso animo inquebrantavel para assistir ao espectáculo que todas as noites se representava n'aquelle theatro escuro e não concorrido.

Ouvia-se um gemido agudo, horripilante de produzir calafrios; em seguida um phantasma, cuja altura entestava com a cumieira do predio, surgia como um jorro das trevas subterraneas.

Como a sombra dos telhados pela superficie das paredes, subia sem apoiar-se, até ao tecto do edificio, e ali abrindo os braços descommunes tomava a attitude de um blasphemo ou de um precito apostrophando o céu.

N'este momento tres outros phantasmas appareciam inopinadamente ao seu lado, e todos prorompiam em gemidos e soluços assombradores.

Quando as quatro larvas se congregavam, como se as folhas, se as gottas de orvalho, se as espumas do rio se convertessem repentinamente em fogos-fatuos, via-se uma alluvião d'estes ondular, reunir-se, desagregar-se, afundir-se, e levantar-se enchendo a matta da claridade ouinosa do seu luzir.

Após a inundação dos fogos fatuos um clarão vermelho, como um ferro ao salir da forja, flamejava na escuridade, e os quatro phantasmas, acompanhados pelos fogaes de baça claridade seguiam pelo cimo da floresta até perderem-se no horizonte.

Eran as almas condemnadas dos jus-

tiçados, que penavam mysteriosamente na terra o seu crime sem nome.

Enquanto a superstição arraigava d'esta sorte a animadversão publica não já para Motta Coqueiro, mas para a sua memoria, os seus inimigos e o verdadeiro assassino da familia do aggregado viviam tranquillamente.

Balbina e Carolina, cujos depoimentos serviram de base á condemnação do fazendeiro, foram libertas pela generosidade popular, que não podia consentir em que os dois instrumentos tão uteis ao serviço da justiça, fossem traçoeramente quebrados pela vingança dos parentes do ex-senhor das duas pretas.

Balbina podia sorrir tranquillamente; queria apenas vingar-se e conseguiu tambem a liberdade.

Sebastião Pereira, o Vianna da venda, Lycerio, Lucio Ribeiro e as demais testemunhas e actores da dolorosa tragedia, desflavam materialmente os annos na apathia de consciencia que é a maior felicidade da vida.

Só um homem dos que tinham entrado no entrecho e desenlace da tragedia n'avia desaparecido. Era Manuel João, a testemunha que talvez mais accuscu e calumniou o desgraçado fazendeiro.

Ninguem sabia novas d'elle e tambem ninguem as procurava.

Onze annos tinham passado indifferentemente sobre a cova dos justicados e sobre as dôres da familia de Motta Coqueiro, que herdara a pobresa de envolta com a difamação do nome do seu chefe.

Onze annos chorados continuamente, por uma esposa que se condemnava como culpada da perda de seu marido; onze annos repassados de vergonha para os filhos, que se viram obrigados até a repudição do appellido paterno, servian apenas para aggravar dia por dia a situação da misera consorte e ainda mais a dos lastimaveis descendentes do fazendeiro.

Corria, portanto, o anno de 1866, undécimo primeiro da desaffronta de Macahé e Campos.

Um caboclo de raça, homem de estatura heroica, de compleição robusta, appareceu na villa de Itabapoana, pequeno centro povoado das fronteiras da provincia do Rio de Janeiro.

Apezar das maneiras humildes e submissas, o recém-chegado não attrahiu nenhuma sympathia no logar, antes para a antipathia geral concorriam poderosamente as feições do caboclo.

O seu rosto pentagonal, de pommas carnudas e salientes, os beiços grossos, o nariz chato, e sobretudo os seus olhos que não se atreviam nunca a encarar, e só obliquavam uns olhares furtivos e maus, esse conjuncto physionomico induzia a população a guardar certa reserva para o espontaneo immigrante.

Para explicar a repulsão que instinctivamente sentia, a população dizia dissimulando os seus sentimentos.

— Nada de amizades com caboclos; são muito desconfiados; nunca se sabe quando estão pelos pés ou pelas mãos, e foi um dia... Têm-se visto muita cousa.

Uma circumstancia attenuou em breve tempo a indisposição geral contra o recém-chegado; é que em sua companhia andava um rapaz, que além da submissão natural da sua indole, illuminava o semblante com as irradiações de uma consciencia limpa.

Herculano, o velho caboclo, desde muito que tinha em seu filho Marcolino a apresentação, que o recommendava ás povoações onde estadiava, por isso mesmo o velho caboclo estremecia o moço trabalhador.

Itabapoana foi o logar escolhido por Herculano para dar estabilidade á sua vida até então nomada.

Como ao caminheiro da legenda christã, havia palavras, nomes, que faziam com que Herculano tratasse immediatamente de retirar-se do logar em que elles fossem

proferidos, resultassem-lhe embora da mudança grandes prejuizos pecuniarios.

Essas mudanças rapidas e bruscas explicavam-se por uma phrase:

— Todo o caboclo é scismatico, em dando para uma cousa é como o burro quando empaca. O melhor é deixal-o.

Itabapoana, já bastante affastada da localidade, de cujo nome soava mal aos ouvidos de Herculano, agradou extraordinariamente ao inconstante trabalhador.

Ahi deviam correr os ultimos dias de sua vida sem ambições e, por isso mesmo, talvez sem maguas.

Official de ferreiro, conciliava o trabalho com a liberdade de acção, ora malhava aqui, ora limava acolá, e o pequeno salario era por elle recebido com a alegria de quem satisfaz facilmente a sua sobriedade.

O independente viver do velho, e por seu lado, o amor do trabalho e bom character do filho, acabaram por dissipar a antipathia, e até mesmo transformal-a de alguma fórma em boa vontade para com ambos.

Dez annos decorreram assim, dez annos tranquillos, felizes e poetisados pela dedicação filial e pelo reconhecimento paterno.

Ao lusco fusco de um dia dos meados de 1876, um preto velho, magro e rôto, bateu á porta do casebre em que, fóra da villa residia Herculano.

A hospedagem é uma lei inviolavel para o indigena; a porta foi aberta immediatamente.

O preto e Herculano estremeceram involuntariamente ao fitarem-se, e entretanto não se conheciam. Era a repulsão innata da innocencia e do crime.

Trocadas as primeiras saudações, o preto pediu simplesmente a Herculano lhe obsequiasse com uma braza para acender o cigarro.

— E' quasi noite, camarada, ponderou o caboclo; pouse aqui e saia de manhã.

— Não posso, respondeu o preto; Fide-

lis não pôde ter descanço. resmungou o desventurado

Quando o preto desapareceu, Herculano que ficára á solcira da porta e acompanhava-o com os olhos, exclamou sinceramente commovido :

— E' um d'elles; adivinha-me o coração que é um d'elles! Ainda soffrem, e soffrerão sempre.

Longo tempo o caboclo permaneceu n'uma attitude desoladora; em seguida, porém sacudiu os hombros, levantou-se e entrou para o casebre.

Mas a tranquillidade habitual trocava-se-lhe em agitação; e em breve, não podendo acalmar-se, sahiu para distrahir-se.

Quando voltou ao casebre deitou-se para não mais levantar-se.

A variola fez-se instrumento da justificação de um nobre character.

Desde que sentiu que não poderia salvar-se, ao sacudir um dos penosos delirios, Herculano chamou para junto de seu leito o entristecido Marcolino.

— Tenho uma grande confissão a fazer-te, meu filho; disse o enfermo.

— Estou prompto para ouvil-a e guardal-a até a minha morte.

— Não; não é um segredo que eu quero confiar; é ao contrario um segredo da minha vida que desejo que tu espalhes por toda a parte apenas eu morra. Juras-me que farás esta vontade a teu pai?

— Bem sabe que não sei desobedece-lhe.

— Deixa-me um instante ligar as minhas lembranças!

Estas palavras já foram pronunciadas com accento que trahia a perturbação mental do moribundo. Só depois de meia hora de espera foi proferida a primeira palavra do tremendo segredo :

— Meu filho, há vinte e quatro annos appareceram cortadas a foice, esfaqueiadas, e estranguladas todas as pessoas de uma familia. O assassino de toda essa gente fui eu!...

— Meu pai, meu pai; isto é pesadelo

seu, não diga tal, interrompeu-lhe o filho perturbado.

— Pesadelo julgaram talvez os que eu matei ser a noite tremenda da minha vingança. Não poupei nem os velhos nem as creanças; depois lancei fogo á casa, mas a chuva do céu não quiz que a labareda, que é pura, se manchasse no sangue d'aquella raça.

— Meu pai, tenha piedade dos que morreram.

— Morreram pela mão de um homem, e mataram pela mão de um outro. Foi simplesmente uma paga. Ouve!

A fraca e susurrante voz do moribundo começou então a narrar a maneira por que tinha assaltado a casa das pessoas das quaes se confessava assassino e a maneira pela qual effectuara a carnificina.

Marcolino, perturbado e ao mesmo tempo reluctando dar credito ao que ouvia, perguntou ao narrador :

— E onde fez meu pai estas mortes?

— Em Macabu, respondeu o moribundo.

— E qual era o nome do chefe da familia que meu pai matou?

— Francisco Benedicto, sorriu o moribundo.

— Mas então meu pai foi tambem do numero dos que foram pagos pelo Motta Coqueiro?!

Sentando-se violentamente no leito, o moribundo, como se quizesse fulminar com o olhar ao afflicto Marcolino, tentou bradar, e apenas disse baixinho :

— Teu pai nunca matou por officio, matou a raça do seu inimigo por vingança.

— Mas isto não pôde ser verdade.

— E'; juro na hora em que vou morrer; hora em que não se mente; Motta Coqueiro nem me conhecia, nem suspeitava que n'aquella noite devia sumir-se da terra á malvada raça de Francisco Benedicto.

— E vosmecê consentiu que elle morresse; porque não confessou, e não defendeu o innocente?

— Ninguém viria em mim senão um instrumento de Coqueiro, e morreríamos os dois, e a verdade não seria sabida.

— Oh! Deus de Misericórdia!

— Escuta, escuta; já te disse, fui eu quem matou o miseravel. Devia-lhe...

— O que, qual era essa divida?

— A deshonra de minha familia.

Em vão Marcolino tentou arrancar o resto da confissão; o moribundo tinha perdido a voz.

O filho desvairado perguntou ainda uma vez ao moribundo, se era elle de feito o barbaro assassino de tantos infelizes. O velho forcejando por abaixar as palpebras, levou difficultosamente uma das mãos ao peito em signal de affirmação.

Passados alguns minutos, Herculano era cadaver, e seu filho, obedecendo á

ordem que d'elle recebera, declarava diante de testemunhas que seu pai fôra o assassino de Francisco Benedicto e sua familia. Juntava que Motta Coqueiro nem ao menos tinha conhecido Herculano!

O povo de Itabapoana murmurou acerca da confissão de Herculano, tão baixo, quanto alto clamaram campistas e machenses contra Motta Coqueiro. E ainda mais, depois de vinte e cinco annos de opprobrio sobre uma familia martyr, ha corações tão miseraveis que ousam continuar a infamar a memoria da victima da cegueira juridica, mesmo depois da declaração terminante de um moribundo.

Homens perdidos que são estes! São mais torpes do que os assassinos, porque buscam justificar-os envilecendo innocentes; mas nem semelhantes cabeças eu quizera ver na mão dos carrascos.

FIM.

08071

